

LUIZA TRÓPIA SILVA

**A Formação Do Leitor Literário:
um estudo de caso com leitores de Harry Potter**

Belo Horizonte
Faculdade de Educação
UFMG
2013

LUIZA TRÓPIA SILVA

**A Formação Do Leitor Literário:
um estudo de caso com leitores de Harry Potter**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Educação: Conhecimento e
Inclusão Social da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre
em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Zélia Versiani
Machado

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

Belo Horizonte
Faculdade de Educação
UFMG
2013

Dissertação intitulada “A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Potter” de autoria da mestrand Luiza Trópia Silva, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Zélia Versiani Machado
Faculdade de Educação – FaE/UFMG – Orientadora

Profa. Dra. Ivete Walty
Pontifícia Universidade Católica de Minas – PUC/MG

Profa. Dra. Aparecida Paiva
Faculdade de Educação – FaE/UFMG

Profa. Dra. Aracy Alves Martins
Faculdade de Educação – FaE/UFMG – Suplente

Profa. Dra. Marta Passos
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG - Suplente

A dedicatória desta dissertação esta
dividida em sete partes:

para a inesquecível Tia Rosa,
para a minha mãe Isabela,
para o meu avô Antônio,
para a minha irmã Sofia,
para os Trópia,
para a Zélia,

e para todos aqueles que,
assim como eu,
encontraram no Harry
o prazer pela leitura

AGRADECIMENTOS

A Zélia, que durante todo esse tempo soube me guiar com sabedoria por esse caminho que, como já dizia Drummond, tinha algumas pedras. Pela compreensão sem limites da minha ausência. Por todas as palavras de conforto e por todas as palavras de incentivo. Pela honestidade e pelo carinho constantes, e por ser essa pessoa maravilhosa e especial que todos conhecemos e que serve de inspiração para essa aspirante a pesquisadora.

A Cidinha, que me mostrou a literatura ainda na graduação e que me incentivou a enveredar por esse caminho.

A minha mãe, minha grande amiga e confidente, que sempre soube me incentivar e me apoiar, fazendo com que eu sempre desse o melhor de mim e que me ensinou a paixão pela sala de aula e pela vida.

Aos funcionários da BIJU, que me acolheram com tanto carinho e me ajudaram com tudo que precisei da biblioteca. Em especial ao Marcelo, grande fã de Harry Potter e organizador e mestre de cerimônias dos eventos sobre a série, a Vanessa, que me abriu as portas da biblioteca e a Santita, sempre carismática e interessada na minha pesquisa.

A minha irmã Sofia, que durante todos esses anos sempre foi minha companheira inseparável de brigas e brincadeiras, sempre me apoiando. Pelo auxílio na aplicação do questionário, e pela leitura de algumas partes desta dissertação, sempre prestativa e interessada no andamento da minha pesquisa.

A Tia Rosa e ao avô Antônio, pelo cuidado e pelo amor incondicional, sempre presentes em minha memória.

A Tia Patrícia e a Gabi, pelo incentivo e apoio constantes e por todos os momentos que passamos juntas, contando histórias e lembrando a infância passada na casa do vô. A Gabi principalmente por ter aceitado ler Harry Potter depois de muita insistência minha e por ter percebido que, no final das contas, eu estava certa.

Ao meu pai, Tio Tony, Tia Bê, Diego, Letícia, Carol, Alice, Amanda, Larissa, Gabriel, Leandro e toda a minha família, tão importantes na minha vida, que torceram por mim e acreditam no meu potencial.

Às colegas do mestrado Aline, Florence, Cacau, Ana Paula, Raquel Franco e ao Edegar, sempre muito carinhosos, dispostos a ajudar na minha caminhada e pela companhia animadora, constantemente me alertando quando viam algum artigo que mencionava Harry Potter.

A Raquel Cristina, que soube me escutar, dar bons conselhos, me apoiar constantemente e me oferecer um ombro amigo sempre que precisei.

Aos professores e alunos do FIEI, em especial aos alunos da LAL, que ampliaram o meu olhar sobre a diversidade do nosso país e pelos ensinamentos em tão pouco tempo.

Ao Vinícius pela amizade inquestionável, e por todos os momentos em que estive ao meu lado, escutando minhas angústias e ao Fred, por compreender a minha ausência e por todos os momentos de risos e brincadeiras, trazendo mais cor à minha vida.

Ao Maurílio e a Dalila, amigos de longa data e que estão ao meu lado sempre que preciso.

Às professoras e funcionários da UMEI Castelo, que me receberam este ano com muito carinho e atenção e aos meus alunos, que alegam as minhas manhãs. Em especial ao Bernardo, que com apenas dois aninhos consegue fazer com que eu esqueça as minhas inquietações por algumas horas do dia.

Ao Luca e principalmente ao Bear que me ensinaram que quando queremos alguma coisa não medimos esforços para alcançar nossos objetivos e que temos que aceitar a derrota, por mais dolorosa que ela seja, com a consciência de que fizemos tudo que estava ao nosso alcance e mais um pouco.

Aos participantes da pesquisa e em especial às minhas quatro leitoras, que trouxeram grandes contribuições ao meu trabalho pela vontade de fazerem parte da pesquisa.

There was a girl who came up to me on the street the other day, she just bloomed out of the pavement in front of me, and she must have been in her early twenties, and she said to me 'You are my childhood.' About the nicest thing anyone has ever said to me, — J.K. Rowling

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto a leitura literária e a formação de leitores a partir da série *Harry Potter* e suas implicações nos hábitos de leitura de crianças e jovens. Neste trabalho, busca-se problematizar o que atualmente se entende por literatura infantojuvenil, por meio da análise de respostas a questionário e entrevistas a crianças e jovens que participaram de um encontro sobre *Harry Potter* em uma biblioteca pública de Belo Horizonte. Os instrumentos de pesquisa – questionários e entrevistas – tinham como objetivo principal compreender as práticas de leitura feitas por esses leitores e verificar os efeitos da leitura *da série Harry Potter, considerados best sellers, na formação dos leitores, sob perspectiva mais ampla. Alguns dos questionamentos formulados inicialmente foram:* como esses leitores conheceram os livros da série? Que fatores influenciaram essa escolha? Quais as preferências literárias desses leitores? Como os leitores de *Harry Potter* se apropriam da literatura? Como é a relação desses leitores com as práticas de leitura literária promovidas nas escolas onde estudam? Buscamos, também, levantar dados sobre os empréstimos dos livros da série na biblioteca onde os leitores se reúnem periodicamente, entre os anos de 2004, quando o sistema foi informatizado, e 2012. O objetivo desse levantamento foi verificar as evidências sobre a circulação dos livros no período, o número de exemplares disponíveis para empréstimo; comparar o número de empréstimos dessa coleção com o de outras obras; averiguar o interesse/desinteresse pela série; e verificar quais outros livros ou coleções retirados com maior frequência da biblioteca. De posse dessas informações, comparamos as respostas obtidas com os outros instrumentos de pesquisa, tendo a finalidade de articular essas três referências e compreender em que medida a leitura dos livros da série contribuiu para a formação literária desses leitores. A pesquisa permitiu identificar que os livros da série representam um marco na vida dos pesquisados, em alguns casos, decisivo para a sua formação literária, contribuindo para as práticas de leitura dos sujeitos participantes da pesquisa. Para alguns desses leitores, destaca-se, ainda, que os livros da série foram os primeiros livros mais extensos que eles leram, possibilitando, além da abertura de novos horizontes, o desenvolvimento de novas práticas de leitura.

Palavras-chave: Formação de leitores; leitura literária; *Harry Potter*

ABSTRACT

This research focuses on discussing the Harry Potter series in relation to literary reading and the formation of readers, as well as the impact of those books in the reading habits of children and young people. This project has attempted to problematize the understanding of that which is currently named 'infantojuvenil' literature through the analyses of questionnaires and interviews conducted with teenagers and children that took part in a meeting about Harry Potter organized by a public library in Belo Horizonte, Brazil. The main objectives of the research methods - questionnaires and interviews - was to understand the reading practice of the these readers, particularly to investigate the effects of reading the Harry Potter series, considered a best seller, in their formation from a wider perspective. Some of the original questions were: How did those readers come across the series' books? Which factors have influenced the choice to read the series? What are their literary preferences? How do these readers take ownership of their own reading habits? How do those readers relate to the literary reading practices promoted by their schools? Another source for the project has been the data retrieved about the book lending statistics in the library where the group meets, spanning a period of time from 2004, the year in which the library system has been digitized, to 2012. By carrying out this survey, it has been possible to analyze the Harry Potter books lending data during this period and the number of books available for loan, to compare the amount of loans of Harry Potter books with other series, to confirm the interest and lack of interest in the books, as well as verify which other books and series have been lent frequently in the library. Drawing from all of those sources, the project discusses to which extent the Harry Potter books have influenced the literary formation of those readers. The research has concluded that the Harry Potter books represent a milestone in the lives of the surveyed readers, in some cases crucial to their literary formation. Furthermore, the series has been the first longer piece of literature that some of those readers have engaged with, contributing to the broadening and development of their reading practices.

Keywords: reading formation, literary literacy, *Harry Potter*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Livros dispostos na BIJU para o encontro dos leitores em dezembro de 2011. ...	21
FIGURA 2 – Objetos em exposição na biblioteca.	23
FIGURA 3 – Site Pottermore.	86
FIGURA 4 – Site Pottermore, capítulo The Hogwarts Express.	87
FIGURA 5 – O mundo mágico de Harry Potter – Expresso de Hogwarts.	88
FIGURA 6 – Maquete de Hogwarts utilizada para as tomadas externas do castelo.	91
FIGURA 7 – Capas de todas as edições para adultos de Harry Potter.	102
FIGURA 8 – Harry Potter e a Pedra Filosofal.	103
FIGURA 9 – Harry Potter e a Câmara Secreta.	103
FIGURA 10 – Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban.	103
FIGURA 11 – Harry Potter e o Cálice de Fogo.	104
FIGURA 12 – Harry Potter e a Ordem da Fênix.	104
FIGURA 13 – Harry Potter e o Enigma do Príncipe.	104
FIGURA 14 – Harry Potter e as Relíquias da Morte.	105

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Livros mais emprestados da BIJU.....	72
GRÁFICO 2 – Títulos mais emprestados de 2011.....	75
GRÁFICO 3 – Títulos mais emprestados de 2009.....	79
GRÁFICO 4– Empréstimo dos livros da coleção <i>Harry Potter</i> no ano de 2007.....	79
GRÁFICO 5 – Empréstimo dos livros da coleção <i>Harry Potter</i> em 2005.	80
GRÁFICO 6 – Empréstimos de <i>Harry Potter e a Pedra Filosofal</i> 2004 – 2012.....	81
GRÁFICO 7 – Livros mais emprestados de Pedro Bandeira 2004 – 08/2012.....	82

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Publicação dos livros Harry Potter no Brasil e aquisição pela BIJU.....	71
QUADRO 2 – Publicação dos livros no Brasil e na Inglaterra.....	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – A LEITURA E A LEITURA LITERÁRIA.....	27
1.1 O que é literatura/ literatura infantil.....	27
1.2 Breve histórico da literatura infantojuvenil	32
1.3 O que os jovens podem ler?.....	39
1.4 A instituição escolar como formadora de leitores	47
CAPÍTULO 2 – UM LIVRO E SUA CRÍTICA: PERCEPÇÕES SOBRE A SÉRIE HARRY POTTER	53
2.1 Cânone e Best-seller	53
2.2 O que se diz sobre Harry Potter.....	59
CAPÍTULO 3 – PARA ENTENDER A LONGEVIDADE DO INTERESSE POR HARRY POTTER	70
3.1 O que os empréstimos na BIJU têm a nos dizer	70
3.2 Quando o imaginário se torna real.....	83
3.2.1 Site Pottermore – fisgando os leitores para uma experiência em rede.....	84
3.2.2 Parque temático nos EUA: para além da leitura, uma “Potterlândia”	88
3.2.3 Tour pelos estúdios na Inglaterra	89
3.2.4 O esporte que saiu dos livros.....	91
CAPÍTULO 4 - COM A PALAVRA, OS LEITORES DE HARRY POTTER: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS	94
4.1 Comunidades e Instâncias de Formação de Leitores.....	96
4.1.1 A leitura de Harry Potter e a recepção da sua versão para o cinema.....	97
4.1.2 As comunidades de leitores de Harry Potter e o interesse pela leitura.....	111
4.1.3 O estímulo da família para os leitores de Harry Potter.....	118
4.1.4 A leitura de Harry Potter e a escola	121
4.1.5 Os espaços de leitura de Harry Potter (livrarias, bibliotecas, internet)	128
4.2 Escolhas, Repertórios, Disposições	139
4.2.1 A leitura dos livros da série Harry Potter: qual ler primeiro?.....	139
4.2.2 A disposição à releitura dos livros de Harry Potter.....	144
4.2.3 Livros para jovens e o encorajamento à leitura de maior fôlego.....	146
4.2.4 Os livros da série preferidos pelos leitores	157
4.2.5 A leitura em outro idioma e a espera pela publicação dos livros	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
BIBLIOGRAFIA.....	175
ANEXOS.....	186

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere na linha Educação e Linguagem, e tem como tema de estudo a formação de leitores, mais especificamente, dos jovens que fizeram ou fazem parte da “comunidade” de leitores da série *Harry Potter*.

A história de Harry quase todos conhecem: um menino órfão, de 11 anos, maltratado pelos tios e que se encontra, de uma hora para outra, imerso em um universo completamente estranho, no qual ele é famoso por ter realizado uma proeza de que ele nem se lembra que fez. Ao longo do primeiro livro, descobrimos que Harry derrotou o mais poderoso bruxo das trevas de todos os tempos, Voldemort, com a impressionante idade de um ano. Essa vitória, no entanto, teve um gosto amargo, pois Harry perdeu os pais e todo o contato com o mundo da magia. Assim a história do menino segue seu curso, que vive, a cada ano e a cada livro, grandes aventuras ao lado de seus melhores amigos, Rony e Hermione, que o levarão até seu confronto final com Voldemort. Cada livro da série, de um total de sete, narra as aventuras de Harry durante um ano letivo na escola de magia e bruxaria de Hogwarts, com exceção do último livro, quando os protagonistas não retornam para o último ano na escola.

O interesse por esse objeto de pesquisa deve-se, em parte, à minha própria experiência enquanto leitora, pois os livros da coleção tiveram um grande impacto na minha formação literária e um questionamento que sempre me inquietava era o tratamento dispensado aos livros e sua rejeição por parte da academia, que o considerava um *best seller* e, conseqüentemente, literatura de menor qualidade. Além disso, havia um grande interesse em conhecer melhor os leitores de Harry Potter, suas motivações por ler livros que fugiam ao protótipo de narrativas para jovens no Brasil; a recepção dos livros da série por esses leitores; a formação, no Brasil, de comunidades de leitores da série famosa mundialmente, dentre outros aspectos que serão focalizados nesta dissertação.

Embora a definição dicionarizada para o verbete literatura seja bastante simples: “a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso”, o termo provoca um grande debate entre os especialistas da área e a definição simplificada do dicionário não reflete um consenso entre o que se considera literário. Vários autores têm dedicado seu trabalho à discussão do estatuto da literatura, criando terminologias diferentes para se referirem a

categorias literárias, segundo hierarquias de valores historicamente construídas, tais como a “grande literatura”, “verdadeira literatura” ou a Literatura, precedida de artigo definido e com inicial maiúscula, em oposição a outros termos para o que consideram como uma literatura menor, com letra minúscula, lugar no qual estaria a literatura de massa ou de mercado. Silvia Borelli defende que o *best seller* é definido de modo parcial e equivocado, priorizando-se “critérios quantitativos”, como “simples mercadoria, sujeita a regras de mercado, com muito pouca ou quase nenhuma densidade literária” (1996, p. 139). Essa pesquisa concorda com a necessidade de ressignificar o conceito de “mais vendido”, quando se propõe compreender que literatura é essa que tem atraído tantos leitores.

A escolha do tema e dos livros que serão abordados neste trabalho se origina de uma série de inquietações acumuladas ao longo dos anos e que procuraremos responder na nossa trajetória de pesquisa. Os títulos escolhidos representam os maiores sucessos editoriais dos últimos 15 anos no âmbito da literatura infantil e juvenil, embora não se restrinjam a esse público, e têm promovido uma constante fonte de indagações no campo da literatura e da formação de leitores. O estudo desse fenômeno torna-se importante na medida em que se considera relevante compreender as implicações entre o que representa a literatura que não está vinculada aos cânones escolares e aquela que faz parte das indicações escolares de leituras para os jovens. Uma questão que, com certeza, será necessário problematizar está ligada às estratégias de *marketing* envolvidas na divulgação e conseqüente sucesso de vendas que esses livros alcançam, para verificar se tais estratégias, por si sós, seriam suficientes para que os leitores se aventurassem por todos os livros da série com tanto envolvimento, como sugerem alguns pesquisadores.

Um dos clichês atuais acerca da leitura é afirmar que os jovens não gostam de ler. Em contrapartida a essa afirmação, podemos encontrar em qualquer meio de comunicação a reviravolta que os livros de *Harry Potter* causaram no meio editorial não só no Brasil mas em todo o mundo. Os livros da série venderam aproximadamente 450 milhões de cópias e foram traduzidos para 69 idiomas, segundo dados disponibilizados no site da autora J.K Rowling; números nada desprezíveis que representam uma mobilização expressiva de leitores. Compreender os processos que permeiam a escolha desses livros e as subseqüentes leituras que se evidenciam a partir do primeiro livro da saga/série é de fundamental importância para que se consiga uma visão dos caminhos trilhados pelos jovens rumo a uma leitura autônoma.

A série teve os primeiros livros publicados no Brasil no ano 2000 e, em um ano, os três primeiros títulos – *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* – foram publicados por editora brasileira. Os quatro livros seguintes – *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, *Harry Potter e o Ordem da Fênix*, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, *Harry Potter e as Relíquias da Morte* – foram publicados quase que simultaneamente com a versão original inglesa, esperando apenas por sua tradução, nos anos de 2001, 2003, 2005 e 2007, respectivamente.

A proporção e o alcance desses livros, como citado anteriormente, impressionam, daí a necessidade de se estudar os usos que essa nova geração de leitores, influenciada pelos *best sellers*, fará da leitura e em que medida a leitura desses títulos contribui para a continuidade da formação literária de crianças e jovens que até então não evidenciavam grande interesse pela leitura. A preocupação com a formação de leitores e mais especificamente com a leitura de crianças e jovens produz grande debate e inquietação no meio acadêmico brasileiro e está sempre presente no trabalho de estudiosos da área, como Lajolo, Zilberman, Paulino, Cosson, Ceccantini, Cademartori. Esses autores, alguns dos quais precursores dos estudos de literatura infantil e juvenil no Brasil, contribuíram para construir a nossa reflexão sobre o tema estudado. Apesar de as opiniões dos críticos literários serem de extrema importância para a elaboração deste trabalho, o foco preferencial dado aos *best sellers* será o da recepção pelos leitores, embora apresentemos, no segundo capítulo desta dissertação, algumas considerações sobre as críticas que a obra recebeu, tanto as positivas quanto as negativas.

Vários outros sucessos editoriais poderiam ser focalizados como objeto de estudo, mas a série *Harry Potter* é aquela que conseguiu, nas últimas décadas, maior destaque e visibilidade nos meios de comunicação, principalmente devido à influência da indústria cinematográfica nessa divulgação. Dessa forma, delimitando a área de pesquisa a essa série e seus volumes, pretendeu-se investigar o possível incentivo que esses livros desencadeiam em crianças e adolescentes e se esse incentivo é capaz de transformar a leitura em uma atividade cotidiana e prazerosa para além do fenômeno de mercado que se evidencia. Pretende-se, assim, estabelecer a relação entre a leitura de *Harry Potter* e a possível influência que essa leitura pode trazer aos jovens, verificando-se se, a partir desse contato inicial e supostamente prazeroso com a literatura, os jovens sentem-se instigados a buscarem outros livros e textos literários.

Parte-se do pressuposto de que, se os *best sellers* podem ter vida curta – o que não se pode prever –, eles podem ser favoráveis à formação de leitores que, a partir dessa experiência, poderão passar a leituras mais duradouras. Essa categoria de livros, muitas vezes apagada para o projeto de leitor que se constrói nas instituições “letradas”, costuma ser negligenciada quando se avaliam os repertórios de leitura literária de crianças e jovens, e até mesmo de adultos. Considera-se, neste trabalho, que o conhecimento de práticas não escolares de leitura, como é o caso do fenômeno em questão, pode propiciar uma melhor compreensão dos interesses dos leitores jovens, que muitas vezes são tomados como apáticos e avessos ao envolvimento com propostas de leitura literária em ambiente escolar.

Qual seria o papel de um *best seller*? Divertir? Ajudar a passar o tempo? Promover a experiência literária da ficção junto a seus leitores? Iniciá-los no caminho da leitura literária? Apresentar, de maneira discreta, outros livros, que, diferentemente da categoria na qual estão inseridos, são considerados como a grande literatura? É necessário também discutir os livros que são produzidos e direcionados para o público leitor de *best sellers*, quando esta intenção está colocada desde o início do projeto e, portanto, orienta a sua trajetória de circulação.

O sucesso arrebatador e inesperado, pelo menos inicialmente, de *Harry Potter* provocou uma enxurrada de críticas, positivas e negativas, às aventuras do menino aspirante a bruxo. O primeiro livro da saga, *Harry Potter e a pedra filosofal*, foi lançado há mais de dez anos e encantou crianças, adolescentes e adultos do mundo inteiro. Como evidenciado por Borelli (2010):

O que podia ter sido apenas um prognóstico tornou-se uma tendência confirmada: a cada novo volume editado, aumentaram os índices de produção e os leitores se multiplicaram em ordem geométrica, transformando *Harry Potter* em um típico produto culturalmente mundializado; e a série ocupou – e ocupa até hoje – um lugar significativo no mercado de bens simbólicos e provocou, durante todos esses anos, reações positivas ou negativas, sempre acaloradas, por parte dos agentes dos campos literário e editorial (BORELLI, 2010, p. 382/383).

Após sete livros e dez anos, a história de Harry chegou ao fim, trazendo consigo números impressionantes. O que começou com um tímido primeiro livro se transformou rapidamente em um império altamente interessante e lucrativo. Portanto, um dos focos do nosso trabalho é buscar compreender o que move o público-leitor na leitura desses livros, verificando até que ponto essa leitura pode oferecer o encorajamento necessário para que jovens possam dedicar

parte do seu tempo a uma atividade de reflexão e introspecção, que exige dedicação e paciência e que disputa a atenção de crianças e jovens com diversos outros meios. Pretende-se estudar, dessa forma, qual a contribuição que a leitura desses livros pode trazer aos seus leitores. Dessa forma, pretendemos investigar, como afirmou o escritor Luiz Antônio Aguiar:

o que leva a garotada a encarar sofregamente livros que, no terceiro episódio, ultrapassaram 300 páginas e que, no quarto, chegarão a 700; enquanto muitas editoras têm restrições contra originais de mais de 100 páginas para o mesmo público. É o que faz aquele caldeirão nas livrarias estar sempre borbulhando de livros (Jornal do Brasil, Suplemento Ideias, 13/01/2001).

Consideramos que um estudo sobre *best sellers* é necessário porque eles estão disseminados nas livrarias, na internet e nos cinemas, dentre outros espaços e veículos, alcançando uma nova geração de leitores e que não são considerados quando se questiona a formação de leitores no Brasil. O debate sobre a formação do “gosto pela leitura” e se esse “gosto” pode ser atingido só pode ser ampliado, levando-se em consideração como os jovens interagem com essa literatura, nem sempre aceita como tal pelas instâncias críticas. É preciso compreender as implicações e as consequências que essa leitura oferece para poder classificá-la ou rejeitá-la, separando-a do universo literário legitimado.

A discussão sobre leitores que tiveram sua trajetória iniciada pela leitura de um *best seller* vem preencher uma lacuna na produção acadêmica na área, que concentra seus esforços em qualificar os méritos literários da obra ao invés de procurar compreender os seus efeitos sobre uma camada da população, que é vista como resistente à leitura, mas que surpreende ao esboçar sua paixão por certos livros ou autores. Conhecer as práticas de leitura, portanto, trará uma contribuição para o campo de estudos da leitura escolar e não escolar. No campo escolar, professores preocupados com o que interessa aos alunos podem se valer deste estudo para melhor orientarem seus alunos na escolha de outras leituras, com características em comum às que os alunos procuram nos *best sellers*, e que venham a atender não somente aos padrões do gosto, mas que constituam também a ampliação de repertórios, buscando um constante crescimento e troca de experiências para que professores e estudantes possam experimentar o que a literatura oferece de modo mais livre. No campo não escolar, bibliotecários, livreiros, e principalmente os pais poderão encontrar suporte para dialogar com os jovens sobre a literatura, em suas diferentes propostas estéticas. É preciso, portanto, ouvir os jovens leitores sobre o que os motiva a ler a literatura, e é a magia e o sobrenatural, atualmente, um dos assuntos relevantes quando o tema é literatura que agrada aos jovens.

Pretende-se chegar até esses leitores com a coleta e análise de dados sobre o empréstimo desses livros na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa – Divisão Infantojuvenil (BIJU), e por meio de um questionário aplicado em um dos encontros promovidos pela biblioteca com leitores de *Harry Potter*. Esses encontros serão explicados com maiores detalhes nas próximas páginas. Outro instrumento de pesquisa utilizado foi uma entrevista semiestruturada com alguns dos participantes do encontro acima citado.

Em pesquisa que envolve estudar, analisar e questionar os sujeitos sobre suas experiências literárias, devemos sempre ter em mente, como nos lembra Bourdieu (2009), que o que as pessoas declaram como leituras realizadas deve ser sempre relativizado, pois o leitor pode ser induzido a dizer o que imagina que é socialmente correto ou o que o pesquisador queira ouvir, ao invés de expor as leituras que, de fato, realiza e aprecia, como podemos perceber no trecho abaixo:

De fato, evidentemente, a mais elementar interrogação da interrogação sociológica ensina que as declarações concernentes aos que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende “o que eu leio que mereça ser declarado?” Isto é: “o que é que eu leio de fato de literatura legítima?” Quando lhe perguntamos “gosta de música?”, ele entende “gosta de música clássica, confessável?” E o que ele responde, não é o que escuta ou lê verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido (BOURDIEU & CHARTIER, 2009, p. 236).

Conseqüentemente, percebendo-se as especificidades e o cuidado que teríamos que ter durante a pesquisa, a metodologia escolhida para a realização deste trabalho foi o estudo de caso. Yin (2001) define o estudo de caso como um tipo de pesquisa que contribui para a compreensão de “fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (YIN, 2001, p.21). Além disso, o autor afirma que “a necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de compreender fenômenos sociais complexos” (*ibidem*). O estudo da formação do leitor literário representa, em nossa concepção, um fenômeno social complexo, assim como o fenômeno literário que nos propomos a estudar em maior profundidade, ou seja, a formação de leitores a partir da série *Harry Potter*.

Consideramos que essa metodologia foi a mais indicada para a nossa pesquisa, uma vez que estudar os hábitos de leitura de crianças e adolescentes mostra-se uma tarefa complexa e que procura levantar os dados iniciais de uma prática de leitura que se difundiu pelo mundo em

uma velocidade assustadora e conseguiu atingir milhares de leitores. O estudo, entretanto, não tem a intenção de generalizar suas conclusões, mas de apontar caminhos e, talvez, despertar o interesse de outros pesquisadores pelo tema.

Para a realização da pesquisa contou-se com abordagens qualitativas, que exigiu uma visão quantitativa nos registros da Biblioteca Pública Estadual de Belo Horizonte para o levantamento dos usuários leitores das séries. A seção infantojuvenil da biblioteca conta com um acervo e local específico para atender a esse público e tem promovido encontros com os leitores de *Harry Potter*. Outras informações priorizadas na análise desses registros foi o número de livros disponibilizados para empréstimo e o número de vezes que esses livros foram retirados.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados foram, além do levantamento na base de dados da biblioteca, a aplicação de um questionário e realização de entrevistas. Olivier Donnat (2004, p.63) apresenta o questionário como a forma metodológica mais habitual no início de uma pesquisa sobre a leitura, aplicado com o objetivo de buscar informações quantitativas sobre o assunto estudado. Para contemplar essa abordagem, um questionário foi elaborado e aplicado em um dos encontros promovidos pela BIJU (Biblioteca Pública Estadual/ Divisão Infanto-juvenil). O uso do questionário semiestruturado se justifica por ser “prático para grande número de respondentes” (DUARTE, 2005, p.3) e também por oferecer a possibilidade de ser autoaplicável”. O encontro promovido pela BIJU em dezembro de 2011 contou com a participação de 50 pessoas, o que torna o questionário essencial nesse primeiro contato com os leitores. Cruzando todos esses dados, foi possível identificar leitores de *best sellers* e de *Harry Potter* de modo mais criterioso.

A partir desse questionário, foram escolhidos alguns leitores para participarem da segunda etapa da pesquisa. Essa etapa teve como instrumento a entrevista semiestruturada. Donnat (2004) destaca que, após uma pesquisa quantitativa por meio de um questionário, o mais indicado é a realização de entrevistas com sujeitos selecionados para que se obtenha um melhor conhecimento sobre o tema estudado. Esse tipo de entrevista foi escolhido, pois permite que o pesquisador tenha um roteiro de questões-guia mas que ofereça a liberdade de explorar ao máximo cada questão. Segundo Duarte (2005), “cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem

a específicas” (*ibidem*). Para o pesquisador, “a lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível”(*ibidem*). Com o objetivo de evidenciar, na visão da criança e do jovem, quais possíveis contribuições a leitura de *best sellers* oferece às pessoas nessa faixa etária e como a leitura pode ter influenciado ou não a sua própria formação de leitor, a entrevista semiestruturada configurou-se como a melhor opção para se observar esses aspectos.

Os leitores de *Harry Potter* que gentilmente responderam aos questionários que serão analisados neste trabalho são frequentadores da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte. Eles participaram do terceiro encontro realizado na biblioteca chamado *Convenção: Manhã com Harry Potter*, promovido pelos coordenadores e bibliotecários da divisão infantojuvenil. Durante esses encontros, são promovidas atividades que levam os leitores a conversarem sobre a série e a produzirem materiais diversificados, como cartas à autora e histórias baseadas na série. Participar da pesquisa respondendo ao questionário foi uma escolha de cada um dos frequentadores do encontro, e, por essa razão, nem todos responderam. No entanto, a grande maioria mostrou-se disposta e interessada em participar da pesquisa e respondeu ao questionário fornecido no momento em que eles chegavam para o encontro.

O primeiro encontro, realizado no dia 11 de dezembro de 2010 e denominado *Roda de Leitura Harry Potter* “teve como objetivos incentivar a leitura, divulgar o acervo da BIJU sobre a saga *Harry Potter*, promover a discussão sobre os temas abordados nos livros de J. K. Rowling e outras obras correlatas e exercitar a capacidade de argumentação e a produção de textos”¹. No início do evento, o músico Cristiano Marques tocou no violão uma música de sua própria autoria intitulada “Quadribolada”, em uma alusão ao esporte mais popular no mundo dos bruxos, o quadribol². Em seguida, uma frequentadora da biblioteca leu um trecho do primeiro capítulo do primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Após essa leitura inicial, o bibliotecário responsável explicou aos participantes como as atividades seriam realizadas e dividiu os participantes em quatro grupos. A cada grupo foi entregue uma folha com diferentes partes do livro *Harry Potter de A a Z*, que aborda temas polêmicos da série e o impacto dos livros no ambiente literário. O objetivo dessa atividade foi promover uma

¹ Dados obtidos no blog da BIJU - <http://bijusub.blogspot.com.br/> acesso em 30 de junho de 2013.

² O esporte será abordado com maiores detalhes no capítulo 3.

discussão entre os integrantes de cada grupo sobre os temas em questão e o registro de suas respostas para que posteriormente cada grupo expusesse para todos os participantes as conclusões às quais o grupo chegou. No momento seguinte, o bibliotecário leu duas cartas retiradas do livro *Cartas ao Harry Potter*, e propôs que cada participante escrevesse uma carta para algum personagem do universo de *Harry Potter*. Depois que as cartas foram escritas e recolhidas pelos funcionários da biblioteca, elas foram novamente distribuídas entre as pessoas presentes e cada participante do evento teve que ler a carta que recebeu e respondê-la oralmente, como se fosse o personagem.



FIGURA 1- Livros dispostos na BIJU para o encontro dos leitores em dezembro de 2011.

O segundo encontro aconteceu no dia 9 de julho de 2011 e seu formato foi similar ao anterior. Os participantes, aproximadamente 43, foram recebidos por um dos bibliotecários da instituição e por mais duas pessoas que estavam ajudando na organização do evento, uma delas fantasiada de Harry Potter. A partir das discussões levantadas durante o encontro, que teve duração de 2 horas, eles foram convidados a fazer uma produção de texto baseada na série.

O terceiro encontro, realizado no dia 3 de dezembro de 2011, contou com a participação de aproximadamente 50 pessoas, entre pais, crianças e jovens. Antes da convenção, diversos materiais relacionados ao tema do encontro e que foram cedidos por fãs da série – varinhas de vários personagens, embalagens de feijõezinhos de todos os sabores (um doce muito comum no mundo bruxo semelhante à bala delicada, mas com diversos sabores, entre agradáveis e desagradáveis), garrafas de suco de abóbora, capa da invisibilidade, vira-tempo (objeto usado para voltar no tempo), blusas e outros tantos objetos “mágicos” – ficaram em exposição na biblioteca por, aproximadamente, duas semanas. Após a realização do evento, esses objetos foram devolvidos para os seus respectivos donos. Todos os frequentadores da biblioteca que visitavam a exposição se encantavam com a variedade e riqueza dos materiais exibidos e com o cuidado com que estavam expostos. Os fãs ficavam admirados com todo o arsenal de objetos conseguidos para fazerem parte da exposição. Para além desse material, reportagens de jornais e revistas sobre o universo do bruxinho se encontravam à disposição dos leitores, juntamente com outros livros sobre o tema, publicados pela autora da série e por outros escritores, e também alguns dos filmes com a trilha sonora.

Vários participantes chegaram ao evento caracterizados como pequenos bruxos e bruxas e portando diversos objetos relacionados aos protagonistas da série, como varinhas mágicas, capas, chapéus e uma coruja de pelúcia, demonstrando a estreita relação que esses leitores estabeleceram com os livros, seus personagens, objetos e animais mágicos nele descritos.

O encontro teve início com a apresentação de um dos frequentadores da biblioteca, que tocou a música tema dos filmes no teclado. Observa-se, por este e outros aspectos que se apresentaram no encontro de leitores, uma convergência entre a leitura dos livros e o universo cinematográfico criado a partir da obra de Rowling, bem como da trilha sonora criada especialmente para os filmes, que acabou por se tornar uma marca registrada da série. Praticamente todos os participantes do encontro já tinham assistido aos filmes e alguns deles tinham apenas assistido aos filmes, apesar de um dos critérios para participação no encontro ser ter lido pelo menos dois volumes da coleção. É importante destacar que, apesar de essas crianças e jovens terem participado do encontro, eles não responderam ao questionário porque não faziam parte do grupo efetivo de leitores de *Harry Potter*.



FIGURA 2 – Objetos em exposição na biblioteca.

Posteriormente, tivemos a leitura por parte de um dos participantes de uma paródia baseada nas aventuras do pequeno bruxo. A partir dessa paródia, os participantes foram divididos em 5 grupos e foi proposto que cada grupo criasse uma nova história baseada no universo de *Harry Potter*. Os participantes do encontro ficaram livres para criar qualquer tipo de história que tivesse como pano de fundo a escola de magia ou algum personagem da série. Após a criação da história, o coordenador do evento e bibliotecário mostrou ao grupo que participava da atividade uma máquina antiga capaz de fazer pequenos filmes em papel vegetal e propôs aos grupos que ilustrassem a história que haviam criado para que ela fosse transformada em um pequeno “filme”. Para conseguir montar o filme, longas faixas de papel vegetal foram distribuídas aos grupos e essas faixas encontravam-se divididas em “quadros”, que deveriam ser utilizados para ilustrar a história. Depois de explicar o funcionamento da máquina e de todos conhecerem aquela “tecnologia”, os participantes foram, então, convidados a ilustrar a história que haviam criado, para que ela fosse transformada em filme e reproduzida para os demais grupos. Apenas um grupo não conseguiu terminar de ilustrar a sua história dentro do tempo programado e eles se propuseram a encenar na frente dos demais participantes o que haviam criado. A maior parte dos participantes se mostrou muito interessada durante todo o evento, participando de forma ativa e interagindo com os outros participantes. Durante as

entrevistas, foi observado que o momento que os entrevistados mais se recordavam foi esse, o de escrever a história e ilustrá-la no papel vegetal.

Os sujeitos escolhidos para participarem da entrevista foram aqueles que se dispuseram a responder ao questionário durante o encontro promovido na biblioteca. Todos os interessados em participar da entrevista foram convidados pela pesquisadora e puderam partilhar com esta suas experiências de leitura. Os encontros foram marcados na própria biblioteca ou então em local mais conveniente para os entrevistados.

As informações coletadas através dos instrumentos de pesquisa mencionados anteriormente, que tiveram como ponto de partida o encontro descrito com detalhes nesta introdução, formaram o corpo desta dissertação e nos permitiram tecer reflexões sobre a formação do leitor literário.

Nossa pesquisa assim se estrutura: o primeiro capítulo – “*A Leitura e a Leitura Literária*” – discute os conceitos de literatura, literatura infantil e literatura infantojuvenil, apresenta um breve histórico da literatura infantil, reflete sobre a produção editorial dedicada a esse público e levanta considerações sobre as práticas de leitura literária no ambiente escolar. O primeiro tópico – “O que é literatura/literatura infantil” – problematiza essas definições e traz para a nossa análise importantes pesquisadores que têm apresentado contribuições de grande relevância para os estudos literários. No segundo tópico, intitulado “Breve histórico da literatura infantojuvenil”, faz-se um breve histórico da literatura infantil, contemplando tanto seu surgimento e principais escritores quanto as especificidades da realidade editorial brasileira. O tópico seguinte – “O que os jovens podem ler?” – focaliza a legitimidade dos textos publicados para crianças e o que é permitido ou desejável que crianças e jovens leiam, e quem pode fazer essa escolha, considerando-se que diversas vezes a escolha dos textos literários não passa pelo crivo dos mais interessados por esse tipo de leitura. O quarto e último tópico do capítulo – “A instituição escolar como formadora de leitores” – discute a formação do leitor literário promovida pelas instituições de ensino e em que medida os alunos, gradativamente, perdem o interesse pela leitura ao longo dos anos de escolarização.

No segundo capítulo – “*Um livro e sua crítica: percepções sobre a série Harry Potter*” – discute-se, no tópico “Cânone e Best seller”, questões relacionadas ao que estudiosos de

literatura compreendem por *best sellers* e por cânones literários. No tópico seguinte – “O que se diz sobre *Harry Potter*” – trazemos para nossa reflexão autores que se posicionaram contra e a favor de *Harry Potter*, problematizando esses pontos de vista, principalmente os dos críticos que não apresentam uma visão favorável do fenômeno e os argumentos de ambas as partes.

No capítulo três – “*Para entender a longevidade de Harry Potter*” – são analisados, na primeira parte, “O que os empréstimos da BIJU têm a nos dizer”, os dados de empréstimos fornecidos pela Biblioteca Pública Luiz de Bessa – Divisão Infantojuvenil, destacando os títulos mais emprestados entre 2004 e 2012, quando o sistema foi informatizado, e comparando os empréstimos dos livros da coleção com outros títulos importantes que aparecem na listagem. Na segunda parte, “Quando o imaginário se torna real”, destacamos outras iniciativas que têm por objetivo manter o interesse dos leitores, mesmo sem a perspectiva de publicação de novos livros sobre a série. Entre essas iniciativas, encontramos o site *Pottermore*, criado pela autora dos livros e que apresenta uma nova perspectiva de interação dos leitores com a série; o parque temático nos EUA que busca ampliar contextos e situações vivenciadas pela leitura; a visita aos estúdios dos filmes na Inglaterra e finalmente a Associação Internacional de Quadribol, que regulamenta e organiza campeonatos do esporte bruxo que conquistou adeptos entre aqueles que não podem voar em vassouras.

No quarto capítulo – “*Com a palavra, os leitores de Harry Potter: análise dos questionários e entrevistas*” –, são analisados os dados coletados através dos instrumentos de pesquisa aplicados a alguns leitores da série. O capítulo encontra-se dividido em dois tópicos. O primeiro, “*Comunidades e instâncias de formação de leitores*”, traça reflexões sobre a formação de leitores e suas comunidades e os espaços onde ela acontece, sejam eles físicos ou virtuais. Dentro dessa perspectiva, no primeiro sub-tópico, “*Harry Potter e a recepção da sua versão para o cinema*”, buscamos a relação dessas crianças e jovens com a versão cinematográfica dos livros, analisando, além da importância do cinema na divulgação dos livros, em que medida os filmes proporcionaram aumento de venda dos livros, comparando esses dados com os dados de outros livros que foram adaptados para o cinema. No segundo sub-tópico, “*As comunidades de leitores de Harry Potter e o interesse pela leitura*”, discute-se a importância das comunidades de leitores na captação e manutenção de novos leitores. No terceiro, “*O estímulo da família para os leitores de Harry Potter*”, relata-se a participação

familiar na formação do gosto pela leitura. No quarto sub-tópico, “A leitura de *Harry Potter* e a escola”, aborda-se a relação das entrevistadas com as práticas de leitura literária desenvolvidas em suas respectivas escolas e as possíveis consequências dessa escolarização da literatura. No sub-tópico seguinte, “Os espaços de leitura de *Harry Potter*: livrarias, bibliotecas e internet”, destacam-se os espaços de leitura de *Harry Potter* e a contribuição de livrarias, bibliotecas e internet não apenas na promoção de eventos no momento dos lançamentos dos livros, mas também como um importante espaço de incentivo à leitura, com destaque para a produção escrita desses leitores, que se envolvem em práticas de *fanfiction* publicadas na internet. O segundo tópico do capítulo, intitulado “*Escolhas, repertórios, discussões*”, traz reflexões sobre as práticas de leitura dos sujeitos entrevistados. O primeiro sub-tópico, “A leitura de *Harry Potter*: qual livro ler?”, analisa a ordem de leitura dos livros pelas jovens entrevistadas, que nem sempre seguiram a ordem de publicação dos livros e levanta os possíveis fatores que levam a essa relativa independência entre as obras da coleção. No sub-tópico seguinte, “A disposição a releitura de *Harry Potter*”, analisam-se os principais argumentos apontados pelas leitoras para a releitura da série. A terceira parte, “A leitura de outros livros pelos leitores de *Harry Potter*”, examina os livros indicados pelos participantes da pesquisa lidos antes e depois da leitura dos livros de Rowling, apontando semelhanças nos repertórios de leitura e também trajetórias de leitura que seriam consideradas bem sucedidas pelos críticos da literatura. No quarto sub-tópico, “Os livros da série preferidos pelos leitores”, indicam-se os livros da série que mais agradaram aos leitores e as razões que explicam essa preferência na opinião das entrevistadas; e por fim, em “A leitura em outro idioma e a espera pelos novos livros”, discute-se a leitura dos livros em outros idiomas, destacando-se alguns dos motivos para essa leitura.

Nas considerações finais, retomam-se reflexões sobre as questões analisadas neste trabalho e apontam-se novos caminhos que poderão ser trilhados a partir dessa aproximação com os leitores da série *Harry Potter*.

CAPÍTULO 1 – A LEITURA E A LEITURA LITERÁRIA

“Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”

(Nelly Novaes Coelho)

1.1 O que é literatura/ literatura infantil

Para que se possa iniciar uma discussão sobre a formação do leitor literário, é necessário, primeiramente, abordar uma questão mais ampla e, conseqüentemente, mais complicada; ou seja, a literatura.

Encontramos, neste breve estudo sobre literatura, diversas posições e questionamentos, mas dificilmente conseguiremos encontrar um pesquisador ou estudioso da literatura que nos explique com exatidão o que se entende por literatura, seja ela infantojuvenil ou literatura para adultos. Literatura é, de maneira geral, o que a sociedade diz que é literatura, o que os críticos e estudiosos afirmam que é literatura. Essa concepção do que seja literatura é tão volátil quanto as mudanças que ocorrem em nossa sociedade. Cada época e cada sociedade apresentam concepções diferenciadas e, naturalmente, visões diferenciadas sobre o que se constitui como literatura. Abreu (2006, p. 59) reforça essa visão, ao questionar valores perenes para a literatura: “A avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo com que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes.” Nesse sentido, devemos pensar na literatura como uma construção social e histórica, intrinsecamente relacionada a esses dois fatores e que constitui parte da história da humanidade.

Jouve (2012) buscou a etimologia da palavra ‘literatura’ para contribuir com a reflexão de pesquisadores e escritores sobre o termo. Segundo o autor (2012, p.29), “literatura vem do latim *litteratura* (‘escrita’, ‘gramática’, ‘ciência’), forjado a partir de *littera* (‘letra’)”. Portanto, a partir do século XVI, o termo leitura passou a designar a “cultura dos letrados”, restrito a uma elite social e cultural que tinha acesso aos livros produzidos até então. Para o autor, o termo literatura é rico em contradições. Assim como a arte, Jouve defende que conceituar literatura representaria transformar um “conceito aberto em conceito fechado” (2012, p. 15).

Coelho (1997, p. 24) é uma das pesquisadoras que melhor conseguiu expressar em palavras a complexidade e a dificuldade em se definir literatura, afirmando que “literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu Literatura a seu modo.” Dessa forma, podemos supor que a literatura não é fixa nem estática, mas susceptível a transformações, como qualquer outra linguagem.

Quando se pensa na leitura literária, ou seja, na recepção, a abertura quanto ao sentido do texto também se revela instável. Em debate com Roger Chartier, publicado no livro *Práticas de Leitura*, Bourdieu expôs seu entendimento sobre a leitura e sobre as diferentes interpretações que ela possibilita, dependendo das vivências e do conhecimento do leitor. Para ele, “as leituras são sempre plurais, são elas que constroem de maneira diferente o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem no interior de si mesmos o sentido que desejariam ver-se atribuídos” (BOURDIEU & CHARTIER, 2009, p. 242). Dessa maneira, para o pesquisador, não existe uma única interpretação possível dos textos. Cada texto ou narrativa está sujeito à crítica e à perspectiva de quem o lê, ampliando-se o leque de interpretações e oferecendo aos leitores múltiplas possibilidades de leitura, não havendo apenas uma única visão como a correta ou aceitável.

Somando-se ao debate já iniciado sobre literatura, percebe-se dentro deste grande universo a discussão sobre literatura infantil e infantojuvenil, presumindo-se que essa realmente exista ou possa ser definida com mais precisão. A problematização sobre o que é literatura infantojuvenil é bastante ampla e reverbera nas mais diferentes instâncias. Essa possível separação entre literatura e literatura infantil ou infantojuvenil é problematizada por vários

pesquisadores e escritores, que criticam essa separação, afirmando que existe apenas uma literatura, ou seja, a qualidade está acima de qualquer classificação por endereçamento. Dessa forma, não poderia ser dissociada da “outra” literatura, pois teriam o mesmo estatuto, estariam no mesmo patamar. Outros pesquisadores, como Hunt (2010), Abreu (2000, 2001, 2006), entre outros, não procuram combater essa visão, e acreditam que a literatura infantil e infantojuvenil apresenta suas especificidades, sem que seja menor ou pior que a Grande Literatura. Portanto, além da definição de literatura, teríamos também que definir literatura infantil e juvenil.

Hunt (2010) procura problematizar esse conceito, afirmando que uma definição de literatura infantil, em suas concepções, ficaria muito ampla, pois:

Definimos literatura infantil seguindo nossos propósitos – o que, no fim das contas, é o princípio das definições: dividir o mundo segundo nossas necessidades. A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças. Entretanto, tal definição complacente não é muito prática, já que obviamente inclui todo texto lido por uma criança, assim definida (HUNT, 2010, p. 96).

Dessa maneira, temos na definição de literatura infantil duas questões problemáticas. Em primeiro lugar, teríamos a difícil definição de criança, um conceito amplo, que apresenta inúmeras variáveis, e que não é imutável. O que se entendia como criança, há cem anos, não é o mesmo que se entende por criança, hoje. Em segundo lugar, essa definição seria muito ampla, pois qualquer texto lido por uma criança seria, então, literatura infantil. Para o autor, portanto, “uma parte da definição implica estudar se um determinado texto foi expressamente escrito para crianças (reconhecidas como crianças), com uma infância legitimada hoje” (HUNT, 2010 p. 97).

Preocupados com o que seria adequado à criança e ao adolescente, escritores têm se dedicado a escrever narrativas voltadas para esse público tão específico e tão difícil de ser conceituado. Portanto, chegar a um consenso sobre o que é literatura, inclusive a infantojuvenil, é uma tarefa árdua e pouco frutífera. Hunt (2010) cita no livro *Crítica, teoria e literatura infantil* a definição que Myles McDowell apresenta de livro infantil, para colaborar na caracterização dessa categoria:

Os livros para criança geralmente são mais curtos; tendem a privilegiar um tratamento mais ativo que passivo, com diálogos e incidentes no lugar de descrição e introspecção; protagonistas crianças são uma regra; as convenções são muito utilizadas; a história se desenvolve dentro de um nítido esquema moral que grande parte da ficção adulta ignora; os livros para criança tendem a ser mais otimistas que depressivos; a linguagem é voltada para a criança; os enredos são de uma classe distinta, a probabilidade geralmente é descartada; e pode-se ficar falando sem parar em magia, fantasia, simplicidade e aventura (MCDOWELL, *Apud* HUNT, 2010, p. 98/100).

Buscando-se compreender as características gerais dos livros publicados destinados ao público infantojuvenil, McDowell apontou os principais elementos encontrados nesse tipo de narrativa. Esse levantamento nos ajuda a perceber, de maneira mais eficiente, as características que a maioria desses textos apresentam em comum, como a reincidência de alguns temas e a ausência de outros. Histórias maravilhosas que exibem em seu enredo animais falantes, fadas ou magia, a luta entre o bem e o mal são recorrentes nesse tipo de obra. Paiva (2008), no artigo “A produção literária para crianças: onipresença e ausência de temáticas”, relata os principais temas abordados nos livros inscritos para o Plano Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) 2008, na categoria Educação Infantil. A autora expõe a fantasia como uma tradição nessas obras, destacando como parte desse agrupamento:

os contos de fada e as fábulas, em suas diferentes versões, traduções, adaptações e atualizações, e as histórias de bichos de todas as espécies, com destaque especial para os animais de estimação; ou, ainda, em menor escala, aqueles que abordam os espaços ‘preferidos’ pelas crianças: a fazenda, o parque, o jardim zoológico e o circo (PAIVA, 2008, p.40).

A autora destaca que, no caso dos contos de fada e das fábulas, essas histórias estão na base da produção literária destinada ao público infantil e, por isso, ainda permanecem com uma predileção nas temáticas adotadas.

No cerne dessa discussão sobre literatura infantojuvenil, temos a problematização da definição de criança e jovem, conceitos consideravelmente instáveis na sociedade atual e também no endereçamento dos textos. Apenas textos escritos para crianças podem ser considerados literatura infantil? Da mesma forma, textos escritos para jovens podem ser considerados literatura juvenil? Como lidar, então, com os textos que são apropriados pelas crianças e pelos jovens, sem que tenham sido escritos especificamente para esses públicos?

O que podemos perceber, ainda hoje, é que a literatura é uma palavra difícil de ser conceituada, devido, principalmente, à complexidade e à vastidão de seu domínio, correspondendo a muitas possibilidades, produção de grande complexidade, que dificulta o consenso.

Para além do debate sobre a existência de uma literatura específica para o universo da infância e da juventude, temos também que considerar que, existindo-se essa literatura, ela não é vista com bons olhos por críticos da área e da academia, pois é considerada uma sublitteratura, um gênero secundário. Os escritores que se dedicam a esse tipo de texto ainda hoje são geralmente desvalorizados e desacreditados pela academia, pois se pensa que escrever para crianças é produzir um tipo menor de literatura. Gregorin Filho (2009, p. 59) credita essa desvalorização da literatura à sua ligação com a prática pedagógica: “a literatura voltada para crianças e jovens ainda é vista por vários acadêmicos e por parte dos críticos literários como uma literatura de menor valor, talvez pela sua origem e pela sua associação frequente com os textos de prática pedagógica.” Percebe-se, no trecho, que um dos motivos para a literatura infantojuvenil não ser vista com bons olhos pelos críticos de literatura esteja relacionado a esse caráter pedagógico a ela atribuída e que a acompanha desde o seu surgimento.

Observa-se, portanto, diversos questionamentos relacionados à literatura e à literatura infantojuvenil. Primeiramente, encontra-se a problematização do conceito de literatura, ainda em construção, e que acreditamos que jamais será definido com exatidão por fazer parte de uma construção histórica em permanente mutação. Em segundo lugar, além do conceito de literatura, temos também o que hoje se convencionou denominar de modo sintético literatura infantojuvenil, questionada por alguns escritores e pesquisadores sobre a sua real existência; afinal, para esses sujeitos, todo texto produzido seria literatura, não existindo esse sub-grupo endereçado a crianças e jovens. Em terceiro lugar, acreditando-se que existe de fato uma especificidade na literatura produzida para crianças e jovens, e nós nos alinhamos a essa premissa, encontramos o difícil entendimento do que hoje se convencionou criança e jovem, e a igualmente difícil separação entre o que foi escrito especificamente para esse grupo e o que foi escrito para adultos. Diversos textos navegam por esses dois universos, fazendo parte tanto das práticas de leitura de crianças e jovens como de adultos, como no caso dos livros de *Harry Potter*, nosso objeto de estudo, ou mesmo, indo além do escopo desta pesquisa, outras

produções literárias, como a trilogia *O Senhor dos Anéis*, que conquistou não apenas o público infantojuvenil, mas também o público adulto.

1.2 Breve histórico da literatura infantojuvenil

Segundo Coelho (1991), o interesse por uma literatura destinada às crianças teve início no século XVII, na França, no reinado de Luís XIV, conhecido como “Rei Sol”. Nessa época, alguns escritores demonstraram interesse e preocupação com a literatura dirigida a crianças e jovens, daí o surgimento de títulos que se dirigiam especificamente ao público infantojuvenil, como *As fábulas* de La Fontaine, e os contos de Perrault. Cademartori (2010) caracteriza o trabalho de Perrault como o de um adaptador, que transforma os contos populares e confere a eles ar aristocrático, destinado a agradar à camada social em ascensão, a burguesia. A pesquisadora também destaca o caráter educativo e moralizador presente na obra e que, até hoje, embora questionado, acompanha a literatura infantojuvenil.

Antes desse período, encontramos indícios de que a literatura que se produzia para crianças e jovens era a destinada a adultos, especialmente porque, até então, acreditava-se que não era necessário escrever textos e narrativas específicos para esse público. Gregorin Filho (2009) destaca que, antes do século XVIII:

Percebe-se a inexistência da literatura infantil, na forma contemporânea, pois, oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira até drástica em função da classe social (GREGORIN FILHO, 2009, p.38/39).

A partir do século XVIII, a preocupação com uma literatura específica para os anos iniciais começa a proliferar entre escritores e resulta em uma diferenciação das narrativas produzidas. Como citado anteriormente, adaptações de histórias, escritas ou orais, conhecidas popularmente, começam a fazer parte desse universo. Com o intuito de criar histórias específicas para crianças, os contos de fadas e as fábulas são adaptados para se adequarem ao universo infantil.

Começa-se a fazer adaptações de clássicos da literatura como *Cinderela*, *As Mil e Uma Noites* e *Fábulas*, além de uma gama de histórias que tiveram sua origem em

classes intelectualizadas ou populares, essas últimas mantenedoras das novelas de cavalaria e de uma infinidade de contos ainda reeditados para as crianças no final do século XX (GREGORIN FILHO, 2009 p.39).

No início do século XIX, “a criança é descoberta como um ser que precisava de cuidados específicos para a sua formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual” (COELHO, 1991, p. 139). Dentro dessa perspectiva, a criança passa a ser percebida como um ser com características e necessidades específicas e, conseqüentemente, precisa de uma literatura também diferenciada e que possibilite a sua formação intelectual e moral. Apesar desse avanço na maneira como a criança era vista pela sociedade, ela é percebida como um adulto em miniatura, e a fase da infância logo deveria ser superada, para que ela pudesse se inserir na sociedade adulta. Durante este período, entre 1812 e 1822, a publicação dos contos de Grimm representou um marco na literatura produzida para crianças. Assim como Perrault, os irmãos Grimm buscaram no folclore e nos contos populares as bases para as suas histórias.

É interessante observar, hoje, as mudanças ocorridas com os contos de fadas e as alterações que foram sendo impressas nas histórias para que estas se enquadrassem cada vez mais ao que se considera adequado para o público infantojuvenil. Histórias como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Pequena Sereia* e *A Bela Adormecida* passaram por drásticas transformações para tornarem-se mais apropriadas para as crianças da sociedade atual. Quando comparamos os contos de fada editados inicialmente por Perrault com os publicados atualmente, percebemos as inúmeras modificações que as narrativas sofreram. A dissertação de mestrado “Um clássico *in* versões: representações de infância em textos verbais e imagens de *Chapeuzinho Vermelho*” trabalha, de maneira sistemática, a comparação entre as diversas edições da história, mas não se restringindo a ela, citando exemplos de outros contos de fadas que foram modificados ao longo da história.

Os contos de fadas tiveram sua origem num período e cultura em que a infância não era vista como uma fase específica do desenvolvimento humano, de forma que todos, adultos e crianças, participavam das mesmas atividades e assuntos. A contação de histórias nesse período funcionou como importante forma de socialização humana e, como ‘não existia infância’, também não existia uma literatura apropriada a esse público, que convivia com narrativas imbricadas de violência e erotismo. Algumas das primeiras formas escritas dos contos de fadas deixam claro como a maneira de tratar a infância pela via da literatura sofreu significativas alterações ao longo dos séculos (ALCÂNTARA, 2009, p. 19).

Coelho (1997) destaca que a literatura infantojuvenil apareceu inicialmente com dois propósitos bem distintos e também bem marcantes: o da diversão e o do aprendizado. Ela

retoma o surgimento de uma literatura voltada para esse público específico e ressalta que, na época em que começaram a surgir textos dedicados ao universo infantil, eles consistiam basicamente de adaptações, ajustes à literatura já existente e circulante para adultos, tendo em vista que as crianças eram consideradas, como apontado anteriormente, adultos em miniatura.

Devido a esse caráter lúdico ou voltado apenas para o aprendizado ao qual foi ligada desde o seu surgimento, a literatura infantil sempre foi considerada como um “gênero secundário”, e sua valorização, “como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das Sociedades, é conquista recente” (COELHO, 1997, p. 27). Entretanto, encontramos ainda hoje pessoas que consideram a literatura produzida para crianças e jovens como uma literatura de menor qualidade e que não merece o mesmo destaque e a mesma valorização que a literatura para adultos.

Quando transferimos nosso olhar para a literatura infantojuvenil brasileira, destacam-se dois momentos distintos que caracterizam a produção de obras destinadas a esse público. O grande marco na nossa literatura foi Monteiro Lobato, que se dedicou a escrever obras para crianças e adolescentes, além de ter traduzido diversas obras estrangeiras e de publicar textos voltados também para o público adulto. De acordo com Gregorin Filho (2009), teríamos, no contexto brasileiro, o “momento anterior a Monteiro Lobato” e o que ele conceitua como “momento pós-lobatiano”. O pesquisador caracteriza o período anterior a Monteiro Lobato da seguinte maneira:

na educação e na prática de leitura no Brasil, do final do século XIX até o surgimento de Monteiro Lobato, os paradigmas vigentes eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade, e de pureza de corpo e alma em conformidade com preceitos cristãos (GREGORIN FILHO, 2009, p. 28).

Assim como Gregorin Filho, outros pesquisadores, como Coelho, Lajolo e Zilberman, também posicionam-se da mesma maneira em relação ao marco divisor de águas, ocasionado pela publicação dos livros de Lobato, voltados para o público infantil e jovem, inicialmente com *A menina do nariz arrebitado*, publicado em 1920 e posteriormente em 1931, quando foi lançado *Reinações de Narizinho*. Para Gregorin Filho (2009), o momento anterior a Lobato estava responsável por

veicular valores como o individualismo, a obediência absoluta aos pais e as autoridades, a hierarquia tradicional de classes, a moral dogmática ligada a concepções de cunho religioso, vários tipos de preconceito, como o racismo, uma linguagem literária que visa imitar padrões europeus. Desse modo, a literatura para as crianças se torna um mero instrumento pedagógico, elaborada para uma criança vista como um adulto em miniatura (GREGORIN FILHO, 2009, p. 31/32).

Com uma vasta obra literária voltada não apenas para o público adulto, mas também para crianças e adolescentes brasileiros, Lobato inaugurou uma nova literatura infantil brasileira, que se estende até os dias atuais, caracterizada por Gregorin Filho (2009) como

um momento em que a literatura para crianças e jovens mostra uma individualidade consciente, obediência consciente, mundo com antigas hierarquias em desagregação, moral flexível, luta contra os preconceitos, linguagem literária que busca a invenção e o aspecto lúdico da linguagem, ou seja, uma literatura que mostra um mundo em construção para uma criança que passa a ser vista como um ser em formação (GREGORIN FILHO, 2009, p.31/32).

Segundo Cademartori (2010), Lobato rompeu com os antigos padrões da literatura infantil e instaurou uma nova maneira de se pensar literatura que colocasse em evidência as questões sociais no país, mesclando aspectos da cultura brasileira, marginalizada pela elite, com a cultura europeia privilegiada até então. A pesquisadora destaca que, “rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros infantis criam um mundo que não se constitui em reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida” (CADEMARTORI, 2010, p. 53).

Coelho (1991, p. 224) ressalta que, “fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando.” Lobato modificou a literatura brasileira porque percebeu que estávamos há muito tempo com os velhos modelos e preceitos europeus, sem uma literatura destinada à criança que valorizasse as lendas e a cultura de nosso país. Nas histórias de Lobato, podemos encontrar não apenas personagens consagrados dos contos de fadas, como *Branca de Neve*, *Peter Pan* e *Pequeno Polegar*, mas também personagens e animais típicos da fauna e folclore brasileiros, como o saci. A autora ressalta que “o que Lobato fez (...) foi principalmente explorar o “jeitinho” brasileiro de viver: muita imaginação, inteligência espontânea e improvisação diante dos problemas que a vida vai propondo” (COELHO, 1991 p. 237). Dessa forma, seus personagens conquistaram o povo brasileiro e até hoje fazem parte do leque de leituras de jovens, crianças e adultos. As mudanças efetuadas na narrativa de Lobato procuravam mostrar as características dos brasileiros de uma maneira diferente e irreverente, trazendo para o texto

infantil elementos do popular, contos europeus e mitologia, coabitando em um mesmo universo.

Nelly Novaes Coelho (1991, p. 226) relembra que “Lobato foi um dos que se empenharam a fundo nessa luta pela descoberta e conquista da brasilidade ou do nacional,” trazendo para as obras aqui publicadas características típicas do nosso país, fazendo referências aos costumes e lendas brasileiras. A pesquisadora destaca que o sucesso de Lobato pode ser explicado em parte por “um fator decisivo: eles [crianças] se sentiam identificados com as situações narradas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação *familiar e afetiva*, que era subitamente penetrada pelo *maravilhoso* ou pelo *mágico*, com a mais absoluta naturalidade” (COELHO, 1991, p. 227). Nessa direção, podemos observar um dos motivos que fascinavam os leitores de Monteiro Lobato. A sua capacidade de mesclar realidade e magia encantava seus pequenos leitores e os aproximava de uma literatura voltada para o entretenimento e preocupada com a construção de narrativas que fossem adequadas a esse público.

Ainda assim, em seu primeiro momento, a literatura infantil foi idealizada como um instrumento de ensino da língua, uma maneira de complementar e auxiliar os pequenos leitores na aquisição das habilidades de ler e escrever, além de oferecer os padrões de comportamento esperados da sociedade na qual estavam inseridos. Desse modo, Gregorin Filho (2009, p.45) ressalta que:

No caso de literatura infantil, a concepção de leitura está estreitamente vinculada ao que se entende por alfabetização. Na história, ora a alfabetização aparece numa visão mais restrita ao texto verbal, como o exercício de codificação e decodificação da linguagem verbal escrita, ora se amplia para diversos tipos de textos, para outras modalidades de expressão do ser humano.

Por meio da literatura, seria possível “ampliar o domínio verbal dos alunos” (CADEMARTORI, 2010, p. 8), contribuindo, dessa forma, no processo de alfabetização e, mais recentemente, no processo que conhecemos como letramento. Soares (2010), no livro *Letramento: um tema em três gêneros*, traz em seu texto a problematização do uso do termo letramento no Brasil e sua origem, a palavra inglesa *literacy*, ampliando o que até então conhecíamos apenas como alfabetização. No cerne da discussão entre os termos, está a especificidade de cada um e a difícil tarefa de conseguir distinguir esses dois processos que, apesar de distintos, se complementam. Para Soares (2010 p. 36), “*literacy* designa o estado ou

condição daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita.” Segundo a autora, portanto, temos uma diferença entre as pessoas que sabem ler e escrever, que dominam o processo de codificação e decodificação da leitura, que seria a alfabetização, e as pessoas que sabem ler e escrever e utilizam essas práticas em sua vida cotidiana, que seria o letramento. Soares destaca:

Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2010 p. 39/40).

Para a autora, “o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado*” (SOARES, 2010, p. 47). Não bastaria, portanto, ensinar as crianças a ler e a escrever, mas formá-las para atuarem como cidadãs capazes de se apropriarem desse conhecimento e empregar a leitura e a escrita nas mais diversas situações sociais às quais estão expostas diariamente. O contato com os textos literários permite o envolvimento com práticas letradas desde a mais tenra idade. Peter Hunt também demonstrou essa particularidade da literatura infantojuvenil em sua fase inicial, de facilitadora desse processo, afirmando que:

Do ponto de vista histórico, os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, literária, e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita. Em termos literários convencionais, há entre eles textos “clássicos”; em termos de cultura popular, encontramos best-sellers mundiais, como a série Harry Potter, e títulos transmitidos por herança de famílias e culturas locais (HUNT, 2010, p. 43).

Retornando à natureza exclusivamente escolar que a literatura infantojuvenil inicialmente assumiu no Brasil e no mundo, tendo em vista esse caráter paradidático, os textos produzidos para crianças e jovens apresentavam como objetivo principal auxiliar os alunos no difícil processo de codificação e decodificação da língua escrita.

Felizmente, o caráter paradidático da literatura infantil foi sendo modificado por meio da percepção de que “é como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura do

mundo” (CADEMARTORI, 2010, pag. 8), não estando restrita apenas a um aspecto educacional. O papel da literatura não é meramente paradidático, visto que ela cumpre uma função que vai além de si mesma e faz parte da construção dos sujeitos. Quando reduzimos o papel da literatura a mero auxiliar do processo de escolarização, estamos simplificando e desmerecendo as importantes contribuições que a literatura pode proporcionar aos seus leitores. Gregorin Filho (2009, p. 51) frisa que “aprender a ler e utilizar-se da leitura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive.”

Dessa forma, temos na literatura não apenas um facilitador da aprendizagem da leitura e da escrita, mas também um instrumento de ampliação da realidade dos leitores e dos seus modos de perceber e modificar a sociedade e a realidade que os rodeiam, contribuindo com o poder imaginativo e criativo de crianças e jovens.

Por isso, negar que a literatura possa ser um instrumento de grande ajuda na escolarização é um erro, pois a literatura, assim como outras esferas do conhecimento, faz parte do escopo educacional e necessita, portanto, ser escolarizada. Soares (2006) defende que a escolarização da literatura constitui-se na apropriação, pela escola, da literatura. A autora destaca que o mesmo processo acontece com outras áreas do conhecimento, como a história e a geografia, que tiveram que ser adaptadas para serem estudadas nas instituições escolares. No caso da literatura, uma das principais atribuições dada a ela pela escola e questionada pela pesquisadora é o seu caráter meramente auxiliador no processo de aprendizagem da língua. Enquanto a visão que se tem de literatura permanecer associada apenas a esse aspecto, como facilitadora da aquisição dessa competência, ela continuará sendo julgada como uma literatura de menor valor, sem valor estético. Gregorin Filho (2009, p.63) observa que:

A literatura para criança deve ser oferecida como arte e prazer, arte porque é o resultado de um fazer estético do(s) autor(es) e prazer porque o contato com a arte pode ser encarado desde a mais tenra idade como uma experiência ricamente prazerosa, capaz de nos envolver e trazer novas dimensões ao cotidiano. Desse modo, podem ser criadas atividades de leitura literária que diminuam a distância existente entre o livro e os leitores, muitas vezes causada pelos constantes processos de escolarização desse tipo de leitura e até mesmo da literatura, quando associada apenas ao caráter da obrigatoriedade dos afazeres escolares.

Percebe-se, portanto, que a literatura infantojuvenil é fenômeno recente e teve início quando se começou a pensar na criança como um ser com necessidades e desenvolvimento específicos e diferentes dos adultos. Abandonando-se a concepção de que a criança era um adulto em miniatura, começaram a ser produzidos livros e narrativas que tinham como direcionamento a criança e o jovem como um ser em formação. Percebe-se que, nesse estágio inicial, os textos e as narrativas produzidos para esse público tinham um caráter moralizador e facilitador do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, aspecto que até hoje pode ser encontrado em algumas obras. Por ser vista como mera facilitadora desse processo, esse é um dos motivos que explicam a maneira como a literatura é vista e julgada pelos críticos de literatura, sendo considerada, muitas vezes, como uma literatura de menor valor.

Em relação à literatura infantojuvenil brasileira, vimos, neste tópico, que, na publicação dos livros de Lobato destinados às crianças, encontramos uma nova maneira de se produzir narrativas endereçadas a esse público. Temos, desse modo, dois momentos distintos na produção brasileira: o período antes de Monteiro Lobato e o período pós-lobatiano, que buscou trazer para a nossa literatura aspectos da vida da nação brasileira, incluindo em suas narrativas histórias do folclore e da cultura nacional.

1.3 O que os jovens podem ler?

Quando nos interrogamos sobre literatura, um questionamento que nunca fica à margem da reflexão dos teóricos e pesquisadores desse tema complexo é a relação e o julgamento estabelecido entre as obras consideradas canônicas e as outras obras de literatura infantojuvenil que ficam à parte desse seletivo grupo. Para a nossa pesquisa, ficam em especial evidência os livros que conquistaram um grande número de vendas, entrando para a categoria de *best sellers*³ e que são, em sua grande maioria, ignorados ou discriminados pela crítica em geral.

Um debate de grande importância nesse campo de pesquisa é o que diz respeito à “verdadeira literatura infantil”, em contrapartida com o prazer que os leitores desfrutam ao lerem

³ O termo *best-seller* será abordado sistematicamente no próximo capítulo.

determinadas obras. Essa discussão parece colocar em xeque a posição do sujeito na escolha de seus livros, num universo onde a voz da criança é quase imperceptível. Os livros são feitos por adultos, avaliados por adultos e passam pelo crivo dos adultos no momento de sua seleção. A criança parece pouco ou quase nada opinar sobre os livros que farão parte do seu leque de leituras, e sua opinião sobre os livros lidos não tem validade, pois a criança não se encontra qualificada para discutir um tema tão complexo quanto literatura. Sissa Jacoby (2005) discorda dessa visão e abre um olhar crítico sobre o papel do adulto nessas escolhas e nesses processos. Para a autora, parece mais acertado não somente considerar a opinião dos críticos, mas também das crianças e jovens que leem essa literatura que a elas é dirigida. Jacoby faz uma crítica a essa abordagem, lembrando o que Cecília Meirelles, há mais de meio século, já afirmava:

Ao invés de se classificar e julgar o livro infantil, como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo crítica – da criança, que afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará, pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não (MEIRELES, *apud* JACOBY, 2005 p. 110).

Portanto, dar voz aos mais interessados é uma das principais maneiras de se descobrir o que os jovens gostam de ler, porque o gosto literário é algo que se constrói com práticas sociais, culturais e educativas. Como destinatários desse texto, sua opinião não pode ser desconsiderada. Teresa Colomer (2003, p. 46) afirma que “uns autores, sentindo-se legitimados por sua cultura adulta, se aplicaram em estabelecer uma hierarquia literária e um *corpus* canônico dos melhores livros, a partir de critérios idênticos aos utilizados para a literatura de adultos...” Do ponto de vista da autora, não se pode limitar o que é legitimado apenas pela opinião de alguns críticos da literatura, mas se precisa considerar todos os outros fatores envolvendo a produção e circulação desses textos, inclusive apresentando-os às crianças e aos jovens, e ouvindo o que eles têm a dizer sobre a narrativa.

Esses pontos de vista, no entanto, não pretendem afirmar que a avaliação dos livros de literatura, e aqui estamos tratando da infantil com aproximações com a juvenil, não é necessária. Lígia Cademartori (2010) destaca que a idade, o uso da linguagem, o projeto gráfico, o tamanho e o tipo da fonte, o uso variado de tipos gráficos e a possibilidade de “ampliação de expectativas e referências que a criança já tem” (CADEMARTORI, 2010, pag. 35) devem ser considerados no momento dessa avaliação. O que não pode acontecer, segundo

essas autoras, é silenciar a voz dos maiores interessados nesse processo: as crianças e os jovens. Afinal, se os desejos e os interesses desses leitores não forem levados em consideração, será possível transformá-los em leitores competentes?

A leitura e a literatura sempre pertenceram à lista de inquietação de pesquisadores, pais e professores de educação, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental e médio. Enquanto, de um lado da balança, temos discussões calorosas sobre a diminuição da leitura por esses jovens, do outro lado, temos indícios de que, apesar de competir com inúmeras outras linguagens, o interesse pela leitura e pela literatura continua crescendo em nosso país. Ceccantini (2009) destaca que essa crença na diminuição da leitura está intimamente ligada ao que os jovens leem e que, muitas vezes, a única leitura validada pela escola e pela academia é a leitura da literatura clássica ou canônica. Em especial, o pesquisador destaca que talvez os jovens de hoje não leiam os cânones da nossa literatura, mas que não se pode restringir o amplo leque de leituras realizadas apenas às obras legitimadas por essas instituições.

A ideia de que hoje se lê menos do que há tempos atrás apoia-se sobretudo no gradativo desinteresse pela leitura literária ao longo das últimas décadas, em especial se essa for compreendida no sentido estrito das obras “clássicas” ou canônicas, encarregadas da transmissão de certo patrimônio cultural de excelência entre as gerações” (CECCANTINI, 2009, p. 208).

Para contestar essa afirmação de que hoje se lê menos do que antigamente, Ceccantini (2009, p. 207) aponta que, “no caso brasileiro, somos surpreendidos a cada instante por números e cifras associados à leitura que impressionam, quando comparados com dados de tempos não tão remotos, e que sugerem avanços significativos nesse âmbito.” Portanto, considerarmos que a literatura encontra-se ameaçada pelas novas tecnologias e por essas novas linguagens presentes na sociedade moderna seria ir de encontro dessa constatação do autor. Os fatores que ele cita para confirmar essa teoria nos oferecem parâmetros para verificar que, apesar da leitura em nosso país estar longe da ideal, ela continua crescendo:

Muitos outros exemplos também podem ilustrar a importante dimensão que, na atualidade, a leitura assume no país, mesmo se for considerada apenas a leitura específica de livros: a quantidade assombrosa de títulos lançados no mercado editorial brasileiro a cada ano; os muitos novos escritores que despontam na esfera da cultura nacional; a rapidez com que títulos de sucesso internacional são aqui traduzidos e postos em circulação, com bastante êxito; a multiplicação de pontos de vendas de livros... (CECCANTINI, 2009, p. 207).

O autor destaca, dessa forma, o crescimento dos leitores em nosso país, reafirmando essa tendência através dos dados acima abordados. Entretanto, apesar desses dados animadores, Ceccantini afirma que a leitura ainda se encontra longe de ser a ideal e que ela está restrita a uma pequena parcela da população. Segundo o pesquisador (2009, p. 208), apenas “26% da população brasileira (aproximadamente uma para cada três pessoas) dominam de maneira efetiva as habilidades e as práticas típicas do universo da leitura.” Dessa forma, apenas parte dos cidadãos brasileiros é efetivamente capaz de usar a leitura e a escrita em suas práticas cotidianas e essa porcentagem está distante da desejável. Mesmo assim, percebemos, no trecho acima destacado, que o número de leitores tem crescido consideravelmente em nosso país.

Assim, apesar de nunca se ter lido tanto no Brasil, ainda se lê bem menos do que o desejável, na medida em que grandes faixas da população permanecem numa posição periférica em relação à leitura, sobretudo quando o critério de análise se apegue a uma dimensão mais qualitativa, seja no que concerne aos suportes (livros ou outros materiais de leitura), à escolha de obras (literárias ou não literárias) e à consistência e profundidade das leituras realizadas (CECCANTINI, 2009, p. 209).

Para Ceccantini (2009), costuma-se afirmar que a leitura é realizada com menos frequência do que nas últimas décadas porque muitas vezes a única leitura considerada pela academia e pela escola é a leitura de textos clássicos, canônicos, ignorando-se todas as outras obras que não fazem parte desse acervo exclusivo.

Outros autores, como Abreu (2000) e Hunt (2012), também ponderam sobre essa vertente que considera válida apenas a leitura do que foi legitimado na academia ou nas instituições escolares, menosprezando qualquer outro texto que, não pertencente a esta categoria, seja objeto da curiosidade dos leitores. Segundo esses autores, é necessária uma reflexão sobre os processos que transformaram esse *corpus* de livros em canônicos e quais são as relações estabelecidas por meio dessa suposta imparcialidade. Abreu (2000) destaca, ainda, o lugar destinado ao crítico de literatura e a suposta superioridade que ele apresenta em relação a outros leitores:

Uma visão ingênua faz acreditar que esses críticos, por sua sólida formação, são os mais aptos a perceber a literariedade de um texto, considerando apenas suas características formais e de elaboração. Essa crença talvez explique o espanto causado pelo fato de intelectuais de renome terem considerado não literárias ou mal realizadas obras hoje consagradas (ABREU, 2000, p.125).

Para Hunt (2010, p. 31), “ao trabalharmos com crianças e livros, não podemos assumir os mesmos valores existentes na ‘alta cultura’ e na academia”, o que implica rever os conceitos utilizados para a análise dessas obras e ampliá-los. Afinal, se a literatura infantil apresenta suas especificidades, ele deve ser “julgada” também de acordo com essas especificidades, ao invés de ser submetida aos mesmos critérios e aos mesmos julgamentos da literatura para adultos. O questionamento levantado por Hunt (2010) e Abreu (2000) problematiza os critérios utilizados para se classificar a literatura. “Se o principal é o leitor, o que acontece com o juízo de valor? O que acontece com os cânones? O que acontece com a cultura? O que acontece com o ‘bom gosto’?” (HUNT, 2010, p. 35) Essas perguntas nos permitem uma aproximação, um questionamento entre o leitor e o que se considera como leitura válida. Se, de fato, o principal é o leitor, não seria mais pertinente procurar maneiras de aproximar os leitores da literatura sem julgamentos e sem buscar inculcar nos sujeitos apenas o que é considerado legítimo, apenas o canônico?

De acordo com esses autores, os critérios que são utilizados para se qualificar uma obra literária encontram-se intrinsecamente conectados aos padrões e conceitos de uma minoria da população, guiada por valores e práticas restritos à elite cultural e que, portanto, não contemplam a diversidade da nossa sociedade. Dessa forma, investidos de um capital cultural que abrange apenas uma parte da população, os críticos sentem-se no direito de afirmar para as pessoas o que é bom ou não de se ler. Para Abreu:

A avaliação que se faz de um texto depende muito de critérios exteriores à obra, como o parentesco com uma tradição reconhecida, a posição do autor no campo literário – sua filiação intelectual, condição social e étnica, relações políticas e etc. – , a imagem feita pela crítica literária do que seja literatura e do que seja um autor em cada época, o mercado editorial, convenções éticas e morais. Normalmente nenhum desses critérios é explicitado, uma vez que o discurso da crítica é construído a partir da afirmação de uma *iminente literariedade* (ABREU, 2000, p. 126).

Nessa direção, Hunt se interroga sobre a validade desse julgamento frente aos olhos de crianças e jovens, para quem essa avaliação estaria muito longe dos verdadeiros interesses desses leitores, afirmando que, dificilmente, eles leriam com prazer o que foi proposto por seus professores ou pais, por não partilharem dos mesmos sistemas de valores, apresentando interesses e disposições por vezes muito diferentes daquelas validadas por essas instituições.

Por que um aluno qualquer deveria atribuir crédito a padrões estabelecidos anos atrás por velhos da classe alta do grupo étnico dominante na universidade? Desse

modo, o cânone se torna apenas mais um conjunto de textos, apreciados por um certo conjunto de pessoas, e somos (ou deveríamos ser) livres para aceitar ou rejeitar seu sistema de valor e os juízos nele baseados (HUNT, 2010, p. 36/37).

O autor ainda problematiza essa relação entre crítica literária e leitores, questionando a respeito do que de fato e reservadamente consideramos como boa literatura e o que declaramos que é boa literatura, apresentando a proposta de que geralmente as pessoas apresentam dois discursos: aquele que é legitimado pela academia e aquele que ele, particular, pessoal e individualmente considera boa literatura. Dessa maneira, dificilmente um leitor irá se opor aos cânones da literatura e afirmar que gosta de Paulo Coelho, Nicholas Sparks ou Sidney Sheldon, por exemplo, mesmo que estas sejam as práticas de leitura que ele, de fato, realiza em sua vida cotidiana e que, de fato, aprecia.

A importância de examinar as bases de nossos juízos, e de não os igualar segundo algum padrão absoluto ou de acordo com o que é prescrito pelo *establishment* literário/educacional, é acentuada pelo fato de que a maioria dos leitores desses livros provavelmente são – ou serão forçados – a posição de juízes ou indicadores, pessoas com poder sobre as crianças, como escritores, editores, professores ou pais. Imagino que há uma tensão entre o que é “bom” em abstrato, e o que é bom para a criança em termos sociais, intelectuais, e educacionais, e o que nós real e honesta e reservadamente achamos ser um bom livro (HUNT, 2010, p. 38/39).

O que podemos inferir, de acordo com os discursos sustentados por Hunt e por Abreu, é que o julgamento que se faz dos livros, e em especial dos livros destinados a esse público tão específico, está permeado por critérios definidos por uma minoria acadêmica e elitizada. Diversas vezes, esses critérios são mascarados e pertencem a uma formação cultural não compartilhada pela grande maioria da população. Portanto, para Hunt (2010 p. 267), “qualquer valor atribuído ao texto deve ser entendido, então, como sendo especificamente um dentre três tipos: cultural, pessoal ou educacional; e nenhum deles deve ser privilegiado.” Cada instância desse valor textual deve ser compreendido e interpretado como um dos contribuintes para a aceitação do texto. Dessa maneira, não podemos considerar um texto como melhor ou pior do que outro, mas apenas como diferente. Se levarmos em conta os três fatores apontados por Hunt que podem representar a qualidade textual de uma narrativa, podemos inferir que talvez um texto não seja adequado nos níveis cultural ou educacional, mas é adequado no nível pessoal do leitor, ou talvez ele seja adequado educacionalmente, mas não cultural ou pessoalmente, e nenhum desses fatores deve ser priorizado.

Não podemos falar de um “melhor” abstrato, apenas de diferenças. Em outras palavras, o status de um texto, o que lhe confere “qualidade”, não é mais visto como

algo intrínseco, mas simplesmente – ou completamente – como uma questão de poder de grupo: um texto é um texto e o modo como o percebemos é uma questão de contexto. Ao lidar com literatura infantil, a questão do poder do grupo é inevitável (HUNT, 2010, p. 35).

Abreu corrobora com a ideia defendida por Hunt, afirmando que “essa ideia de superioridade intrínseca de algumas obras e autores faz com que se julguem as demais produções narrativas, poéticas e dramáticas como inferiores, e não como apenas distintas” (ABREU, 2000 p. 131). O que esses autores se propõem a problematizar, portanto, são as relações de poder envolvidas na legitimação da literatura, buscando trazer para a nossa reflexão a ideia de que uma obra literária pode ser analisada utilizando-se diferentes lentes, não se podendo concentrar essas análises em apenas uma lente padrão, que serviria para todos os textos e todos os leitores, sem se considerar todo o seu contexto de produção e circulação.

A escola e a academia são uma das instâncias que julgam os livros, mas não podem ser as únicas, pois seus critérios estão baseados em certos conceitos e em certas premissas que não podem ser universalizadas. Portanto, para a autora, as obras de literatura devem ser abordadas como diferentes, e não superiores ou inferiores. Abreu ainda destaca que aceitamos que as pessoas tenham gostos diferentes em relação à música, à religião, entre outros, e que essas opiniões são, na medida do possível, respeitadas, mas no âmbito da literatura, apenas os cânones literários são considerados legítimos, ignorando e julgando como inferiores as pessoas que leem obras literárias à margem desse seletivo grupo de obras selecionadas. É o que ocorre quando um leitor demonstra gostar e apresenta suas próprias interpretações de uma narrativa que não pertence ao seletivo grupo legitimado pela academia.

A escola e a universidade frequentemente veem interpretações desse tipo não como um modo particular de inserção no mundo, mas como erro, demonstração de incapacidade de leitura, desvios que cumpre corrigir e não entender. Aceita-se que as pessoas tenham religiões diferentes, que tenham opiniões políticas distintas; que falem de várias maneiras; que pensem seu lugar no mundo das formas mais variadas. Mas é difícil aceitar que elas possam ter interesses por livros de Paulo Coelho e Sidney Sheldon, que gostem de histórias em quadrinhos e romances (ABREU, 2000, p. 130).

Em nossa pesquisa, iremos abordar a literatura infantojuvenil e os processos de formação de leitores a partir da série *Harry Potter*, que ainda é motivo de grande debate entre críticos e pesquisadores da área da literatura, como veremos no capítulo a seguir. Mesmo estando à margem dessa literatura legitimada pela maioria dos estudiosos, a série *Harry Potter* conquistou número considerável de leitores e impressionou pais, professores e pesquisadores

que não acreditavam que fosse possível estimular a leitura literária de livros extensos e sem imagens no universo infantojuvenil.

Abreu (2000) reflete sobre as práticas escolares, que procuram privilegiar as obras canônicas, apresentando-as como a única possibilidade de leitura legitimada e excluindo as outras leituras que perpassam a vida dos alunos.

A escola – seguindo os passos da história literária – seleciona algumas obras dentre todos os textos narrativos, poéticos ou dramáticos já escritos e os apresenta aos alunos como *a* literatura, desqualificando todos os demais como subprodutos ou como formas imperfeitas. Raramente explica-se aos alunos o processo pelo qual estas obras chegaram a representar o cânone literário, fazendo supor – ou mesmo dizendo explicitamente – que elas possuem uma literariedade e uma qualidade intrínsecas, portanto a-históricas e a-culturais. Ou seja, qualquer leitor deve ser capaz de reconhecê-las, os que não a apreciam são ingênuos, mal formados, despreparados (ABREU, 2000 p. 125).

Se concordamos que apenas o que é legitimado pela academia e pelos críticos pode ser considerado de fato como Literatura, com letra maiúscula e superior aos outros tipos de narrativas produzidas:

Teremos que concordar também que aqueles que não entendem ou não gostam dos livros de literatura erudita têm problemas em sua formação, têm um gosto deficiente. Se gostarem de literatura de massa teremos que pensar que sua fraqueza intelectual os leva a ser facilmente manipulados por estratégias de *marketing*, que foram adestrados pelas fórmulas fáceis da indústria cultural (ABREU, 2000, p. 131).

Portanto, para esses autores, a especificidade e o endereçamento dos livros infantis e juvenis, e da literatura em geral são fatores muito importantes na concepção de livro e de literatura infantil e juvenil. Além disso, os critérios utilizados para se classificar essa produção editorial precisam ser explicitados. Abreu e Hunt acreditam que não se pode classificar uma narrativa como melhor ou pior que outra, apenas como diferente. Os autores também defendem que as pessoas que leem literatura fora dos padrões definidos pelo cânone e pela crítica não podem ser julgadas como leitores mais ingênuos ou mais susceptíveis às estratégias de *marketing*. O que se pode perceber, nesse discurso, é que a literatura, assim como tantas outras esferas de conhecimento, é um campo de disputas que reflete relações de poder, e os livros escolhidos como os melhores podem ser os melhores para um determinado grupo, mas não para toda a sociedade.

1.4 A instituição escolar como formadora de leitores

A estreita relação entre escola e literatura despertou o interesse de diversos pesquisadores que buscam estudar e compreender as relações e os processos que se estabelecem nessas instituições. Para além da escola, a família também constitui um importante espaço na formação de leitores e é fundamental a sua contribuição para que as práticas de leitura desenvolvidas na escola sejam mantidas também no ambiente familiar.

Para Ceccantini (2009), a escola e a família são fundamentais nesse processo de formação, e o autor ressalta que as contribuições que essas duas entidades podem oferecer aos futuros leitores é fundamental para que eles continuem a prática da leitura não apenas na infância, mas também na adolescência e na vida adulta.

A preocupação com a leitura e com a formação de leitores tornou-se, portanto, objeto da escola e conta com inúmeros incentivos para que, durante os anos escolares, os alunos tenham contato com os livros e, além disso, adquiram o hábito da leitura. Nesse aspecto, Ceccantini (2009) problematiza as práticas adotadas nas escolas para desenvolver nos alunos o “gosto” pela leitura e discute os impactos promovidos por tais práticas. Para o autor, as escolas conseguiram avançar consideravelmente na conquista de novos leitores, através de ações que promovem, de maneira mais apropriada do que há alguns anos, o contato dos alunos com livros de literatura. Ele destaca, entre outros fatores positivos, que “o mínimo que se espera de uma escola hoje em dia, portanto, é que se reservem amplos espaços e tempos para a ‘hora do conto’, ainda que, naturalmente, o ideal é que se promovam muitas outras atividades de animação de leitura” (CECCANTINI, 2009, p. 213). Dessa forma, o autor deixa em evidência que, para que a escola continue obtendo sucesso na formação de novos leitores, diversas práticas devem ser adotadas nas instituições, com a finalidade de promover essa difícil tarefa, e cita dois exemplos para ilustrar tais práticas, como a realização da “hora do conto” e o “cantinho da leitura” à disposição dos alunos. Essas medidas apresentam como foco principal apresentar e despertar nos alunos o interesse pelos livros e pela literatura.

Entretanto, Ceccantini também aponta que, apesar desse sucesso inicial com a formação de leitores nas séries iniciais, não se tem observado uma continuidade na formação dos leitores nos anos subsequentes de escolarização. O pesquisador destaca que “pesquisas recentes

demonstram que há um abandono paulatino das práticas de leitura, à medida que esses leitores recém-cultivados vão deixando a infância e alcançando a juventude, num processo gradativo que só faz se intensificar ao longo da vida” (CECCANTINI, 2009 p. 210). Portanto, independentemente dessa conquista na educação infantil e nos primeiros anos da educação básica, as estratégias adotadas pelas instituições de ensino não conseguem promover a continuidade da formação do leitor, que reduz o tempo dedicado à leitura literária e o número de obras lidas, conforme chega à adolescência e, posteriormente, à vida adulta.

Ao lidar com questões ligadas aos jovens e, particularmente no que diz respeito à leitura, a escola brasileira não tem sabido encontrar soluções convincentes, de maneira oposta ao que se tem passado em relação à infância, em que, pouco a pouco, se vão acumulando sucessos relevantes. Hoje, sem dúvida, um dos maiores problemas a enfrentar na formação de leitores é o de como dar continuidade às conquistas obtidas junto às crianças, à medida que vão crescendo, de tal modo que continuem sendo leitores fiéis e motivados. Não bastam leituras que os jovens fazem por pressão direta ou indireta do ambiente escolar. E esse problema não parece específico do Brasil, mas global, como têm verificado estudos de vários países (CECCANTINI, 2009 p. 220).

Para o autor, é de fundamental importância que se procurem maneiras de promover o acesso e a continuidade da leitura não apenas nos anos iniciais de escolarização, mas também no ensino médio, através de ações que possibilitem que os jovens prossigam com suas práticas de leitura pelo resto de suas vidas e não apenas no período em que estão imersos na escola.

Esse fenômeno, de gradativo abandono do universo da leitura, na transição da infância para a juventude, ou mesmo na passagem da adolescência para a vida adulta, tem sido observado com muita recorrência no país, nos últimos anos, merecendo um permanente esforço de compreensão e a busca de ações que revertam o processo (CECCANTINI, 2009 p. 219).

Ceccantini (2009, p. 223) ressalta que, “superada a infância, um impulso de profunda socialização passa a balizar o cotidiano do jovem, modulando profundamente seus desejos, ações e visão de mundo.” Nessa perspectiva, deve-se considerar que a adolescência é uma fase de profunda socialização e que, com o intuito de promover a leitura nessa faixa etária, maneiras de aliar a leitura a essa necessidade de socialização tão característica da juventude precisam ser elaboradas.

Na sociedade atual, na qual diversos grupos sociais possuem acesso ao computador e à internet, modos variados de socialização da leitura foram criados para que esses leitores possam compartilhar e trocar experiências sobre as narrativas que leram. A interação

promovida por sites e *blogs* criados por leitores e fãs de diversas séries, como *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis* e mais recentemente a saga *Crepúsculo*, tem como objetivo partilhar experiências de leitura, promover discussões sobre as séries e seus personagens, divulgar notícias sobre os autores e, em alguns casos, sobre os atores que interpretam os personagens, como no caso dos livros que foram transportados para a linguagem cinematográfica. Além de sites e blogs dedicados exclusivamente ao mundo dos livros, alimentados e atualizados pelos fãs e admiradores dessas obras, existe um considerável número de comunidades e páginas dedicadas a essas narrativas em sites como *Facebook* e *Orkut*, que promovem a socialização dos indivíduos que fazem parte de suas comunidades. Nesses espaços virtuais, os leitores defendem suas escolhas literárias e procuram encontrar pessoas que partilhem das mesmas experiências e possuam a mesma relação de apreço por determinadas narrativas, formando grupos e compartilhando passagens favoritas, impressões dos livros e levantando hipóteses sobre o que acontecerá nos próximos livros da saga, quando estes ainda se encontram em fase de publicação. Um exemplo foi a publicação, no dia 10 de junho de 2013, de uma foto em uma página do Facebook com os seguintes dizeres: “Eu confesso que sempre quis que Harry e Hermione ficassem juntos”. Até o dia 14 do mesmo mês, a foto havia sido compartilhada com outros usuários 1.626 vezes e gerou 269 comentários dos fãs da série, todos expressando sua opinião em relação à postagem.

Outro aspecto de fundamental importância nessa necessidade de socialização dos jovens é a criação de *fanfictions*, histórias criadas por pessoas comuns a partir de uma obra já conhecida. No quarto capítulo desta dissertação, iremos abordar a criação desse tipo específico de narrativa de maneira mais aprofundada, mas é importante destacarmos esse aspecto de socialização promovida pelos *fanfictions*, na qual é importante escrever a história, mas também ter a sua história lida e comentada por outras pessoas, para que elas possam colaborar na construção da narrativa, compartilhando suas impressões. Aquele leitor isolado e que contempla a narrativa em completa solidão já não faz mais parte desse novo modo de leitura e seus protocolos. As histórias contadas nos livros logo caem na internet e provocam uma enxurrada de comentários, positivos e negativos.

No âmbito da leitura, em oposição à atitude do leitor isolado e contemplativo, fruindo sua obra serenamente numa doce solidão, podem ser tomados como exemplos significativos de práticas de leitura vinculadas à ideia de sociabilidade, fenômenos contemporâneos como os *fanfictions*, as séries ou mesmo determinados blogs, que tem na Internet seu suporte básico, ainda que presumam a leitura prévia

de obras por vezes calhamaçadas (como *Harry Potter* ou o *O Senhor dos Anéis*) (CECCANTINI, 2009, p. 224).

Portanto, o caráter socializador que a internet oferece aos leitores e internautas tem contribuído de maneira positiva na manutenção e captação de leitores. Se a esfera social, como debatida anteriormente, é um aspecto fundamental durante a adolescência, esses adolescentes podem encontrar na leitura e nas discussões que acontecem através desses sites e comunidades, uma maneira de estarem inseridos em um grupo e de abordar questões importantes não apenas dentro das narrativas, mas também encontrando pessoas que partilham os mesmos gostos e experiências.

Neste capítulo, procuramos problematizar alguns dos pressupostos teóricos e algumas das correntes de pensamento relacionadas à literatura e à literatura infantojuvenil. Dessa forma, de acordo com o que foi exposto, a literatura, assim como outras artes e outras áreas, é uma palavra de complexa definição. O que se entende por literatura, e em específico literatura infantojuvenil, é uma construção social e histórica, apresentando características que podem ser construídas e reconstruídas ao longo do tempo. Coelho (1997) contribuiu para nossa reflexão sobre literatura, afirmando que, como ela é uma construção humana, dificilmente conseguiremos chegar a um consenso sobre a sua definição. Nessa direção, no âmbito da literatura infantojuvenil, encontramos os mesmos questionamentos e a mesma delicada conjuntura, acrescentando-se a circunstância de que, nessa situação, questiona-se, inclusive, a existência de uma literatura exclusiva para crianças e adolescentes. Acreditando que a literatura destinada a crianças e jovens apresenta características próprias e diferenciadas da literatura destinada aos adultos, sem desconsiderar que algumas dessas obras conseguem transitar entre esses três públicos diferenciados, adotamos a postura de que essa literatura requer também um olhar diferenciado por parte de professores, pesquisadores, pais e bibliotecários.

O julgamento que se realiza a respeito da literatura também representa um importante ponto de reflexão. Para Hunt (2010, p. 38), “hoje podemos examinar o que apreciamos, em lugar de examinar o que devemos apreciar ou, no caso dos livros para criança, o que supomos que outras pessoas deveriam apreciar.” Entretanto, nem todos os pesquisadores e críticos de literatura partilham dessa mesma opinião, acreditando que são os únicos capazes de avaliar um livro, que essa avaliação é a única correta e que as pessoas, sejam elas crianças,

adolescentes ou adultos, deveriam ler apenas o que eles consideram como “boa” literatura. Márcia Abreu é uma das pesquisadoras brasileiras que defende que a concepção de “boa” literatura está intimamente relacionada com os referenciais e padrões culturais de uma elite literária e que esses padrões não podem ser generalizados para toda uma sociedade que, multifacetada, apresenta características e disposições literárias diversificadas. Dessa maneira, Abreu (2001) sugere que talvez fosse mais produtivo considerar as produções como diferentes e não melhores ou piores do que outras.

Uma concepção elitista de cultura torna invisíveis as práticas de leitura comuns. A delimitação implícita de um certo conjunto de textos e de determinados modos de ler como válidos, e o desprezo aos demais estão na base dos discursos que proclamam a inexistência ou a precariedade da leitura no Brasil. É leitor apenas aquele que lê *os livros certos*, os livros positivamente avaliados pela escola, pela universidade, pelos grandes jornais, por uma certa tradição de crítica literária, ainda que os critérios de avaliação poucas vezes explicitados, estejam vinculados a noções particulares de valor estético, de cidadania, de conhecimento (ABREU, 2001, p. 154).

Como mencionado anteriormente, Hunt (2010) acredita que existem três esferas legitimadoras da literatura: a escolar, a pessoal e a cultural, e nenhuma dessas deve ser privilegiada em detrimento das outras. Além disso, para o autor, “ao trabalharmos com crianças e livros, não podemos assumir os tipo de valores existentes na ‘alta cultura’ e na academia.” (HUNT, 2010, p. 31). Assim como Abreu, o autor argumenta que, trabalhando-se com esse destinatário específico, os critérios utilizados para realizar esse julgamento não podem ser idênticos aos empregados à crítica da literatura em geral. Outro aspecto abordado pelos autores é a concepção de que apenas o que foi legitimado pela academia é digno de ser lido por outras pessoas. Segundo essa concepção, “prisioneiros da ideia de que uma certa leitura de certos objetos é a única legítima, mantemos nossa ignorância sobre as práticas de leitura efetivamente realizadas” (ABREU, 2001, p. 154). Qualquer texto fora desses padrões é considerado uma literatura menor, um de um gênero inferior, impedindo que se conheça, de fato, o que atrai e agrada aos leitores, fazendo-os esconderem seus reais gostos e reafirmando o discurso aprendido na escola sobre o que devem apreciar. Nessa concepção

a escola ensina a ler e a gostar de literatura. *Alguns* aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que *quase todos* aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente do seu verdadeiro gosto pessoal (ABREU, 2006 p. 19).

O aparecimento dessa literatura destinada especificamente a crianças e jovens aconteceu principalmente com a publicação de textos hoje considerados como clássicos de nossa

literatura, como as fábulas de La Fontaine e a coleção de contos de Perrault. Um século mais tarde, encontramos as histórias dos irmãos Grimm. Apesar de, inicialmente, esses textos estarem vinculados à visão da criança como um adulto em miniatura, a publicação desses livros representou um marco na produção literária e transformou o que se produzia para crianças até então.

No Brasil, Monteiro Lobato foi a figura responsável por modificar e expandir as maneiras de se produzir e publicar literatura. Escrevendo narrativas que misturavam histórias consagradas mundialmente com o vasto e rico repertório de contos, lendas e folclore brasileiro, Lobato procurou produzir uma literatura repleta de elementos maravilhosos que conviviam em harmonia com a realidade narrada nas histórias e conseguiu formar considerável número de leitores.

Para os pesquisadores, a preocupação com a formação do leitor literário geralmente encontra-se associada a duas instituições: a família e a escola. Dentro do campo escolar, observa-se o aumento das práticas educativas voltadas para despertar e manter nos alunos o interesse pela leitura. Ceccantini (2009) ressalta que, apesar dos esforços nessa direção estarem apresentando bons resultados com a educação infantil e anos iniciais da educação básica, o mesmo não pode ser afirmado nos anos subsequentes de escolarização.

Os dados mostram que o simples fato de se ter despertado o gosto pela leitura nas séries iniciais, contando-se com leitores assíduos e motivados na infância, não tem sido suficiente para garantir a estabilidade desse comportamento em fases posteriores da escolarização (CECCANTINI, 2009, p. 222).

O que o autor observa é que existe um abandono gradativo das práticas de leitura com o avanço da escolarização e início da vida adulta. Portanto, apesar de o número de leitores estar aumentando a cada ano, como demonstrado anteriormente, existe ainda o grande desafio de estimular a leitura para além do tempo escolar, inclusive, quando se chega à idade adulta.

CAPÍTULO 2 – UM LIVRO E SUA CRÍTICA: PERCEPÇÕES SOBRE A SÉRIE HARRY POTTER

“Mas não é preciso que todos leiam da mesma forma. Não é preciso que todos gostem dos mesmos livros. Não é preciso, nem desejável, que todos tenham a mesma opinião sobre eles.”

(Márcia Abreu)

2.1 Cânone e Best-seller

No intuito de continuar a discussão sobre literatura e acrescentar a essa discussão novas perspectivas e novos elementos, faz-se necessário incluir nesse debate questões acerca de *best-sellers* e do que se convencionou chamar cultura de massa. A necessidade de se discutir esses temas é originada pelo fato de a série *Harry Potter*, foco de nosso estudo, rapidamente ter se transformado em um *best-seller*, embora, em seu primeiro momento, não tenha sido percebido, nem concebido, com essa finalidade. O primeiro volume da série foi recusado por agentes e diversas editoras até ser aceito para publicação pela *Bloomsbury Publishing*.

O que se compreende por *best-seller*, assim como já observado com o termo literatura, também é passível de debates e de uma falta de consenso entre pesquisadores. O termo tem sido responsável por discussões entre especialistas que se propõem a compreender esse tipo de literatura e auxiliar na sua caracterização.

Sodré (1985) procura diferenciar *best-seller* de literatura *best-seller*. Para o autor, a literatura *best-seller* é caracterizada como “todo tipo de narrativa produzida a partir de uma intenção industrial de atingir um público muito amplo” (1985, p. 75). Portanto, para o pesquisador, essa literatura é concebida desde o seu início como um produto elaborado com a intenção de se vender o maior número possível de exemplares, sem qualquer preocupação com a qualidade estética do texto. O autor também evidencia que “uma obra de literatura culta pode

tornar-se um *best-seller* (isto é, ter grande receptividade popular), assim como um livro de ‘massa’ pode ter sido escrito por alguém altamente refinado em termos culturais e mesmo consumido por leitores cultos” (*ibidem*: 6). Sodré também ressalta que escritores podem apresentar, em sua obra, livros considerados como “literatura culta” e também livros de “massa”. O autor cita o exemplo de José de Alencar com *Senhora* e *A viuvezinha* e também Machado de Assis, afirmando que *Helena*   consideravelmente diferente de *Dom Casmurro*. Dessa maneira, Sodré reforça que qualquer livro pode se tornar um *best-seller*, tendo sido escrito com essa finalidade ou não, mas que existem livros que são publicados com o intuito e com as características que se consideram necessárias para agradarem ao grande público. Nessa dire o, o pesquisador indica que, na literatura *best-seller*, o que importa são “os conteúdos fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade” (*ibidem*:15). O autor também procura caracterizar a literatura de massa através de “personagens fortemente caracterizados” (*ibidem*:16), da estrutura o do texto rica em diálogos e de uma explora o sistemática da curiosidade do público.

Lucas (1989, p. 65 *apud* BORELLI 1996, p. 139) analisa que esse tipo de produ o cont m, entre outros aspectos:

solu es narrativas e conteudísticas que atraem o grande público e auxiliam a vendagem. A própria publicidade, quer a externa, nos anúncios diretos ou indiretos, quer a interna, nas orelhas do livro, na quarta capa ou nos resumos dos catálogos, cuida de dar ênfase às virtudes míticas da obra.

Nesse sentido, Lucas (1989) também problematiza a questão da escrita de textos e narrativas baseados em conhecidas fórmulas e enredos que têm quase como garantido o seu sucesso de venda e a sua leitura em massa. O que Sodré e Lucas se propõem a evidenciar são algumas estratégias utilizadas na composi o dos textos que visam aproximar o leitor da história contada, por meio da retomada de temas e situa es conhecidas pelo público. Para além desses fatores, ligados essencialmente à narrativa do texto, Lucas (1989) ainda destaca o papel da publicidade adotada para promover tais títulos, ressaltando as características das obras.

Apesar de não entrar na questão do valor atribuído às obras e sua rela o com as questões de poder envolvidas nessa valora o, como fazem Abreu e Hunt, Sodré tem consciência de que

todo texto considerado como pertencente à literatura culta foi assim reconhecido por instituições legitimadoras da literatura, como a academia ou a escola, como pode ser observado no trecho abaixo:

Os textos que estamos habituados a considerar como cultos ou de grande alcance simbólico assim são institucionalmente reconhecidos (por escolas ou quaisquer outros mecanismos institucionais), e os efeitos desse reconhecimento realimentam a produção. A literatura de massa, ao contrário, não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e da procura, isto é, do próprio mercado (SODRÉ, 1985, p. 6).

Em contrapartida, a literatura de massa teria como único e exclusivo suporte as relações de mercado, a lei da oferta e da procura. Se os leitores estão gostando de bruxos, as livrarias são invadidas por livros que abordam bruxaria. Se os leitores gostam de vampiros, diversos títulos com essa temática são publicados, buscando-se suprir essa necessidade de leitura. Esse fenômeno foi observado com a publicação das séries *Harry Potter* e *Crepúsculo*, que fomentaram a criação e a difusão de livros com enredos muito semelhantes, ou ao menos inspirados, nos livros acima citados. O autor ainda completa a afirmação do trecho destacado alegando que “o circuito ideológico de uma obra não se perfaz apenas em sua produção, mas inclui necessariamente o consumo. Em outras palavras, para ser ‘artística’, ou ‘culta’, ou ‘elevada’, uma obra deve também ser reconhecida como tal” (*ibidem*: 6). Pode-se concluir, portanto, que o autor reconhece que existe uma ou mais instituições legitimadoras da literatura, mas não problematiza os fatores que tornaram essas instituições como as únicas que apresentam autoridade para validar as obras publicadas.

Como observado na introdução, Borelli (1997) problematiza o entendimento que se tem de *best-seller* como um produto de qualidade literária questionável, visto apenas como mercadoria, e que Sodré (*ibidem*: 73) caracteriza como um “tipo de texto cujo autor busca os grandes públicos, as multidões, sem se preocupar com a permanência ou sacralização da obra.” A autora destaca que, quando se pensa “em *best-seller*, evidenciam-se mais os contornos quantitativos que transformam o livro em produto de grande sucesso mercadológico” (BORELLI, 1997, p. 140). O que a autora procura problematizar, entretanto, é a conotação que os críticos adotam, em relação a uma obra que atinge alto número de vendas, classificando-a como de qualidade duvidável.

Prosseguindo a discussão sobre *best seller*, Aguiar (2005) procura problematizar e classificar o produto cultural de massa como

aquele que vem preencher as necessidades da demanda, não provocando alterações de comportamento, senão aquelas voltadas para determinado consumo induzido pelo objeto em foco. Em oposição à arte e à literatura em especial, já que discutimos o universo dos livros, as obras triviais satisfazem as exigências de mercado e não abrem perspectivas inovadoras, críticas e criativas, regendo-se pela repetição de fórmulas consagradas (AGUIAR, 2005, p. 14).

Para a autora, é necessário que a leitura desestabilize conceitos e concepções já formulados pelo leitor. Quando o leitor é levado a promover uma reordenação dos fatos e situações vividas através do inusitado, “saímos da leitura mais ricos do que quando entramos” (*ibidem*:14). Aguiar procura compreender a literatura de massa apontando como sua principal característica atender uma perspectiva mercadológica, voltada apenas para o consumo e que não se preocupa com a formação do leitor enquanto cidadão participante em nossa sociedade, restringindo suas publicações a obras que oferecem aos leitores a repetição de elementos e narrativas que garantam sucesso de vendas. Esse sucesso de vendas é consideravelmente relativo, uma vez que não se pode prever, de antemão, se um livro realmente conseguirá conquistar um grande número de leitores, mas o que podemos observar é uma tendência na repetição de certos temas. A partir do momento em que um livro atinge número de vendas expressivo, surgem no mercado diversos títulos com enredos semelhantes, buscando conseguir, através do sucesso da outra obra, vender mais alguns exemplares.

A convivência com *best-sellers*, ao contrário do que se imagina, não é um fenômeno de leitura do século XX ou XXI. Entretanto, a produção de uma literatura de massa, voltada para o consumo em grande escala, cresceu consideravelmente somente nas últimas décadas, instaurando o debate sobre a leitura de livros que são sucesso de vendas e que surgem acompanhados de uma série de outros produtos que alimentam a sua venda.

Esta discussão sobre literatura de massa ou *best-seller* vem sendo realizada em artigos de crítica literária que procuram, sobretudo, debater sobre o tema do ponto de vista da qualidade literária desses textos, pois o livro não é mais só o livro. Borelli analisou as condições de produção da série Harry Potter pela editora francesa Gallimard e concluiu que:

Um dos pontos em destaque nesse conjunto de mudanças diz respeito aos mecanismos de migração do livro para outras formas culturais, nas quais estão

envolvidos, além da palavra escrita, imagens e sons que resultam em produtos de perfil multimidiáticos e intertextuais: o livro vira filme, jogos eletrônicos, etc. (BORELLI, 2010, p. 385/386)

No artigo intitulado “A literatura e a versatilidade dos leitores”, Machado e Martins discutem algumas mudanças operadas nos últimos anos quanto ao conceito de leitura, no campo de discussões sobre a formação de leitores:

O que significa produzir leitura neste momento histórico, com todos esses artefatos culturais que convivem em permanente disputa? O que significa produzir leitura literária nesse contexto? O que significa formar leitores autônomos, sensíveis, críticos e, sobretudo, versáteis, face aos recursos a que esses leitores têm acesso, a fim de que construam cada vez melhores condições de acesso, especialmente para o conhecimento da arte? (MACHADO; MARTINS, 2011, p. 30).

As autoras concluem que a discussão das condições atuais da leitura de livros literários necessariamente deve incluir a discussão sobre as diversas mídias que com eles disputam o interesse de crianças, jovens (e acrescentamos aqui, de adultos). Na verdade, para esses leitores, não se trata de uma disputa, mas de uma convivência de linguagens em torno de um mesmo objeto cultural.

Em época de multiletramentos, as autoras alertam para o fato de que esses leitores são muitas vezes muito mais versáteis do que se imagina, daí concluem que professores e outros mediadores de leitura têm muito o que aprender com leitores que estão abertos a experiências que transitam bem de uma linguagem a outra, não isolando as produções culturais, entre as quais a literária, sob a forma de livro. Para Lignani (2004, p. 127), o papel do educador no processo de formação de novos leitores é fundamental, pois “o educador não receptivo às novidades que assediam o mundo infantil perde a oportunidade de interação em que acontece a aproximação de amizade, de cumplicidade que, às vezes, também, deve entrar como componente na relação professor/aluno.”

Portanto, estar aberto a novas experiências e à opinião dos alunos é de grande importância para a constituição de novos leitores. Se o professor estiver atento aos interesses dos alunos, ele poderá usar essas informações para se aproximar e sugerir outras opções de leitura que se assemelham ao que o aluno aprecia, ampliando o leque de leitura dos alunos e possibilitando que ele tenha contato com um número maior e mais significativo de obras literárias.

Não é possível, portanto, entender a leitura desses livros sem se levar em conta o complexo contexto de produção, circulação e recepção que os diferenciam das formas tradicionais de leitura da literatura.

Como apontado no capítulo anterior, um dos clichês atuais acerca da leitura é afirmar que os jovens não gostam de ler e que a leitura encontra-se atualmente em crise. Em contrapartida a essa afirmação, podemos encontrar dados de vendas, de pesquisas sobre os interesses de leitura, de comunidades virtuais da internet, que se contrapõem a essa ideia e que apontam um forte movimento de leitura provocado por livros como *Harry Potter*, objeto da nossa pesquisa, e *Crepúsculo*, para citar dois fenômenos editoriais recentes ocorridos também no Brasil. *Harry Potter* vendeu aproximadamente 450 milhões de cópias, e *Crepúsculo* 116 milhões, números nada desprezíveis que representam uma mobilização expressiva de leitores. A proporção e o alcance desses livros são impressionantes, e é necessário estudar os usos que essa nova geração, influenciada pelos *best-sellers*, fará da leitura, dando continuidade à sua formação literária.

A partir desse breve estudo sobre *best-sellers*, pode-se perceber que não existe um consenso sobre a definição desse conceito, com exceção de que ele está associado a produções que atingiram expressivo número de vendas. Nem todos os livros publicados são escritos com esse propósito específico, com o objetivo de se tornarem *best-sellers*, mas também não podemos afirmar que os autores escrevem obras literárias para ficarem nas prateleiras das livrarias.

O que parece ser consenso entre os estudiosos é que não existe uma fórmula mágica para se conquistar o público, apesar de existirem fórmulas consagradas que podem aumentar a possibilidade de se agradar aos leitores. O número de exemplares vendidos da série abordada exemplifica o poder de cativar leitores que um livro pode adquirir e o papel de professores e educadores, que podem e devem se aproximar dos alunos para perceberem e ampliarem o interesse dessas crianças e jovens pela literatura.

2.2 O que se diz sobre Harry Potter

“Devemos encorajar a leitura por todos os meios – inclusive a dos livros que o crítico profissional considera como condescendência, se não com desprezo, desde Os Três Mosqueteiros até Harry Potter: não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas.”

(Todorov)

O sucesso inesperado, pelo menos inicialmente, de *Harry Potter* provocou uma enxurrada de críticas, positivas e negativas, às aventuras do menino aspirante a bruxo. O primeiro livro da saga, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, completou em 2012 quinze anos desde a sua publicação inicial na Inglaterra, em 1997, e encantou crianças, adolescentes e adultos do mundo inteiro. Após sete livros e dez anos, a história de Harry chega ao fim, trazendo consigo números impressionantes. De acordo com o site da autora J. K. Rowling, além dos 450 milhões de exemplares vendidos, os livros foram traduzidos para 69 idiomas.

Uma obra capaz de conquistar esse expressivo número de leitores também atraiu atenção dos pesquisadores e acadêmicos que estudam literatura, gerando variadas respostas a essa então nova produção e, assim como outros produtos culturais, encontra-se distante de um consenso. Os críticos de literatura, assim como escritores consagrados da nossa literatura infantojuvenil, se dividem quando o assunto é *Harry Potter*. Dentre os pesquisadores que criticam a série como uma obra com pouca densidade literária e que não contribui para a formação de futuros leitores, encontram-se Harold Bloom e Marina Colasanti. Harold Bloom, em especial, busca combater a obra da escritora escocesa das mais variadas formas. Marina Colasanti, embora contra a obra em sua totalidade, percebe alguns aspectos positivos na série. Entre os que

acreditam que a série trouxe contribuições positivas para a literatura infantojuvenil, seja ela literária ou como potencial formadora de leitores, estão Pedro Bandeira, Isabelle Smadja, Ceccantini, Nelly Novaes Coelho, Jacoby, Lignani, Costa Val e Vera Aguiar. Esses pesquisadores e escritores se apoiam no que a obra tem de melhor a oferecer a seus leitores e intercedem a favor da série, levantando argumentos que justificam o interesse e a afeição dos leitores pelas aventuras de Harry.

Harold Bloom, no âmbito internacional, e Marina Colasanti, no âmbito nacional, são os mais ferozes combatentes da obra. Em artigos publicados no site LEIA BRASIL⁴, eles apresentam suas justificativas para desqualificarem o trabalho de Rowling. Entre seus argumentos, os que mais se destacam são a quantidade de clichês que os livros apresentam e o fenômeno de mercado como justificativa para o sucesso da coleção. Segundo esses estudiosos e conhecedores de literatura, esses livros são para vender, e não acrescentam em nada com sua leitura. Bloom questiona se é melhor que eles leiam Rowling do que absolutamente nada e se os leitores irão avançar de Rowling para prazeres mais difíceis, como Carroll, autor de *Alice no país das Maravilhas*, e Grahame, autor de *O vento nos salgueiros*. Marina Colasanti argumenta principalmente sobre a força de marketing empregada na venda dos livros, com os grandes lançamentos dos novos exemplares, sempre cercados de muito mistério e de eventos no mundo inteiro. Colasanti aponta que:

as poucas descrições e muitos diálogos, a linguagem oral e o ritmo acelerado, tornam os livros de Rowling palatáveis. Sem pausas, sem quedas na narrativa, vai emendando um fato no outro, levando o leitor a prosseguir na leitura. E termina como convém a livros de série, deixando a porta aberta para a próxima rodada (...) A repetição de modelos já explorados e testados é válida, e faz parte da fórmula para atingir o sucesso. Sabemos que as leituras novas, de fato novas, são mais exigentes, demandam mais atenção, convocando o leitor para um outro nível de empenho. Já a leitura daquilo que se conhece é rápida e fácil. Diverte, como diverte repetir jogos ou brincadeiras familiares. E a indústria do entretenimento, no qual o mercado do livro se insere, sabe disso (COLASANTI).

Como pode ser observado no trecho acima transcrito, a autora considera o texto do primeiro livro palatável, mas a maneira como a narrativa é conduzida, em uma sucessão de acontecimentos que dão ritmo à história, pouco acrescenta aos leitores, na opinião da escritora. Para ela, a retomada de elementos conhecidos do universo infantojuvenil de uma tradição literária consagrada possibilita a identificação do leitor com o texto lido, permitindo

⁴ <http://www.leiabrasil.org.br/> Acesso em 3 de julho de 2013.

que a leitura ocorra de maneira mais natural e sem grandes surpresas, garantindo o sucesso da obra. A autora chega a sentir falta da sereia, personagem que não aparece no primeiro livro da série, mas que mais tarde, no livro *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, quarto volume da série, será apresentada aos leitores, inicialmente em um quadro no banheiro dos monitores e com a imagem que tradicionalmente conhecemos de uma bela mulher, e mais adiante na narrativa, quando o herói das histórias entra no lago que fica no terreno da escola e encontra seres fisicamente diferentes da figura presente no quadro e mais próximo da imagem da sereia que encanta e seduz os homens para depois devorá-los. A única diferença, na previsão de Colasanti, é que a sereia não sai da barriga do cavalo de Troia.

A escritora também traz para nossa reflexão a falta de apoio ao lançamento de livros brasileiros, e gostaria que o mesmo entusiasmo aplicado a *Harry Potter* fosse dedicado aos autores nacionais. De acordo com Machado (2009), *Harry Potter* foi considerado também no Brasil um fenômeno editorial, mobilizando não somente leitores jovens, como também crianças e adultos. Com uma campanha arrebatadora, seu sucesso seria explicado em grande parte por suas estratégias de *marketing*. Cada novo livro publicado era acompanhado de diversas promoções e eventos. Livrarias abriam à meia noite para começarem a vender os livros a inúmeras crianças, jovens e também adultos que esperavam ansiosos para colocarem em suas mãos as novas aventuras do bruxinho e, enquanto aguardavam ansiosamente a chegada da meia-noite, ao contrário da Cinderela, diversas atividades eram promovidas nas livrarias, para manterem entretidos os ávidos leitores.

Além de Colasanti, outra escritora brasileira de renome que partilhou suas impressões sobre a obra de Rowling foi Ana Maria Machado. Em citação de Ceccantini (2005), a autora critica a obra como um livro com pouca originalidade literária e que retoma elementos já bem conhecidos da literatura mundial. Entretanto, para a autora, a série apresenta seus pontos positivos:’

qualquer livro que atraia a criançada para a leitura deve ser recebido de braços abertos. E é inegável que a série Harry Potter é bem construída, dosa bem [...] os clichés todos, tem ótimo ritmo e é muito gostosa de se ler, mesmo sendo previsível aqui e ali (MACHADO, 2001 *apud* CECCANTINI, 2005, p.29).

Em linhas gerais, pode-se concluir, pela citação acima, que Ana Maria Machado apresenta uma interpretação mais branda do que a de Colasanti e Bloom. Para a escritora, apesar de o

livro estar recheado de clichês, como o garoto órfão maltratado pelos tios, a luta entre o bem e o mal, os personagens divididos, ao menos inicialmente, entre bons e maus são alguns dos aspectos abordados nas obras e que, na visão desses estudiosos, diminuem o valor do texto literário.

Entretanto, apesar dessa visão pessimista de uma parte da academia, Pedro Bandeira, Walnice Nogueira Galvão e Isabelle Smadja, destacados por Ceccantini (2005), são críticos que aprovam *Harry Potter* e reconhecem seus méritos na formação de novos leitores. Bandeira (2000) argumenta positivamente a favor da série, afirmando que o seu sucesso provém do profundo conhecimento que a autora tem dos conflitos e aflições que as crianças, em especial os pré-adolescentes, enfrentam. Para o escritor, Rowling “sabe o que pensam, imaginam e sonham esses pré-adolescentes e lhes oferece um prato cheio de modelos com os quais eles podem se identificar.” Essa seria, para ele, uma das principais razões para a série ter conquistado tantos leitores, em todo o mundo.

Entre outros argumentos, esses críticos da literatura destacam como elementos que ajudaram no sucesso da série a capacidade da autora dos livros de seduzir leitores, como acima exemplificado, e, ainda, a valorização da razão, do saber e do conhecimento e a intertextualidade apresentada nos livros de Rowling. Se, por um lado, Bloom e Colasanti creditam isso ao uso de clichês e a repetição de fórmulas já consagradas, esses autores acreditam que o uso da intertextualidade, presente em grandes proporções por meio da retomada de contos de fadas – o espelho da Branca de Neve, que, na versão de Rowling, é chamado de Espelho de Osejed, tem o poder de refletir aquilo que a pessoa que o contempla mais deseja - e de personagens e histórias mitológicas - como a presença, no primeiro livro, do cão de três cabeças Cérbero, que na história guarda a porta de um alçapão que leva até a pedra filosofal, outro elemento também conhecido e retomado pela autora - é um ponto positivo dos livros da escritora britânica. Através dessa retomada de personagens e histórias clássicas, talvez atualmente esquecidas ou abandonadas por esses leitores, a autora desperta-lhes a curiosidade e abre um mundo de possibilidades. Quantas crianças, antes de *Harry Potter*, sabiam quem era Nicolau Flamel? Mesmo com a releitura de Rowling sobre a história do alquimista, o principal se manteve: ele teria criado a pedra filosofal e possuía a fórmula para fabricar e transformar qualquer metal em ouro. Atualmente, muitas crianças do mundo inteiro sabem quem foi Nicolau Flamel ou, pelo menos, a lenda em torno de seu nome.

Coelho (2005) reflete sobre o uso desses personagens e de histórias que fazem a tradição literária e que são, portanto, conhecidos do grande público, e conclui:

outros críticos veem na série Harry Potter uma trama feita de clichés e de ‘gente conhecida’, habitantes dos contos de fada. Na verdade, é desse húmus arcaico que a sua matéria novelesca se alimenta e os tais ‘clichés’ são, na realidade, arquétipos, modelos de pensamento e ação, preexistentes na alma humana que Jung, ao descobrir e analisar, mostrou como componentes do que ele chamou de ‘inconsciente-coletivo’ – estruturas psíquicas quase universais. São uma espécie de consciência coletiva e que se exprimem numa linguagem simbólica de grande poder energético, que une o individual ao universal (COELHO, 2005, p. 57/58).

Para a pesquisadora, esse corpus da literatura, consagrada nos contos de fada, na mitologia grega e romana, e nas próprias lendas e crenças populares, encontra-se impregnado no subconsciente das pessoas, fazendo parte das referências e do amplo conhecimento cultural construído através dos séculos, e sua retomada pela autora da série não representa um ponto negativo e sim uma forma de apresentar esse contexto e essa bagagem literária cultural aos novos leitores que a série conseguiu cativar. Bandeira (2000) busca desqualificar a premissa de que o livro tenha sido bem sucedido no número de vendas por abordar o tema da magia e do esoterismo, consideravelmente frequente na literatura atual, ressaltando que:

O segredo desse gol de placa é o profundo conhecimento que a autora possui da psicologia das crianças a quem pretende agradar: a faixa entre 9 e 12 anos, uma ponte insegura que separa a infância, quando todo mundo é “uma gracinha”, da adolescência propriamente dita, quando se descobre que os adultos não sabem “naaada” da vida (BANDEIRA, 2000).

Portanto, para Bandeira, o livro dialoga bem com os seus interlocutores, em especial, crianças e pré-adolescentes, para os quais ele foi escrito, mas não se restringindo a eles. Os livros da coleção abordam temáticas que, apesar do contexto específico e diferenciado (afinal, nenhum de nós frequenta uma escola de magia, para grande insatisfação e tristeza de muitos desses leitores), refletem relações sociais e conflitos pertinentes à vida cotidiana desses sujeitos, como o *bullying*, um professor carrasco da escola que sempre defende seus protegidos, a infração de regras e suas consequências, o aluno desastrado e esquecido, a gangue do mal que aterroriza os outros alunos e assim por diante. Dessa forma, o leitor se identifica com os personagens e com as situações narradas, aumentando a empatia pelo herói da história e suas aventuras na luta contra o mal.

Retomando-se a questão do *marketing*, citado por Colasanti e defendido por tantos outros críticos e pesquisadores como o grande responsável pelo sucesso da série, percebemos a necessidade de procurar outras fontes que pudessem nos auxiliar na compreensão das estratégias de venda dos livros. Jacoby (2005) critica a teoria de que apenas o marketing explicaria o sucesso alcançado pela série:

Que a mídia tivesse influenciado uma parte dos leitores na aquisição do primeiro volume, passa, mas, ainda assim, resta o trabalhoso exercício de vencer quase trezentas páginas de leitura para quem estaria sendo motivado apenas pela curiosidade ou modismo (JACOBY, 2005, p. 108).

Jacoby (2005) contesta diversos argumentos levantados e defendidos por Harold Bloom. A autora critica, principalmente, a concepção de superioridade de Bloom, que parece desconsiderar a opinião dos próprios leitores e prefere ele mesmo eleger o que deve ser lido pelo público infantojuvenil. A autora ainda relembra o exemplo de *O mágico de Oz*, que, à época de seu lançamento, foi considerado como um livro de linguagem muito simples e que rapidamente se tornou um sucesso entre os públicos infantil e adulto, e que hoje é considerado um grande clássico da literatura norte americana. Costa Val, em citação feita por Ângela Lignani, (2004, pag. 125), partilha da mesma opinião, trazendo para nossa reflexão aspectos relativos à intertextualidade presente nas obras e o papel das estratégias de marketing empregadas na divulgação dos livros:

Quando autor intelectual e impopular junta e refaz material alheio, é intertextualidade, é chic, é arte. Quando um livro que agrada o grande público o faz, é 'material literário de segunda mão'. Nenhum locutor é Adão bíblico, já dizia Bakhtin. Se o livro fosse chato, não haveria estratégia de marketing que fizesse ele sair das prateleiras. Em vez de criticar, seria melhor pensar em estratégias de marketing para vender melhor outros bons autores infantis (...) Deixa os meninos ler, gente! Para de implicar, de achar ruim porque o povo tá lendo! Que coisa mais de cabeça pra baixo!" (Maria da Graça Costa Val, apud LIGNANI, 2004, p.125).

O trecho acima destacado reflete bem a maneira como a leitura e a literatura têm sido encaradas por alguns críticos de literatura. Costa Val busca problematizar exatamente o que Colasanti e mais especificamente Bloom caracterizam como ponto fraco das histórias narradas, ou seja, a intertextualidade, ou, como eles dizem, os clichês presentes nas obras. Interessante observar que Costa Val chama de intertextualidade o que Bloom classifica como clichê, o que mostra a diferença de percepção e de julgamento desses pesquisadores. No entendimento de Costa Val, percebem-se julgamentos diferenciados de uma mesma temática, no caso, da intertextualidade. Se o autor é reconhecido e consagrado na literatura, o uso que

ele faz de elementos e histórias já conhecidos do público é “arte”. Quando alguém desconhecido o faz, é apropriação de obra alheia da pior qualidade. Costa Val coloca em evidência que o julgamento que se faz de uma obra, como relatado no capítulo anterior, reflete diversos aspectos que se encontram além da obra literária e estão impregnados de valores e referências culturais, de acordo com alguns parâmetros e concepções que, por vezes, não fazem parte da bagagem cultural de todos os indivíduos, encontrando-se restritos a uma parcela da sociedade.

A autora também relembra a questão do *marketing*, não considerando que as ações adotadas para se promover uma obra sejam prejudiciais e, assim como Colasanti, gostaria de ver as mesmas técnicas empregadas para promover a venda de outros livros infantis que são considerados bons pela crítica. Para Costa Val, uma das consequências mais importantes dessa estratégia de venda é ter despertado nos leitores, ao menos inicialmente, a vontade de ler livros e se divertir realizando tal atividade. Afinal, mesmo com todos os incentivos recebidos para promover e aumentar as vendas, os livros não apresentam gravuras e são consideravelmente mais volumosos do que o que até então se publicava para o segmento infantojuvenil, exigindo um esforço e uma dedicação por parte do leitor que apenas o *marketing* não conseguiria promover.

Vera Teixeira Aguiar (2005, p. 11) também compartilha a sua impressão sobre a relação das estratégias de publicidade adotadas com o sucesso que os livros atingiram, não apenas de vendas, mas também de público:

Não resta dúvida de que há, desde o início, um sistema promocional que facilita o trânsito das obras e, desde o primeiro volume, existe um empenho muito grande de editores, distribuidores e livreiros esforçando-se no sentido da visibilidade do produto oferecido para consumo. Esse trabalho é, seguramente, recompensado, mas, por si só, não justifica todo o êxito dos textos junto, principalmente, ao público infantil.

Na perspectiva de Aguiar, assim como para os outros autores citados anteriormente, as estratégias empreendidas para a comercialização dos livros da série aumentaram a sua visibilidade e contribuíram para o sucesso que a obra alcançou entre jovens, crianças e adultos. Entretanto, creditar toda a aceitação e sucesso que a obra atingiu apenas considerando-se esse elemento é uma conclusão equivocada, uma vez que existem diversos outros fatores envolvendo a aceitação de um produto cultural.

Lignani (2004) ressalta que, mais importante do que as estratégias utilizadas na divulgação dos livros, foi o fato de que os leitores gostavam da história que liam nos livros e ficavam ansiosas até a publicação da aventura seguinte, que, em alguns casos, chegou a uma espera de até dois anos.

O fato que se agrega a essa questão do marketing é que as crianças gostaram do que leram. Muitos pais se viram surpreendidos com o comportamento dos filhos que trocaram a televisão e o videogame pela companhia do livro. Alguns nunca haviam lido um livro mais extenso ou sem ilustrações (LIGNANI, 2004, p. 121).

De fato, se o livro não tivesse agradado a seu público inicial, já que depois ele ultrapassou a classificação inicial criada pelos editores, passando a figurar também nas leituras de jovens e adultos, promovendo inclusive a publicação dos livros com capas diferenciadas para este público, ele dificilmente teria alcançado a condição de *best-seller*. Apesar de o livro estar impregnado de elementos que Colasanti e Bloom caracterizam como clichês e de uma repetição de contos de encantamento já conhecidos do público, Rowling foi capaz de buscar inspiração nesses elementos e construir uma nova história que cativasse seus leitores. Ceccantini (2005) também esboça uma análise do fenômeno e sua conseqüente transformação em um *best-seller* na mesma direção que Lignani (2004), Jacoby (2005), Aguiar (2005) e Costa Val, como pode ser verificado no trecho abaixo:

No que concerne a arregimentar jovens e novos leitores, Harry Potter tem sido exemplar. Por mais que, a partir de um determinado momento, tenha podido contar com um *marketing* agressivo e globalizado para essa empreitada, como denunciou Colasanti, não se pode menosprezar o fato de que a alentada carreira literária da série teve no início um azarão – de livro rejeitado por vários editores transformou-se num *best-seller* a toda prova (CECCANTINI, 2005, p. 49).

O autor destaca que a série constituiu um importante elemento na formação de novos leitores, uma vez que conseguiu despertar o interesse e a curiosidade de diversas crianças e jovens para o mundo da literatura, até então renegado por esse público e preterido a outras atividades de lazer, como o vídeo game e a internet, com sua infinidade de jogos e de sites que possibilitam a interação entre os internautas. Nesse complicado e complexo contexto no qual a literatura era uma atividade quase que exclusivamente escolar, encontrar leitores entusiasmados com uma obra literária volumosa e dispostos a partilhar sua experiência enquanto leitor e sua percepção da história narrada foi um acontecimento inesperado na nossa sociedade atual.

Pode-se perceber, pelos argumentos apontados por esses pesquisadores, que as narrativas que contam a trajetória do personagem principal e seus amigos na luta contra o mal não podem ser desconsideradas quando se pensa em literatura infantojuvenil. Apesar dos argumentos levantados por Bloom e Colasanti de que a série é uma coleção de clichês e que seu sucesso está relacionado exclusivamente com as estratégias de *marketing* empregadas para promover os livros, esses argumentos não são verdadeiros ou suficientes para explicar o interesse que os livros despertaram.

Coelho (2005) analisa a obra da escritora escocesa como uma importante contribuição para a literatura infantojuvenil, capaz de reinventar e recriar personagens e histórias clássicas, destacando que:

A série Harry Potter oferece-se como uma pequena obra-prima de construção literária, pela arte da escrita de J. K. Rowling. Arte-fusão de uma ampla *cultura* histórico-mítico-literária (de que é tão rico o imaginário anglo-saxão), transfigurada pela imaginação incomum da autora (Coelho, 2005, p. 59).

Como podemos observar, Coelho defende e valoriza a obra de Rowling, destacando o uso da cultura anglo-saxã para a construção de uma narrativa que atraiu os leitores por meio de uma releitura cultural e também da inserção desses aspectos na obra, contribuindo para a ampliação e a expansão dessa cultura pela retomada de diversos personagens e contos pertencentes aos clássicos literários.

Para Paulino (2007), é preciso tempo para analisar se esses livros continuarão integrando somente os catálogos de *best-sellers* ou se irão para o que a autora chama de *Long Sellers*, livros que ultrapassam gerações e continuam fazendo sucesso até hoje, como o caso ocorrido com Gabriel Garcia Marques, que desde 1967 alcança grande sucesso de vendas e de críticas positivas dos estudiosos de literatura.

Entre opiniões diversas sobre a qualidade literária dos livros, Rowling conquistou diversos prêmios destinados a escritores e a sua contribuição para a literatura. Um ponto interessante a ser observado, como destaca Borelli (2005), é a variedade de instituições que premiaram Rowling, incluindo-se nessa lista instituições “vinculadas ao mercado de bens simbólicos, como, por exemplo, The Bookseller Author of the Year, Publishers Weekly Best Book of the Year...” (p. 45). Entretanto, alguns outros prêmios recebidos pela autora legitimam, de certa

maneira, o seu trabalho. Borelli (2005) apresenta resumidamente alguns desses prêmios, entre os quais estão: Scottish Arts Council Children's Book Award, Prêmio Príncipe de Astúrias e Laurea honoris causa e Member of the Order of the British Empire. Além desses prêmios, Rowling ganhou o Hans Christian Andersen Literature Award⁵ em 2010.

Entre os diversos estudiosos de literatura que defendem Harry Potter, o bibliófilo José Mindlin apontou, em entrevista à *Folha de São Paulo* (2009), que conhecia “muitos jovens que leram ‘*Harry Potter*’ sem que isso tivesse prejudicado outras leituras, inclusive a de Machado de Assis. A leitura é um processo automultiplicador, não existem regras rígidas para desenvolver o hábito.” Pode-se inferir que, para Mindlin, a leitura como um processo automultiplicador pode ter seu início através da leitura dos livros da série, e isso não prejudicaria a continuidade da formação do leitor literário. Os leitores poderiam, sim, passar de *Harry Potter* a obras mais complexas ou consideradas mais apropriadas pelos críticos de literatura. Poderiam transitar de Potter aos cânones da literatura, sem se esperar uma progressão linear dessa leitura, se fossem estimulados a continuar sua formação enquanto leitores de maneira mais apropriada, principalmente no que se refere às práticas de leitura literária promovidas pelas instituições escolares. Na perspectiva crítica de Abreu (2001, p. 155), “os livros lidos por muitos não servem; bons são aqueles que poucos leem, menos entendem e menos ainda gostam. O trabalho escolar tem difundido o discurso da não-leitura muito mais do que contribuído para a reflexão sobre as práticas de leitura.” Dessa forma, a autora procura problematizar o ensino de literatura nas escolas direcionado apenas para a leitura de obras canônicas e clássicas, hábito que diversas vezes resulta na criação de uma aversão por parte dos leitores às obras literárias, ocasionando o eventual desinteresse pela leitura e fazendo com que os únicos livros lidos pelos alunos, quando eles realmente leem, sejam aqueles indicados obrigatoriamente pelos professores.

João Luís Ceccantini (2005, p. 51) reitera essa oportunidade de se conquistar novos leitores a partir da obra, afirmando que a capacidade de cativar leitores que a série conseguiu conquistar não pode ser desprezada e que esses livros são “uma chance de praticar a negociação de leituras”. Portanto, por que não aproveitar essa oportunidade e oferecer aos leitores novas

⁵ Segundo o site da premiação, o objetivo do prêmio é celebrar a influência do escritor dinamarquês em outros autores do mundo. Não deve ser confundido com o Hans Christian Andersen Medal, que foi concedido em 2010 a David Almond.

histórias, ao invés de se criticar e considerar como inferior a leitura realizada? Como destaca Aguiar:

A coleção funciona como um conto de fadas moderno, para o qual os problemas existem, mas seguramente podem ser resolvidos. A mensagem otimista de mundo que transmite atinge as crianças e os adultos, sobretudo porque a injustiça, a violência, a guerra, a disputa e o ódio não são banalizados, como no dia a dia contemporâneo. Ao contrário, todos os males são importantes e devem ser enfrentados e resolvidos (AGUIAR, 2005, p. 18).

Finalmente, o foco deste capítulo foi trazer para nossa reflexão o que se compreende por *best-seller* e os diversos tipos de resposta que os livros de *Harry Potter* trouxeram por parte de críticos, pesquisadores e escritores de literatura. Dentro dessa perspectiva, entendemos que, em linhas gerais, *best-seller* é toda obra que conquistou um número considerável de vendas, escrito com esse propósito ou não. É também importante ressaltar que, geralmente, os *best-sellers* são vistos com desdém pela crítica literária, como se fosse sinônimo de má qualidade literária. Essa afirmação é questionada por Borelli, que argumenta que nem sempre esse tipo de publicação apresenta características inferiores às da literatura culta. No que se refere à crítica de *Harry Potter* em particular, pudemos perceber que, apesar da crítica de algumas pessoas de renome no meio acadêmico e editorial, a grande maioria dos estudiosos de literatura vê com bons olhos a coleção que foi capaz de despertar em tantas pessoas a vontade de ler. Enquanto alguns pesquisadores acreditam que o sucesso de Rowling foi conquistado por estratégias de *marketing* e pelo uso de fórmulas já consagradas da literatura infantojuvenil, outros defendem que, apesar das estratégias de publicidade terem contribuído para esse sucesso, ela não explicaria a adesão em massa de leitores e nem teria o poder de fazer os leitores se debruçarem sobre obras cada vez mais extensas e desafiadoras. Com relação ao uso de elementos já conhecidos das histórias maravilhosas, contos de fada e mitologia, esses pesquisadores também acreditam que o uso da intertextualidade é um ponto positivo da narrativa, que conseguiu reunir diversos personagens e objetos conhecidos de parte do público, dando-lhes um novo sentido e apresentando-os a uma geração que, até então, não tinha contato com parte deles.

CAPÍTULO 3 – PARA ENTENDER A LONGEVIDADE DO INTERESSE POR HARRY POTTER

Of course it is happening inside your head, Harry, but why on earth should that mean that it is not real?

(Albus Dumbledore)

Neste capítulo, procuramos analisar os dados sobre os empréstimos realizados pela Biblioteca Pública Luiz de Bessa Divisão Infância Juvenil, que conta com um bom acervo da obra de Rowling, e é o local onde o encontro “Manhã com Harry Potter” foi realizado. Além disso, buscamos verificar quais são os outros livros de interesse das crianças e jovens que frequentam esse espaço, observando, além dos livros pertencentes à coleção, outros livros que configuram entre os mais emprestados pela biblioteca.

Na segunda parte do capítulo, buscamos trazer experiências que ultrapassaram a barreira dos livros, possibilitando aos leitores continuar a troca de experiências e o diálogo sobre essa coleção que conquistou milhares de leitores e faz parte da infância de vários deles. Para isso, trouxemos as experiências proporcionadas pelo site *Pottermore*, desenvolvido pela autora e que oferece diversas oportunidades de interação entre os leitores e usuários do site; pelo parque temático inaugurado nos EUA; pela visita aos estúdios do filme e também pela Associação Internacional de Quadribol, que anualmente promove a Copa do Mundo de Quadribol. Com esses exemplos, pretendemos mostrar que, apesar dos livros e da versão cinematográfica terem chegado ao fim, diversos outros suportes continuam a promover e manter nos leitores o interesse pela obra e pela releitura dos livros de *Harry Potter*.

3.1 O que os empréstimos na BIJU têm a nos dizer

Previamente à aplicação do questionário ao grupo de leitores de Harry Potter, foi realizado um levantamento de dados no sistema da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil – BIJU. Em dezembro de 2011, o acervo da biblioteca contava com o seguinte número de exemplares disponíveis para cada obra (para evitar-se a repetição, será omitido o título comum a todos os livros: *Harry Potter*, apresentados aqui por ordem de lançamento): *e a Pedra Filosofal*, 11 exemplares; *e a Câmara Secreta*, 9 exemplares; e *o Prisioneiro de Azkaban*, 4 exemplares; *e o Cálice de Fogo*, 6 exemplares; *e a Ordem da Fênix*, 4 exemplares; *e o Enigma do Príncipe*, 8 exemplares; *e as Relíquias da Morte*, 8 exemplares. Como se pode perceber, o acervo disponível para empréstimo dos livros da série pela biblioteca é consideravelmente expressivo, possuindo até onze exemplares de um mesmo volume. Em apenas duas situações, o número de exemplares disponíveis para empréstimo foi inferior a cinco. À época, dada a intensa procura pelos frequentadores da biblioteca, os livros ficavam em uma área especial, atrás do balcão dos bibliotecários, para facilitar e agilizar o processo de empréstimo. Além disso, a biblioteca contava com alguns exemplares em língua inglesa e espanhola.

Buscando-se no sistema da biblioteca o registro de títulos mais emprestados desde 2004, quando o sistema foi informatizado, encontramos os livros da série entre os 15 mais emprestados, dos quais cinco livros, de um total de sete, ocupavam as seis primeiras posições. É importante lembrar que, em 2004, cinco livros da coleção já haviam sido publicados, e o sexto livro, *Harry Potter e o enigma do Príncipe*, foi adquirido apenas em dezembro de 2005.

Título <i>Harry Potter e...</i>	Mês/ ano de publicação no Brasil	Mês/ano de aquisição pela BIJU
<i>A Pedra Filosofal</i>	Abril/2000	Dezembro/ 2000
<i>A Câmara Secreta</i>	Agosto/2000	Dezembro/ 2000
<i>O Prisioneiro de Azkaban</i>	Novembro/2000	Março/2001
<i>O Cálice de Fogo</i>	Junho/2001	Agosto/2001
<i>A Ordem da Fênix</i>	Novembro/2003	Junho/2004
<i>O Enigma do Príncipe</i>	Novembro/2005	Dezembro/2005
<i>As Relíquias da Morte</i>	Outubro/2007	Novembro/2008

QUADRO 1 - Publicação dos livros Harry Potter no Brasil e aquisição pela BIJU.

Alguns títulos da série, portanto, demoraram a ser incorporados ao acervo da biblioteca. O quadro da página anterior ilustra melhor essa relação entre o lançamento dos livros e a aquisição pela BIJU. Os dados sobre a data de publicação dos livros foram obtidos na versão brasileira do site da autora.

Interessa observar, no quadro acima, o intervalo entre a publicação e a aquisição, comportamento que pode ser entendido como uma resposta da biblioteca a uma demanda instalada, mas que nem sempre pode ser atendida (os fatores que levam a isso escapam a esta pesquisa).

De acordo com as informações do relatório de empréstimos, o livro mais emprestado da divisão infantojuvenil até o dia vinte e três de agosto de 2012 foi *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, totalizando 800 empréstimos; em segundo lugar aparece *Harry Potter e a Câmara Secreta*, com 646 empréstimos; em quarto lugar aparece o terceiro livro, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, com 534; em quinto lugar, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, com 482; em sexto lugar, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (sexto livro publicado pela autora), disponibilizado em dezembro de 2005, com 471 empréstimos; na oitava posição, *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (quinto livro da série), adquirido em junho de 2004, com 383; e em décimo quinto lugar na lista de livros mais emprestados, encontra-se *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, disponibilizado em novembro de 2008, com 272 empréstimos.

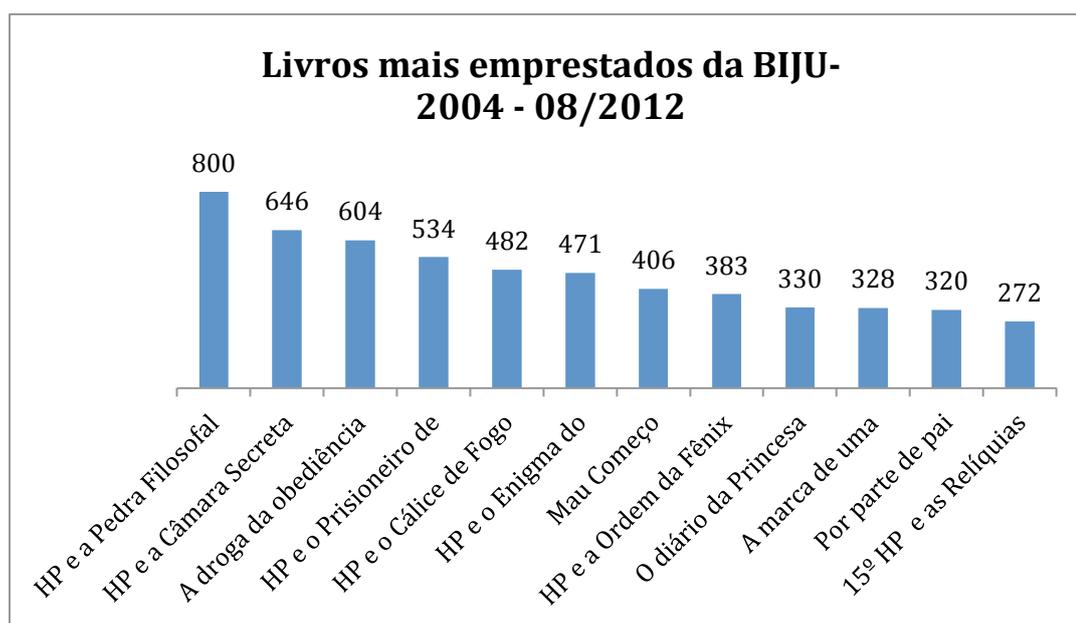


GRÁFICO 1: Livros mais emprestados da BIJU.

O gráfico acima apresenta os onze títulos mais retirados da biblioteca, acrescido do último título da série, destacando-se que ele não se encontra entre os onze livros mais emprestados. Com o intuito de facilitar a leitura dos gráficos elaborados para este capítulo, o prefixo comum a todos os títulos da série Harry Potter foi substituído por HP, seguido do restante do título da coleção.

Percebe-se, neste breve levantamento, e de acordo com o gráfico acima, um decréscimo no que diz respeito à procura pelos livros recém-lançados. Salvo algumas raras exceções, o número de empréstimos da série é inversamente proporcional à publicação dos livros, ou seja, quanto mais recente, menor o número de empréstimos. Uma das hipóteses levantadas para o decréscimo do número de empréstimos é o tempo de espera entre a publicação do livro e a chegada dele às estantes da biblioteca. O último livro, como apontado no QUADRO 1, integrou o acervo da biblioteca somente um ano após o seu lançamento no Brasil.

Como abordaremos com mais detalhes no próximo capítulo, os lançamentos dos livros da série provocaram uma corrida às livrarias não apenas no Brasil, mas também em diversos países do mundo e, provavelmente, os leitores que acompanharam as aventuras do bruxinho, desde o seu lançamento, não esperaram os títulos serem disponibilizados para empréstimo na biblioteca para lerem o próximo volume, em especial, o último, que relata o desfecho da série. Portanto, é natural que o número de empréstimos de *Harry Potter e as Relíquias da Morte* seja inferior aos outros títulos da série, uma vez que os fãs não iriam se contentar em esperar mais um ano para ler a aventura final de Harry. Outro detalhe importante é que os dados começaram a ser coletados em 2004, o que representa que os três primeiros títulos da coleção estavam à disposição do público há 9 anos, enquanto o último livro da série estava disponível para empréstimo há apenas 4 anos, o que representa uma diferença significativa.

Esses números podem parecer, à primeira vista, desmotivadores, quando pensamos que esses empréstimos se referem à totalidade de empréstimos em 9 anos, mas com uma análise mais profunda do relatório de empréstimos, percebemos a dimensão e a capacidade de conquistar leitores que a série inicialmente oferece.

O primeiro título que não pertence à série Harry Potter e que aparece na lista é *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira, que vem em terceiro lugar, com 604 empréstimos. Outro

brasileiro com uma tímida aparição na lista, em décimo primeiro lugar, é o escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, com o livro *Por parte de pai*, totalizando 320 empréstimos. *A droga da obediência*⁶, primeiro livro da série Os Karas, foi publicado em 1984 e conquistou destaque considerável na lista dos mais emprestados. O título em questão faz parte de uma série de aventuras narradas pelo autor que contam a história de cinco amigos, entre eles, uma menina, que fazem parte de uma sociedade secreta e sempre se envolvem em algum tipo de aventura e mistério. O primeiro livro da coleção relata as aventuras dos amigos tentando solucionar o sequestro de alunos nas escolas de São Paulo, quando um dos meninos do grupo é sequestrado pelo Doutor Q.I. Os outros títulos de Bandeira que fazem parte da série, embora não apareçam entre os mais emprestados de cada ano, são: *A droga do amor*, *Anjo da morte*, *Droga de americana!*, e *Pântano de sangue*.

O terceiro título mais emprestado pela biblioteca, que não faz parte da série Harry Potter, é o primeiro livro da coleção *Desventuras em Série*, do autor Daniel Handler, publicado com o pseudônimo de Lemony Snicket. O livro em questão, *Mau Começo*, publicado nos Estados Unidos em 1999, conta as aventuras de três irmãos que, após ficarem órfãos, são deixados sob a tutela de um parente distante, que faz de tudo para roubar a herança das crianças. Ao todo, a série possui 13 livros e, apesar de ser mais recente do que *Harry Potter* e de também ter sido adaptado para as telas de cinema, não conseguiu atingir o mesmo patamar de sucesso alcançado pela obra de Rowling. Contando com 406 empréstimos, *Mau Começo* conquistou aproximadamente metade do número de leitores de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Todos os 13 títulos de *Desventuras em Série* aparecem entre os mais emprestados da biblioteca, mas com números bem menos expressivos. O décimo terceiro livro, último da coleção, encontra-se na sexagésima nona posição, com 105 empréstimos. O mesmo tipo de padrão se repete com *Harry Potter* e *Percy Jackson e os Olimpianos*, já que o último livro da série conta com o menor número de empréstimos.

Quando passamos a analisar o relatório de empréstimos ano a ano, temos a confirmação de que a série *Harry Potter* desempenhou e continua desempenhando um importante papel na leitura dos jovens. Do ano de 2004 até 2012, o livro mais emprestado de cada ano foi um dos

⁶ As informações sobre a obra foram retiradas de uma resenha publicada no site: <http://livroemserie.com.br/2010/10/13/resenha-a-droga-da-obediencia-de-pedro-bandeira/> Acesso em 29 de junho de 2013.

títulos da série, com exceção dos anos de 2009, 2011 e 2012, e, por essa razão, esses anos serão analisados neste capítulo com maior destaque, além dos anos de 2005 e 2007, quando os dois últimos livros da série foram publicados.

No ano de 2011, os únicos títulos mais emprestados que *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foram os exemplares da revista *A turma da Mônica Jovem*, que vem conquistando espaço entre os leitores brasileiros. No gráfico abaixo, podemos observar os dez títulos mais emprestados do ano de 2011:

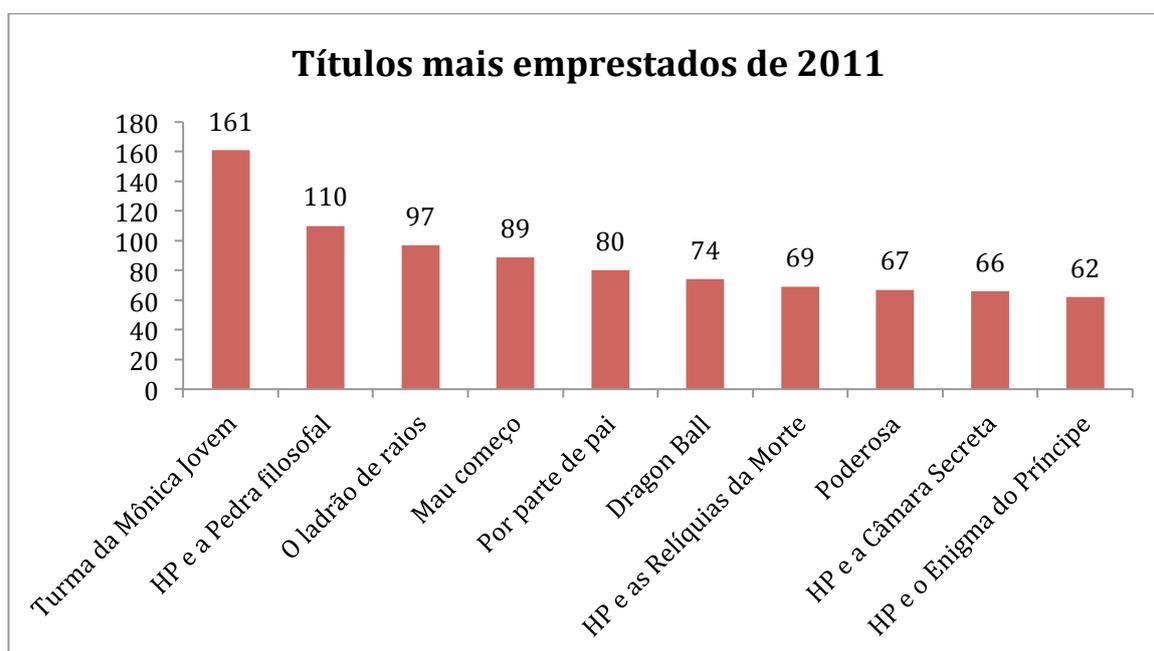


GRÁFICO 2 – Títulos mais emprestados de 2011.

A turma da Mônica Jovem foi lançada por Maurício de Sousa e pela editora Panine em agosto de 2008 e surpreendeu pela rápida adesão dos leitores. Em estilo semelhante ao mangá (a maior diferença entre a publicação brasileira e o gênero japonês é que, no contexto brasileiro, a narrativa segue a ordem de leitura ao qual estamos acostumados, da esquerda para a direita, ao contrário do *mangá* original, que deve ser lido da direita para a esquerda), a revistinha traz os principais personagens criados por Maurício de Sousa na adolescência, enfrentando os problemas e as inquietações típicos da idade. As características marcantes de cada personagem na infância foram mantidas com adaptações à nova faixa etária. O Cebolinha, depois de frequentar um fonoaudiólogo, não troca mais as letras a não ser quando fica nervoso. A Magali, apesar de continuar comilona, procura se alimentar de maneira mais

saudável. O Cascão passou a tomar banho, mesmo não gostando da prática, e a Mônica continua um pouco dentuça mas com o temperamento mais controlado. Em seus quatro primeiros números, a revista atingiu o número de 1,5 milhão⁷ de exemplares vendidos e atualmente a tiragem de cada edição gira em torno de 375 mil exemplares. A revista também conseguiu grande destaque nas mídias brasileiras, quando anunciou, na sua quinquagésima edição, uma visão do futuro dos personagens, com o tão esperado pedido de casamento e matrimônio dos personagens Mônica e Cebolinha⁸.

Apesar de representarem segmentos dentro do universo da leitura, livros e *mangás* não devem ser comparados como produtos iguais, pois cada um apresenta suas especificidades e sua interação com o leitor é realizada de modo diferenciado. Com formatos e formatações variados, esse outro suporte da leitura, *mangá*, vem conquistando crianças e jovens para o universo da leitura e não pode ser ignorado. Por isso a referência aos empréstimos dos quadrinhos foi mantida no gráfico. Além disso, interessa a aproximação numérica entre suportes e gêneros que mobilizam diferentes habilidades dos leitores – os quadrinhos, na linguagem verbal e visual tão atraente aos leitores jovens, e o texto verbal tão extenso, que requer uma maior concentração na leitura, e que estimula a construção de imagens mentais.

Um livro que também chama a atenção nesse levantamento é *O ladrão de raios*, primeiro título da série *Percy Jackson e os Olimpianos* e que foi citado tanto pelas jovens que participaram da entrevista quanto pelos sujeitos que responderam ao questionário. Publicada originalmente no Brasil em 2008, sua primeira aparição na lista anual acontece em 2010, com o primeiro livro, *Percy Jackson e o ladrão de raios*, ocupando a terceira posição, com oitenta e quatro empréstimos. No ano seguinte, o primeiro livro continua em terceiro lugar na lista anual, mas com um número um pouco maior de empréstimos, noventa e sete. Já no ano de 2012, três livros da série aparecem no relatório. *O Ladrão de raios* mantém a sua terceira colocação, seguido de perto pelo quarto livro, *A batalha do labirinto*, e um pouco mais distante, em oitavo lugar, *Mar de monstros*, segundo a ser publicado de um total de cinco livros. O detalhe que chama a atenção é que a procura por esses livros aumentou consideravelmente a partir de 2010, quando a versão cinematográfica do primeiro livro

⁷ Informações obtidas no site: <http://www.bemparana.com.br/noticia/96080/turma-da-monica-jovem-bate-recorde-de-vendas> Acesso em 26 de junho de 2013.

⁸ Informações disponíveis em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/09/turma-da-monica-jovem-tera-casamento-de-monica-e-cebolinha.html> Acesso em 26 de junho de 2013.

chegou aos cinemas. O segundo filme está com lançamento previsto para agosto de 2013. No relatório de empréstimos gerais, o primeiro livro já aparece na vigésima primeira posição e outros três livros estão entre os cem mais emprestados. A tendência que pode ser observada pelos relatórios é que a procura pelos livros dessa série encontrava-se em franca ascensão na época em que o levantamento foi feito. As duas novas séries publicadas pelo mesmo autor, *As Crônicas de Kane* e *Os heróis do Olimpo*, ainda não haviam aparecido na lista dos mais emprestados da biblioteca, mas, pela conversa com nossas entrevistadas, acreditamos que em pouco tempo elas começariam a despertar o interesse dos frequentadores da BIJU.

Outra coleção que aparece na lista e já mencionada neste tópico é *Desventuras em Série*, que apresenta um de seus títulos, *Mau começo*, entre os mais emprestados de 2011. Os livros da coleção começaram a integrar a lista em 2008 e, ao contrário do que se poderia imaginar, o livro em questão não é o primeiro da série e sim o segundo, *A sala dos répteis*, publicado em 2005. Nos anos seguintes, em 2009, 2010 e 2011, é o primeiro livro, *Mau começo*, publicado no Brasil também em 2005, que aparece nas listagens. Essa tendência só é modificada em 2012, quando outros volumes aparecem no relatório, estando o primeiro livro em quarto lugar e o segundo, em sétimo. Os três primeiros livros foram adaptados para o cinema em 2004, em um único filme, mas só começaram a apresentar uma maior procura na biblioteca a partir de 2008 (ressaltamos que os livros foram publicados no Brasil em 2005, mas a versão original chegou ao público norte-americano 6 anos antes, em 1999). Esses dados são interessantes de serem analisados, pois, nesse caso, a adaptação do livro para o cinema não impulsionou os empréstimos dos livros. Como mencionado anteriormente, os outros livros da coleção aparecem entre os 100 mais emprestados da biblioteca e de maneira discreta.

O ano de 2011 também foi o ano de lançamento do filme que encerra a saga do jovem bruxo, *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2*. Na adaptação do último livro para as telas do cinema, a obra foi dividida em duas partes, lançadas respectivamente em 2010 e 2011. Embora os motivos para essa divisão indiquem uma estratégia de *marketing* e de lucros com a série, os fãs ficaram satisfeitos com a decisão dos produtores, uma vez que tiveram a oportunidade de ampliar as horas do último filme e participar de mais um lançamento. No livro *Harry Potter: a magia do cinema*, o autor Brian Sibley (2010) relata que David Heyman, produtor dos filmes, afirmou que, inicialmente, foi contra a iniciativa, mas posteriormente percebeu que seria necessário omitir muitas das informações para conseguir colocá-las todas

em um único filme e que “o resultado teria sido confuso, incompleto e insatisfatório” (SIBLEY, 2010, p.147). A mesma estratégia foi utilizada na adaptação de outra saga que conquistou adolescentes ao redor do mundo: o último livro da saga *Crepúsculo*, que também foi dividido em dois filmes.

Os livros da série que não aparecem no gráfico de mais emprestados de 2011, (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; e *Harry Potter e a Ordem da Fênix*) são os que contam com um menor número de exemplares disponíveis para empréstimo, em especial o primeiro e o último, com 4 exemplares cada.

Os dados do ano de 2012, embora incompletos, mostram o mesmo perfil do ano anterior, em que os quatro primeiros títulos emprestados permanecem na mesma colocação, ou seja, *A turma da Mônica Jovem*, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *O ladrão de raios* e *Mau começo*. A maior diferença observada, nesse ano, foi a inclusão de mais dois títulos da série *Percy Jackson e os Olimpianos* e do segundo título de *Desventuras em Série*. Em adição a essas modificações, percebemos que apenas três livros da série *Harry Potter* aparecem na lista, e apenas o primeiro título da coleção se encontra entre os cinco primeiros. As outras obras da série que figuram na lista são *Harry Potter e a Câmara Secreta* e *Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

Em 2009, novamente encontramos o gênero *mangá* nos primeiros lugares da lista dos mais emprestados, confirmando que esse gênero tem atraído cada vez mais a atenção dos leitores. O primeiro livro da série *Harry Potter* que aparece na lista, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, encontra-se na quarta posição, sendo superado por *O caso da borboleta Atíria*, de Lúcia Machado de Almeida; *Karen Kano: as razões dele, os motivos dela*, de Masami Tsuda, e *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira, em primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente. Ainda assim, temos 5 livros da coleção *Harry Potter* entre os mais emprestados da divisão infanto-juvenil, como pode ser observado no gráfico presente na próxima página.

O caso da Borboleta Atíria e *A Droga da Obediência* tiveram um destaque maior nos empréstimos do ano em questão. Uma das hipóteses que podemos levantar em relação ao aparecimento desses títulos de forma destacada nos empréstimos desse ano é a sua adoção nas

escolas. No próximo capítulo, iremos apontar, com base nos livros informados pelos participantes da pesquisa, que as principais obras indicadas pelas instituições escolares são de autores nacionais. Entretanto, essa ligação entre o expressivo número de empréstimos dos livros de Almeida e Bandeira e a sua adoção nas escolas é apenas uma suposição, pois não encontramos evidências que a confirmassem..

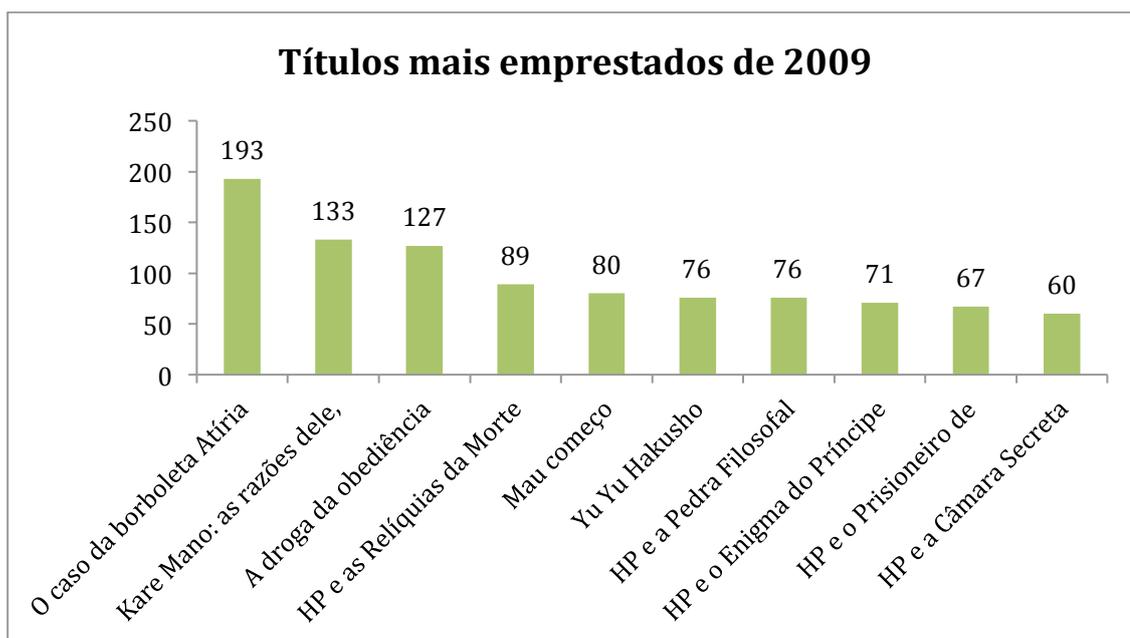


GRÁFICO 3 – Títulos mais emprestados de 2009.

No ano de lançamento do último livro da coleção, todos os livros da série estão entre os 10 mais emprestados da biblioteca. Diferentemente dos anos anteriores, o livro que aparece no topo da lista é o sexto e penúltimo livro da série, como mostra o gráfico a seguir.

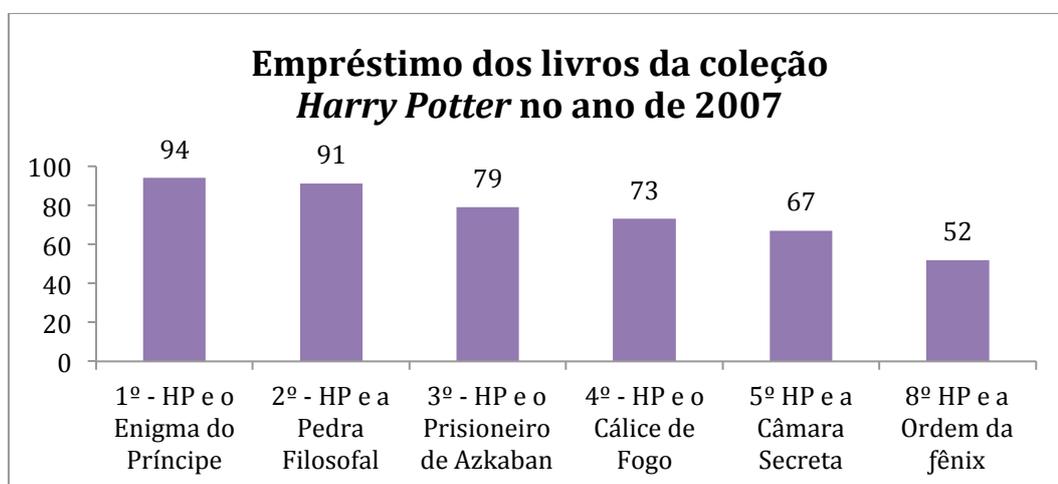


GRÁFICO 4– Empréstimo dos livros da coleção *Harry Potter* no ano de 2007.

Um dado relevante e importante de ser destacado é que os leitores da série costumavam reler os livros antes do lançamento dos livros mais recentes ou antes do lançamento dos filmes. Essa análise nos permite supor que seja esse o motivo que levou o sexto volume da série a ser o mais emprestado de 2007, considerando-se que a história do sexto e sétimo livros são complementares e os detalhes do sexto livro são fundamentais para a compreensão do sétimo e último volume da série. Portanto, para se prepararem para a leitura de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, os leitores voltaram a procurar os livros na biblioteca, com destaque para o último livro publicado até então, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*.

A busca por essa releitura é o que faz com que, no ano de lançamento do último livro, a procura pelos livros anteriores tenha aparecido de maneira tão contundente nos empréstimos desse ano. O mesmo efeito pode ser observado no ano de 2005, quando o penúltimo livro, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, foi lançado e todos os outros livros da série aparecem entre os dez mais emprestados do ano.



GRÁFICO 5 – Empréstimo dos livros da coleção *Harry Potter* em 2005.

O objetivo do gráfico representado a seguir é mostrar em que medida, ao longo dos anos, a procura pelo primeiro livro da série sempre esteve presente de maneira significativa nos empréstimos da biblioteca.

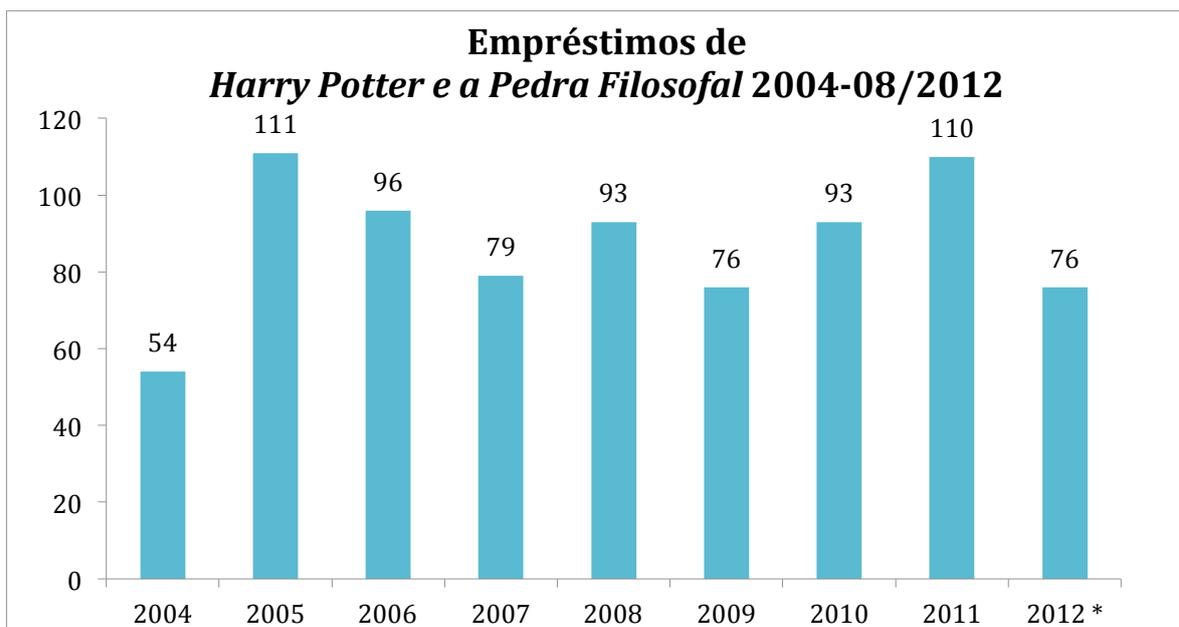


GRÁFICO 6 – Empréstimos de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* 2004 – 2012.

Um dado importante a ser levado em consideração é que o primeiro livro apresenta o maior número de exemplares disponíveis para empréstimo, 11 no total, o que potencializa o alcance de leitores da série. No gráfico podemos observar que, apesar de apresentar um número oscilante de empréstimos, este nunca foi inferior a 76, com exceção do ano de 2004.

Conforme já mostrado nos gráficos, uma presença brasileira constante é o autor Pedro Bandeira, que aparece com, pelo menos, um título entre os dez livros mais emprestados de cada ano até o ano de 2009, quando dois de seus livros aparecem no relatório. A partir de 2010, seus livros deixam de figurar nas listas dos dez mais emprestados. Os títulos mais procurados são: *A droga da obediência*, *A marca de uma lágrima*, *Pântano de sangue* e *Anjo da morte*. Na listagem geral, de 2004 a 2012, *A droga da obediência* e *A marca de uma lágrima* são os únicos livros de Bandeira que continuam entre os dez mais emprestados. Entretanto, outro livro do autor, *A droga do amor*, apresenta número significativo de empréstimos, assim como o título *Anjo da morte*. A questão que se pode levantar a respeito da procura pelos livros de Pedro Bandeira, como apontado anteriormente, é que eles costumam aparecer nas listas de leitura indicadas pelas escolas, tornando o seu circuito de leitura intimamente ligado com a cultura escolar e não como uma escolha pessoal dos frequentadores da biblioteca. Como Bandeira é o autor brasileiro de maior destaque nos empréstimos da biblioteca, elaboramos o gráfico abaixo para ilustrar a procura pelos seus livros na BIJU.



GRÁFICO 7 – Livros mais emprestados de Pedro Bandeira 2004 – 08/2012.

É importante destacar que os títulos listados no gráfico são os que aparecem entre os cem mais emprestados da biblioteca entre os anos de 2004 e 2012.

Outro autor importante na literatura infantojuvenil brasileira e que figura na lista geral dos mais emprestados é o escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. Seu único livro que figura na lista, *Por parte de pai*, aparece em décimo primeiro lugar. É interessante observar que Bartolomeu aparece pela primeira vez em 2004 e só volta a aparecer nas listas anuais nos anos de 2010 e 2011, destacando-se, nesses anos, entre os mais emprestados, ocupando a segunda colocação em 2010, superado apenas por *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, e com o mesmo número de empréstimos de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*; e a quinta posição em 2011, quando outros livros que ganharam projeção devido a sua transposição para as telas de cinema ganharam maior destaque. Assim como ocorreu com Bandeira, acreditamos que esse aparecimento repentino do livro de Bartolomeu represente uma exigência escolar, uma vez que seu registro na lista acontece de maneira esporádica, o que reforça a grande importância da escola nos processos de formação de leitores e de constituição de cânones escolares de leitura, repercutindo na busca de livros de alguns autores em bibliotecas.

Diferentemente dos circuitos de leitura escolares, ou seja, aqueles que se movimentam com o estímulo da escola, o que se percebe, ao analisar os relatórios de empréstimo, é que, apesar de a série ter chegado ao fim em 2007, com a publicação do último livro, a produção cinematográfica continuou impulsionando a leitura de *Harry Potter*. O último filme, *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2*, chegou aos cinemas em julho de 2011 e os empréstimos desse ano confirmam que a procura pela série continuou alta entre os frequentadores da biblioteca, sendo o primeiro e o último os livros da série mais procurados. O que deve ser observado, a partir de agora, é se o interesse pelos livros continuará, uma vez que já não será mais alimentado pela indústria cinematográfica ou por grandes eventos organizados diretamente pelo mercado editorial.

3.2 Quando o imaginário se torna real

Os livros da escritora escocesa conquistaram outros espaços ao longo dos anos. Diversos produtos e organizações foram criados para dar continuidade às histórias de Harry, promovendo a interação entre seus fãs. Neste subtópico, procuramos listar outras experiências oferecidas aos leitores da série e que contribuem para que Harry Potter não seja esquecido, pelo menos até um futuro próximo. A maioria dessas iniciativas foram criadas tanto por Rowling quanto pelos estúdios detentores dos direitos de exploração da imagem, como é o caso do site Pottermore, do parque de diversões nos EUA e da visita aos estúdios de gravação dos filmes na Inglaterra. Um desses projetos, no entanto, se destaca pelo fato de reunir diversos fãs da série e por representar uma iniciativa independente, que é a Associação Internacional de Quadribol. Essas outras mídias complementam o que foi apresentado nos livros e contribuem para manter acesas nos fãs as aventuras e a magia que os contagiaram nos livros, permitindo uma realimentação do circuito de leitura.

A internet desempenhou e desempenha um papel fundamental na manutenção e captação de novos leitores para a série. Em momentos distintos, os leitores da história de Harry puderam compartilhar e buscar informações a respeito dos personagens e da narrativa, trocando experiências com pessoas de diversos países e promovendo debates e discussões sobre a continuidade da saga, além de ter proporcionado a diversos leitores a oportunidade de

desenvolveram a sua criatividade através dos *fanfics*,⁹ continuando a história de Harry a partir do ponto que a autora havia parado (e torcendo para que estivesse perto do que Rowling havia programado para os personagens) ou criando novos personagens e novas aventuras a partir de um mesmo cenário.

Como exemplo do poder de alcance da internet, temos o site oficial da autora, disponível em oito idiomas, incluindo o português brasileiro. Outras versões incluem inglês britânico e americano, alemão, japonês, francês, italiano e espanhol. Essa multiplicidade de idiomas visa atingir o grande público de leitores de *Harry Potter*, que busca no site da autora mais informações sobre a série e sobre ela. Essa forma de interação virtual possibilita um maior número de acessos e satisfaz grande parte de seus fãs.

3.2.1 Site Pottermore – fisgando os leitores para uma experiência em rede

Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay

Uma das maneiras que a autora – e todo o aparato de estratégias que cerca a sua obra – encontrou para continuar despertando a curiosidade dos leitores da série foi a elaboração de um site específico sobre *Harry Potter* e que promove a interação entre os fãs de todo o mundo. Dessa maneira, ela também separou seu *site* oficial do *site* sobre o bruxo, criando dois veículos de exposição na internet e redesenhando seu site pessoal, que atualmente não se encontra mais focado nas aventuras de Harry, apesar de a obra ainda ter destaque na página oficial de Rowling.

O projeto apresenta dois objetivos distintos. O primeiro é ser o espaço exclusivo para a venda de *ebooks* e de livros de áudio digital da série. Para além desse espaço comercial, o site oferece aos fãs a oportunidade de se relacionarem com outros fãs de qualquer parte do mundo e inseri-los no ambiente da escola de magia e bruxaria Hogwarts.

⁹ A escrita de *fanfiction* será abordada no próximo capítulo.

O site se organiza de acordo com os livros, e até junho de 2013 apenas as atividades relacionadas ao primeiro, segundo e terceiro livros se encontravam disponíveis. Os participantes cadastrados são convidados a descobrirem se são mágicos ou não e, logo após, começam a explorar os capítulos do primeiro livro de maneira interativa, tendo que encontrar objetos nas cenas e aprendendo mais algumas informações sobre os livros. Cada capítulo dos livros é abordado e pequenos trechos são disponibilizados para os leitores. Maria Carolina¹⁰, uma das jovens que concordou em participar da entrevista e que utiliza o site, compartilhou a sua opinião sobre ele:

... é para você interagir com os livros. Você vai passando os capítulos. Tem umas fotos, tem que procurar coisas. Algumas têm até missõezinhas que você tem que cumprir. Por exemplo, você tem que comprar os seus materiais para ir para Hogwarts, então você tem que ir no Beco Diagonal e ir nas lojas e comprar as coisas. Você tem dinheiro para comprar. Você tem que fazer feitiço, tem que fazer poção. No segundo livro o que eu achei mais engraçado é por causa disso, porque realmente tem uns desafios para você cumprir. Por exemplo, para você organizar as cartas que estão em cima da mesa dos Weasley, jogar os gnomos pra fora do jardim da Sra. Weasley. Isso eu achei muito lindo [Fragmento de entrevista concedida em 30 de agosto de 2012].

Os usuários recebem sua carta de admissão na escola de bruxaria e, assim como Harry, precisam comprar seus materiais escolares no Beco Diagonal, inclusive a varinha, que é escolhida depois que o participante responde a várias perguntas, incluindo a altura e a cor dos olhos. Mais alguns capítulos adiante, chega o momento de entrar para Hogwarts e ser escolhido para integrar uma das casas da escola¹¹. Novamente o fã deve responder a várias perguntas, desta vez, no estilo de um *quiz*, em que o usuário deve escolher alguns objetos mágicos, locais que gostaria de conhecer, responder o que faria em determinada situação, entre outras solicitações.

Após ser selecionado para uma das quatro casas da escola, a saber: Grifinória, Sonserina, Corvinal e Lufa-lufa, segue-se na linearidade do texto de Rowling, que vai contando de maneira resumida a história do livro e propondo atividades para serem cumpridas, como, por exemplo, fazer uma poção corretamente. A cada tarefa bem realizada, o mais novo bruxo ganha pontos para a sua casa e a cada tarefa mal sucedida, ele perde pontos. Esses pontos

¹⁰ Para resguardar o anonimato dos sujeitos que participaram desta pesquisa, os nomes verdadeiros serão mantidos em sigilo.

¹¹ Os alunos de Hogwarts, assim que chegam à escola, são divididos em quatro grupos. Esses grupos, ou Casas, foram nomeados em homenagem aos quatro fundadores da escola: Helga Hufflepuff (Lufa-lufa), Rowena Ravenclaw (Corvinal), Salazar Slytherin (Sonserina) e Godric Gryffindor (Grifinória). O sobrenome de cada um dos fundadores deu origem ao nome das casas.

integram a disputa mundial dos usuários pela Taça das Casas, prêmio entregue no final de cada ano letivo para a casa que tiver mais pontos e que é vista com grande seriedade pelos participantes do site. Verifica-se, nessa proposta de interação com a leitura, o forte componente lúdico em que o leitor participa da história como se fosse um de seus personagens.

A figura abaixo exemplifica uma das interfaces do site, mostrando a página de um usuário e o seu percurso dentro dos capítulos de cada livro. Como pode ser observado, as atividades para os participantes do site estão disponíveis até o terceiro livro, embora este ainda não esteja completo.



FIGURA 3 – Site Pottermore.

No dia 18 de outubro de 2012, o site registrava 3,984,946 usuários, número bem expressivo e que demonstra o fascínio e a contínua busca dos leitores por outros espaços de interação relacionados à série. Além dessa disputa, a autora oferece aos usuários do Pottermore informações extras sobre o mundo criado por ela, informações que todo fã espera com ansiedade e que são acessadas ao longo dos capítulos. Essas informações são de natureza variada, como mais detalhes sobre personagens, lugares, livros, feitiços, animais, lista de alunos de cada casa em Hogwarts etc. Em uma dessas passagens, por exemplo, é possível descobrir mais sobre a vida da Professora Minerva McGonagall, cujos detalhes nunca foram

mencionados nos livros:

Through all her early years at Hogwarts, Minerva McGonagall remained on terms of friendship with her old boss at the Ministry, Elphinstone Urquart. He came to visit her while on holiday to Scotland, and to her great surprise and embarrassment, proposed marriage in Madam Puddifoot's teashop. Still in love with Dougal McGregor, Minerva turned him down¹².

No desenvolvimento dos capítulos do primeiro livro, é possível conhecer profundamente a história pessoal da professora, sua família e como ela se tornou professora de Hogwarts. Todas essas informações são responsáveis pelo sucesso e pela continuidade de acessos ao site, que cumpre a função de prolongar o interesse pela obra. Esse tipo de espaço virtual, assim como os blogs e sites sobre *Harry Potter* mantêm o interesse e a participação dos leitores conquistados ao longo dos anos e alimenta a curiosidade pelos livros por novos leitores. Na FIG.4 temos outra imagem do site. No lado esquerdo, temos quatro ícones que disponibilizam mais informações sobre personagens, lugares, objetos e criaturas que fazem parte do capítulo.



FIGURA 4 – Site Pottermore, capítulo The Hogwarts Express.

O site consegue oferecer aos entusiasmados leitores de Potter um leque de histórias que a própria autora afirmou que não daria continuidade, excluindo, pelo menos inicialmente, a possibilidade da publicação de novos livros sobre o personagem e o universo que a tornou mundialmente famosa. Apesar de o conteúdo disponibilizado no site não contar novas

¹² Durante os seus primeiros anos em Hogwarts, Minerva McGonagall manteve uma boa amizade com seu antigo chefe do Ministério Elphinstone Urquart. Ele a visitou enquanto estava na Escócia, em um feriado, e para a grande surpresa e vergonha de Minerva, ele a pediu em casamento na loja de chá de Madame Puddifoot. Ainda apaixonada por Dougal McGregor, Minerva recusou o pedido [tradução nossa].

aventuras do bruxo, ele está recheado de informações paralelas, dando continuidade e expandindo o ambiente mágico com histórias cativantes e desconhecidas. O sucesso do site parece confirmar a tendência do universo de *Harry Potter* a continuar fazendo parte do cotidiano de seus fãs.

3.2.2 Parque temático nos EUA: para além da leitura, uma “Potterlândia”

Inaugurado em junho de 2010, o parque temático “O mundo mágico de Harry Potter”, que faz parte dos Estúdios Universal, na Flórida, atrai milhares de visitantes não apenas pelos brinquedos, mas também por dar aos fãs da série a oportunidade de passear por cenários fiéis aos filmes e aos livros. A cenografia do lugar foi pensada nos mínimos detalhes, como pode ser observado na FIG. 5, para que os visitantes se sintam como se estivessem passeando pelo castelo de Hogwarts ou pela vila próxima ao castelo, Hogsmade. O que chama a atenção dos frequentadores é a fidedignidade do parque com os cenários dos filmes e com o mundo imaginário que eles mesmos criaram, a partir das detalhadas descrições do livro.



FIGURA 5 – O mundo mágico de Harry Potter – Expresso de Hogwarts.

Nas lojas do parque, além dos convencionais souvenirs encontrados nos parques de Orlando, os visitantes se deparam com produtos que foram criados pela autora e que sempre permearam a imaginação dos leitores, principalmente quando se trata de artigos culinários, como, por exemplo, sapos de chocolate com cartas sobre os mais importantes bruxos da história; feijõezinhos de todos os sabores, incluindo sabores tradicionais e também sabores nada convencionais para o nosso paladar, como grama, minhoca, cera de ouvido e o temido vômito. Também é possível tomar uma cerveja amanteigada, no pub Três Vassouras, como tantas vezes Harry, Rony e Hermione fizeram, e mais uma variedade de artefatos que buscam aproximar e fazer com que o leitor sintam-se realmente dentro do livro e do cenário tantas vezes imaginado. Os mais empolgados podem também adquirir uma varinha igual à dos personagens.

Esses espaços reforçam a existência de uma união muito grande e consolidada entre os livros e os filmes já lançados. Tanto os filmes quanto o parque procuram ser o mais fiel possível ao livro para que os visitantes ou espectadores sintam-se realmente pertencentes àquele mundo completamente diferente do nosso.

3.2.3 Tour pelos estúdios na Inglaterra

Outra atração turística inaugurada recentemente, em março de 2012, é a visita aos estúdios onde os filmes foram gravados. Com o fim cinematográfico da série, os estúdios onde as filmagens foram realizadas ao longo desses dez anos, na Inglaterra, seriam desmontados. No entanto, ao invés de se desfazerem de todos os objetos, roupas e cenários criados, os estúdios foram abertos à visita do público. O *tour* começa no Grande Salão de Hogwarts, onde o ano letivo é iniciado com um grande banquete e no qual todos os alunos fazem as suas refeições. O Grande Salão e o Beco Diagonal são os únicos locais nos quais os visitantes podem andar pelos cenários, como se realmente estivessem em Hogwarts ou comprando seus materiais escolares para o próximo ano escolar. No Grande Salão, as mesas das casas estão dispostas como no momento das refeições dos alunos da escola. No Beco Diagonal, é possível admirar todas as lojas, inclusive a dos gêmeos Fred e Jorge, e outros tantos artefatos significantes para os fãs da série.

Também é possível conhecer diversas técnicas de filmagem e efeitos especiais, ver como alguns objetos foram construídos, inclusive os de *animatronics*, e ainda ver outros cenários de menor dimensão, mas não menos importantes, que compõem os sets de filmagem. A visita inclui a sala comunal da Grifinória, o dormitório de Harry, Rony, Neville, Simas, e Dino; a sala de poções do professor Snape, o escritório do diretor Dumbledore com toda a sua infinidade de objetos estranhos e peculiares, a sala de visitas dos Weasley, o escritório de Dolores Umbridge no Ministério da Magia e etc.

Na parte exterior dos estúdios, estão o túmulo da família Riddle, um dos modelos do Ford Anglia do senhor Weasley, o Noitebus andante, a fachada da casa dos Dursley e da casa dos pais de Harry, que foi destruída no ataque de Voldemort, e outros cenários externos que fizeram parte das filmagens.

Entre os diversos objetos em exposição, os que mais atraem a atenção do público são: o espelho dos desejos, um quadro com a réplica das varinhas dos personagens mais importantes, o quadro da mulher Gorda, o pêndulo do relógio que fica balançando, a estátua de gárgula que guarda a entrada do escritório do diretor, a espada de Godric Griffindor, a penseira, o chapéu seletor, os objetos enfeitiçados por Voldemort, que formavam as horcuxes, a taça do torneio Tribuxo, a porta do cofre de Gringots, a porta de cobras para a Câmara Secreta, a motocicleta do Sirius Black, o relógio da cozinha da Sra. Weasley, que não marca as horas e sim a localização ou situação de cada um dos seus filhos (incluindo um que diz “perigo mortal”), o armário Sumidouro, a tapeçaria da família Black, entre outros.

No final do passeio, pequenas maquetes de diversos cenários estão em exibição para os visitantes, como os povoados de Hogsmeade e Godric’s Hollow, o interior do pub Três Vassouras, o navio da escola de magia *Durmstrang* e a carruagem que transporta as alunas de *Beauxbatons*, as escolas de bruxaria mencionadas pela primeira vez em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, a cabana do irmão de Rony, o Beco Diagonal e uma pequena maquete de Hogwarts.

Na próxima sala, uma maquete do castelo (FIG. 6) usada para as tomadas da fachada impressiona os visitantes pelo seu tamanho e sua riqueza de detalhes. Todos esses recursos

fazem com que o leitor se sinta mais próximo do livro e do universo criado, estimulando as trocas de experiências e alimentando a sobrevivência da história ao longo dos anos.



FIGURA 6 – Maquete de Hogwarts utilizada para as tomadas externas do castelo.

No dia 4 de julho de 2013, os estúdios detentores dos direitos da obra anunciaram em sua conta em uma rede social que a parte do Beco Diagonal estaria disponível no Google Street View para os fãs da série que quisessem ver as lojas e os cenários disponíveis no estúdio.

3.2.4 O esporte que saiu dos livros

O quadribol, esporte bruxo inventado pela autora, saiu das telas de cinema e da imaginação dos leitores e foi adaptado para ser jogado sem os artifícios da magia, claro. Essa transposição pode ser encontrada em Belo Horizonte e também em diversos países do mundo, em especial na Inglaterra, país de origem do bruxo.

Em uma rápida busca nos sites do Google ou Youtube¹³, encontramos diversos vídeos de pessoas praticando o esporte bruxo e levando o esporte muito a sério, acreditando, inclusive, que um dia ele poderá se tornar um esporte olímpico.

A Associação Internacional de Quadribol¹⁴ (International Quidditch Association - IQA) organiza anualmente a Copa Mundial de Quadribol. A associação teve início em 2005, quando um aluno de uma universidade nos Estados Unidos reuniu-se com seus amigos para adaptar as regras do quadribol aos que não são capazes de voar com uma vassoura. Nesse ano, o primeiro jogo aconteceu na universidade de Middlebury. Dois anos depois, a primeira Copa Mundial do esporte foi realizada, contando com times de outras universidades.

Com sede nos Estados Unidos, a Copa conta com times - em sua maioria de universidades como Harvard - dos Estados Unidos, Austrália, Canadá, México, Inglaterra e França. A partir de 2013, ela estará dividida em série A e B, e existem classificatórias para preencher as vagas de cada país ou continente que estarão presentes em cada divisão e quais irão para a Copa, pois o número de times tem crescido nos últimos anos, impossibilitando que todos os times cheguem, de fato, à Copa.

Para o ano de 2013, está programada a 6ª Copa Mundial do esporte, com início em abril. As principais diferenças na adaptação do jogo dizem respeito ao pomo de ouro e ao fato de não se conseguirem encantar vassouras para que elas saiam voando pelos ares.

No caso do pomo de ouro, uma pessoa ocupa o papel da pequena bola de ouro. Tendo a obrigação de ser imparcial, o jogador, vestido de amarelo, sai correndo do campo alguns minutos antes do início da partida e quando todos os jogadores já se encontram no campo de olhos fechados. Ele deve impedir ao máximo de ser capturado e carrega consigo uma pequena sacola com uma bola de tênis, que simboliza o pomo que deve ser capturado por um dos times.

Com relação às vassouras, os jogadores devem permanecer o tempo todo com a vassoura entre as pernas. Algumas outras regras do jogo foram adaptadas para tornar possível a sua

¹³http://www.youtube.com/results?search_query=quidditch&oq=quiddic&gs_l=youtube.1.0.0i10i1916.35051.36235.0.37843.7.7.0.0.0.210.762.0j3j1.4.0...0.0...1ac.1.11.youtube.sL6_Uz-ysZE Acesso em 23 de junho de 2013.

¹⁴<http://www.internationalquidditch.org/> Acesso em 23 de fevereiro de 2013.

prática. O que podemos concluir, baseados nessas informações, é que o esporte, inicialmente impossível de ser praticado, transformou-se em realidade devido ao empenho de seus fãs, que não se contentaram em ler ou ver nos cinemas o esporte mais popular do mundo bruxo.

Destacamos, também, que esse é apenas um exemplo, bem sucedido, da adaptação do jogo. Sem dúvida, existem outras associações e outros times espalhados pelo mundo, mas o que chama a atenção nessa iniciativa é o grau de organização e reconhecimento que ela conseguiu conquistar em oito anos de existência.

Neste subtópico, o foco principal foi apresentar outros meios, além dos livros e dos filmes, que contribuem para que a série continue despertando o interesse dos leitores, seja por meio do site da autora ou pela visita ao parque temático ou aos estúdios. Esses elementos colaboram para que os livros e objetos relativos à série permaneçam em constante circulação entre os leitores, realimentando o interesse e o fascínio que os personagens conseguiram despertar na leitura dos livros da série.

Essas evidências sobre a longevidade do interesse por Harry Potter, juntamente com aquelas que dizem dos circuitos dos livros, em leituras e releituras alimentadas por outros produtos, como o cinema, a partir da análise dos empréstimos em biblioteca, exibida no primeiro subtópico deste capítulo, ajudam a compreender a manutenção de um gosto, iniciado pelo contato com as histórias da série. No próximo capítulo, acompanharemos de perto um grupo de leitores brasileiros de Harry Potter, por meio da análise de questionários e entrevistas.

CAPÍTULO 4 - COM A PALAVRA, OS LEITORES DE HARRY POTTER: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS

“A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.”

(Todorov)

O questionário utilizado nesta pesquisa foi respondido em clima de produção coletiva, durante evento em torno da série *Harry Potter*, por crianças, adolescentes e adultos que participavam do encontro promovido pela Biblioteca Pública Luiz de Bessa. As crianças e os jovens estavam bem empolgados em participar das atividades que seriam desenvolvidas e com a oportunidade de estar em contato com outros fãs do bruxinho. Embora este capítulo tenha como foco principal os dados obtidos pelo questionário, serão analisadas aqui não apenas as respostas a este instrumento de pesquisa utilizado, mas também as informações obtidas através de algumas entrevistas que foram realizadas posteriormente. Após o primeiro encontro, foram agendadas entrevistas com alguns sujeitos selecionados, que tiveram interesse em participar dessa nova etapa da pesquisa.

Pretendeu-se, por meio do questionário, investigar, entre outros aspectos, se há uma relação entre a leitura de *Harry Potter* e outras leituras mencionadas pelos jovens, com a finalidade de verificar se, a partir desse contato inicial e supostamente prazeroso com a literatura, os jovens sentem-se instigados a buscarem outros livros e textos literários. Em resumo, buscou-se compreender se a leitura de livros como os da série Harry Potter poderia levar à leitura de

outras obras da literatura, indagação que pode ser traduzida pela seguinte pergunta: qual o papel de *Harry Potter* na formação de leitores jovens?

Na entrevista, procuramos identificar o perfil desses leitores e obter mais informações sobre o processo de formação de leitura dos sujeitos entrevistados, suas disposições literárias, seu relacionamento com a literatura na escola, entre outras questões relevantes à nossa investigação. Participaram da entrevista quatro pessoas, todas do sexo feminino, entre 10 e 19 anos, que gentilmente concordaram em discutir conosco sua opinião sobre os livros da série e sobre literatura em geral. O critério para se chegar a esses sujeitos considerou o movimento de adesão após contato com todos os participantes do encontro na biblioteca.

Responderam ao questionário um total de 22 jovens (15 do sexo feminino e 7 do sexo masculino), com idade entre 9 e 23 anos, ressaltando-se que a metade desses leitores tinha menos de 14 anos. Percebe-se, já de início, com essa amostra, um desequilíbrio quanto ao gênero (meninas são a maioria dos leitores) e, embora se evidenciem diferentes idades entre os leitores da pesquisa, observa-se um equilíbrio quanto à faixa etária, considerando-se como marco divisor de águas de faixas etárias entre infância e juventude o jovem de 14 anos.

Destaca-se, nas respostas sobre a quantidade de livros da saga lidos, o interesse por ler todos os livros e também reler os livros da série. Nessa direção, observou-se que, no grupo, 15 pessoas já haviam lido todos os livros da saga, o que representa 68% dos leitores participantes da pesquisa, e sete haviam relido todos os livros.

Na primeira parte deste capítulo, denominada “*Comunidades e Instâncias de Formação de Leitores*”, iremos abordar as comunidades e as instâncias de formação de leitores, considerando-se que esses circuitos apresentam importantes contribuições para a formação do leitor literário. O subcapítulo encontra-se dividido em cinco seções. A primeira seção discute a estreita relação entre a literatura e o cinema, principalmente na oportunidade que o cinema oferece de trazer para o conhecimento do público bons livros. Na segunda seção, tecemos análises sobre o papel das comunidades de leitores na formação e manutenção dos leitores. Na terceira seção, refletimos sobre a relação da família das jovens entrevistadas com a leitura, buscando encontrar elementos que demonstrem a importância da família na formação do leitor literário. Na quarta seção, analisamos as práticas de leitura literária promovidas pelas

instituições escolares que as entrevistadas frequentavam ou, em alguns casos, ainda frequentam, e a opinião das leitoras sobre essas práticas. Na quinta e última seção, relatamos a frequência dos participantes da pesquisa a livrarias e bibliotecas, além de tecermos uma reflexão sobre o papel da internet e de ferramentas online na mobilização de leitores.

A segunda parte do capítulo, intitulada “*Escolhas, Repertórios, Disposições*”, reflete diretamente sobre as práticas de leitura dessas crianças e jovens que fizeram parte da pesquisa. Dessa maneira, apontamos os caminhos literários das jovens entrevistadas e também outros livros mencionados pelos pesquisados. A primeira seção aborda a ordem de leitura dos livros indicada pelas entrevistadas, promovendo reflexões acerca das estratégias adotadas pela autora da série, que possibilitam uma certa independência entre os livros publicados, oferecendo variadas portas de entrada à coleção. Na seção seguinte, discutimos a releitura dos livros, atividade comum entre os leitores da série, e os possíveis motivos que os levam a essa releitura. Na terceira seção, registramos outros livros que fazem parte das rodas de leitura dessas crianças e jovens, apresentando análises e reflexões acerca dos títulos que circulam dentro e fora do ambiente escolar. A quarta seção discorre sobre os livros preferidos da série, com a exposição de alguns argumentos das entrevistadas que justificam essa preferência. Finalmente, na quinta seção, tecemos reflexões sobre a leitura realizada em outro idioma, tanto dos livros da série como de outros livros, segundo as jovens entrevistadas.

4.1 Comunidades e Instâncias de Formação de Leitores

Em resposta à pergunta sobre como conheceram os livros, obteve-se um maior número de indicações a opção ‘por meio do filme’ e, em segundo lugar, ‘pela sugestão de amigos’. Essas duas respostas sinalizam a importância de algumas estratégias no movimento de adesão desses leitores, que apontam fortes motivações externas aos livros, seja pela produção que os circunda, seja pela comunidade de leitores que se constitui em torno deles, que asseguram e alimentam o interesse pela leitura.

4.1.1 A leitura de *Harry Potter* e a recepção da sua versão para o cinema

Conforme já apontado, aproximadamente, metade dos participantes indicaram o filme como principal meio de conhecimento da série do menino bruxo, o que leva a supor que, a partir da versão cinematográfica, muitos leitores começaram a se interessar pelos livros. Essa hipótese foi confirmada por três pessoas entrevistadas, de idades consideravelmente variadas: uma de 19 anos, outra de 15, e outra de 11, que tiveram o primeiro contato com a série por meio do cinema. A participante de 19 anos, sob o nome fictício de Catarina, interessou-se pela série em 2007, ano do lançamento do último livro, quando ela assistiu aos dois primeiros filmes, *Harry Potter e A pedra filosofal* e *Harry Potter e a Câmara Secreta*. O que a motivou a ver os filmes foi a curiosidade despertada pelos fãs dos livros, como ela mesma afirma no trecho abaixo:

(...) porque eu via os filmes saindo e aquela legião de fãs, né? E eu “gente, que povo besta, nossa”. E eu sempre fui muito crítica, mais no sentido de chata, sabe? Eu via muita gente gostando de alguma coisa e eu achava que eu não tinha que gostar daquilo. Eu via o pessoal e “Ah, deixa eu ver do que esse povo tanto gosta.” Aí eu assisti o filme e nossa, o pessoal tem razão, é bom (...) [fragmento de entrevista da leitora Catarina, concedida no dia 29 de agosto de 2012].

A leitora de 11 anos, Rafaela, teve o contato inicial com a série na casa de seus primos, quando assistiu ao quinto filme, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Depois que viu o filme, ela se interessou pela série e pegou os livros emprestados com um primo. Gostou tanto que foi presenteada pelo parente com os livros e, posteriormente, comprou os que faltavam para completar a coleção.

Emma, por sua vez, relatou que, desde pequena, frequentava o cinema com os pais, para assistir aos títulos da série, e que, a partir desse contato com os filmes, ela teve interesse em ler os livros, apesar de não ter lido a coleção inteira.

Os três casos nos levam a estender essa discussão para aspectos relacionados a práticas de leitura em contextos diversos, caracterizados como escolares ou não-escolares, por mostrarem como os circuitos da leitura no universo social contam com estratégias diferentes daquelas utilizadas em contextos formais de ensino, podendo levar a resultados também diversos. Em situações escolares de leitura, os processos de escolarização da literatura costumam destacá-la

de outras práticas com as quais poderia dialogar, em função do que se espera quanto à formação do gosto por ler.

Nas práticas sociais, as mediações culturais – e aqui consideramos como elementos mediadores o filme, as redes sociais que alimentam o interesse dos leitores, os destaques na mídia, entre outros tipos de formas de comunicação em torno dos livros – formam uma rede de produtos culturais, entre os quais o cinema, que pode se constituir como fator decisivo para o processo de encontro do leitor com o livro.

A influência da indústria do cinema na divulgação e venda dos livros constitui, assim, um dado relevante para o sucesso da série entre os jovens da pesquisa. No Brasil, o primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, e o primeiro filme foram disponibilizados ao público com um curto intervalo de tempo, aproximadamente de um ano, e a exibição do filme levou a uma grande corrida às livrarias do país em busca dos três primeiros volumes. É interessante perceber como, apesar de se tratar de uma mesma história, ou de uma narrativa conduzida por certo enredo em duas linguagens, livro e filme não se excluem, pois eles são considerados complementares pela maioria dos jovens leitores.

A forte presença do cinema no mundo literário pôde ser observada em vários momentos distintos durante a entrevista de Rafaela, e a simbiose literatura/cinema pôde ser percebida principalmente em relação ao vocabulário utilizado pela entrevistada. Em diversos momentos ela usou expressões típicas do mundo cinematográfico para se referir aos livros, como “alugar” um livro ou “estreia” do livro; “eu *aluguei* muitos livros na escola, mas eu não me lembro quais” (Grifo nosso). Esses usos acabam por indicar uma estreita relação entre as produções culturais, em uma mistura de usos da linguagem para esses jovens. A expressão utilizada pela leitora nos permite supor a existência de intensas trocas entre a leitura e o cinema no imaginário que se constrói da “obra”, onde esses dois universos se complementam, sem que um entre em conflito com o outro. Embora no universo de leitores entrevistados não se tenha destacado um ponto de vista crítico entre as versões literária e cinematográfica, outros trabalhos apontam que jovens se posicionam quanto à leitura que se propõe do texto literário, quando adaptado para outra linguagem. Esse é o caso, por exemplo, de jovem leitora, entrevistada em pesquisa intitulada “A literatura e suas apropriações por leitores jovens”, com fortes disposições para a imaginação literária, quando afirma a respeito de

outros livros que fizeram sucesso com a sua versão para o cinema, como *A História sem fim*, de Michael End:

O livro, ele é muito gostoso de se ler, porque você vai passando as páginas e você vê –é aquilo que te contei – que tem muita coisa além de um livro, entendeu? A imaginação dele, o jeito dele nos entreter dentro da história... é muito interessante! (...) ... o filme é muito ruim perto do livro (Machado, 2003, p. 152).

A comparação leva a um julgamento de valor pela jovem leitora quanto ao potencial imaginativo de uma e outra linguagem. A leitora Emma relatou que não passou por essa situação, pois, como teve contato inicialmente com os filmes, a caracterização dos personagens ficou marcada pelos atores que atuaram na produção.

Durante as entrevistas, procuramos perguntar para as participantes da pesquisa a opinião delas sobre as adaptações para o cinema e se elas preferiam os livros ou os filmes. Nossos dois questionamentos tiveram respostas similares. Tanto Catarina quanto Maria Carolina, Rafaela e Emma responderam que gostaram muito dos filmes, destacando partes favoritas e a maneira bem sucedida pela qual os diretores dos filmes conseguiram passar para as telas do cinema suas passagens preferidas.

Catarina mencionou diretamente uma cena de *Harry Potter e as Relíquias da morte – Parte 1* que conta uma das histórias presentes no livro *Os contos de Beedle, o bardo*. Ela chega a afirmar: “ficou linda aquela [cena] não acredito no que eu tô vendo. Sabe, foi perfeito”. A mesma leitora, entretanto, destaca, em sua fala, sua preferência pelos livros em relação aos filmes, apesar de ter demonstrado que os filmes lhe agradaram muito. Para Catarina, o livro “dá possibilidade de você imaginar coisas que não estão lá. No filme é mais limitado. Então você tem um universo ali que é o que você está vendo, e é aquilo ali. No livro não, você tem um horizonte maior”.

Maria Carolina também revelou a mesma opinião sobre livro versus filme. Para esta leitora, os livros são muito melhores do que os filmes, mas estes foram bem adaptados. “Os livros são bem melhores. Apesar de a adaptação ter ficado muito boa, sempre tem alguma coisa que falta, sempre tem algum errinho básico, então eu sou chata, eu falo: ‘isso tá errado’”. Ela, da mesma forma que Catarina, cita uma passagem que pertence ao mesmo filme mencionado anteriormente. Nesse caso, ela frisa a diferença entre o livro e o filme, destacando a maneira

como o livro descreve essa parte em específico e o formato adotado no filme. Em suas próprias palavras:

O Harry, no casamento do Gui [irmão de Rony], apareceu como Harry, isso me deixou com muita raiva, porque tipo ele estava se escondendo. Eu fiquei com raiva disso, mas são pequenos detalhes. O diretor teve muito a manha, os filmes ficaram muito bons.. [fragmento de entrevista de Maria Carolina concedida em 30 de agosto de 2012]

Para compreendermos melhor a situação descrita pela pesquisada, explicamos o contexto ao qual ela se refere no trecho acima. No livro, durante o casamento, Harry toma a “poção polissuco” e adquire a aparência física de um garoto ruivo que mora no povoado perto da residência da família Weasley, assumindo o papel de um primo distante da família para esconder sua verdadeira identidade.

A leitora Rafaela, que teve o contato inicial com a série por meio do filme, deixa transparecer em sua fala a sua preferência pelos livros da série, embora tenha aprovado os filmes do mesmo modo que as outras leitoras. No momento em que foi questionada sobre os filmes, perguntamos se ela considerava que eles poderiam ter ficado melhores, e ela nos forneceu a seguinte resposta: “não, até que não, porque não dava pra fazer os filmes exatamente igual aos livros, mas acho que ficou muito bom. Acho que ficou muito bom a recortagem (sic) que eles fizeram nos filmes.” Para finalizar, ela afirma que “os filmes são muito bons, mas acho o livro mais detalhado, dá mais vontade de ler.”

A única leitora que afirmou ter uma preferência pelos filmes da série foi Emma. Ela afirmou que prefere os filmes aos livros porque foi através dos filmes que ela ficou conhecendo a obra e também porque ela assistiu aos filmes desde bem pequena. Apesar disso, ela demonstrou apreciar os livros da série, especialmente em perceber as diferenças entre as adaptações cinematográficas e a história contada nos livros.

O que podemos perceber é que, de maneira geral, os fãs da série sobre o bruxinho aprovaram as adaptações feitas para o cinema. Essa afirmação, entretanto, não significa que eles excluam os livros e ficaram apenas com a versão cinematográfica, mas utilizaram os filmes como forma de troca de conhecimento sobre os livros, pois apenas os leitores poderiam perceber as diferenças entre o livro e a adaptação cinematográfica. Dessa forma, o filme serviu, para essas leitoras, como uma complementação aos livros, trazendo novas características e abrindo novas oportunidades de estarem inseridas no mundo de Potter.

Assim, elas associaram os livros aos filmes, comentando partes que foram modificadas e apresentando seus pontos de vista.

As relações que os leitores estabelecem entre os livros e os filmes apontam o fértil diálogo entre as produções culturais. O estudo mencionado a seguir focaliza as vendas de livros e sua relação com lançamentos dos filmes correspondentes, analisando a estreita relação entre essas duas linguagens.

Borelli (2005) apresenta, em sua tese “Harry Potter: campo literário e mercado, livro e matrizes culturais”, uma análise dos livros mais vendidos publicados no caderno Mais!, da *Folha de São Paulo*. A análise desses dados, até o lançamento do terceiro filme, em 2004, mostra que, logo depois do lançamento dos filmes, houve um aumento significativo na venda dos livros. Depois disso, verificou-se que essa relação não mais se sustentava, ou seja, os novos filmes não conseguiam impulsionar uma maior venda de livros do mesmo modo que os primeiros. É importante ressaltar que o primeiro filme chegou aos cinemas brasileiros pouco tempo depois que os três primeiros volumes da série foram publicados, quando o fenômeno ainda estava recente no mercado editorial.

À primeira vista, esses dados poderiam nos levar a supor uma perda de interesse pelos livros Harry Potter, mas, se observarmos que o filme que obteve maior bilheteria foi o último da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2*, tal conclusão não se sustenta.

Verificando-se a relação de exemplares vendidos por obra da coleção, observa-se um considerável declínio no número de vendas dos livros, principalmente quando comparamos o número de exemplares vendidos do primeiro e do último livro. No entanto isso não diminui a dimensão e a importância que esses livros adquiriram ao longo dos anos. Um exemplo disso é o número total de livros vendidos no mundo. De acordo com os representantes da autora, em resposta a email, a série vendeu aproximadamente 450 milhões de exemplares no mundo.

O número de visitantes ao parque de diversões inaugurado na Flórida, aos estúdios onde os filmes foram gravados e a outras locações na Inglaterra sugere que o interesse pelos “produtos” Harry Potter se estende para além da publicação dos livros ou do lançamento dos filmes. Um outro dado sobre o interesse pelos livros da série verifica-se no lançamento pela

editora Rocco de uma nova edição da coleção, em uma caixa especial e com preço bastante superior ao pago pela edição “comum”. Se não existisse interesse pelos livros, essa coleção certamente não teria sido disponibilizada no mercado brasileiro.

Além dessa nova coleção, existem diversas edições diferentes à venda no Brasil, tanto em português quanto em inglês. Uma delas é a versão de lançamento dos livros, com capas iguais às dos livros publicados nos Estados Unidos. Outra edição disponível apresenta uma nova capa e também se encontra disponível em outros idiomas. Encontram-se também edições de luxo e de colecionadores, nas quais todos os livros são vendidos em uma caixa especial. Diferentemente de outros países, que apresentam capas distintas quer o público seja adulto quer seja criança, a primeira edição de todos os livros publicados no Brasil não teve essa diferenciação, iniciada nos Estados Unidos e na Inglaterra, quando se percebeu o grande número de adultos leitores da série. Essa variação quanto ao endereçamento dos livros é outro aspecto que se observa em vários países em que foram publicados. A figura a seguir mostra as capas de todas as edições para adultos publicadas na Inglaterra. Nas páginas seguintes, apresentamos todas as capas das versões inglesas, brasileiras/americanas e adultas.

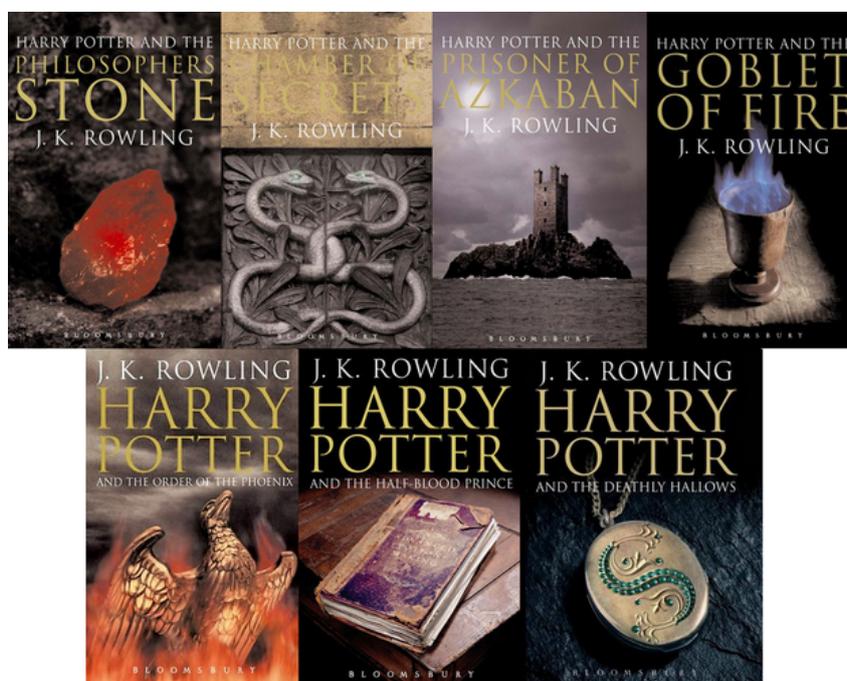


FIGURA 7 – Capas de todas as edições para adultos de Harry Potter.

Principais Capas da Série Harry Potter

Capas Inglesas

Capas Brasileiras

Capas Adultos

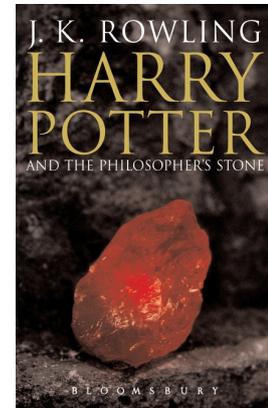
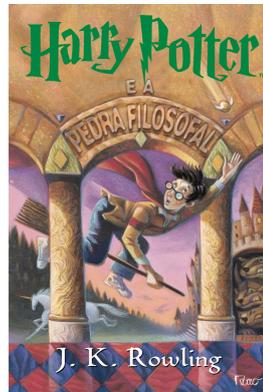
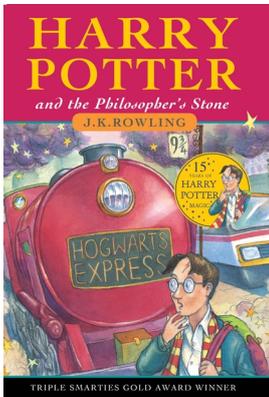


FIGURA 8 – Harry Potter e a Pedra Filosofal

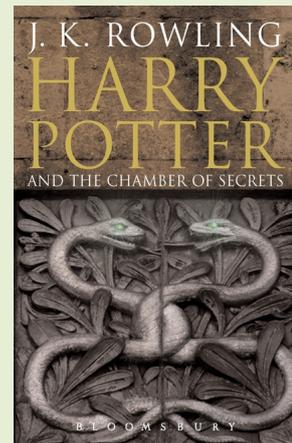
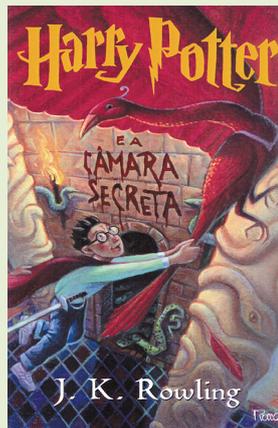
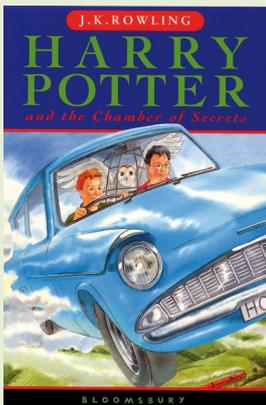


FIGURA 9 – Harry Potter e a Câmara Secreta

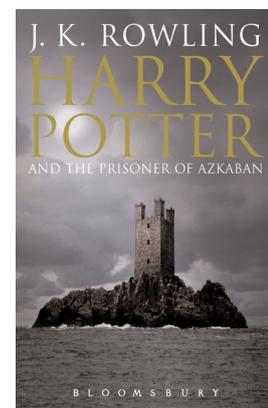
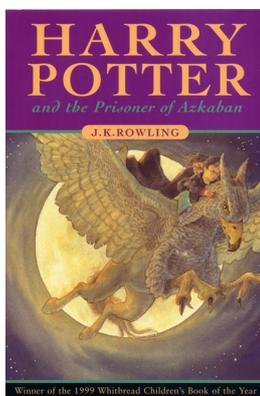


FIGURA 10 – Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban

Capas Inglesas

Capas Brasileiras

Capas Adultos

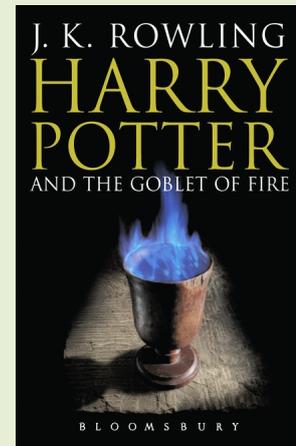
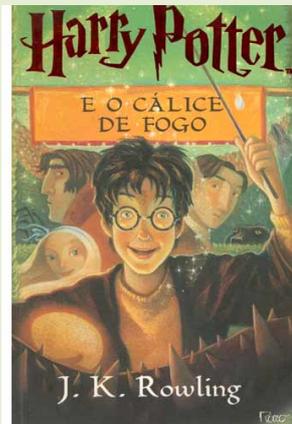
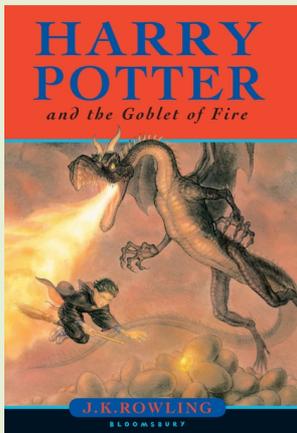


FIGURA 11 – Harry Potter e o Cálice de Fogo

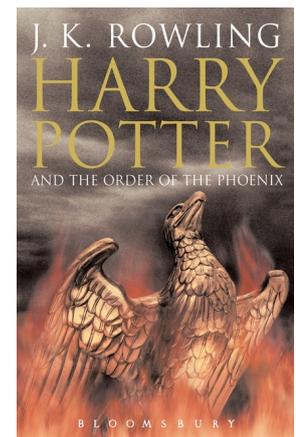
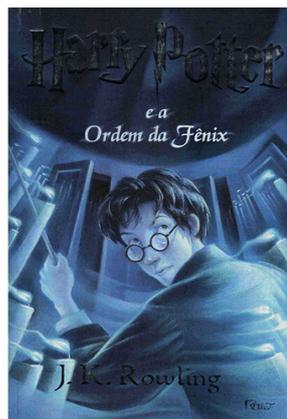
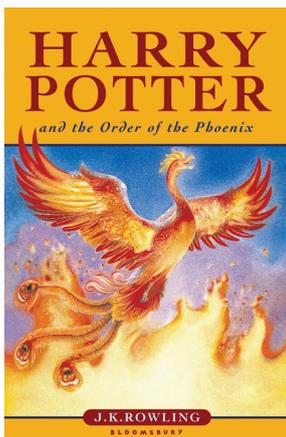


FIGURA 12 – Harry Potter e a Ordem da Fênix

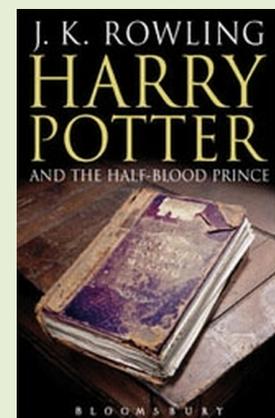
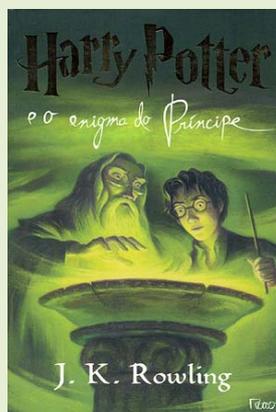
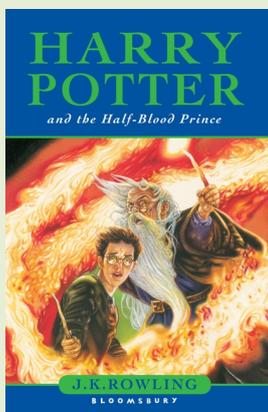


FIGURA 13 – Harry Potter e o Enigma do Príncipe



O uso de capas diferenciadas para o público infantojuvenil e para o público adulto demonstra algumas das estratégias empregadas para promover a venda dos livros, lembrando que essa produção partiu da percepção dos editores em ampliar e atender a um público não vislumbrado inicialmente como possível leitor da série.

A pesquisadora Borelli (2007) procurou averiguar as possíveis razões desse deslocamento do público infantojuvenil para o adulto. Segundo a autora:

Produtos culturais como Harry Potter responderiam a um perfil mais amplo de leitores; isto porque suas formas culturais dialogariam com matrizes originárias, capazes de restituir referências míticas e de constituir repertórios compartilhados que perpassariam diferentes segmentos: geracionais, étnicos, de gênero, de classes sociais” (BORELLI, 2007 p. 8).

Portanto, de acordo com a autora, pelo forte apelo ao imaginário, tanto na presença de entidades míticas como de alusões entrecruzadas a histórias de bruxarias e outras, os livros da série ampliam o alcance do seu público, no compartilhamento de repertórios culturais, por leitores de diferentes faixas etárias. Além disso, a obra consegue dialogar com vários segmentos da nossa sociedade, não apenas com pessoas de idades diferenciadas, mas também com sujeitos que possuem referências culturais variadas, por se tratar de uma série que apresenta, em sua narrativa, aspectos universalmente conhecidos.

A reflexão sobre literatura infanto-juvenil teria que dar conta, a priori, dessa compreensão de que há, ao mesmo tempo, jovens universais, capazes de ler Harry Potter em qualquer lugar do mundo e reconhecer nessas narrativas as matrizes

culturais originárias por meio das quais eles poderiam projetar referências e identificar-se com a trama proposta (BORELLI, 2007 p.9).

Além disso, o próprio conceito de jovem e de adulto é questionado pela pesquisadora, pois, segundo ela, houve uma modificação do perfil de adulto e adolescente nas últimas décadas, principalmente no que diz respeito à caracterização de adulto na sociedade moderna. Ela utiliza o termo *adultescente* para exemplificar essa nova categoria nas sociedades atuais.

Algumas pesquisas recentes têm diagnosticado a tendência, principalmente entre jovens de segmentos sociais mais favorecidos, a prolongar o período da adolescência, como numa ‘*moratória social*’ (MARGULIS; URRESTI, 1998; BORELLI; ROCHA, 2004; 2005). São jovens que permanecem mais tempo na casa dos pais em comparação com as gerações anteriores; prosseguem estudando em busca de qualificações exigidas pelo mercado e, com isso, enfrentam mais tarde as responsabilidades inerentes ao trabalho e à constituição de novas famílias; e delegam para o futuro a autonomia e a independência tão preconizadas pelos seus antecessores (BORELLI, 2007 p.12).

Os jovens de hoje, tendo outras expectativas e objetivos para além de constituir uma família ou sair de casa logo no início da vida adulta, prolongam sua adolescência, em especial, devido aos estudos e à facilidade de continuar morando na casa dos pais. Dessa maneira, eles continuam consumindo produtos que não foram, pelo menos inicialmente, destinados ao seu grupo.

É nesse contexto histórico que poderiam ser encontradas respostas ao porquê de adultos, além de jovens e crianças, lerem Harry Potter. É a partir dessa trajetória – juvenilidade, crise juvenil e *adultescência* – que seria viável compreender as razões pelas quais outros leitores, além de os ‘*tradicionais*’ jovens, estarem lendo Harry Potter. Esse poderia ser também um bom indicador para a análise da literatura convencional destinada à infância e à juventude e uma das possíveis explicações para o ‘*vazamento*’ das fronteiras de leitura, tanto no caso de Harry Potter, quanto no de outros livros e narrativas que se organizam num registro semelhante (BORELLI, 2007 p.14).

Esta pode ser uma das explicações para o amplo interesse pelas obras da série. No entanto, poderíamos acrescentar outros fatores, além do mencionado prolongamento da juventude, que justifiquem a ampliação do interesse pelos livros *infantojuvenis* por adultos. Como hipótese, um deles poderia ser o preenchimento de lacunas deixadas na formação desses leitores, que descobrem o prazer da leitura literária por essa via.

Embora esta pesquisa não inclua o universo de leitores adultos, considera-se importante destacar que esse grupo contribuiu para o sucesso da série. A venda dos livros da saga bateu recorde de vendas em livrarias e sites na internet que comercializam os livros; nenhum outro

livro havia vendido tantos exemplares em tão curto espaço de tempo. O último livro da série, segundo reportagem publicada no site da revista Exame¹⁵, vendeu 11 milhões de unidades nas primeiras vinte e quatro horas. É também relevante lembrarmos que diversas livrarias, brasileiras e estrangeiras, realizavam grandes eventos nos dias que antecediam a data de publicação dos volumes e também no dia combinado para início da comercialização dos livros.

Os filmes relacionados ao mundo bruxo de Harry Potter também obtiveram resultados consideráveis dentro da indústria cinematográfica. O último livro da saga, como mencionado no capítulo anterior, foi dividido em dois filmes. Muito se especula sobre essa decisão dos produtores; a hipótese mais aceita é a de aumento com os lucros da franquia, uma vez que os telespectadores teriam que pagar dois ingressos para assistir ao final da série. Outra versão, de argumento mais fraco, afirma que seria impossível adaptar o livro para um único filme, pois este ficaria muito extenso.

Os dados de bilheteria dos filmes ajudam a compreender a dimensão que estes atingiram mundialmente. De acordo com o site Portal de Cinema¹⁶, que apresenta as bilheterias em âmbito mundial, *Harry Potter e as Relíquias da morte – Parte 2* é o filme de maior bilheteria da saga, tendo arrecadado US\$ 1.328,1 bilhão de dólares e colocando o filme como quarta maior bilheteria da indústria cinematográfica até maio de 2012. O próximo livro da série com maior bilheteria é o primeiro, *Harry Potter e a Pedra filosofal*, que arrecadou US\$ 974,8 milhões.

Analisando o papel do cinema no desempenho das vendas dos livros, observa-se fenômeno semelhante em outros livros que foram adaptados para as telas do cinema, como *O Senhor dos Anéis*, *As crônicas de Nárnia*, *Eragon*, *Crepúsculo*, *Percy Jackson* e outros que passaram pelo mesmo processo, o que deve ser considerado importante fator para a análise do interesse dos jovens pelos livros, cujas leituras misturam a narrativa literária à narrativa fílmica, conforme se mostrou anteriormente. Não se observa, portanto, a lógica da substituição do filme pelo

¹⁵Disponível no site: <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/15-anos-de-harry-potter-a-magica-de-criar-um-negocio-bilionario/> Acesso em 12 de maio de 2013.

¹⁶Disponível em: <http://portaldecinema.com.br/news/2012/05/27/as-100-maiores-bilheterias-de-todos-os-tempos/> Acesso em 7 de julho de 2013.

livro. O que se percebe é um produto cultural alimentando ou estimulando a recepção do outro. Vários leitores, como alguns que participaram desta pesquisa, se sentiram estimulados a ler a série pela curiosidade despertada pelos filmes.

É difícil não comparar Harry Potter com a também famosa série vampiresca Crepúsculo, de Stephenie Meyer, lançada em 2005 e transportada para as telas de cinema em 2008. Ambas as coleções ganharam destaque na mídia mundial e conseguiram conquistar vários leitores. O último livro da série, *Amanhecer*, assim como *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, foi dividido em dois filmes. *Amanhecer – Parte 2* conquistou bilheteria consideravelmente inferior aos filmes que contam a história do bruxo, com arrecadação de US\$ 799,3 milhões. Mesmo assim, não podemos deixar de esclarecer que os livros levaram um grande público aos cinemas e conquistaram considerável número de leitores.

Outro livro que conseguiu fazer essa transposição para o circuito cinematográfico, atraindo um grande público, foi o *Senhor dos Anéis*. O livro *O Retorno do Rei*, que conta o desfecho da história de Frodo e sua tentativa de destruir o anel, teve arrecadação de US\$ 1.119,9 bilhão de dólares.

A relação entre filmes lançados e o número de venda de livros também aponta que os filmes alimentam esse circuito, e a procura pelos livros aumenta consideravelmente quando a versão cinematográfica chega aos cinemas. No caso de *O senhor dos Anéis*, a lista de mais vendidos da *Veja*, do dia 19 de dezembro de 2001, duas semanas antes da estreia do primeiro filme da trilogia, já mostrava que a movimentação pelo lançamento do filme impulsionou as vendas, e a edição completa da obra aparece como o décimo livro mais vendido da semana. Nas semanas seguintes, observamos que o livro *O Senhor dos Anéis – A sociedade do Anel* ganha mais posições e ocupa o primeiro lugar na edição do dia 16 de janeiro de 2002, lugar antes ocupado por *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, e a edição completa da obra, com os três volumes, fica na 4ª posição na mesma edição da revista.

Entre dezembro de 2002 e janeiro de 2003, quando o segundo filme, *O senhor dos Anéis – As duas Torres*, chegou aos cinemas, percebemos o mesmo comportamento. Na semana de estreia do filme, a edição completa da obra aparece na quarta posição dos mais vendidos da revista *Veja*, ocupando, duas semanas mais tarde, a primeira posição.

No entanto, quando o terceiro e último filme da trilogia fez sua estreia nos cinemas brasileiros, ele não conseguiu alavancar a venda dos livros, que não aparecem na lista pesquisada nem na semana anterior, nem nas duas semanas seguintes ao seu lançamento, em 25 de dezembro de 2003. O que podemos concluir, baseados nessas informações, é que, após alguns anos, o filme não conseguiu proporcionar um aumento significativo na venda dos livros.

Borelli (2005) verificou, no caso de *Harry Potter*, o mesmo padrão observado em *O Senhor dos Anéis*, como abordado acima. Porém, a pesquisadora não teve como averiguar os impactos do lançamento de todos os filmes da série, pois sua tese de livre docência foi publicada antes do final do circuito cinematográfico de *Harry Potter*.

Entretanto, a análise que fizemos da lista dos mais vendidos da *Veja*, com todos os filmes da saga, confirma essa constatação de Borelli. O lançamento dos novos filmes não promoveu uma corrida às livrarias que fizesse com que os livros aparecessem na lista dos mais vendidos da revista, como aconteceu com os dois primeiros filmes. Apenas no lançamento do quinto filme, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, percebe-se um panorama diferente do apresentado. Nas semanas seguintes ao lançamento do filme, o sexto livro aparece na lista em nono lugar e depois em oitavo, indicando uma procura considerável pelos livros da série. Essa nova informação parece ter duas explicações possíveis. A primeira hipótese é a de que, após assistirem ao quinto filme, os leitores tiveram interesse em ler o livro seguinte, aumentando assim as vendas nesse período. A segunda hipótese é a coincidência com a data de lançamento do último livro na Inglaterra e nos EUA. Dessa forma, para ler o sétimo e último livro da série, os leitores voltaram ao volume anterior, para recordarem os principais acontecimentos e estarem mais preparados para finalizar a leitura da saga. Entretanto, essas são apenas suposições, pois não encontramos indícios desse aspecto em nossas entrevistas.

No momento em que a última publicação chega traduzida no Brasil, ela rapidamente ocupa a primeira colocação dos mais vendidos divulgados pela revista por, pelo menos, três semanas consecutivas. O lançamento dos últimos filmes, entretanto, não proporcionou a mesma procura, como aconteceu com seus antecessores.

O que podemos perceber é que existe uma grande rede e uma forte influência entre cinema e livro, resultando em um “círculo vicioso”, no qual o livro alimenta a produção cinematográfica e vice-versa, formando novos leitores que, a partir do contato inicial com o filme, tiveram o interesse e a curiosidade despertados para ler o livro e comparar as duas versões. Viegas (2011) destaca esse hibridismo entre livro e outros produtos culturais que surgem a partir dele.

Uma das tendências que podemos perceber nessa literatura do presente é o hibridismo entre formas, gêneros, linguagens, suportes, caracterizados pela apropriação de ‘procedimentos e de técnicas representativos dos meios visuais e da cultura de massa, dominados pela visualidade, com finalidade de provocar efeitos sensuais afetivos’ (Schollhammer, 2002 p.81). A cultura do livro, paradigma da modernidade, vai se hibridizando com outros suportes, de modo que a literatura do presente se mescla às linguagens cinematográfica, televisiva, de publicidade, do videoclipe e ainda à circulação de textos via internet (VIEGAS, 2011, p. 32).

Borelli (2007) destaca que “o fato de Harry Potter ser serializado foi significativo na definição sobre as migrações da narrativa para outras formas culturais” (2007, p. 2) e ressalta as ideias defendidas por Martín-Barbero e Rey(2001) que corroboram com a coexistência de dois ou mais produtos culturais, sem que um exclua o outro.

Estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura, que não significa, nem pode significar, a simples substituição de um modo de ler por outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e da de hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com tudo o que isso implica de continuidade e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos (MARTÍN-BARBERO; REY, 2001 p.62 *apud* BORELLI, 2007 p.3).

No contexto de *Harry Potter*, os primeiros filmes impulsionaram a venda dos livros, mas a partir do terceiro filme essa relação não permaneceu, ou seja, os novos filmes não estimularam em larga escala a venda dos livros, pois os mesmos não chegaram a configurar nas listas de mais vendidos. Como observado no capítulo anterior, quando analisamos os empréstimos realizados pela biblioteca onde a pesquisa foi realizada, percebemos um padrão inverso; o número de empréstimos sempre aumentava no período de lançamento dos filmes. É importante lembrarmos que em 2004, no ano de lançamento do terceiro filme e quando ocorre essa inversão, ou seja, os filmes não fomentam as vendas dos livros, cinco livros da série já haviam sido publicados, o que sugere que a maioria dos seguidores da série já estava formada e já havia adquirido os livros anteriores.

A relação do cinema com a literatura, nos dois casos demonstrados, *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis*, confirma que existe um circuito e uma rede de realimentação bem estruturados, nos quais uma obra estimula a recepção e o sucesso da outra. Em *Harry Potter*, percebe-se que essa realimentação segue um movimento de desaceleração, pois apesar dos filmes mais recentes estimularem a leitura dos livros, eles não foram suficientes para que estes alcançassem a lista dos mais vendidos. Todavia, isso não significa que os filmes não tenham incentivado as vendas, mas que essas vendas não foram tão significativas quanto no início da produção cinematográfica, referentes aos primeiros livros. Além disso, nas entrevistas foi possível perceber a estreita relação entre os filmes e a conquista de novos leitores, como se verifica no caso das leitoras Rafaela, Emma e Catarina, em depoimentos acima citados.

4.1.2 As comunidades de leitores de Harry Potter e o interesse pela leitura

Outro fator apontado no questionário como estimulador da leitura da série é o da rede construída pelos próprios leitores, que acabam por envolver novos leitores de *Harry Potter* em suas comunidades.

Para trabalharmos com o conceito de comunidades de leitores, baseamo-nos nas concepções adotadas por Fish e Culler. Seguindo os preceitos dos dois autores, Dionísio (2000) procura caracterizar o que Fish chama de “comunidade interpretativa” e o que Culler denomina como “comunidade de leitores”.

Para Fish, uma comunidade interpretativa é “uma entidade pública e colectiva composta por todos aqueles que partilham uma mesma estratégia de interpretação, no mesmo modelo de produção de textos ou que contam a mesma história acerca do mundo” (DIONÍSIO, 2000, p. 92). Dessa forma, Dionísio sugere que os leitores sejam vistos como sujeitos inseridos em determinadas comunidades e com determinadas características de leitura e de elaboração de sentidos, sendo influenciados por essas comunidades tanto no seu modo de ler, quanto nos hábitos de leitura desenvolvidos pelo grupo. A autora afirma, no trecho abaixo, que os sujeitos devem ser vistos

não como entidades independentes, mas como ‘construtos sociais’ cujas operações são delimitadas por esses sistemas. Nessa medida, os sentidos, produtos das circunstâncias sociais e institucionais, nunca são produtos individuais, antes são pertença da comunidade interpretativa da qual aqueles construtos são uma função (DIONÍSIO, 2000, p. 93).

Apropriando-se do sentido que Culler apresenta para comunidades de leitores, Dionísio (2000, p. 93) afirma que a leitura, para Culler, “é vista como um processo interpessoal pelo qual se chega ao sentido de um determinado texto, dadas as estratégias interpretativas aprendidas, não sendo sentido também de uma criação individual”. Podemos perceber que, para os dois pesquisadores, a leitura é caracterizada como um processo coletivo, tanto no seu aprendizado quanto na sua realização, não podendo ser singularizada como um procedimento individual.

Reading and interpretation may be carried out in solitude, but they are highly social activities, which cannot be separated from the interpersonal and institutional conventions that are explicitly manifested in literary journals, critical discussion, and literary education¹⁷. (CULLER, 1980, *apud* Dionísio 2000 p. 94)

Outro pesquisador que trata dessa temática, destacado por Dionísio, é James Gee. A autora evidencia em Gee (1990) que o sentimento de pertencimento a determinado grupo implica a integração da linguagem e o comportamento desse mesmo grupo, imprimindo no sujeito o que o pesquisador chama de “cartão de identidade”. Dentro desses grupos, a visão de mundo e a linguagem, “de forma partilhada, se desenvolve e se afina” (DIONÍSIO, 2000, p.98). Para todos esses pesquisadores, a leitura é uma atividade altamente socializadora, e os sentidos e as interpretações atribuídos a um texto é sempre fruto dessa socialização e dessa partilha de sentidos. É uma determinada comunidade que legitima textos e narrativas, e não os sujeitos individualmente.

Tendo como base essa ideia, pode-se afirmar que *Harry Potter* criou a sua própria comunidade de leitores. Seus livros são compartilhados por leitores de todo o mundo que partilham significados e interpretações, transportando o leitor para uma comunidade, cujos membros trocam experiências e compartilham estratégias de leitura, tais como as que envolvem o diálogo com outras produções culturais relacionadas.

¹⁷A leitura e a interpretação podem ser levadas em solidão, mas elas são atividades altamente sociáveis, que não podem ser separadas das convenções interpessoais e institucionais manifestadas explicitamente em revistas literárias, discussões críticas e educação literária (tradução nossa).

Dentro do grupo de leitores pesquisados, das vinte e duas pessoas entrevistadas, sete afirmaram que ficaram conhecendo a série através da indicação de um amigo. É importante considerar que os livros foram inicialmente endereçados ao público infantojuvenil, e que a maioria dos jovens sente a necessidade de pertencimento a um grupo, de compartilhar experiências comuns, de encontrar seus pares, criando, dessa maneira, suas próprias comunidades. Podemos observar que a história da leitora Rafaela também se enquadra nesse cenário, pois, além do filme, a influência dos primos foi um fator determinante no interesse dela pelos livros da série.

A leitora Catarina, por meio da entrevista, não deixou transparecer que teve influência dos amigos na leitura da coleção *Harry Potter*, mas ela afirmou que sempre leva em consideração a opinião deles quando vai ler um livro. Um dos seus livros favoritos, *As intermitências da morte*, de José Saramago, foi indicado por um amigo. Ela também contou que costuma indicar livros para os amigos. Um livro muito recomendado por ela era *Protocolo 27*, de Vinícius Caldevilla, um livro, segundo ela, “bem curtinho, uma história bem simples, mas foi uma coisa que marcou”. Nas entrevistas, evidenciam-se outras modalidades de livros, como a referência a Saramago, que nos levam a constatar que alguns leitores não se limitam às obras da série *Harry Potter* e, pouco a pouco, mostram outras preferências de leituras, sem estabelecerem uma hierarquização de valores entre as produções.

Quando entrevistada, Rafaela também citou que a indicação de amigos a levou a ler a série *Heróis do Olimpo*, de Rick Riordan, mesmo autor da série de *Percy Jackson e os Olimpianos*, e que mescla mitologia grega e romana. O primeiro livro da saga *Percy Jackson e os Olimpianos*, que conta com cinco volumes, foi publicado no Brasil em 2008 e conquistou diversos seguidores. Ele narra a história de Percy, um adolescente de 12 anos que descobre ser filho de um dos deuses do Olimpo. Para garantir sua proteção, já que ele é um semi-deus, sua mãe o envia para um acampamento secreto, chamado de Acampamento meio-sangue, coordenado por Dionísio, deus da festa e do vinho. No acampamento, Percy e seus amigos aprendem a duelar e se defender e estão protegidos contra as forças do mal que querem destruí-los. Motivado pelo sucesso da primeira saga, Riordan deu continuidade às histórias em duas novas coleções: *Heróis do Olimpo* e *As Crônicas dos Kane*, que, apesar de seguir o mesmo tipo de narrativa, aborda a mitologia egípcia em vez da greco-romana.

Emma relatou, durante sua entrevista, que um dos pontos positivos da sua troca de colégio este ano foi poder encontrar e partilhar com mais pessoas seus interesses literários. Na nova escola, segundo ela, os alunos são mais interessados e compartilham mais experiências de leitura do que em seu colégio anterior. Entretanto, ela mantém uma tradição muito interessante com uma amiga da sua antiga escola: elas só se presenteiam com livros e, segundo Emma, “isso é muito bom”. Ela também destacou a oportunidade de trocar informações com os colegas sobre livros de que eles gostam e indicar leituras. Ela citou dois livros em específico que ela indicou para as novas colegas: *A resposta* e *O lado bom da vida*, ambos recentemente adaptados para a linguagem fílmica e que as colegas iriam ler. Um livro que estava exposto em sua prateleira havia sido emprestado por uma de suas colegas, mostrando o forte circuito de experiências literárias que são incentivadas por essas comunidades de leitores.

Uma das entrevistadas, Maria Carolina, que mantém junto com outros amigos um blog, uma página no *facebook* e uma conta no *twitter* sobre *Harry Potter*, afirmou que um dos objetivos principais do blog Plataforma 9 ¾¹⁸ era continuar divulgando a série para novos leitores e promover encontros e atividades relacionadas ao mundo imaginário criado por Rowling. Entre as atividades promovidas pelo grupo, estão sessões de cinema exclusivas, nas quais algum filme da série é novamente disponibilizado em apenas uma sessão, geralmente fora do horário normal de funcionamento do cinema; sorteio de produtos, promoção de *quiz* baseado nos conteúdos dos livros, entre outras atividades. Para além desses eventos, o grupo também promoveu, no dia primeiro de setembro de 2012, um passeio de metrô por Belo Horizonte para celebrar o início das aulas em Hogwarts e no dia 30 do mesmo mês, foi realizado um campeonato de quadribol, esporte mais popular do universo criado por Rowling e que foi adaptado para poder ser jogado por “trouxas¹⁹”, ou pessoas que não possuem poderes mágicos, como abordado no capítulo anterior.

Freitas (2010 p. 186) observou esse mesmo padrão em sua pesquisa com jovens leitores. Ela constatou que, com o apoio e o incentivo dos amigos, é possível despertar o interesse pela leitura, como pode ser observado no trecho abaixo.

¹⁸ <http://fcplataforma.blogspot.com.br/> Acesso em 2 de outubro de 2012. O blog não se encontra mais disponível.

¹⁹ Em inglês a autora criou a palavra “*muggle*” para se referir a pessoas que não apresentam poderes mágicos. Em português, escolheu-se o uso da palavra “trouxa”.

Foi através da presença ativa e significativa de Maria que (Guilherme) descobriu o prazer de ler, vivendo a experiência da leitura do texto que penetra e deixa marcas. E Maria, conhecendo o prazer dessa experiência, quer difundi-la, não quer privá-la aos seus amigos e introduz Guilherme na leitura.

As comunidades de leitores de Harry Potter, nas diversas atividades que promovem, acabam por sustentar o interesse dos leitores por mais tempo que a duração da leitura.

Trocar ideias sobre algo que se leu de forma divertida repete a emoção da leitura e reforça estímulos positivos em torno dessa atividade. É o que se percebe na troca que acontece entre os pottermaníacos. Enquanto esperam pelo quinto livro, num dos sites, os leitores estão escrevendo as suas próprias versões. Numa delas, intitulada “Antes de Harry Potter”, a jovem autora começa a história dos pais de Harry no período em que eles frequentavam a escola de bruxarias (LIGNANI, 2004, p. 129).

Como pode ser atestado pela fala das leitoras Emma, Catarina e Maria Carolina, as comunidades e as redes de amizade exercem um papel importante na vida dos jovens que gostam de dedicar parte de seu tempo à leitura. Eles encontram nos amigos pessoas para compartilharem suas experiências de leitura, discutirem detalhes dos livros, como possíveis continuações das narrativas, mudanças que fariam nas histórias, e elegerem suas partes favoritas. Aguiar aponta que “parece que a influência entre pares é mais eficaz do que os estímulos e conselhos de alguém que possa ter autoridade sobre os leitores, como pais e professores entre as crianças ou crítica especializada entre os adultos.” (AGUIAR, 2005, p. 13) Dessa forma, as comunidades de leitores formadas a partir do enredo de Harry Potter promovem a interação e potencializam oportunidades de troca entre os leitores sobre os livros, filmes e outros produtos que surgiram no mercado, com o sucesso da série, como, por exemplo, a escrita de *fanfictions*, baseada na história da escritora escocesa.

Um dos pontos que chamaram a nossa atenção durante as entrevistas foi a relação das pesquisadas com a escrita. Três leitoras nos informaram que possuem o hábito de escrever histórias e duas delas já haviam escrito *fanfiction*, baseado na história de Harry Potter. Segundo Márcio Padrão, quando estamos nos referindo a *fanfiction*, estamos falando sobre “a prática de escrever histórias baseadas em universos ficcionais – personagens, cenários e acontecimentos de ficção – criados por terceiros” (PADRÃO, 2008, p.2).

A prática de escrever histórias baseadas em personagens e lugares criados por outros autores não é novidade para quem estuda esse tipo de fenômeno. Sugere-se que a prática do *fanfiction*

tenha tido início com os seguidores da série norte-americana *Star Trek* e, desde então, conquistou adeptos em vários segmentos ficcionais. As novas tecnologias e os seus modos de conectar as pessoas e transformar os moldes antes concebidos de comunicação modificou consideravelmente as práticas relacionadas ao *fanfic*. Escrever uma história e publicá-la na internet nunca foi tão fácil e nunca conseguiu atingir número tão grande de seguidores.

Os personagens criados por Rowling serviram, e ainda servem, como veremos no caso de Maria Carolina, de inspiração para diversos aspirantes a escritores, que viram na obra da escritora escocesa uma oportunidade de começarem a escrever suas próprias histórias. Segundo Padrão (2008, p.2), “as pessoas que escrevem *fanfiction*, de um modo geral, possuem níveis de proximidade e identificação com o produto original bastante diferentes do público convencional”, geralmente possuindo um vasto conhecimento da obra e consumindo os seus mais variados produtos culturais.

Versuti, Silva e Lima (2012) evidenciam a criação de sites na internet, específicos para a escrita e divulgação de *fanfiction*, baseados exclusivamente em Harry Potter. Segundo os autores, esses sites, em sua maioria, são bem organizados e contam com um expressivo número de leitores e de *ficwriters*, nome oficial dado aos escritores de *fanfiction*. Para Borelli, os *ficwriters* “criam novas histórias e mundos alternativos, baseados em personagens existentes na narrativa original, e podem – e muitas vezes o fazem – questionar os rumos dados pela autora de Harry Potter” (BORELLI, 2007).

As variações e as histórias criadas pelos fãs da série são as mais diversas, passando pela história dos pais de Harry ou se apropriando dos novos personagens inseridos no final do sétimo livro para, a partir desse ponto e da escola de magia e bruxaria, criarem suas próprias narrativas. Para Padrão, o adepto desse passatempo é alguém que, por opção, transcende o status de mero consumidor dessas histórias ao recriar, ampliar, mudar o foco, subverter e/ou parodiar universos ficcionais de outros criadores em seus próprios contos (PADRÃO, 2008, p.2)

Os leitores deixam de ser apenas leitores e participam de maneira ativa na criação de novas narrativas que alimentam diversos sites e contribuem para uma maior interação entre os seguidores da série, que leem a história de seus colegas, oferecendo sugestões e ampliando o

alcance da *fanfiction* e das redes e comunidades de leitores que se formam por meio dela. “Quando unidos, estes fãs se dedicam ao culto aos produtos da indústria cultural e, para isso, iniciam entre si uma infinidade de formas de manter acesa a chama do interesse sobre seus objetos de adoração”(PADRÃO, 2008, p.2).

Três entrevistadas demonstraram ter uma relação especial com a escrita. Catarina compartilhou conosco que escrevia um *fanfiction* baseado em Harry Potter, e Maria Carolina ainda mantém esse hábito, publicando suas histórias no blog que ajuda a administrar, com o enredo baseado nos personagens e lugares criados por Rowling. Catarina nos contou que, frequentemente, escrevia *fanfiction* sobre os personagens presentes no livro. Quando indagada sobre as razões que a fizeram parar de escrever, ela comentou sobre a importância da comunidade de leitores e do apoio dos amigos para ler e comentar as histórias escritas por ela. “Eu acho que assim, ter interação com amigos com o mesmo gosto incentiva, porque conta como críticos, sabem do que eu estou falando, então eles vão ter propriedade para julgar e então, como eu perdi contato com esse pessoal, eu parei.” Mais uma vez, percebemos em que medida as comunidades de leitores estão presentes na manutenção dos fãs da série. Catarina tinha o costume de publicar suas histórias na Floreios e Borrões²⁰, site brasileiro dedicado exclusivamente à publicação de *fanfiction*, e afirmou que chegou a escrever mais de dez histórias.

Emma, embora não escreva *fanfiction*, adora ler as histórias inventadas pelos fãs da série a partir da trama escrita por Rowling. Ela relatou que já leu diversas histórias diferentes e como havia lido todas as *fanfics* disponíveis, teve que trocar de site. Segundo ela, algumas das *fanfics* são muito bem escritas e é interessante ter uma história alternativa. Embora Emma não escreva histórias baseadas nesse enredo, no final cinematográfico da série ela escreveu um texto sobre a sensação de abandono que ela estava sentindo com o encerramento definitivo das aventuras de Harry. Afinal, o filme seria o último grande lançamento da franquia, finalizando o circuito desse produto cultural. No texto, intitulado Meu Mundo Mágico, em anexo, Emma aborda o fim das histórias e partilha com os leitores o que aprendeu com a série.

²⁰O site conta com 99933 usuários cadastrados, dos quais 22558 estavam ativos no dia de acesso ao site. Além disso, o site tem 25889 *fanfictions* cadastrados, dos quais 4805 estão em andamento e 9572 foram concluídos por seus autores. O número de comentários postados pelos autores e leitores dos *fanfics* também nos ajudam a compreender a dimensão que eles atingem. O site já recebeu um total de 682752 comentários. Acesso ao site <http://fanfic.potterish.com/> Acesso em 24 de abril de 2013.

A entrevistada Maria Carolina nos informou que tem o hábito de escrever *fanfiction*, não se limitando ao enredo de Harry Potter e transitando por narrativas e personagens de outros livros. Ela postava suas histórias no blog, sobre a saga, que ajudava a administrar. Ela era a única pessoa que postava no blog, mas afirmou que eles estavam tentando incentivar outras pessoas a escreverem histórias baseadas na série. Apesar disso, ela colocou em evidência, durante a entrevista, que a maioria das pessoas que escrevem *fanfiction* tem o costume de publicar suas narrativas em sites especializados, como fez a leitora Catarina. No que tange às histórias criadas a partir de Harry Potter, ela explica o enredo da sua narrativa.

Eu mantive a minha história no mundo do Harry Potter mesmo, eu inventei uma personagem porque eu achava que faltava alguém, porque eu estou usando os novos personagens que apareceram, literalmente, nos 19 anos depois, que é a Rose Weasley, o James Sirius e esses. [fragmento de entrevista de Maria Carolina concedida em 30 de agosto de 2012].

Esses novos personagens citados por Maria Carolina apareceram no último capítulo do sétimo livro e são os filhos dos protagonistas da série, embarcando para mais um ano de estudos na escola de magia e bruxaria de Hogwarts, possibilitando uma infinidade de novas narrativas que podem ser exploradas pelos leitores.

Como pode ser verificado pelos depoimentos acima expostos, a *fanfiction* faz parte das comunidades de leitores dos diversos fãs da série e otimiza a divulgação e a permanência do livro atualmente, oferecendo inúmeras portas de entrada para os leitores que, não contentes com os rumos que as obras levaram ou querendo dar continuidade a esse universo, começaram a criar suas próprias histórias a partir de uma ideia original. Padrão (2008, p.3) afirma que “a *fanfiction* seria ao mesmo tempo uma mensagem que é resposta à indústria cultural ‘oficial’ e um canal de encontro onde os integrantes desta subcultura compartilham experiências”. Portanto, para os leitores da série e, em particular, para as leitoras que participaram da nossa pesquisa, a *fanfiction* era uma maneira de estarem em contato com outras pessoas que compartilhavam o mesmo interesse e uma maneira de extrapolar e usarem sua criatividade para a prática da escrita.

4.1.3 O estímulo da família para os leitores de Harry Potter

A relação das famílias das jovens entrevistadas com a leitura literária foi um dos aspectos abordados durante as entrevistas. Quando questionadas sobre a leitura dos membros de sua família, todas as quatro entrevistadas afirmaram que costumam ver os pais lendo, embora a frequência e o material lido varie para cada família. A mãe de Catarina, que é professora, tem o hábito, segundo a filha, de ler vários tipos de livros, mas, em especial, livros espíritas. Ela também acredita ter influenciado o pai, que de tanto vê-la lendo passou a ler mais. Quando indagada sobre o que o pai lê, Catarina nos contou que ele prefere ler livros de psicologia e de autoajuda.

Maria Carolina nos contou que, como sua mãe é professora de português, esta tem o hábito de ler livros de literatura. Em conversa rápida e informal com a mãe, foi possível perceber que ela procura incentivar a leitura dos filhos. Ela tem o hábito de comprar livros, pois gosta de tê-los em casa e também já leu a série Harry Potter junto com sua filha, trocando impressões e contribuindo para a formação literária de Maria Carolina. Quando questionada sobre os hábitos de leitura de seu pai, a entrevistada afirmou que ele costuma ler livros específicos da sua área de trabalho e, portanto, prefere livros relacionados à disciplina de História. Ela disse que raramente vê o pai lendo algum outro material que não tenha relação com a disciplina que ele leciona. Ela chega a afirmar, inclusive, que ele é desanimado para a leitura de outros gêneros de livros.

A entrevistada Rafaela disse que seus pais são ávidos leitores, mas não soube precisar que gêneros literários eles costumam ler. Ela mencionou que seus pais gostam de ler autores nacionais e que, no momento, sua mãe estava lendo um livro de um autor internacional, que ela acreditava ser *A sombra do vento*.

Emma credita o seu envolvimento positivo com a literatura devido à influência de sua avó, que é bibliotecária. Ela afirmou que seu pai não gosta muito de ler e que, apesar de grande parte da família ser composta por professoras, foi sua avó quem despertou nela a vontade de ler livros. Apesar disso, ela se lembrou com carinho do livro *Poliana Menina*, que sua mãe costumava ler quando ela era criança. “Minha mãe sentava comigo e lia Poliana pra mim, e quando eu aprendi a ler, eu li *Poliana Menina*. Eu amo Poliana”.

As quatro participantes da entrevista afirmaram que já gostavam de ler e eram leitoras entusiasmadas antes de começarem a ler *Harry Potter*, fato que despertou nossa curiosidade no sentido de saber os caminhos que levaram essas jovens a terem o hábito da leitura entre uma de suas atividades favoritas. Tanto Catarina quanto Maria Carolina e Rafaela indicaram que sempre tiveram uma grande influência de seus pais na formação do hábito da leitura. Catarina e Maria Carolina são filhas de professoras, uma pedagoga e uma formada em Letras, e as suas mães tiveram um papel fundamental em sua trajetória de leitura.

Maria Carolina contou que sua mãe tinha o hábito de ler para ela e o irmão mais novo. Ela se recordava principalmente de uma coleção da Disney, dividida em quatro volumes, um para cada estação do ano, e que continha pequenas histórias.

Catarina também tem recordações das leituras realizadas por sua mãe, que costumava ler contos de fadas e literatura infantil, e acredita que ela foi uma forte influência no seu gosto pela leitura. Segundo a entrevistada, ela cresceu cercada de livros, pois a mãe estava sempre com um livro por perto e como ela ficava grande parte do tempo com a mãe, ficava folheando os livros para se distrair.

Rafaela também informou que acredita que a família tenha exercido uma grande influência no seu gosto pela leitura. Ela afirmou que todos na sua família leem muito, então, desde pequena, ela esteve em contato com livros: “Eu sempre via eles lendo e acabou que me influenciou bastante”. Rafaela relatou, em sua entrevista, que seu pai tinha o costume de ler histórias para ela e para o irmão na hora de dormir, e que ele tinha o hábito de inventar histórias para distrair as crianças. Outro detalhe interessante é que ele tinha o costume de contar histórias de mitologia para os filhos, o que despertou o interesse de Rafaela por esse tipo de narrativa. Nesse momento, ela compartilhou com a pesquisadora mais informações sobre as leituras do seu irmão mais novo. Segundo Rafaela, seu irmão também gosta de ler, mas, pela sua fala, podemos perceber que ela considera a leitura do irmão diferente da dela, por ele ler livros menos extensos, como o já citado *Diário de um Banana*.

O relato dessas quatro pesquisadas nos apresenta parâmetros para a reflexão sobre o papel dos pais na formação literária dos filhos. Na maioria das situações, as entrevistadas têm, dentro de sua casa, pelo menos uma pessoa que se interessa pela leitura literária e que teve o cuidado de

tentar transmitir aos seus filhos os prazeres que a leitura pode proporcionar. A única leitora que apresentou um panorama diferente foi Emma, mas ela afirmou que sua avó teve um papel fundamental na sua formação enquanto leitora. Não se pode afirmar, entretanto, que apenas esse estímulo seja capaz de transformar crianças em leitores, pois nem sempre esse cuidado traz frutos. O irmão mais novo de Maria Carolina, por exemplo, apesar de gostar da história de *Harry Potter*, leu apenas o primeiro livro e assistiu aos filmes dos outros volumes da série, estando bem satisfeito com esse panorama. Apesar disso, ele está trilhando seu caminho de leitor com outros livros, como *Diário de um Banana* e *Como treinar seu dragão*. O que se pretende mostrar é que, sem esse estímulo da família, é muito mais difícil que as crianças consigam transformar a leitura em uma atividade prazerosa.

4.1.4 A leitura de *Harry Potter* e a escola

O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo.

(Todorov)

A literatura e suas relações com a escola têm sido o escopo de trabalho de diversos pesquisadores que se dedicam a estudar as diversas formas com que a literatura se insere no ambiente escolar e como a escola se apropria da literatura, tornando-a parte de seu currículo. A esse processo de apropriação da literatura pela escola chamamos de escolarização da literatura. Tomamos aqui o conceito de escolarização da literatura infantil assumido por

Soares (2006), como a “apropriação dessa literatura pela escola, para atender a seus fins formadores e educativos” (p.47).

As práticas de leitura e a escola sempre caminharam juntas, embora constantemente o ensino de literatura nas escolas tenha servido a outros propósitos que não o da formação de um leitor literário. Como destaca Dionísio:

Desde o seu aparecimento, a prática de leitura anda associada com a alfabetização dos indivíduos e, por esta via, a situações de aprendizagem; vale dizer que leitura e ‘escola’ (esta não necessariamente sob a forma que hoje lhe conhecemos nem com os mesmos ideais que, desde a civilização helênica, lhe foram atribuídos) mantêm entre si elos muito fortes (2000, p. 40).

Dionísio relata, no trecho acima, a forte associação que leitura e escola sempre tiveram, desde a concepção de escola. Com o objetivo de incluirmos na pesquisa a relação dos entrevistados com a escolarização da literatura a que eles tiveram acesso, pedimos para os sujeitos entrevistados relatarem um pouco da sua experiência com a leitura de textos literários no decorrer de seus respectivos períodos de escolarização.

Os participantes da entrevista demonstraram experiências diversas quando indagados sobre a leitura de literatura na escola. Catarina, que já havia concluído o ensino médio, teve uma trajetória de leitura na escola contrária a sua trajetória fora dela. Ela nunca se sentiu estimulada a ler os livros indicados pelos professores e só realizou essa atividade em raríssimas ocasiões. Como ela afirmou em entrevista: “eu nunca li livro que professor indica. Era uma luta porque tinha que fazer prova e eu não tinha lido o livro”. Na maioria das vezes, a atividade desenvolvida após a leitura do livro escolhido era uma prova. Em algumas raras exceções, o professor conduzia um seminário. Apesar de ser uma leitora assídua, as atividades propostas e os livros trabalhados na escola não faziam parte do seu rol de interesse e, por isso, ela não lia os livros de literatura. “Então eu quase nunca lia livro de indicação do professor, mas eu sempre estava com um livro na bolsa. Ou um ou dois”.

A adolescente citou apenas um livro indicado por seu professor e que ela considerou interessante suficiente para lê-lo. O livro em questão, *Mistério em Veneza*, pertencente à coleção *A turma dos tigres*. A coleção é permeada de aventuras e mistérios, na qual o leitor é peça importante para desvendar os desafios encontrados pelos protagonistas, uma vez que o livro apresenta um envelope com charadas e mapas que devem ser interpretados e

desvendados para conseguir resolver o mistério. Segundo Catarina, esses “apetrechos” – expressão usada pela própria entrevistada – foram o que mais a cativou a ler os livros, “tinha um envelope no fundo cheio de apetrechos para você usar durante a leitura, mas foi isso que me interessou, não pelo livro em si, foi pelos apetrechos”. Apesar dessa experiência bem sucedida, ela continuou a ignorar os livros que faziam parte das práticas escolares e continuou a ler títulos de sua própria escolha. Para ela, a pressão e a imposição da escola atrapalhavam o prazer e o gosto que ela tinha pela leitura. Nessa direção, Walty (2003) ressalta que o importante é:

Perguntar qual o papel da escola na formação do leitor. Não o leitor obediente que preenche devidamente fichas de livros ou reproduz com propriedade enunciados textuais. Mas o leitor que, instigado pelo texto, produz sentidos, dialoga com o texto que lê, seus intertextos e seus contextos, ativando sua biblioteca interna, jamais em repouso (p. 52).

A leitora Rafaela, que se encontrava no Ensino Fundamental, estabelece uma relação com a leitura escolar diferente da de Catarina. Além da relação com a leitura, as propostas e as atividades desenvolvidas na escola de Rafaela são bem diferentes das citadas anteriormente. Na instituição onde ela estuda, os alunos frequentam a biblioteca da escola uma vez a cada 15 dias e devem, obrigatoriamente, pegar um livro emprestado. A bibliotecária deixa à disposição dos alunos títulos mais recomendados à faixa etária dos alunos, mas eles estão livres para pegar o livro que desejarem. De acordo com ela, não existe nenhuma cobrança em relação à leitura do livro escolhido na biblioteca, “é só pra estimular a ler mesmo”.

Além dos livros que eles pegam emprestados na biblioteca a cada duas semanas, em cada etapa letiva, os alunos realizam um projeto com um livro escolhido pela professora. Neste caso, todos os estudantes leem o mesmo livro e devem adquiri-lo para que as professoras possam realizar o trabalho proposto. De acordo com Rafaela, esse projeto varia muito, mas em geral os alunos devem responder a perguntas sobre o livro ou o tema ou compartilhar se gostaram ou não do livro lido. A instituição onde ela estuda, uma escola particular, também desenvolve um projeto de produção de texto baseada em um dos livros lidos a pedido da professora. Cada turma da escola escreve histórias sobre determinado tema e depois essas histórias são publicadas em um livro, e cada aluno recebe uma cópia.

A entrevistada Emma relatou que, em sua nova escola, existe uma aula específica para se trabalhar com literatura, mas ela é voltada para o aprendizado dos estilos literários. Ela mesma afirmou que, no momento, estava aprendendo sobre trovadorismo. Além disso, os alunos devem ler uma obra literária e essa leitura será verificada durante a prova da disciplina, que geralmente apresenta apenas uma questão sobre o livro. A necessidade da leitura do livro, nesses casos, nem sempre é plausível. Emma afirmou que teve que ler *Um certo Capitão Rodrigo*, mas que não terminou de ler a obra, pois não teve tempo de finalizá-la antes da prova. Ela pretendia terminar o livro, pois disse que tinha apreciado a narrativa. A jovem também demonstrou seu desgosto com alguns dos títulos indicados pelo professor da escola, como *Cobra Norato*.

Maria Carolina também relatou a sua experiência com literatura durante os anos escolares. Segundo ela, a escola que frequentava não oferecia aulas específicas de literatura. O professor de português indicava uma obra para leitura a cada semestre e os alunos faziam uma prova escrita sobre o livro. Entre os livros indicados para leitura na escola, ela citou *Dom Casmurro*, *O Cortiço* e *a Odisseia*. Ela também nos contou que não gostou de ler *Dom Casmurro* porque considerou a linguagem do livro muito complexa, sendo necessário consultar várias palavras no dicionário. Ela demonstrou uma relação mais positiva com a leitura de *O Cortiço* e *A Odisseia*, que lhe agradaram mais.

Essa diversidade de experiências, positivas e negativas, mostra em que medida a escolarização da literatura acontece de maneira diversificada e descontínua nas escolas onde estudam ou estudavam os leitores de *Harry Potter* que participaram da pesquisa. O mesmo discurso pode ser percebido no trecho a seguir:

Muito já se falou sobre os danos sofridos pelo conhecimento quando transposto para o ambiente escolar. As adaptações didáticas e os fins pedagógicos são comumente criticados pelo seu caráter redutor e até deformador dos princípios e teorias do saber feito ciência. No caso da leitura e da literatura, reclama-se, particularmente, da artificialização do ato de ler transformado em exercício, ou seja, uma verdadeira preparação para a verdadeira leitura que teria realização em um futuro fora da escola. Também se denuncia a ênfase sobre os conceitos e o deslocamento do centro das disciplinas na busca deles, como acontece com a história da literatura que substitui a leitura literária, fazendo da literatura uma cronologia de nomes de autores, títulos de obras e características de estilos de época. Há, ainda, as metodologias de exploração dos textos que ora os toma como pretextos, ora adota perspectivas pouco adequadas para a sua especificidade literária, como os resumos, os questionários e as fichas de leitura (COSSON, 2004 p. 96).

Pelas práticas citadas pelas entrevistadas, podemos observar uma clara distinção entre o que acontece na escola de Rafaela e nas escolas frequentadas pelas outras três participantes. O que não se pode deixar de considerar, nesses casos, é o fator cronológico, uma vez que Rafaela ainda está no Ensino Fundamental, Emma começou o Ensino Médio em 2013 e Catarina e Maria Carolina já concluíram o Ensino Médio. Esse outro fator pode nos levar a imaginar que algumas escolas estão buscando outras maneiras de trabalhar com a escolarização da literatura, que não se limitem a provas sobre os livros. No entanto, é inegável que a escola se aproprie da literatura. Como evidencia Soares (2006, p.47), “defendemos que essa escolarização é inevitável, porque é da essência da escola a instituição de seus saberes escolares, que se constituem pela didatização ou pedagogização de conhecimentos e práticas culturais.” Entretanto, os modos dessa apropriação podem ser diversificados, escolhendo estratégias variadas e que atinjam tanto os objetivos dos professores quanto os dos alunos. Para Cosson, (2004):

A escola, para cumprir seu objetivo de ensinar, precisa “didatizar” os saberes, transformando-os em disciplinas, conteúdos e habilidades. Tal transformação, que é a própria escolarização, não precisa ser compartimentalizadora ou conteudística, para usar expressões conhecidas da crítica, mas não pode fugir da sistematização necessária ao funcionamento de qualquer instituição de ensino (COSSON, 2004 p.96/97).

Contudo, se a escolarização da literatura é inevitável, o que inquieta Soares é a “inadequada escolarização da literatura infantil” (2006, p.22). Segundo a autora, os textos que aparecem nos livros didáticos sempre aparecem seguidos de exercícios que

não conduzem à análise do que é essencial neles, isto é, a percepção de sua literariedade, dos recursos de expressão, do uso estético da linguagem; centram-se nos conteúdos, e não na recriação que deles faz a literatura; voltam-se para as informações que os textos veiculam, não para o modo literário como as veiculam. Assim, ao ser transferido do livro de literatura infantil para o livro escolar, o texto literário deixa de ser um texto para emocionar, para divertir, para dar prazer, torna-se um texto *para ser estudado* (grifos da autora) (SOARES, 2006, p.43).

E não é apenas no livro didático que encontramos uma inadequada escolarização da literatura infantil. Cosson (2009) destaca que existe uma tradição “no ensino de língua nas escolas com um duplo pressuposto: a literatura serve tanto para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (p. 20). Além disso, muitas vezes no ensino fundamental e médio, mas particularmente no ensino médio, constata-se uma tradição de estudo da literatura pela

cronologia e autores de determinados estilos. O depoimento das participantes da pesquisa reflete consideravelmente o que defende Cosson:

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, a história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa retórica em uma perspectiva para lá de tradicional (COSSON, 2009, p.21).

Difícilmente essa perspectiva de trabalho em sala de aula conseguiria despertar nos alunos o “gosto” ou “prazer” pela leitura, como foi verificado na fala de duas participantes da pesquisa. A mera leitura de livros clássicos da literatura brasileira, com esse caráter didático e histórico da literatura, não tem dado conta de formar verdadeiros leitores de literatura. Soares (2006) defende que:

Adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e a ler (SOARES, 2006, p. 47).

Conclui-se que, se essas jovens entrevistadas tivessem dependido da escola para desenvolver um “gosto” pela literatura, isso dificilmente teria acontecido, uma vez que as práticas escolares, em sua maioria, não consideravam a opinião e as disposições dos alunos, reduzindo a leitura literária ao preenchimento de fichas e à realização de provas que em nada contribuem para o desenvolvimento de um verdadeiro leitor.

Ivete Walty, no artigo “Literatura e escola: anti-lições”, sintetiza o que, na visão da autora, seria o problema da escolarização da literatura. Segundo ela, o que interfere no ensino de literatura nas escolas não é a escola em si, mas o excesso de didatização que acontece com a literatura, como pode ser atestado no trecho a seguir:

Não é a escola que mata a literatura, mas o excesso de didatismo, a burocracia do ensino acoplado a regras preestabelecidas, a normas rígidas e castradoras. Em suma, o uso inadequado do texto literário, fragmentado, deslocado, manipulado, levaria a sua subordinação ao jugo escolar (WALTY, 2003, p. 51/52).

Na apresentação do livro *Literatura em Perigo*, Caio Meira também destaca alguns aspectos presentes na obra de Todorov que nos fazem refletir sobre o ensino de literatura nas escolas brasileiras. Segundo Meira (2010, p.11), “o que Todorov reivindica é que o texto literário volte a ocupar o centro e não a periferia do processo educacional”. Meira interpreta a afirmação de Todorov para o ensino de literatura brasileira e propõe que

Machado de Assis não seja apresentado em primeiro lugar como um escritor da transição entre o Romantismo e o Realismo, ou como o iniciador do Realismo no Brasil, mas que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ou *Dom Casmurro* sejam lidos e discutidos antes de serem classificados ou periodizados (MEIRA, 2010, p.11).

Como podemos perceber, a escola vive um delicado momento no que se refere às práticas de formação do leitor literário, em especial, durante as aulas de literatura, quando estas existem. A observação de Todorov sobre o ensino de literatura, voltado exclusivamente para o aprendizado dos estilos de época e com enfoque exclusivamente histórico, pouco contribui para a formação desse leitor, que se vê obrigado a ler certas obras apenas para a realização de uma prova sobre o conteúdo da narrativa e sem compreender por que estes livros fazem parte das leituras escolares.

Além disso, as instituições escolares não podem continuar ignorando livros que conquistam grande número de leitores, principalmente crianças e jovens, abrindo novas possibilidades se forem aproveitadas com sabedoria por pais, professores e bibliotecários, que podem ampliar o universo de leitura desses sujeitos. Lignani (2004, p. 129) considera que os professores se encontram

em um momento de desafio, já que obras como Harry Potter, cercadas por controvérsias, demandam uma forma de lidar com as necessidades diferenciadas dos alunos, que exigirão, por parte do professor, maior disponibilidade e capacidade de diálogo, sintonia com o tempo em que se vive, para o estabelecimento de pontes que levem de um tipo de texto a outros, alargando os horizontes dos jovens, usuários de linguagens que podem ser rejeitadas pelo professor, ao se utilizarem de um modelo não consensual, como o da escritora escocesa.

Lignani deixa transparecer, em sua fala, que os professores não podem ignorar ou excluir a leitura desses livros, mas precisam enxergar com outros olhos, ou outras lentes, o potencial que esses livros podem representar, se abordados de maneira adequada nas instituições escolares, como um meio de atrair os alunos para o mundo da literatura, valorizando as leituras que os alunos fazem por conta própria, sem a exigência da escola, principalmente em

um contexto onde vários outros estímulos dividem o tempo e o interesse dessas crianças e jovens.

4.1.5 Os espaços de leitura de *Harry Potter* (livrarias, bibliotecas, internet)

Os espaços ocupados por esses leitores nos oferecem parâmetros para uma reflexão sobre o relacionamento desses jovens com a leitura. Para levantarmos informações sobre alguns lugares que esses leitores frequentam, incluímos em nosso questionário perguntas sobre livrarias e bibliotecas e a frequência com que esses leitores utilizam esses espaços. Para além das livrarias e bibliotecas, verificou-se que vários encontros promovidos pelos fãs-clubes de Belo Horizonte acontecem no parque ecológico da Pampulha ou na Praça da Liberdade.

Borelli (2005 p. 48) ressalta que as “festas de lançamento de novos livros da série realizadas no interior de livrarias ou em outros espaços coletivos” contribuem para perpetuar, dinamizar e socializar a série. Segundo a pesquisadora:

O que se pode observar é uma interessante articulação entre estratégias de marketing e traços daquilo que se considera um modelo de comemorações populares mais tradicionais; misturam-se, nesses lugares, diferentes segmentos, gerações e estilos: membros de fãs-clubes e aficionados, pais e filhos, grupos de amigos e amigas, estudantes uniformizados de uma mesma escola e curiosos em geral que promovem verdadeiras performances, que reverberam não apenas nas livrarias, como também os festejos que ocupam as ruas nas proximidades (ibidem: 48).

Esses leitores saíram do mundo dos livros para ocuparem outros locais, onde podem interagir e conversar com outros fãs da série, além de promoverem eventos e discussões sobre os livros. Entre esses espaços, a internet também representa um ambiente de interação de grande importância para a comunidade de leitores de *Harry Potter*. Ela constitui um importante espaço de compra de livros, e foi mencionada em um questionário e em entrevistas. Catarina afirmou que compra livros com frequência em loja virtual e que um dos principais motivos para a compra de livros pela internet é a diferença nos preços, quase sempre mais baratos do que nas livrarias físicas.

Como livrarias e bibliotecas configuram um importante recinto para leitores, perguntamos aos nossos pesquisados com que frequência e quais livrarias e bibliotecas eles tinham o hábito de visitar com certa regularidade.

Livrarias

Dentre todos os pesquisados, dezoito nos informaram que costumam frequentar uma conhecida rede de livrarias da cidade de Belo Horizonte presente na maioria dos shoppings da cidade. Três entrevistadas citam diretamente essa rede de livrarias e a sua relação com ela. Uma das entrevistadas, Catarina, por morar próxima a um shopping que possui essa livraria, afirmou que a frequenta semanalmente; mesmo que não possa comprar um livro. Ela gosta de ir à livraria ver as novidades e passar um tempo por lá. Como ela mesmo afirma, ela vai a essa livraria “pelo menos uma vez por semana, então é bem pertinho, super conveniente, então eu vou lá sempre, mesmo que eu não tenha dinheiro nem interesse em comprar, eu vou lá pra ver o que está acontecendo”. Maria Carolina também cita esta livraria, dizendo que costuma frequentá-la com a mãe, e o mesmo é relatado por Emma, que afirmou “amar” essa livraria e que adora ser presenteada com livros.

Outra livraria citada por metade dos participantes que responderam ao questionário também pertence a uma rede que, embora nacionalmente tenha grande destaque, se encontra presente em apenas um shopping na região centro-sul de Belo Horizonte.

Uma rede de livrarias também com apenas uma unidade na cidade foi citada por outros nove participantes. Essa livraria está localizada em um shopping que recebe um público bastante variado, mas que é conhecido por suas lojas de grife.

Os participantes da nossa pesquisa afirmaram frequentar com certa regularidade diversas livrarias existentes na cidade de Belo Horizonte, em especial, as que estão inseridas dentro de shoppings. Essa atividade faz parte do cotidiano das entrevistadas, que demonstram ter um relacionamento afetivo com as livrarias. Catarina, por exemplo, quando perguntada se frequentava alguma livraria, afirmou: “muito, adoro”. Maria Carolina também expressou sua

relação com a livrarias de modo muito afetuoso: “sempre que eu vou no shopping eu tenho que passar lá para namorar livros, mesmo que eu não vá ganhar. Eu preciso namorar livros senão eu não vivo.”

Um pequeno número de sujeitos, apenas dois, disseram que conheceram os livros através da exposição em livrarias. Interessante observar que esses livros ganharam bastante destaque na maioria das livrarias brasileiras, tornando o seu acesso e eventual localização muito mais fácil do que a grande maioria dos livros destinados ao público infantojuvenil.

É de conhecimento público os grandes eventos realizados pelas livrarias nas grandes cidades, especialmente no momento de publicação dos novos livros de *Harry Potter*, com eventos acontecendo simultaneamente no mundo todo e com livrarias abertas à meia noite para que os leitores mais ávidos pudessem adquirir seu exemplar o quanto antes. Para o lançamento do último livro da série, ainda em inglês, várias livrarias brasileiras fizeram questão de programar atividades para atender aos fãs do bruxo.

Segundo reportagem publicada no site UOL²¹, uma semana antes do lançamento oficial, duas livrarias de São Paulo realizaram *quizzes*, concursos de melhor fantasia e organizaram uma cerimônia especial para apresentar o livro e começar a vendê-lo a partir da meia noite. Esse tipo de atividade pôde ser observado em eventos que aconteceram em todo o mundo. Calligaris, em coluna para jornal de circulação nacional, apresenta um exemplo desse tipo de evento realizado nos Estados Unidos, na publicação do quarto livro da série *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

Na sexta passada, à meia-noite, o quarto volume das aventuras de Harry Potter estava enfim solto no mundo. Tinha minha reserva numa livraria de Brookline—tranquila cidade residencial. Como muitas outras livrarias nos EUA, nesta ocasião a loja abriria brevemente de madrugada. Assim, meia-noite se aproximando, fui procurar meu exemplar de *Harry Potter and the Goblet of Fire* (Harry Potter e o Cálice de Fogo). Imaginava que haveria pouca gente: de regra, em Brookline o pessoal janta cedo, as crianças vão para a cama às 21h e não é raro que os adultos antecedam seus rebentos. Ficariam acordados por causa de um livro? Surpresa: a livraria estava cheia. Por pequenos grupos que pareciam conspiradores apressando o passo da noite, o lugar já se abarrotando. Eram centenas de pais sonolentos e felizes, trazendo crianças que, como revelavam os olhos avermelhados, haviam lutado até então contra o sono. Outras pareciam já ter dormido e chegado direto da cama: era um desfile de camisolas, pijamas e pantufas. Também havia adultos sem crianças. Atrás de mim na fila, um senhor arvorava uma cicatriz zigzagueando na testa,

²¹Disponível em: <http://criancas.uol.com.br/harrypotter/ultnot/2007/07/13/ult1833u299.jhtm> Acesso em 2 de fevereiro de 2013

como Harry Potter. Um rapaz fantasiado de mago abria a porta e desejava boa-noite. Mas o clima não era de festa mascarada. As pessoas estavam lá para comprar o livro. Na minha frente, duas irmãs (12 e 13 anos) acompanhadas pelo pai, ambas de camisola. Cada uma ganha um exemplar. Seria difícil convencê-las a dividir. Ambas abraçam o livro, um tijolo de 730 páginas, como se fosse um ursinho de pelúcia. Passam com delicadeza uma mão na capa, acariciando Harry ou as palavras que produzem o mundo mágico de Hogwarts. Logo começam a ler, enquanto o pai espera o cartão ser processado: a cada frase levantam o rosto, sorriem uma para a outra, apertam forte o volume, suspirando, e voltam a ler (CALLIGARIS, 13/7/2000).

A descrição acima mostra em que medida as livrarias faziam do lançamento dos novos livros um grande evento e também revela a relação de pais, crianças e adultos com o lançamento dos livros Harry Potter. O texto de Calligaris evidencia de que maneira a publicação dos volumes da série modificou o funcionamento de livrarias no mundo inteiro, que passaram a abrir durante a madrugada nos dias dos lançamentos e levou os leitores a uma corrida pelos novos exemplares. Interessante ressaltar que nem mesmo a possibilidade de dividir o livro com a irmã foi cogitada pelas duas meninas leitoras, por isso cada uma ganhou o seu exemplar. Nesse depoimento, também podemos perceber a participação de adultos e idosos esperando ansiosamente pelo livro, comprovando a migração do endereçamento original dos livros, que pode ser confirmado nos trechos que destacamos a seguir: “Também havia adultos sem crianças. Atrás de mim na fila, um senhor arvorava uma cicatriz ziguezagueando na testa, como Harry Potter”. Podemos perceber, nesse fragmento, não apenas a movimentação das livrarias, mas também de todo um público, de idades variadas, aguardando os novos volumes da série.

Atividade semelhante foi realizada em Belo Horizonte. A entrevistada Catarina, por exemplo, afirma que participou do lançamento do último livro, em evento cercado de atividades relacionadas ao conteúdo da obra. Ela também afirmou que foi à livraria para poder ver o livro e participar das atividades, mas que não tinha a intenção de comprá-lo, pois já tinha encomendado o seu exemplar pela internet. Segundo Catarina, diversas pessoas estavam vestidas a caráter, inclusive portando vassouras. Ela também relatou que havia “cerveja amanteigada” e “hidromel”, produtos citados nos livros, para os frequentadores da livraria. Outro ponto interessante narrado pela entrevistada foi a interação dos leitores, ocorrida antes da venda dos livros começar: “Você mal chegava, o pessoal nem te conhecia e ‘Oh nossa, e aí? E a sua expectativa pro livro?’ Todo mundo muito empolgado, foi muito bom”. Quando a livraria abriu e eles puderam entrar, os leitores saíram correndo para comprar o livro e a agitação que estava do lado de fora da livraria logo foi substituída pelo silêncio das pessoas

que já iniciavam a leitura do livro: “Silêncio geral, quase todo mundo comprou e todo mundo lá, com um livro, e alisando”. O uso desta expressão “alisando”, evidencia a relação afetiva que se estabelece entre os leitores e o objeto de desejo, o livro da série, assim como fizeram as irmãs do fragmento de Calligaris, que seguravam o livro como se fosse um bichinho de pelúcia.

Catarina não foi a única entrevistada que compartilhou sua experiência de lançamento dos livros. Maria Carolina também nos contou, em seu relato, que chegou a dormir na porta de uma livraria para comprar um dos livros da série na noite de seu lançamento.

Bibliotecas

A biblioteca constitui um importante espaço de interação entre/para os leitores. Na biblioteca, seus frequentadores têm a oportunidade de interagir não apenas com os livros que buscam, mas também com pessoas que gostam dos mesmos livros, da grande quantidade de exemplares disponíveis para empréstimo e também de participar das diversas atividades relacionadas à leitura que as bibliotecas procuram promover com o objetivo de atrair mais crianças e jovens para a leitura, que visam aumentar o público do local. A ajuda dos bibliotecários também é um fator importante e decisivo, que mostra a importância desse profissional e o potencial do seu trabalho, que pode contribuir de maneira decisiva na leitura.

Para obtermos dados sobre a frequência dos participantes da nossa pesquisa a bibliotecas, perguntamos quantas vezes por semana ou mês eles visitavam a BIJU, biblioteca onde o evento foi realizado. Eles também foram indagados sobre a regularidade com que iam a outras bibliotecas, como a escolar.

Os participantes do encontro que responderam ao questionário informaram que não costumam frequentar a biblioteca onde o encontro foi realizado. Aproximadamente, metade dos pesquisados informou que raramente vão à BIJU. Essa informação foi surpreendente porque, antes do encontro, imaginava-se que os participantes deveriam ser assíduos frequentadores da biblioteca para saber sobre a realização do evento.

Nas entrevistas, constatamos que o principal meio de divulgação da biblioteca é o email informativo. O endereço eletrônico dos frequentadores da biblioteca é pedido quando eles fazem sua carteirinha ou quando participam de algum evento organizado por ela. Duas das entrevistadas afirmaram que ficaram sabendo do encontro através do *email*, o que sugere uma eficácia no sistema de comunicação da biblioteca, e uma disse que foi uma amiga que a convidou para o “*Manhã com Harry Potter*”. Apenas um leitor informou que frequenta a BIJU três vezes por semana e cinco participantes vão à biblioteca duas vezes no mês. Este dado foi reiterado pelas participantes que foram entrevistadas.

Apesar dessa baixa frequência à biblioteca onde o evento foi realizado, os sujeitos da pesquisa nos contaram que frequentam/frequentavam a biblioteca da escola onde estudam/estudavam com maior regularidade. As quatro participantes da segunda parte da pesquisa, quando entrevistadas, nos contaram mais sobre a sua relação com as bibliotecas. Catarina, que havia ingressado recentemente na faculdade, relata que uma de suas primeiras providências quando chegou à universidade foi pedir a carteira da biblioteca, da qual ela é uma assídua frequentadora. No entanto, enquanto estava no Ensino Fundamental e Médio, ela não tinha essa hábito. As outras três participantes apresentaram um perfil diferenciado do de Catarina. Tanto Maria Carolina quanto Rafaela e Emma são assíduas frequentadoras da biblioteca onde estudam/ estudavam. Maria Carolina relatou que tinha o costume de passar muito tempo na biblioteca, procurando livros de “conto, de aventura e de fantasia”. Emma destacou que costumava passar muito tempo na biblioteca da escola, em especial, durante o recreio. Com relação a sua nova escola, ela afirma que o acervo do seu novo colégio não é muito bom, mas que seus colegas pegam muitos livros.

Todas as leitoras entrevistadas, assim como os dados dos questionários, apontam para uma baixa frequência a bibliotecas públicas por parte dos leitores. Quando eles frequentam alguma biblioteca, esta geralmente é a biblioteca da escola, local onde as entrevistadas demonstraram gostar de passar o tempo.

Internet

Nenhuma tela de computador é tão satisfatória quanto uma página impressa... Algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há 2 mil anos.

(Darnton)

Os modos de se realizar a leitura, bem como as formas de acesso às obras, mudaram consideravelmente nas últimas duas décadas. Inicialmente, o computador, e depois a internet, transformaram a relação dos leitores com o objeto livro. Mais recentemente, os *ebooks* e os *tablets* estão conquistando cada vez mais adeptos dessa nova maneira de se ler um livro. Com tamanhos variados, esses novos recursos são capazes de armazenar vários livros que podem ser acessados rapidamente pelo leitor. Robert Darnton (2010) analisa aspectos relativos a esse novo mundo digital, afirmando que o futuro será digital e que vivemos uma época de transição: “o futuro, seja ele qual for, será digital. O presente é um momento de transição, onde modos de comunicação impressos e digitais coexistem e novas tecnologias tornam-se obsoletas rapidamente” (DARNTON, 2010 p. 15).

A magia é, atualmente, um dos assuntos mais discutidos quando o tema é literatura. O que isso pode nos dizer sobre o que buscam esses jovens na literatura? Paralelamente à velocidade alucinante de informação e à disputa com os meios de comunicação e principalmente a *internet*, alguns fenômenos, como o instaurado por *Harry Potter*, chamam a atenção pela adesão em massa de leitores ávidos pelas aventuras de certos personagens, especialmente as de vampiros e bruxos.

O que isso pode nos dizer sobre o que buscam esses jovens na literatura? E onde estão esses leitores competentes? A leitura, uma atividade antes bem solitária, atualmente pode ser compartilhada com milhares de leitores ao mesmo tempo e em qualquer lugar. As redes sociais e as comunidades de leitores na internet para discutir determinados temas, inclusive, o da leitura, crescem a cada dia. Uma rápida busca no Google, maior site de pesquisas de

páginas da internet, mostra o impressionante número de 554.000.000 referências ao bruxo Harry Potter em junho de 2013. A saga de Stephenie Meyer também apresenta resultados surpreendentes, com 4.080.000 resultados, buscando-se a frase “saga crepúsculo”, também pesquisada em junho de 2013. Grande parte desse material é produzido por fãs da série que trocam informações, opiniões e discutem o conteúdo dos livros com outros entusiasmados leitores. Sites de relacionamento, como *facebook* e *orkut*, apresentam comunidades específicas para os fãs das duas séries, a maior parte criada com a intenção de procurar outros leitores para dividir suas opiniões, inquietações e experiências.

Os meios tecnológicos têm dividido o interesse dos jovens no que diz respeito à experiência ficcional. A internet tem trazido grandes contribuições para a troca de informações entre leitores, através de blogs, sites de relacionamento e outros dispositivos virtuais que permitem uma comunicação simultânea com diversos leitores. A leitura do impresso, ao contrário dessas outras experiências, é um ato de solidão, de quietude, um ato do leitor com ele mesmo, e que necessita de tempo e dedicação. Existem muitas discussões a respeito dos suportes da leitura na atualidade, que foram iniciadas com o advento da televisão. Cecília Meireles (1984) já mostrava preocupação com a influência da televisão e dos meios de comunicação na vida de jovens e crianças. Apesar de não ter convivido na era digital, ela se preocupava com os novos meios de comunicação que estavam modificando a sociedade da década de 50. Hoje essa discussão alcança inúmeros meios e suportes de leitura que nos levam a indagar: como compreender as simultaneidades dos suportes e gêneros da leitura que implicam diferentes formas de interação? Com essa velocidade de informações? Qual o papel e o lugar dessa nova sociedade, transformadora e transformada pela tecnologia?

Não podemos afirmar nem mesmo que o suporte livro seja o mesmo e que siga inalterado. Os livros digitais, também conhecidos como *ebooks*, estão transformando o modo como a leitura é realizada. Nos modelos mais modernos, até 3.500 livros podem ser armazenados no pequeno dispositivo eletrônico. As páginas são passadas com um leve toque na tela e algumas baterias podem durar até um mês. De um lado, temos a tecnologia a serviço da leitura. Do outro, temos a nostalgia do livro-papel, o tato, o cheiro, tão característico, e a não-dependência da bateria para desfrutarmos da companhia dos nossos mais favoritos personagens e exemplares, sempre que temos o desejo de reler e viver suas histórias. Os *ebooks* são uma prova de que a tecnologia pode também lançar sua magia na direção da

literatura. As multiplicações das mídias imprimem outros modos de leitura e podem até mesmo trazer implicações quanto à construção de sentidos para o texto. O livro-papel dialoga, nesse contexto efervescente de novidades tecnológicas, com a troca de informações diversas pelos leitores em sites de relacionamento e comunidades virtuais, podendo ser lido em tempo real com a história contada pelo filme.

Dispor de *tablets* e *ebooks* é como ter uma biblioteca inteira em um pequeno dispositivo. Além de livros, também é possível assinar revistas eletrônicas e fazer downloads. Nos sites brasileiros e estrangeiros que se dedicam à venda de livros, a versão para *download* costuma ser mais barata que a do livro objeto e o leitor não precisa esperar alguns dias para receber seu exemplar em casa, pois em apenas alguns minutos o livro já estará fazendo parte da sua biblioteca virtual.

A comodidade e a praticidade dos *ebooks* e *tablets* e mesmo a disponibilização dos livros, em especial das traduções, antes do lançamento dos livros em português, não conquistaram os participantes da entrevista. Todas as quatro entrevistadas afirmaram que não costumam ler na tela do computador e que preferem o objeto livro ao invés da leitura no mundo virtual.

A leitora Catarina citou dois livros lidos por ela na tela do computador, *A arte da guerra*, de Sun Tzu, e um livro da coleção *a Turma dos Tigres*, de Thomas Brezina, de cujo título ela não se recordava.. Segundo a entrevistada, o motivo da leitura virtual foi não conseguir pegar o livro emprestado com alguém e não dispor de recursos para adquiri-lo. Um dos motivos que ela alegou para não gostar de ler os livros no computador é que essa leitura lhe provoca dores de cabeça. Os *tablets* e os *ebooks* são considerados mais apropriados do que os computadores ou notebooks para esse tipo de leitura, pois apresentam luminosidade mais adequada, não forçando a vista dos leitores. Entretanto, mesmo esse novo recurso não conseguiu substituir o livro físico.

Maria Carolina também comentou, em sua entrevista, que já havia tentado ler um livro na internet, *Quadribol através dos séculos*, publicado por J.K. Rowling, sob o pseudônimo de Newt Scamander, e que é citado inúmeras vezes durante a narrativa dos livros sobre Potter. Ela afirmou que apenas começou a ler o livro, “porque eu não consigo terminar de ler um livro na internet. Eu preciso dele na mão.”

Alguns pesquisadores, como Robert Darnton, evidenciam essa importância do livro impresso, afirmando que “é importante poder sentir um livro – a textura do papel, a qualidade da impressão, a natureza da encadernação” (2010 p. 57). Para complementar sua declaração sobre a importância do livro impresso, ele cita uma pesquisa realizada entre estudantes franceses, afirmando que: “Livros também tem cheiros especiais. De acordo com uma recente pesquisa entre estudantes franceses, 43% consideram o cheiro como uma das características mais importantes dos livros impressos” (2010, p. 58).

Emma relatou que não gosta de ler livros online, e que realizou esta atividade em raríssimas ocasiões e por falta de opção. Ela prefere imprimir o livro a lê-lo na tela do computador. Segundo a leitora, ela acha mais prazeroso ter o livro em mãos. Os únicos textos relatados por ela que ela lê com frequência através da internet são *fanfictions*, como mencionado anteriormente, dos mais variados temas, entre eles, Harry Potter.

A preocupação inicial de vários estudiosos de que o livro impresso seria substituído pelo livro virtual não se confirma no momento em que se vivencia a diversificação de suportes da leitura. Darnton (2010) afirma que “um princípio geral da história da comunicação é que uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo” (p.14). E como pode ser observado pelo discurso das leitoras participantes da pesquisa, o livro impresso ainda tem o seu lugar garantido entre os leitores. Paulino (2004) também aponta algumas considerações sobre a substituição do livro impresso pelo livro virtual, acreditando que a substituição não se constata, em especial, pelo constante aumento do número de exemplares produzidos e vendidos.

No final do século XX, alguns pensadores não só enfatizavam a importância de leitores e leituras, que corresponderiam a uma pluralização de olhares sobre o livro, como também, simultaneamente, assinalavam o possível término de uma longa e conturbada relação. As reações contrárias à anunciada morte do livro não tardaram a se manifestar e hoje se fortalecem com certa tranquilidade, facilitada pelo fato de que sua produção, venda e leitura não está em queda nesta contraditória fase da globalização (PAULINO, 2004 p. 41).

Algumas das suposições apontadas por Darnton sobre a leitura na tela, há poucos anos, não se mantêm nos dias atuais, tendo sido superadas por novas tecnologias que tentam aproximar cada vez mais o livro impresso do livro virtual. Segundo o pesquisador, “o códice supera o computador em alguns quesitos. Podemos folheá-lo, fazer anotações em suas margens, levá-lo

para a cama e guardá-lo comodamente numa prateleira” (DARNTON, 2010, p.77). Essa afirmação era válida para as máquinas menos portáteis, e algumas das observações apontadas já foram incorporadas nos *tablets* e *ebooks* mais modernos. A tela de alguns desses dispositivos foi desenvolvida para tornar a leitura mais prazerosa e mais próxima à do impresso. Além disso, é possível fazer anotações nas margens dos livros virtuais, levá-los para a cama e acomodá-los em uma estante virtual.

Não nos propomos a defender o livro impresso ou o livro virtual. Interessa-nos ver como os leitores de Harry Potter realizam a sua leitura, num e noutra suporte. Esses leitores mostraram uma maior adesão ao suporte livro, até mesmo porque ainda não dispunham de *tablets* ou outros suportes que se aproximassem do impresso.

Através do depoimento das entrevistadas e do que foi acima afirmado, podemos esperar que, apesar de o uso de *tablets* e *ebooks* estar crescendo mundialmente, o livro físico ainda tem o seu lugar entre os jovens, o que foi afirmado veementemente pelas leitoras participantes da pesquisa. Além disso, outra preocupação frequente era o abandono do livro não apenas para *tablets* e *ebooks*, mas também para as novas tecnologias, como a internet, e sua vastidão de opções de jogos e entretenimento, e também para vídeo games e televisão. Borelli contesta esse argumento, afirmando que “vários autores convidados a participar de um seminário e discutir a existência do livro na era eletrônica acionam positivamente a literatura popular e de massa para enfatizar que, apesar da internet e da forte relação com as mídias digitalizadas, os jovens estão lendo” (BORELLI, 2007, p.5).

Entretanto, o que tivemos oportunidade de observar nas entrevistas foi o uso da internet para ampliar o alcance da leitura dos livros, seja através da publicação dos *fanfictions*, seja através dos fóruns de discussão promovidos em sites e blogs, que alimentam as discussões sobre os livros e contribuem para a formação das comunidades de leitores.

Livrarias e bibliotecas continuam aparecendo como importante espaço de interação entre os leitores. A frequência a esses espaços, embora bastante variada, sinaliza que esses lugares estão presentes na vida dos leitores e que estes frequentam esses locais com prazer, procurando aproveitar ao máximo a oportunidade de estarem nesses estabelecimentos.

A internet, lugar de interação entre leitores, apesar de ser recente quando comparada com livrarias e, principalmente, bibliotecas, tem contribuído para ampliar o acesso dos leitores ao livro, embora não necessariamente ao livro físico, e serve de apoio e de instrumento para a ampliação da interação entre os leitores da série. Borelli apresenta a seguinte conclusão sobre os livros e a interação deles com outras mídias:

O livro, por si só um suporte midiático – forma e conteúdo em estreita relação (BAKHTIN,1993) – serve de base para variadas estratégias de migração digital em que, por processos de fusão ou fissão (VILCHES, 2003: 234-235 e 244), a narrativa ganha espaço, transforma seu registro de temporalidade e circula em proporções ainda mais intensamente mundializadas do que quando seu suporte era apenas o livro” (BORELLI, 2007 p.3).

Portanto, para a autora, o livro promove a possibilidade de acrescentar e expandir o universo e a história narrada por meio da internet e dos suportes digitais que hoje se encontram disponíveis. Essa variedade de mídias presentes através do uso sistemático da tecnologia permite uma maior interação entre os leitores e seus interesses, fazendo com que o livro deixe seu suporte físico para trás e ocupe um espaço que promova ampla circulação dos textos, sejam eles em jogos, sites e blogs que se dedicam a dialogar sobre o livro em questão.

4.2 Escolhas, Repertórios, Disposições

4.2.1 A leitura dos livros da série Harry Potter: qual ler primeiro?

O primeiro livro da série *Harry Potter* foi lançado inicialmente na Inglaterra em 1997 e a saga terminou dez anos depois, em 2007, com 7 volumes publicados. Os volumes não seguiram o mesmo ritmo e nem foram publicados com o mesmo intervalo de tempo. Os quatro primeiros títulos da série foram originalmente impressos anualmente, sempre em junho ou julho. A partir do quinto livro, os leitores da série tiveram que esperar aproximadamente dois anos para ler as novas aventuras do bruxinho.

O site de Rowling informa que a autora havia começado a trabalhar no manuscrito dos livros muito antes de eles serem publicados, em 1990. Segundo o conteúdo do site, o personagem

principal da série e seus dois melhores amigos “apareceram” na mente da autora durante uma viagem de trem. Entretanto, ela precisou de mais sete anos para terminar e publicar o primeiro volume. Durante esses sete anos, Rowling trabalhou não apenas no primeiro livro, mas também em vários capítulos e em partes dos volumes seguintes. Um exemplo que podemos citar é que, embora ainda não tivesse publicado o primeiro livro, Rowling já tinha a intenção de fazer uma série sobre o personagem e o último capítulo do último livro foi escrito nos primeiros anos em que ela escreveu a série.

Uma das nossas indagações principais era avaliar quais livros da saga os leitores haviam lido. Esse dado também é relevante na medida em que consideramos necessário saber se os leitores chegaram a ler todos os livros da série ou se haviam parado no meio do caminho. Acreditamos que, para considerarmos que a série tenha influenciado os leitores nos seus hábitos de leitura, eles necessariamente deveriam ter lido todos ou pelo menos a maioria dos livros.

Quando indagados sobre quantos livros da série haviam lido, entre os vinte e dois leitores que responderam ao questionário, quinze já haviam lido todos os livros da coleção. Quanto aos outros sete participantes, podemos supor que, apesar de não terem lido os livros, eles assistiram aos filmes. Não queremos afirmar com isso que achamos que assistir ao filme substitui a leitura do livro, mas que, para esses leitores, o filme foi suficiente para interagir com o grupo de leitores. Um questionamento pode ser feito quanto a esse grupo de leitores: se não houvessem os filmes, eles teriam prosseguido com a leitura de toda a série? A nossa hipótese de que há uma incessante troca entre as produções culturais nas diferentes linguagens pode ser confirmada na análise dos depoimentos dos leitores, que passam de um a outro, ao recuperarem as narrativas, podendo assim interagir com o grupo.

Esses dados apontam para a ideia de que grande parte dos leitores que iniciam a leitura de Harry Potter leem toda a série e, na maioria dos casos, na sequência dos lançamentos. Em alguns poucos casos, como veremos abaixo, a leitura não seguiu rigorosamente a sequência cronológica de publicação.

Um fato curioso e diferente da maioria dos leitores de Harry Potter é a ordem de leitura que a leitora Catarina resolveu adotar, que, de certa forma, contraria a ideia de leitura linear que o

conjunto da obra faz supor. Ela começou a ler os livros na ordem inversa de publicação. Começou lendo *Harry Potter e O Enigma do Príncipe*, que pegou emprestado com um amigo e terminou com *Harry Potter e A Pedra Filosofal*, relendo todos os livros antes do lançamento do último livro. Apesar de inicialmente ter pegado os livros emprestados, posteriormente ela adquiriu toda a coleção, inclusive com alguns exemplares em inglês. O mesmo padrão se repetiu com as outras entrevistadas, que também afirmaram possuir em seu acervo pessoal todos os livros da série em português.

O mesmo padrão se repetiu com a leitora Emma. Ela começou a leitura dos livros pelo último livro publicado e então retornou ao primeiro, para posteriormente continuar a leitura cronologicamente. Apesar de ser uma grande fã da série, ela não leu todos os livros publicados. Entre os que ainda estão na sua *wish list*, destacam-se *Harry Potter e a Ordem da Fênix* e *Harry Potter e o Príncipe Mestiço*. Quando indagada sobre o motivo da não leitura desses volumes da série, Emma afirmou que estava sem tempo para ler os livros, pois havia mudado de colégio recentemente e como ela costuma conversar muito com os amigos sobre a série, ela já sabia tudo que aconteceria nos livros, mesmo as partes diferentes dos filmes, que ela já havia assistido,

Como eu tenho muito amigo que gosta, acaba que eles me contam muita coisa que acontece, então é quase como se eu já soubesse tudo, só que eu sei que tenho que ler, é importante e tal, mas não fez falta nenhuma pra mim no último livro, não ter lido o quinto e o sexto, porque eu sabia de tudo, porque a gente comentava [fragmento de entrevista da leitora Emma concedida no dia 15 de julho de 2013].

No entanto, ela afirma que, lendo os livros da série, ela descobre novas partes que não foram incluídas nos filmes e que isso é muito empolgante e um dos principais atrativos para a leitura da coleção. Entretanto, como afirmamos no início deste capítulo, ela disse que prefere os filmes aos livros, pois os filmes foram o seu primeiro contato com a série, diferentemente das outras leitoras, que apesar de, em sua maioria, terem tido o primeiro contato com os filmes, apontaram os livros como seus favoritos.

Apesar de a série narrar cronologicamente as aventuras do protagonista, os livros são relativamente independentes entre si. Com exceção dos últimos dois volumes da série, que se complementam, os outros livros possuem enredos autônomos e que, embora sejam complementares, não impedem o entendimento de cada livro. Além disso, a autora utiliza, em grande parte da série, uma estratégia de recapitulação, geralmente no primeiro capítulo de

cada livro, recontando um pouco da história principal do personagem e o que aconteceu no livro anterior. Coelho ressalta que essa retomada facilita a compreensão e a fluidez da série, apontando que:

A trama novelesca de cada um [dos livros] é habilmente construída pela grande arte da autora, no sentido de que cada um deles possa ser lido e compreendido independentemente da leitura dos demais. Todas as informações indispensáveis para a compreensão da série são dadas em meio aos acontecimentos de cada volume, de modo absolutamente natural, fazendo parte da nova trama. Assim, a leitura da série pode começar por qualquer um dos volumes e o essencial será perfeitamente conhecido e compreendido (COELHO, 2005, p. 60).

Dessa forma, a autora enfatiza que a leitura dos livros da série pode ser iniciada por qualquer volume, sem prejuízo da compreensão da obra, especialmente devido à rerepresentação de fatos importantes, que são inseridos no decorrer da narrativa.

Aguiar (2005, p. 15) também propõe uma reflexão sobre a leitura dos livros e essa independência entre os livros da série, destacando que as narrativas dos livros são

previsíveis e fáceis de serem acompanhadas, porque os leitores de antemão têm a garantia do sucesso no final de cada etapa. Quando iniciam um novo livro, ingressam não só em um universo conhecido, mas em fórmulas narrativas já previstas, o que contribui para a facilitação da leitura. Por outro lado, como as peripécias e artimanhas são sempre novas, o prazer do texto mantém-se para todos.

Quando Aguiar relata a entrada do leitor nesse universo conhecido e das fórmulas narrativas já previstas, percebemos que os volumes apresentam sempre o mesmo padrão. Todos os livros começam com Harry na casa dos tios, durante as férias de verão, e esperando ansiosamente o dia em que retornará para a escola. O tempo em que ele permanece na casa dos tios é sempre variável, pois, a partir do segundo livro, ele começa a passar parte das férias na casa de seu melhor amigo, Ronald Weasley, e, com o decorrer dos livros, esse tempo é gradualmente reduzido. Os garotos chegam a Hogwarts e lá passam a viver diversas aventuras, sempre acompanhadas de muito mistério e infração às regras da escola. No final de cada livro, geralmente acontece um embate entre Harry e Voldemort, dos quais o herói sempre escapa, retornando para a casa dos tios no final de cada ano letivo. O único livro que foge a essa fórmula apontada por Aguiar e por nós sintetizada é o último, quando os personagens principais não retornam para o último ano escolar em Hogwarts e partem em busca das

horcruxes²². Nesse volume em específico, é difícil encontrarmos uma previsão da narrativa, com exceção do combate final entre as forças do bem e do mal.

Essa estratégia de retomada dos principais acontecimentos da história potencializa a independência dos livros e dos leitores, que não se veem obrigados a lerem os livros na ordem de publicação. Entretanto, a leitura na ordem cronológica de publicação dos livros facilita a compreensão da história como um todo e dos detalhes deixados pela autora que serão lembrados nos próximos livros.

A segunda opção mais marcada entre os livros da série lidos, além da coleção completa, foi o primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, reafirmando as análises do capítulo três quando analisamos as listas de empréstimos da biblioteca pública Luiz de Bessa e verificamos que o livro mais emprestado é exatamente este. *Harry Potter e A pedra filosofal* também representa, de acordo com estimativas, o volume da série com maior número de exemplares vendidos. Apesar de ser muito difícil encontrar com exatidão esses dados, estimativas sugerem que o primeiro livro vendeu em torno de 120 milhões de exemplares

As informações abordadas neste subtópico tiveram por intenção registrar que a leitura de todos os livros da coleção foi realizada pela grande maioria dos leitores que participaram do encontro na biblioteca. Além disso, buscamos problematizar a relativa independência dos livros, que não precisam ser lidos na ordem de publicação para que o leitor consiga compreender a obra como um todo. Como pôde ser observado nas entrevistas realizadas, duas das meninas pesquisadas haviam lido os livros de maneira independente, de acordo com os seus interesses de leitura. Um dos motivos que podem levar a essa leitura fora da ordem cronológica é a estreita relação dos livros com sua adaptação cinematográfica, o que facilita a compreensão de quem não leu o livro, mas assistiu ao filme. Pesquisadores de literatura, como Coelho e Aguiar, apontam também que um dos motivos de essa leitura não acontecer necessariamente na ordem de publicação se justifica pelo fato de a autora dos livros sempre trazer em cada volume aspectos importantes da história no geral, retomando e rerepresentando peças fundamentais para a compreensão da série e por utilizar uma fórmula narrativa que segue sempre o mesmo padrão nos primeiros seis livros da coleção, caracterizados por férias de verão na casa dos tios, ida para Hogwarts e retorno para a casa dos tios.

²²Objeto magicamente encantado que guarda parte da alma de uma pessoa.

4.2.2 A disposição à releitura dos livros de *Harry Potter*

Um detalhe que chama a atenção nas respostas dos leitores é a quantidade de vezes que os livros são relidos. Entre os quinze leitores que leram todos os livros da série, sete já haviam relido todos os livros. Durante as entrevistas, quando questionadas sobre os motivos que levam a reler os livros, as respostas foram variadas.

Nem todos os leitores que responderam o questionário indicaram o número de vezes que leram os livros, talvez pela dificuldade de se lembrarem desse número, principalmente se eles acompanharam a série desde o início. No entanto, algumas das respostas apontadas nos questionários nos levam a refletir sobre o impacto da obra enquanto formadora de leitores. Alguns indicaram que leram apenas uma vez, mas outros participantes mostraram uma disposição para a releitura muito além do imaginado, afirmando que releeram alguns dos livros oito ou até mesmo quinze vezes. A adolescente Maria Carolina, que mantém o blog, disse que o principal motivo para a releitura dos livros é auxiliá-la na elaboração de jogos e *quizzes* que eles realizavam no blog e em outros eventos, como pode ser percebido no trecho abaixo:

Eu ainda participo de alguns grupos de *Harry Potter* no facebook que a gente faz *game*, então ajuda pra caramba você lembrar de detalhes do livro. Eu já li tantas vezes que eu acho que decorei algumas passagens do livro. Acho que isso é normal.... os que eu reli mais foram o Relíquias da Morte, que eu li umas quatro ou cinco vezes e o Cálice de Fogo que também foi nessa faixa. Os outros nem tanto, umas duas vezes no máximo..... [Trecho de entrevista da leitura Maria Carolina, concedida em 30 de agosto de 2012].

Outra entrevistada, Catarina, afirmou que relê os livros porque gosta de lembrar certas passagens das narrativas, em especial as relacionadas com o seu personagem favorito, e que na tentativa de localizar essa passagem específica ela acaba relendo todo o livro. Quando questionada sobre a leitura do último livro, ela afirma: “eu andava com ele na bolsa direto”.

Emma, apesar de não ter lido todos os livros da série, já releu alguns volumes diversas vezes, em especial o sétimo e último livro. Quando questionada sobre o que motivou essa releitura, ela destaca o desfecho da série. Enquanto Catarina relê os livros para recordar a história do personagem Snape, Emma o realiza para lembrar o romance entre Rony e Hermione, que apesar de permear quase todos os livros da série, se desenrola apenas nos últimos capítulos do último livro. Emma sabia, inclusive, o número da página onde poderia reler essa passagem em

duas edições diferentes do livro. Outro aspecto abordado por ela foi a solução de várias histórias paralelas e a revelação de vários segredos.

A mesma tendência de releitura pode ser confirmada na entrevista de outra participante da pesquisa. Rafaela, de 11 anos, afirmou ter relido todos os livros da série. Um dos principais motivos dessa releitura, segundo ela, é poder perceber todos os detalhes e todas as pistas que a autora deixou nos livros. Muitos detalhes que aparecem nos livros têm uma importância muito maior do que a esperada inicialmente. No quinto livro, por exemplo, Harry ganha de seu padrinho um presente. No final do livro, descobrimos que esse presente é uma espécie de espelho encantado, símbolo presente em muitas histórias de contos de fadas, e que é possível se comunicar com a pessoa que possui o outro par do espelho. No sétimo e último livro, Harry constantemente vê um par de olhos azuis muito parecido com os de Dumbledore no espelho., No decorrer da narrativa, ele descobre que o objeto foi parar nas mãos do irmão de Dumbledore e é através dele que Alberforth descobre que Harry está em apuros e envia o elfo Dobby para resgatá-lo. Em outras palavras, uma informação que foi fornecida apenas como um detalhe, em um dos livros, pode ter grandes consequências nos outros por um processo de retomadas e ressignificações. Quando relemos todos os livros, conseguimos perceber essas pequenas pistas deixadas pela autora ao longo da série.

Sobre esse aspecto, a leitora Rafaela afirma: “eu acho muito bom ler a história de novo porque muitas vezes quando você lê pela primeira vez você geralmente deixa alguma coisa para trás, não entende alguma coisa, mas quando você relê é como se ficasse muito mais claro a história pra você”.

Como pode ser observado pelos depoimentos das entrevistadas, a releitura dos livros é uma atividade frequentemente realizada pelos leitores da série. As razões que levam a essa releitura, apesar de serem variadas, giram sempre em torno de um eixo em comum, os detalhes da obra deixados ao longo dos seus sete volumes. Para essas leitoras, foi fundamental reler a obra para poderem perceber todos esses detalhes e encaixar todas as peças da narrativa. Ainda assim, outro aspecto abordado pelas leitoras foi a necessidade de reler e reviver as aventuras de Harry e seus amigos. Mesmo com todas as pistas deixadas pela autora já resolvidas, a emoção de se reviver novamente a história, ou de reler as partes favoritas levam

os leitores a passarem pela série, seja lendo um livro em específico, ou relendo toda a série novamente.

4.2.3 Livros para jovens e o encorajamento à leitura de maior fôlego.

Encontramos diversas coleções estrangeiras que conquistaram os leitores brasileiros com suas histórias de aventura e ação. Entretanto, dentro da nossa produção, dificilmente encontramos o mesmo tipo de obra, com o mesmo destaque e que aborde as aventuras de um mesmo personagem por vários títulos. Entre essas raras exceções, encontramos a obra de Monteiro Lobato dedicada a narrar a história dos moradores e visitantes do Sítio do Pica Pau Amarelo, a coleção *Os Karas*, de Pedro Bandeira e *A casa amarela*, citada por um de nossos pesquisados, de Lilian Sypriano. A coleção *A casa amarela* conta episódios envolvendo os gatinhos que moram na casa amarela e seus convidados. Entre alguns dos títulos publicados, estão: *Liloca, gatoca sumiu! Onde será que ela está? Você viu?* e *Dilermano Constantino Albuquerque Raposo, o morador misterioso*.

Ainda no mercado brasileiro, temos a coleção Vagalume como um grande indicador de produção criada exclusivamente para o público infantojuvenil e que permanece até hoje como um dos referenciais de leitura desse público, principalmente por sua adoção nas escolas. Diferentemente das coleções que recentemente têm conquistado os leitores, cada título da série narra uma aventura com personagens distintos e é escrita por autores diferentes. Segundo Mendonça (2007), pesquisadora da série Vagalume, os títulos da coleção têm a capacidade de atrair leitores e a série acaba sendo prejudicada pela visão negativa que a obra tem para alguns críticos da literatura. A autora destaca que, apesar de pertencerem a uma coleção, os títulos não podem ser avaliados como um único bloco e que a série conta com autores importantes do mercado nacional, como Marcos Rey, Maria Lúcia Machado de Almeida e Maria José Dupré, que produziram textos de qualidade e que agradam ao leitor. Para muitos leitores, o despertar para a literatura começou com os livros da coleção e alguns desses livros foram citados pelos participantes da pesquisa, como *O mistério do cinco estrelas*.

Nos questionários, procuramos identificar os jovens que não gostavam de ler antes de lerem Harry Potter. Dentre todos os pesquisados, apenas quatro participantes do evento afirmaram que não gostavam de ler antes de ler Harry Potter. Os outros dezoito participantes afirmaram que já gostavam de ler quando começaram a ler a série. As quatro entrevistadas encontram-se nesse grupo. Todas as quatro afirmaram que já gostavam de ler antes de ler *Harry Potter* e a trajetória de leitura narrada durante as entrevistas confirma essa afirmação. No entanto, encontramos duas vertentes interessantes e que representam, ao nosso olhar, um marco e uma mudança no tratamento da literatura infantojuvenil por parte das editoras e, consequentemente, dos leitores.

As duas entrevistadas mais velhas, Catarina, de 19 anos e Maria Carolina, de 18, afirmaram que, apesar de serem leitoras assíduas antes de lerem a série, *Harry Potter* foi o primeiro livro “grande” que elas leram. Isso representou um marco na trajetória de leitura dessas duas participantes. Foi a partir dos livros da série que elas começaram a ler livros com maior número de páginas e se sentiram motivadas a tentarem ler livros mais desafiadores. Antes de *Harry Potter*, elas nunca haviam lido livros com tantas páginas. Catarina, que começou a ler os livros a partir do sexto livro publicado, afirmou em sua entrevista: “depois disso eu tomei coragem de ler livros maiores”. Em um segundo momento da entrevista, quando questionada se a leitura de *Harry Potter* havia modificado a relação dela com a leitura, ela reiterou sua afirmação inicial: “mudou ... o negócio que te falei sobre livros maiores, porque foi o primeiro desafio que eu tive, para ler coisas maiores”.

As leitoras Rafaela e Emma apresentaram um panorama de leitura diferente do que foi mostrado pelas outras duas entrevistadas em sua trajetória de leitura. *Harry Potter* não foi o primeiro livro mais extenso que elas já tinham lido. Após a publicação das histórias de Rowling e de seu sucesso de vendas, podemos observar no mercado editorial um *boom* de livros com enredos semelhantes, baseados na magia e na mitologia, que não se restringem a um pequeno número de páginas. Como mencionado anteriormente, a série de *Percy Jackson e os Olimpianos*, entre outras, foram publicadas depois do sucesso de *Harry Potter* e encontraram editores, editoras e um público mais receptivo a obras mais extensas. Não podemos nos esquecer que já existiam obras mais volumosas no mercado editorial, como o *Senhor dos Anéis*, citado anteriormente, mas esses livros não tinham como público alvo o

segmento infantojuvenil. Desse modo, alguns leitores mais jovens dessa geração tiveram contato com outros livros mais extensos antes de lerem a história de Harry.

No momento da entrevista, Rafaela afirmou que estava lendo *As aventuras de Hugo Cabret*, recentemente adaptado para o cinema e que despertou a curiosidade da menina. Segundo Rafaela, antes de ler os livros da série, ela já havia lido a série *Percy Jackson e os Olimpianos* e Emma leu a série *Crepúsculo* antes de iniciar a leitura de *Harry Potter*. No caso específico dessa leitora, *Crepúsculo* foi o que despertou e aumentou o seu interesse pela literatura, sendo este o primeiro livro mais extenso lido por ela. Uma das hipóteses que levantamos é que, depois do sucesso de Harry Potter, o mercado editorial ficou mais receptivo a obras mais extensas. No prefácio escrito por Rowling para o livro *Harry e seus fãs*, a autora relata que seu agente “encontrou um editor disposto a correr o risco de publicar um livro longo demais (45 mil palavras eram consideradas o tamanho correto para crianças de nove anos na época; *Harry Potter e a Pedra Filosofal* tinha 95 mil)” (ROWLING, 2011, p. 11). Atualmente, acreditamos que esse cenário esteja um pouco mais aberto, como pode ser observado pelo lançamento das séries de Rick Riordan, por exemplo.

A formação do leitor literário passa pelas mais variadas instâncias, e com o intuito de continuar essa discussão, buscamos o conceito de letramento, abordado no primeiro capítulo, e de letramento literário, como uma expansão do primeiro. Consideramos neste trabalho o conceito de letramento definido por Soares (2010, p.18) como “o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Dessa forma, para Soares, dominar o sistema ou a tecnologia da leitura e da escrita não é suficiente para inserir o indivíduo no mundo letrado. Além de dominar essa tecnologia, ele tem que saber usar a leitura e a escrita no seu dia a dia, tornando-a parte de seu cotidiano, apropriando-se desse conhecimento. Somente quando o sujeito é capaz de usar a leitura e a escrita de maneira ativa ele pode ser considerado letrado.

Outros tipos de letramento foram sendo incorporados ao primeiro. Atualmente, fala-se em Letramentos, no plural, para designar outros modelos baseados no primeiro. Paulino trouxe para a nossa reflexão o termo Letramento Literário, apresentado pela primeira vez em 1999, durante a 22ª reunião anual da Anped. De acordo com Paulino, “o letramento literário, como

outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação de práticas sociais de leitura/escrita...”(2010, p.165). Nesse caso, entretanto, o foco se volta para as apropriações e usos dos textos literários. Para a autora, “a formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações estéticas, que faça disso parte de seus prazeres e afazeres” (PAULINO, 2010, p 162/163).

Quando questionados sobre a leitura de algum outro livro na época em que responderam ao questionário, vinte participantes informaram positivamente que estavam lendo um livro literário. Sabendo-se que no Brasil a leitura está intimamente relacionada com as práticas literárias promovidas pelas escolas, os leitores também tiveram que informar sobre quem havia realizado a escolha do livro que eles liam e verificou-se que apenas 2 participantes do encontro estavam lendo um livro indicado pela professora da escola. Os outros dezoito leitores haviam escolhido por conta própria o livro lido no momento em que se realizava a pesquisa de campo. Esse dado nos permite uma análise sobre os circuitos de leitura realizados fora do ambiente escolar, que não configuram uma imposição para o cumprimento de uma tarefa. Para Paulino (2001):

Um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler (PAULINO, 2001, p.117).

Um aspecto interessante de ser observado é que o questionário foi aplicado no início de dezembro, quando as aulas escolares já estavam no fim e não existia de fato uma grande cobrança pela leitura de livros, uma vez que, nesse período, os esforços dos alunos e dos professores concentravam-se nas provas finais do ano letivo.

Rafaela apresentou uma rica trajetória de leitura incentivada tanto pela instituição onde estuda quanto pelo seu núcleo familiar. Em sua entrevista, ela indicou a leitura de clássicos da literatura brasileira, como os livros de Monteiro Lobato e também Ligia Bojunga, da qual destacou a leitura de *A Bolsa Amarela*, realizada a pedido da escola. Indagada pela pesquisadora sobre a leitura do livro de Bojunga, Rafaela compartilhou que havia gostado muito do livro. Sabendo-se que gostar ou não de um livro é uma questão muito subjetiva, ela foi convidada a partilhar suas impressões sobre o livro:

É de uma menina que ela tem três grandes desejos, que é de ser homem, de ser uma escritora e o desejo de crescer logo. Ai ela coloca esses desejos dentro de uma bolsa amarela que a tia mandou para ela. É muito fantasioso. Ela escreve histórias e personagens vão pra história. Tem um alfinete de fralda que ela guarda, tem dois galos que ela inventou que ela guarda lá também. Ai, com o tempo, mais no final do livro, ela diz que as vontades emagreceram, podemos dizer assim, ela pensa menos nelas [nas vontades]. Ai ela deixa as vontades. Ela faz uma pipa com a vontade de ser gente grande e a vontade de ser homem e essas vontades nunca mais voltam. A vontade de ser escritora ela não joga fora, porque a vontade não está pesando quase nada, porque ela está escrevendo muito mais do que antes. É essa a história dela. A história dela pra ela descobrir que ela podia ser o que ela quisesse, mesmo sendo uma criança e garota. (Fragmento de entrevista da leitora Rafaela concedida em 21 de setembro de 2012).

Foi interessante perceber em seu relato a grande quantidade de detalhes da história da qual ela se recordava, mostrando não apenas que ela realmente lera o livro, mas também que ela havia se identificado com a narrativa contada, a ponto de desejar se tornar escritora, como pode ser observado em seu discurso: “desde pequena eu sempre quis trabalhar nesse ramo de reportagem, de escrita, de escritora. Sempre quis trabalhar nisso desde que eu era pequena.”

Maria Carolina e Emma se mostraram ávidas leitoras de diversas séries que estão fazendo sucesso atualmente, como *Percy Jackson e os Olimpianos* e *Jogos Vorazes*, ambos adaptados para o circuito cinematográfico. Nenhuma dessas duas séries é tão extensa quanto Harry Potter, mas elas têm conquistado diversos leitores, incentivados principalmente pelos filmes lançados.

Alguns dos livros abordados por Emma despertaram nossa atenção, em especial, a leitura de *Orgulho e Preconceito*, *O diário de Anne Frank* e *O ensaio sobre a cegueira*. Assim como em muitas outras situações, a leitura de *Orgulho e Preconceito* foi motivada pela versão cinematográfica do livro, que lhe agradou profundamente e despertou sua curiosidade sobre o livro de Jane Austen, que ela estava lendo no período em que a entrevista foi realizada. Apesar de ela ter conhecimento de outros livros da autora, esse foi o único livro que ela leu. Em relação ao *Diário de Anne Frank*, ela afirmou que é um dos seus livros favoritos por tratar de um assunto tão delicado mas ao mesmo tempo muito interessante. Ela demonstrou ter um interesse muito grande por assuntos relacionados à Segunda Guerra Mundial e ao nazismo. Assim como a história de Anne, ela também leu *O Garoto do pijama listrado*, que retrata acontecimentos, embora fictícios, sobre judeus em um campo de concentração.

Quando analisamos a trajetória de leitura das participantes da pesquisa, percebemos que elas estão cercadas de livros e de experiências literárias das mais variadas, e que a leitura da série *Harry Potter* impactou essa trajetória de maneira bastante positiva, seja como primeira leitura de um livro volumoso, seja dando continuidade à leitura de obras que abordem temas semelhantes e que aos poucos vão enriquecendo e expandindo o repertório de leitura das participantes. Talvez a leitora que tenha encontrado o caminho mais bem visto pelos críticos de literatura seja Catarina, que, tendo iniciado sua formação literária com os livros de Harry Potter, atualmente apresenta um leque de leituras bem diversificado, tendo lido livros de Saramago, Dostoievsk, Tolkien e Machado de Assis. O mais importante, no relato dessa leitora, é ela ter apreciado as obras lidas. O *Ensaio sobre a cegueira*, de Saramago, citado anteriormente, é um dos favoritos de Catarina, assim como alguns títulos de Dostoievsk, como *O crocodilo* e *Os irmãos Karamazov*, chegando a se expressar sobre os livros com a seguinte frase: “amo Dostoievsk”.

Um dos objetivos da pesquisa era averiguar se os leitores de *Harry Potter* se interessaram pela leitura de outra série, lançada em 2008 no Brasil, que fez grande sucesso entre jovens e adolescentes ao redor do mundo, especialmente do sexo feminino. *Crepúsculo* atraiu a nossa atenção porque, depois de *Harry Potter*, foi o livro que conseguiu conquistar uma maior mobilização de leitores, angariando uma legião de fãs para a série romântica vampiresca.

Os livros que fazem parte da saga *Crepúsculo*, em um total de quatro volumes, fizeram um sucesso surpreendente. O primeiro livro, que também dá nome à saga, foi adaptado para o cinema em 2008 e contribuiu para o sucesso e, conseqüentemente, para o aumento de fãs das aventuras dos vampiros “vegetarianos”. Os livros narram, em linhas gerais, a história de amor entre o vampiro Edward e a não-vampira e mortal Isabella Swan, mais conhecida como Bella, e o triângulo amoroso que se forma com a presença do lobisomem Jacob Black, pertencente a uma tribo indígena que combate os vampiros. Em meio a tantas idas e vindas, encontros e desencontros, tudo acaba bem.

O questionário aplicado na biblioteca durante o encontro de leitores apresentava uma questão relativa à série *Crepúsculo* em específico, e indagava se eles haviam lido algum dos livros da saga. Onze leitores responderam que já haviam lido algum dos títulos da série, o que representa metade dos participantes. No entanto, alguns leitores escreveram comentários do

tipo “nunca, graças a Deus”. Um ponto que foi observado durante o encontro é que são poucos os fãs da série *Harry Potter* que gostam de *Crepúsculo*. É preciso deixar claro que existe uma diferença grande entre os que são apenas leitores da série e os fãs, que frequentam redes sociais dedicadas ao universo de Hogwarts e que são consumidores dos diversos produtos associados à imagem do jovem bruxo.

Essa opinião sobre os livros foi compartilhada pelas duas entrevistadas mais velhas que participaram da entrevista e que já haviam lido ou pelo menos tentado ler os livros da série. Maria Carolina leu todos os quatro livros publicados, mas disse que apenas o primeiro livro lhe agradou. Na sua opinião, “a história vai decaindo e vai perdendo o sentido”. Catarina também relatou que tentou ler os livros, mas a história não a convenceu. Ela chegou a ler umas 20 páginas do primeiro e do terceiro livro, mas não conseguiu ir além. O interesse em ler os livros surgiu do mesmo modo que os livros sobre *Harry Potter*. Todo o fenômeno e todo o *marketing* envolvido na série chamaram a atenção de Catarina que, curiosa, resolveu ler os livros. Apesar de ter se esforçado para ler os títulos, ela disse que se sentia culpada por não ter conseguido terminar a série. É comum identificar o sentimento de culpa de leitores em depoimentos sobre a sua formação literária. Diversas pessoas sentem-se culpadas por não terem lido determinada obra, em especial, quando se trata de uma obra consagrada da literatura culta. Em alguns casos, percebemos que jovens que não leem o que está na moda, ou o que seus colegas estão lendo, sentem-se culpados por não terem realizado essa leitura.

Emma foi a única entrevistada que leu toda a série e admitiu que inicialmente gostava da narrativa. Para ela, os livros da coleção despertaram seu interesse para a literatura e para livros maiores do que até então ela estava acostumada. Ao contrário de Catarina, o primeiro livro volumoso que ela leu não pertencia à série *Harry Potter* e sim a *Crepúsculo*. Apesar disso, ela afirmou que atualmente não considera os livros bons, pois, depois de ler *Crepúsculo*, ela leu *Harry Potter* e considerou a narrativa da escritora escocesa como de melhor qualidade.

A série *Crepúsculo* também chama a atenção porque cita, entre os livros favoritos dos personagens principais, clássicos da literatura inglesa e americana. Entre os livros mencionados, estão os livros da autora Jane Austen, como *Orgulho e Preconceito* e *Razão e Sensibilidade*, além de *O morro dos ventos uivantes* e *Romeu e Julieta*, por exemplo. Uma

nova adaptação de *O morro dos uivantes* chegou a ser publicada por editora brasileira com os protagonistas de *Crepúsculo* na capa, que ainda dizia “o livro favorito de Edward e Bella”. Como podemos perceber, a questão das estratégias de marketing está presente no mercado editorial. Visando aumentar o número de vendas e conquistar um público novo e voraz leitor de *Crepúsculo*, essa editora utilizou-se dos personagens da série para promover outro livro, tendo em vista apenas os lucros que seriam obtidos com essa nova edição.

Tanto Catarina quanto Maria Carolina chegaram a ler pelo menos um dos títulos mencionados no parágrafo anterior, mas não se interessaram pela narrativa. Catarina classificou as histórias (de *Razão e Sensibilidade* e *Orgulho e Preconceito*) como “meio lentas”. A única entrevistada que demonstrou ter apreciado a obra foi Emma, como relatado no tópico anterior. Maria Carolina tentou ler *O morro dos ventos uivantes*, mas parou na metade, pois considerou o livro “muito chato”. Um fato que não podemos ignorar é que, apesar de serem clássicos da literatura, a narrativa desses livros difere muito daquela que os jovens estão acostumados a ler e também retratam um ambiente e uma história muito distante da realidade dos jovens de hoje, que estão constantemente sob o bombardeio de informações e o imediatismo que a sociedade atual criou, oferecendo pouco espaço para a reflexão sobre o que acontece no mundo ao redor deles.

Essas informações nos fazem refletir sobre as redes intertextuais que os livros podem oferecer. Mesmo não tendo agradado a nossas leitoras, *Crepúsculo* mostrou a elas outras possibilidades. Apesar de não terem gostado dessas novas experiências literárias, agora elas sabem da sua existência e poderão retornar a elas no futuro. Apenas o fato de elas terem procurado ler esses livros já mostra o poder de atração que os *best-sellers* podem oferecer aos seus leitores, se apresentam dentro de suas narrativas visões positivas sobre a leitura e sobre livros da literatura clássica. Se não fosse a menção a *Crepúsculo*, talvez essas leitoras jamais tivessem apresentado algum interesse por esses livros. Temos que levar em consideração, também, que esses livros apresentam narrativas mais desafiadoras e que exigem mais dedicação por parte dos leitores.

No preenchimento dos questionários, os leitores que participavam do encontro na biblioteca também foram instruídos a escrever o título de cinco livros que haviam lido antes de lerem Harry Potter e cinco livros lidos depois da leitura da série, além de terem que indicar se esse

livro foi escolhido pelos próprios leitores ou se havia sido indicado pela professora/professor da escola onde estudavam. Essa etapa mostrou-se complicada para diversos leitores. Alguns, principalmente os mais velhos, não se lembravam dos livros lidos antes de *Harry Potter*, alguns leitores não indicaram quem havia realizado a escolha do livro, e no caso das séries, ora eles colocavam o nome de um dos livros em específico e ora colocavam o nome da série. Os nomes dos livros citados foram escritos de acordo com o que eles informaram, tendo passado apenas por correção ortográfica, quando necessário. Apesar dessa situação não prevista, os dados que obtivemos a partir desse levantamento nos trazem importantes reflexões sobre a formação literária desses leitores.

Foram citados, entre os livros lidos antes de *Harry Potter*, cinquenta e oito títulos diferentes, alguns citados mais de uma vez, totalizando setenta e sete livros apontados pelos leitores. Desse total, cinquenta e cinco participantes informaram que a escolha dos títulos foi realizada pelos próprios leitores, doze estavam lendo a pedido da escola e sete não informaram quem escolheu o livro. Como podemos perceber através dessa informação, os circuitos de leitura de crianças e jovens estão cada vez mais independentes do circuito de leituras escolares, pois a maioria dos leitores havia escolhido livros que não foram especificamente exigidos por esta instituição.

Encontramos, neste levantamento, a ocorrência de alguns *best-sellers* que surgiram após *Harry Potter* e que conquistaram diversos leitores, como *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Crepúsculo*, *Desventuras em série*, *Diário de um Banana*, *Como treinar seu dragão*, *Eragon*, *Judy Moody*, *O diário da princesa e as Crônicas de Nárnia*, todos esses títulos escolhidos pelos próprios leitores. Destaca-se o número de vezes que *Crepúsculo*, *Diário de um banana* e *Percy Jackson* apareceram na lista. Os títulos de *Crepúsculo* aparecem nove vezes; os de *Diário de um banana*, seis; e os de *Percy Jackson*, cinco, entre menções à série e aos livros em específico. Um ponto interessante de ser observado é que as coleções *Diário de um banana*, *Desventuras em série* e *Como treinar seu dragão* foram citadas apenas por meninos entre 9 e 12 anos e durante nossas entrevistas as leitoras que tinham irmãos mais novos também compartilharam que eles estavam começando a ler por meio dessas séries.

A autora de *Crepúsculo* teve outro livro, *A Hospedeira*, que não faz parte da série, citado por um participante. O mesmo aconteceu com um título de Rowling, *Os contos de Beedle, o*

bardo, que, apesar de não fazer parte da série *Harry Potter*, está relacionado com o mundo bruxo. Dessa forma, acredita-se que essas autoras encontram grande apoio de seus leitores para continuarem a escrever novas obras, não necessariamente dentro do universo já desenvolvido por elas.

Os títulos lidos a pedido da escola foram: *A marca de uma lágrima*, de Pedro Bandeira; *A odisseia*, de Homero; *A velhinha que dava nome às coisas*, de Cynthia Rylant; *Belo Horizonte, uma viagem de arte e cultura* (exemplar não encontrado em busca na internet); *Como treinar seu dragão*, de Cressida Cowell; *Dilermano Constatino Albuquerque Raposo*, de Lilian Sypriano; *O encontro marcado*, de Fernando Sabino; *Eu e os outros* (encontramos dois exemplares diferentes com o mesmo título. Apesar de o subtítulo ser diferente, não foi informado pelo leitor); *Minhas memórias de Lobato*, de Luciana Sandroni; *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *O mistério do cinco estrelas*, de Marcos Rey; *Zé Murieta: o homem da capa preta*, de Lilian Sypriano.

Percebe-se um padrão interessante quanto à autoria dos livros, quando comparamos os grupos de livros mencionados pelos leitores, quando eles realizam a escolha dos livros e quando a escolha é realizada pela instituição escolar. Os livros escolhidos pelas próprias crianças e jovens tendem a ser traduções, principalmente de autores norte-americanos e que foram transportados para a linguagem fílmica, o que aumenta a sua visibilidade dentro dos interesses desses leitores. Enquanto isso, os títulos lidos a pedido da escola tendem a privilegiar escritores brasileiros. Dos doze títulos relatados pelos leitores, apenas três eram de autores estrangeiros, mostrando uma preferência pela produção literária nacional.

Quando passamos a analisar os títulos indicados como lidos após a leitura de *Harry Potter*, percebemos a reincidência de alguns livros já citados anteriormente, embora em menor escala. No total, foram citados oitenta e três livros e coleções, com cinquenta e nove títulos diferentes, sendo as coleções consideradas como um todo, independente do número de exemplares, porque não foi possível sistematizar esses dados, uma vez que alguns leitores indicaram a série e outros apenas algum título em específico. *Crepúsculo* foi citado apenas três vezes, *Percy Jackson* continuou com cinco citações, e *Diário de um banana* apareceu apenas duas vezes. Uma nova coleção estrangeira, *Fallen*, passou a figurar nessas menções, com quatro indicações. O que podemos imaginar com base nessas informações é que

Crepúsculo não é uma série tão procurada depois que se lê *Harry Potter*, e que o interesse por *Percy Jackson e os Olimpianos* continuou a conquistar leitores.

Dentre os livros indicados pelas instituições escolares, encontramos os seguintes títulos: *Amar, verbo transitivo*, de Mario de Andrade; *Luna Clara e apolo onze*, de Adriana Falcão; *Mãos ao alto, é um assalto*, de Lilian Sypriano; *O irmão que veio de longe*, de Moacyr Scliar; *O menino do pijama listrado*, de John Boyne; *O menino que caiu no buraco*, de Ivan Jav; *Rubião gato, o mágico trapalhão*, de Lilian Sypriano; *Tio Eurico morreu, Rubião ficou rico*, de Lilian Cypriano. Nesse levantamento, encontramos o mesmo perfil de títulos exclusivamente brasileiros, com exceção de apenas um livro. Constatamos nessa lista a presença marcante dos livros da coleção *A casa Amarela*, de Lilian Sypriano, e todos os livros dessa autora foram citados pelo mesmo leitor. Esse mesmo leitor indicou apenas a leitura de *A turma da Mônica* e de *Asterix* como títulos escolhidos por ele, já que todos os livros da coleção foram escolhidos pela professora da escola onde ele estuda, o que nos aponta para um leitor pouco mobilizado ou que restringe sua leitura apenas aos títulos exigidos pela instituição escolar.

Na listagem dos livros lidos após terem realizado a leitura de *Harry Potter*, percebe-se que o interesse de alguns desses leitores mudou consideravelmente, que incluíram em suas leituras títulos consagrados da literatura como *Orgulho e Preconceito*, *Eva Luna*, *Alice no país das maravilhas*, *Lucíola*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *O apanhador no campo de centeio*, *O morro dos ventos uivantes* e *Os irmãos Karamazov*, inexistentes na lista de leitura antes de *Harry Potter*. Essa lista nos mostra que alguns desses leitores avançaram em suas experiências literárias para outros títulos, e em alguns casos, para cânones e autores consagrados pelos críticos da literatura como obras de excelente qualidade literária.

Neste tópico, a abordagem escolhida foi a de fazer um levantamento dos livros que circulam entre esses leitores, dentro e fora das instituições escolares. Percebe-se que dentro das escolas existe um predomínio de obras de escritores brasileiros, destacando a rica e variada produção infantojuvenil brasileira. Entretanto, quando os leitores escolhem as obras de seu interesse, a maior parte desses títulos são traduções, em especial, as norte-americanas e as que foram adaptadas para a versão cinematográfica, como o próprio *Harry Potter*. No início do tópico, destacamos que, durante a aplicação do questionário, vinte participantes estavam lendo algum

livro literário, porém apenas dois estavam realizando esta atividade a pedido da professora, o que aponta para um envolvimento desses sujeitos com a literatura que ultrapassa a obrigatoriedade escolar. O relato das entrevistadas sobre a sua formação literária e os livros que fazem parte dos seus respectivos repertórios de leitura contribuíram para uma análise mais profunda sobre as obras que fazem parte desse circuito. Como foi exposto, alguns dos livros apontados pelas leitoras são clássicos da literatura e outros fazem parte principalmente desse circuito cinematográfico, amplamente divulgado e que apresenta e incentiva os leitores a procurarem as obras que inspiraram os filmes. Outro detalhe interessante é que, no caso das séries, os leitores apresentam a tendência de procurar outros livros do mesmo autor, como na situação de *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Harry Potter* e *Crepúsculo*.

4.2.4 Os livros da série preferidos pelos leitores

No questionário respondido pelos participantes, foi pedido que eles marcassem qual volume da série eles mais gostavam, podendo marcar até duas opções. Foram vários livros favoritos, e percebia-se uma dificuldade muito grande da parte dos leitores no momento de se marcarem os preferidos. A maioria absoluta ficou com o último livro da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. O motivo aparente para essa preferência pelo último livro, de acordo com as participantes da entrevista, deve-se ao grande interesse pela conclusão da saga do bruxo, quando todas as dúvidas, ou pelo menos grande parte delas, seriam solucionadas e as peças do grande quebra-cabeça criado por Rowling se encaixariam, esclarecendo vários mistérios criados ao longo desses dez anos.

Harry Potter e o Cálice de Fogo também faz sucesso entre os leitores pesquisados. Maria Carolina, uma das leitoras que o assinalou, disse que este era um dos seus livros preferidos da série porque traz mais informações sobre o mundo dos bruxos e sobre a existência de outras escolas de bruxaria, além de Hogwarts, abrindo o horizonte dos leitores. Por meio da sua leitura, segundo a jovem, somos apresentados a outras duas escolas de magia, ambas na Europa, mas Rowling deixa a entender a seus leitores que existem muitas outras espalhadas pelo mundo, incluindo uma no Brasil.

Outros livros que também apareceram com um maior número de indicações foram o primeiro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e o terceiro, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Embora eles não tenham sido mencionados pelas entrevistadas diretamente, podemos supor que esses volumes também agradaram a seus leitores. *A Câmara Secreta* é o livro menos querido pelos leitores, sendo indicado apenas duas vezes como favorito.

Um questionamento muito difícil de ser respondido é o que indaga o motivo de se gostar de algum livro. De acordo com Abreu (2010 p. 129), “o gosto e a apreciação estética não são universais, mas dependem do universo cultural no qual se inserem os sujeitos. Uma mesma obra é lida, avaliada e investida de significações variadas por diferentes formações culturais.” O gosto das pessoas, não apenas literário, passa por uma construção pessoal de cada sujeito e, portanto, depende muito das situações e de todas as oportunidades às quais o indivíduo foi exposto desde o seu nascimento. O gosto literário parece ainda mais difícil de ser explicado pelas nossas leitoras.

As respostas a essa pergunta foram variadas, mas apontaram para o caminho da imaginação e do pacto lúdico. Catarina afirma que acredita que os livros conseguiram atingir um público tão amplo porque todos têm um lado fantástico na mente, e Rowling conseguiu exteriorizar isso de um maneira muito eficiente, criando todo esse universo mágico.

Maria Carolina também citou a criação de um mundo mágico como um fator extremamente positivo da série. A criação de Hogwarts e de todo o universo ao seu redor, cercado de diversos elementos minimamente detalhados, foi o que mais chamou a atenção dessa leitora. Ela também demonstrou uma posição crítica, sabendo que diversos elementos da série não foram criados por Rowling, mas que fazem parte da mitologia, lendas ou contos de fadas que foram apropriados com sabedoria pela autora, que soube dar seu toque especial e usar esses elementos para complementar suas histórias. Maria Carolina citou Tolkien, autor de *O senhor dos Anéis*, e que também é reconhecido pela riqueza de detalhes em seus livros, inclusive com a criação de mapas e de novas línguas, como a dos elfos, para exemplificar em que medida esses novos mundos intrigam e despertam a curiosidade dos leitores. Ela também destacou que, quando lê os livros, parece que está lá dentro, vivendo a história junto com o personagem.

Rafaela relatou que, apesar de ser uma ávida leitora antes de ler a série, o mundo criado por Rowling era completamente diferente do que ela já havia lido. Na sua opinião, os livros apresentaram uma história inovadora e que conseguiu cativar os leitores, pois, apesar de os personagens serem bem poderosos, eles têm as mesmas características e os mesmos sentimentos de uma pessoa normal.

Emma afirmou que, na sua opinião, o que contribuiu para os livros da coleção conquistarem tantos leitores foi, em parte, devido à grande variedade de personagens com os quais os leitores poderiam se identificar. Outro ponto destacado foi a questão da amizade. Para ela, um dos focos da série é o poder não só do amor, mas da amizade e da cumplicidade que os personagens principais apresentam, demonstrando que as amizades são, diversas vezes, um porto seguro para crianças e adolescentes. Além disso, para a adolescente, a autora escreveu as histórias de Harry de maneira muito convincente, “de uma forma que não pode não ser real. Você lê, faz todo o sentido. Então, é todo detalhe. Um detalhe de um livro vai fazer toda a diferença no final do último livro. Não tem espaço para não ser real.”

Uma das características mais marcantes e apontadas por nossas entrevistadas é a criatividade da autora e a sua capacidade de construir um mundo mágico paralelo e completamente verossímil. Nessa direção, Aguiar (2005, p.16) destaca que “os adultos e as crianças que falam de suas experiências com Harry Potter são unânimes em apontar a fantasia como o aspecto que mais lhe chama a atenção.” Entre as opiniões partilhadas por nossas leitoras, elas levantaram como possíveis fatores que contribuíram para o sucesso da série a variedade de personagens, contribuindo na identificação do leitor com a narrativa; a capacidade da autora de transformar esse mundo imaginário em real, tornando-o próximo e plausível aos seus leitores; os minuciosos detalhes impressos em toda a coleção, que despertam a curiosidade dos leitores mais exigentes; e a proximidade dos personagens com pessoas normais, que partilham dos mesmos sentimentos e dos mesmos problemas que os bruxos.

4.2.5 A leitura em outro idioma e a espera pela publicação dos livros

Um de nossos interesses era averiguar a leitura dos livros da série em outro idioma, uma vez que esses exemplares passaram a ser amplamente comercializados pelas maiores redes de

livrarias do país, principalmente devido ao tempo de espera entre a publicação do original em inglês e a da versão traduzida.

Quatro participantes afirmaram que leram os livros em outro idioma, mas não necessariamente todos os livros. Essa leitura foi realizada, na maioria das situações, em inglês, por três pesquisados e um realizou a leitura em espanhol. Uma das entrevistadas, Catarina, leu alguns dos livros em inglês. Ela contou durante sua entrevista que o que a motivou a ler os livros em inglês foi a vontade de aprender mais sobre o idioma e ela considerou que uma das melhores maneiras de realizar essa tarefa seria lendo os livros de *Harry Potter*, pois seria uma atividade prazerosa poder ler os livros de que ela gostava, em outro idioma.

Emma, apesar de não ter realizado a leitura dos livros da série em inglês, apresentava na estante de seu quarto outros títulos nesse idioma e nos informou que havia realizado algumas dessas leituras. A razão da leitura na língua inglesa surgiu da vontade de ler livros ainda não traduzidos para a língua portuguesa. Entre os títulos que ela destaca estão *As vantagens de ser Invisível*, e a coleção que narra a vida de *Anne of Green Gables*, que ela ainda não havia finalizado. No caso do primeiro livro, a versão traduzida logo chegou ao nosso país, pois o filme foi adaptado para as telas de cinema. No caso da coleção, apenas o primeiro título da série foi traduzido, estando os outros sete ainda sem tradução.

Na época do lançamentos dos livros de *Harry Potter*, as edições em inglês, que chegaram às livrarias antes da versão traduzida, aparecem no topo da lista dos livros infantojuvenil mais vendidos. Em 8 agosto de 2007, as versões americana e britânica do último livro encontravam-se no topo da lista dos livros de ficção mais vendidos publicada pela Folha de São Paulo²³. Como a versão traduzida só seria publicada em novembro do mesmo ano, um grande número de leitores preferiu ler em inglês ao invés de esperar mais alguns meses para ler apenas quando a tradução fosse disponibilizada. A tradução, em especial, dos três últimos volumes em apenas 3 meses não foi capaz de acalmar a ansiedade dos leitores, que procuraram a versão inglesa ou americana para descobrir o futuro do bruxinho. O quadro abaixo foi elaborado para que se tenha uma melhor visualização da data de publicação dos

²³<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u316485.shtml> Acesso em 4 de julho de 2013.

livros no seu país de origem e no Brasil, com o ano e mês em que os livros chegaram às livrarias nos dois países.

Publicação dos Livros		
Título: <i>Harry Potter ...</i>	Inglaterra	Brasil
<i>E a Pedra Filosofal</i>	Junho/1997	Abril/2000
<i>E a Câmara Secreta</i>	Julho/1998	Agosto/2000
<i>E o Prisioneiro de Azkaban</i>	Julho/1999	Novembro/2000
<i>E o Cálice de Fogo</i>	Julho/2000	Junho/2001
<i>E a Ordem da Fênix</i>	Junho/2003	Novembro/2003
<i>E o Enigma do Príncipe</i>	Julho/2005	Novembro/2005
<i>E as Relíquias da Morte</i>	Julho/2007	Outubro/2007

QUADRO 2 – Publicação dos livros no Brasil e na Inglaterra.

A grande expectativa em torno dos livros e do seu lançamento é um dos fatores que contribuiu para o grande sucesso da série e para os grandes eventos realizados nesse período, como foi observado no depoimento citado anteriormente por Calligaris.

A espera pelos novos livros da série não prejudicou o alcance e o sucesso obtidos até então. Em alguns casos, ele proporcionou aos leitores oportunidades de discutirem e procurarem resolver juntos situações que apareceram nos livros. Um exemplo dessa união dos leitores em encontros ou pela internet, em blogs e sites direcionados especialmente para as aventuras de Harry pode ser tomado quando olhamos para o final do sexto livro, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. No livro em questão, Harry descobre que o objeto que ele estava tentando encontrar com Dumbledore, na noite em que este foi assassinado, foi trocado por uma outra pessoa, que assinou um bilhete apenas como R.A.B. Assim que terminaram de ler o livro, milhares de fãs da série começaram a vasculhar os livros anteriores em busca de informações sobre a possível identidade de R.A.B. Esta procura não levou os leitores a apenas relerem os livros, mas também alimentou por vários meses discussões e debates sobre a identidade da pessoa misteriosa que havia descoberto um dos segredos de Voldemort. Várias hipóteses foram levantadas, e antes mesmo que o próximo e último livro fosse publicado, a maioria dos fãs da série estava inclinada a acreditar que o bruxo responsável pelo roubo do medalhão era

Régulo Arturo Black, irmão de Sirius Black,²⁴ e que havia desaparecido sem deixar vestígios. A verdadeira identidade do bruxo foi revelada apenas no lançamento do último livro e as principais suspeitas se confirmaram, provando que o bilhete havia sido, de fato, escrito por Régulo Black.

O principal objetivo deste capítulo foi analisar a informação obtida por meio dos instrumentos de pesquisa utilizados: o questionário e a entrevista. Através desses instrumentos, foi possível mapear os principais fatores que influenciam os leitores em suas escolhas literárias e as obras que fazem parte do repertório de leitura dessas crianças e jovens. Como afirma Machado (2004, p.90):

Acompanhar a trajetória de formação de um público leitor de literatura no Brasil é uma tarefa que aciona uma complexa rede da qual participam aspectos de diferentes naturezas tais como o das diferentes condições de uso da leitura e da escrita dos sujeitos que interagem na sociedade contemporânea; o das relações existentes entre as práticas escolares e a formação efetiva do leitor de livros de literatura; o das relações de poder mantidas pelas instituições escolares e as políticas públicas de leitura, que afetam diretamente a produção e a circulação de livros para crianças e jovens; entre tantos outros aspectos referentes ao campo da leitura literária e seu ensino.

Com base no que foi apontado, procuramos detectar essa rede, como cita Machado, e problematizar alguns dos aspectos apontados pela autora. Nota-se, na formação desses leitores literários, uma forte influência da indústria cinematográfica nas escolhas desses sujeitos, que muitas vezes apresentam interesse por uma obra depois de ter assistido a sua versão no cinema. Na maioria das situações, essa relação é positiva, mas nos questionamos sobre aqueles que se sentem satisfeitos com essa linguagem e não procuram os livros, pois isso também acontece. De acordo com o relato dos pesquisados, a rede de amigos também reflete o interesse pela leitura literária. Livros recomendados pelos amigos são lidos para depois serem debatidos entre os leitores, o que reforça a importância das comunidades de leitores, sejam elas presenciais, como nos encontros na praça da Liberdade, ou no parque ecológico da Pampulha, ou online, como os blogs e sites dedicados a essas séries.

Uma das possibilidades dos diversos sites sobre *Harry Potter* disponíveis na internet é a publicação de *fanfictions*, histórias criadas a partir de certos personagens ou cenários e que

²⁴Sirius Black é o padrinho e Harry e aparece apenas no terceiro, apesar de ser citado rapidamente no início do primeiro livro.

possibilitam o desenvolvimento de narrativas alternativas. Uma das participantes da pesquisa ainda se dedicava à escrita de uma *fanfiction*, baseada em alguns personagens da série, e uma outra revelou que já havia escrito *fanfiction* sobre *Harry Potter* e a tinha publicado em um dos maiores sites dedicados a essa prática. Outra leitora, embora não escrevesse *fanfiction*, demonstrou uma relação positiva com a escrita de textos, principalmente devido às atividades desenvolvidas em sua escola.

Os leitores que participaram da nossa pesquisa são assíduos frequentadores das livrarias da cidade, em especial, uma livraria presente na maioria dos shoppings de Belo Horizonte. Entretanto, poucos frequentam uma biblioteca que não seja a biblioteca da escola ou da faculdade, demonstrando que esses espaços de leitura poderiam ampliar suas ações para conquistar o público cada vez mais.

A releitura dos livros foi um aspecto interessante e que procuramos compreender por meio das entrevistas. Encontramos como razão para essa releitura, em larga escala, alguns aspectos interessantes, como a vontade de ler certas passagens dos livros e a organização de jogos baseados na série, o que exige amplo conhecimento dos detalhes da narrativa. Esses detalhes também motivam a releitura da obra, uma vez que a releitura dos livros permite que o leitor perceba outros pequenos detalhes deixados pela autora ao longo dos sete livros da coleção.

No campo das leituras literárias desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa, identificamos algumas leituras que vão ao encontro das expectativas dos acadêmicos. Principalmente durante as entrevistas, foi possível mapear o repertório de leitura e verificar a inclusão de alguns títulos clássicos que indicam a continuidade da leitura, com ampliação de suas fronteiras, por parte das leitoras, que indicaram a leitura de títulos como *Ensaio sobre a Cegueira* e *Os Irmãos Karamazov*, por exemplo. Um ponto importante que chama a atenção é a afirmação de duas dessas leitoras sobre o papel fundamental de *Harry Potter* enquanto formador de leitores. Embora elas já gostassem de ler, elas afirmaram que *Harry Potter* foi o primeiro grande desafio que tiveram, principalmente devido ao número de páginas dos livros. Para elas, ter conseguido ler um livro extenso e sem figuras foi um incentivo para que elas ampliassem suas leituras.

Por ser uma literatura marginalizada pela escola e pela academia, *Harry Potter* ficou fora do contexto escolar. No que se refere à relação dessas leitoras com as práticas literárias adotadas pelas instituições escolares, encontramos situações distintas. Em alguns casos, as leitoras não se sentiam estimuladas a ler os livros indicados pelos professores, mesmo quando a avaliação dessa leitura era realizada através de uma prova e, portanto, exigia a leitura do texto. Em outra situação, a leitora apreciava os livros indicados para leitura pela escola, mas a maneira como essa leitura era cobrada aponta aspectos da inadequada escolarização da literatura. Em apenas uma situação, as atividades relacionadas com o livro pareciam interessantes e estimuladoras para os alunos. Se as outras leitoras tivessem dependido do sistema escolar, elas dificilmente teriam o mesmo sucesso que obtiveram fora dele, pois não se sentiam estimuladas a ler os livros indicados pelos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar leitores de Harry Potter e apontar possíveis aproximações entre a leitura dos livros da série e a formação do leitor literário. Este trabalho se apoia em estudos de pesquisadores da literatura e da literatura infantojuvenil, entre os quais destacamos os trabalhos de Borelli, Hunt, Abreu e Ceccantini, por apresentarem uma visão de literatura mais ampla que percorre outros caminhos além dos cânones literários.

Como discutido ao longo do texto da dissertação, o que se entende por literatura é variável e em constante construção e mutação, devido principalmente a seu caráter histórico e social. Há grande dificuldade em se definir com exatidão o que é literatura, pois a avaliação das obras literárias sofre transformações de acordo com a sociedade que a classifica e valoriza. Assim como literatura, a literatura infantil e infantojuvenil também não apresentam consenso quando se procura defini-la segundo um conceito estático e fechado. No caso da literatura infantil, em que se explicita o público à qual se destina, temos a difícil concepção de criança e suas especificidades, consideravelmente complexas, de serem definidas com precisão. Como lembrado por Filho (2009), o que entendemos por criança em nossa sociedade atual é consideravelmente diferente do que se entendia por criança há cem ou duzentos anos. Portanto, definir uma literatura para um público também heterogêneo é uma tarefa que produz poucos resultados. Com isso, não estamos afirmando que a literatura infantojuvenil não tenha suas especificidades e seu público relativamente estável, mas estamos problematizando categorizações rígidas de certos conceitos e definições, como se não houvesse extrapolações e exceções a essas categorias.

Alguns pesquisadores optam por não dividir a literatura, considerando que existe apenas uma literatura, e que tanto a literatura infantil quanto a literatura adulta estariam dentro deste grande grupo. Embora concordemos que a literatura infantojuvenil deva estar no mesmo patamar de avaliação crítica, ou seja, de qualidade que a literatura adulta, defendemos que ela apresenta, como já mencionado, suas características próprias e suas especificidades.

Numa visão histórica da literatura escrita para crianças, constata-se que a criação de narrativas dedicadas ao universo infantil é relativamente recente e teve no Ocidente, como principais autores, Perrault e os irmãos Grimm.

A produção de textos voltados para crianças e jovens apresenta uma diversidade significativa, e as obras endereçadas a esses leitores passam pelo crivo de especialistas adultos, que se propõem a julgar e a classificar o que deve ou não ser lido. Uma das vertentes que adotamos em nossa pesquisa defende que os mais interessados nessa leitura são as crianças e os jovens e que, por este motivo, a opinião deles também deve ser levada em consideração. A discussão sobre a qualidade literária tanto dos livros infantojuvenis quanto de literatura em geral foi um dos aspectos abordados e que trouxeram importantes reflexões para a nossa análise. Para Abreu (2000) e Hunt (2010), os critérios utilizados na avaliação desses livros em grande medida são subjetivos e dependem da formação e dos repertórios de cada pessoa. Para os pesquisadores, não se pode generalizar a literatura e a qualidade literária aos conceitos e suposições de um pequeno grupo que acredita, devido a sua formação acadêmica, ser a avaliação final, definidora do destino das obras. Os autores indicam que as produções literárias devem ser vistas como diferentes, ao invés de melhores ou piores, pois o julgamento sempre é considerado a partir de um determinado ponto de vista, e não podemos ficar limitados a enxergar a literatura utilizando apenas uma lente. Não pretendemos afirmar, contudo, que não devam existir critérios que auxiliem na avaliação desses livros, mas sim que esses critérios devem ser explicitados e relativizados.

Ceccantini (2009) destacou que se acredita em uma falsa premissa de que os jovens de hoje leem menos do que os de antigamente, especialmente porque a única leitura que se considera é a legitimada pela academia ou pelas instituições escolares. Segundo o autor, existem diversas obras que circulam fora desses ambientes e que promovem a leitura literária. Tais indícios podem ser percebidos através da grande quantidade de títulos publicados a cada ano e também através do expressivo número de livros vendidos. Dessa forma, apesar de a leitura ser uma atividade que diminui gradativamente com o passar dos anos, a afirmação de que hoje crianças, jovens e adultos leem menos não é válida, na opinião do autor, porque é preciso ter em conta o que se lê.

Além disso, ele destaca, no que se refere à formação do leitor literário promovida por instituições de ensino, que, apesar de iniciativas bem sucedidas serem observadas na

formação desse leitor nas séries iniciais dos anos de escolarização, esse sucesso não tem continuidade no ensino médio ou após a conclusão da escolarização obrigatória. O que se observa, nesses casos, é que os jovens vão gradativamente diminuindo seus repertórios de leitura escolares. Portanto, pode-se concluir que, enquanto a única leitura legitimada pela escola estiver restrita aos cânones literários, a impressão de que hoje crianças e jovens leem menos do que antigamente continuará a repercutir dentro das instituições escolares.

Um dos livros que encontrou fora dos muros da escola o seu espaço junto ao público leitor é a série que focalizamos em nossa pesquisa. Os títulos da coleção Harry Potter cativaram os leitores e levaram a uma série de críticas de escritores e pesquisadores de literatura. Entre os argumentos dos que reprovam a série, em especial Bloom e Colasanti, está a redução do sucesso a estratégias de *marketing* empregadas para a divulgação dos livros e o uso de elementos consagrados da literatura clássica. Por outro lado, há aqueles que apontam pontos positivos das histórias, destacando a capacidade dos livros de atraírem crianças e jovens para a leitura, oferecendo-lhes um contato prazeroso com a literatura. Coelho, em particular, destaca que a retomada e a ressignificação de elementos já conhecidos da literatura clássica promovem uma aproximação dos leitores com essas histórias já esquecidas ou desconhecidas por parte deles. Em relação às estratégias de *marketing* desenvolvidas para auxiliarem na venda dos livros, diversos pesquisadores destacaram que essas estratégias por si só não teriam força suficiente para levar os leitores a encarar livros cada vez maiores e mais desafiadores. Alguns chegam até a defender que as mesmas estratégias deveriam ser utilizadas para promover autores nacionais.

No levantamento realizado no sistema da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, onde o encontro com leitores de Harry Potter foi realizado e onde aplicamos o questionário desta pesquisa, foi possível verificar que a biblioteca conta com um acervo expressivo da obra de Rowling, e alguns títulos chegam a apresentar onze exemplares disponíveis para empréstimo. Quando analisamos os livros mais emprestados pela biblioteca, percebemos que o mais requisitado, entre os anos de 2004, quando o sistema foi informatizado, e agosto de 2012, quando encerramos esta etapa da pesquisa, foi *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, além de constatarmos que a maioria dos livros que fazem parte da série estão entre os dez mais emprestados, com exceção do último livro publicado, que ocupava a décima quinta posição. Através desse levantamento, é possível afirmar que a procura pelos livros da série representa

uma grande parcela dos empréstimos da biblioteca no período em que a pesquisa foi realizada. Na análise dos títulos mais emprestados de cada ano, um dos livros da coleção sempre ocupava a primeira colocação, com exceção dos anos de 2009, 2011 e 2012.

Nos anos de 2012 e 2011, embora nenhum dos títulos da série Harry Potter apareça como o mais emprestado desses anos, o primeiro livro da coleção aparece em segundo lugar e outros três volumes encontram-se entre os dez mais retirados para empréstimo. Outros títulos que apareceram com destaque nesses anos foram as séries *Percy Jackson e os Olimpianos* e *Desventuras em Série*.

No ano de 2009, o primeiro volume da série que aparece na lista, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, ocupa apenas o quarto lugar, estando atrás de títulos de autores nacionais e de uma outra revista no estilo mangá. O aparecimento desses dois títulos nacionais, *O caso da Borboleta Atíria* e *A droga da obediência*, nos levaram a supor, embora não encontremos comprovação para essa suposição, que esses livros foram indicações escolares, uma vez que as leituras desenvolvidas nas instituições de ensino são preferencialmente de autores brasileiros. O que nos levou a essa hipótese foi o aparecimento isolado dessas coleções apenas no ano de 2009. Com esse levantamento, foi possível verificar que, na época de lançamento dos livros e dos filmes, ocorreu uma procura maior pelos livros da série. No ano de 2007, por exemplo, ano de lançamento do livro que encerraria a coleção, os cinco primeiros livros mais emprestados da biblioteca foram os títulos Harry Potter.

Uma presença brasileira importante que o levantamento apontou foi a do escritor Pedro Bandeira, único autor nacional a integrar a lista geral dos mais emprestados com o título *A droga da obediência*. Bandeira apresenta, embora de maneira discreta, diversos títulos entre os cem mais retirados da biblioteca. No entanto, sua obra mais procurada é o primeiro livro acima citado, da coleção Os Karas!

Por meio da análise dos empréstimos da biblioteca, foi possível observar que a procura pelos livros da série continua movimentando os empréstimos do local, principalmente devido a algumas estratégias adotadas que continuam a realimentar o circuito Harry Potter, mesmo com o fim da série, inclusive o fim cinematográfico. Dentro dessas estratégias, destacamos a criação do site *Pottermore*, que fornece aos seus usuários, além da oportunidade de conhecerem novos leitores e interagir com eles através da internet, disponibilizar novos

conteúdos referentes à série, que nunca haviam sido revelados pela autora. Além do site, duas atrações turísticas foram inauguradas, uma na Inglaterra e outra nos EUA, atraindo diversos fãs do bruxo. Nos Estados Unidos foi inaugurado o parque temático e na Inglaterra os estúdios de gravação foram abertos à visitação do público. Além dessas três estratégias, a Associação Internacional de Quadribol, criada pelos fãs da série e sem relação com a autora ou com os detentores de exploração da marca, organiza anualmente a copa mundial de quadribol e conta com times de diversos países do mundo que se enfrentam, buscando se consagrar campeões.

No último capítulo deste trabalho, analisamos as informações coletadas através dos questionários e entrevistas aplicados aos leitores que se dispuseram a participar da pesquisa e compartilhar sua experiência literária dentro e fora do ambiente escolar.

Por meio da análise das respostas, percebemos que a indústria cinematográfica exerce uma grande influência nas escolhas literárias desses sujeitos. Assim como a série Harry Potter, diversos outros títulos que foram adaptados à linguagem fílmica constituem parte do repertório de leitura desses sujeitos. Para muitos dos pesquisados, o cinema representou a porta de entrada para a leitura dos títulos adaptados. Entre essas leituras, destacam-se as coleções *O senhor dos anéis* e *Crepúsculo*, ambas com todos os livros adaptados para o cinema e que cativaram considerável número de leitores. Outros títulos citados pelos leitores foram *O ladrão de raios*, da série *Percy Jackson*, *As crônicas de Nárnia*, *As aventuras de Hugo Cabret*, entre outros. Um fato interessante observado foi o aumento pela procura, ao menos inicialmente, dos livros da série no momento em que os filmes chegavam aos cinemas. Tanto em *Harry Potter* quanto em *O senhor dos anéis*, os filmes impulsionaram a venda dos livros, como verificamos com a análise dos mais vendidos de revista de circulação nacional. Entretanto, essa tendência não se manteve ao longo das séries, pois o lançamento dos últimos filmes não conseguiu promover uma maior venda dos livros que os fizessem chegar aos dez mais vendidos.

Outra instância com grande importância na seleção de livros literários é a comunidade de leitores que se forma ao redor dessas séries. Essas comunidades são caracterizadas por partilharem dos mesmos sistemas e estratégias de interpretação, mostrando que, apesar de a leitura ser uma tarefa solitária, ela também é altamente socializadora, pois os sujeitos sentem

a necessidade de partilharem com seus pares as impressões que tiveram da narrativa, formando assim suas próprias comunidades. Os leitores, enquanto participantes dessa comunidade, trocam informações sobre as obras lidas e contribuem para uma maior socialização da leitura, indicando para seus amigos livros que gostaram de ler. Dentro dessas comunidades, destacam-se as práticas de escrita desenvolvidas por esses leitores. Nesse contexto, diversos leitores da série procuram escrever suas próprias histórias, baseados no contexto e nos personagens dos livros. O número de histórias paralelas de Harry Potter em sites da internet é considerável e os enredos são os mais variados, desde narrativas sobre os anos em que o pai de Harry frequentou a escola até histórias que continuam do ponto onde a autora encerrou a série, com os filhos de Harry embarcando para mais um ano em Hogwarts.

O papel da família, assim como dos amigos, foi destacado pelas jovens participantes como fundamental na sua formação literária, que contava com membros familiares que incentivavam a leitura e que apresentavam o hábito de ler histórias para as crianças. Além da família, outra importante instituição na formação de leitores é a escola. As jovens participantes da pesquisa compartilharam as suas experiências de leitura literária durante seus respectivos processos de escolarização. Algumas leitoras se mostravam avessas a práticas de leitura literária desenvolvidas nas escolas, principalmente aquelas voltadas para uma excessiva escolarização da literatura, onde são privilegiados os estilos clássicos e autores consagrados, em uma abordagem excessivamente histórica da literatura. Se essas leitoras tivessem dependido exclusivamente das práticas de leitura literária desenvolvidas pelas escolas onde estudavam, elas dificilmente teriam adquirido o hábito da leitura como uma atividade prazerosa. Apenas na experiência da leitora mais jovem da pesquisa percebemos uma maneira diferenciada de se lidar com a literatura, sem uma cobrança excessiva e com propostas didáticas que fogem do modelo de prova ou preenchimento de fichas. É importante destacar que existem diversas políticas públicas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que distribui obras de literatura, pesquisa e referência para compor o acervo de bibliotecas escolares e que as reflexões acerca da influência das instituições de ensino na criação do hábito da leitura não podem ser generalizadas pois a pesquisa abordou um pequeno número de sujeitos.

Outros espaços que promovem a circulação de livros, além da escola, foram objeto de nosso interesse. Nessa direção, verificamos que os participantes da pesquisa têm o hábito de

frequentar livrarias, principalmente as que possuem lojas em shoppings da cidade. No entanto, a frequência a bibliotecas mostrou-se consideravelmente menor, visto que, quando os pesquisados frequentavam uma biblioteca, esta geralmente era a biblioteca escolar. Nem mesmo a biblioteca onde o encontro foi realizado é um espaço utilizado com frequência pelos leitores pesquisados, apesar de a biblioteca promover diversas atividades com o intuito de atrair mais visitantes.

Os espaços virtuais também representam um importante local de encontro e discussão desses leitores. Através da internet, os leitores de *Harry Potter* tiveram a oportunidade de compartilhar suas impressões sobre os livros, angústias e levantar hipóteses sobre os rumos que a narrativa tomaria nos próximos livros, tornando frequente a escrita de *fanfictions* baseadas na série. Os fãs da série também desenvolveram diversos blogs e sites sobre o universo do bruxinho e que continuam ativos, mesmo com o fim dos livros e dos filmes.

Retomando-se as práticas de leitura da série e de outros livros de literatura, foi possível detectar que a ordem de leitura dos livros da coleção Harry Potter é variável, uma vez que a autora utiliza em todos os títulos estratégias de retomada dos principais acontecimentos da história necessários à compreensão do enredo. Dessa forma, algumas de nossas leitoras não começaram a ler os livros na ordem cronológica, mas na ordem de leitura que mais lhe pareceu apropriada, sem perderem o sentido da narrativa.

Um dos aspectos que mais chamaram a nossa atenção quando entrevistamos as leitoras da série e analisamos os questionários foi o número de vezes que esses livros costumam ser relidos. Todas as participantes da entrevista afirmaram que haviam relido os livros da série, em especial, o sétimo e último título da coleção. As justificativas apresentadas para esse índice de releitura, por vezes bem alto, foi o desejo de reviver as aventuras dos personagens e, em uma leitura mais atenta, perceber todos os detalhes e pistas que a autora deixou ao longo da série. A cada nova leitura, os leitores percebem novos aspectos da obra que ajudam a compreender melhor todos os acontecimentos da narrativa.

Os participantes da pesquisa também nos indicaram outros livros que fazem parte do seu repertório de leitura, tanto dentro como fora das obrigações escolares. Nesse aspecto, foi interessante observar algumas tendências de leitura dentro do grupo pesquisado. Entre essas

tendências, destacamos as coleções estrangeiras que têm conquistado cada vez mais o público brasileiro, como a série *Percy Jackson e os Olimpianos*, *As crônicas dos Kane*, e *Heróis do Olimpo*, todos do autor Rick Riordan. Além dessas séries, percebemos o interesse, principalmente dos meninos, por títulos como *Diário de um banana* e *Como treinar seu dragão*. Igualmente, alguns livros citados nas narrativas de *Crepúsculo* começaram a fazer parte dos interesses de algumas das jovens pesquisadas, que buscaram enriquecer seus repertórios de leitura com livros como *Orgulho e Preconceito* e *O morro dos ventos uivantes*. Embora as participantes que procuraram esses livros não tenham apreciado as narrativas, com exceção de uma delas, elas foram levadas a buscar esses livros pelo incentivo positivo apresentado em seus livros favoritos.

Os livros mencionados pelos pesquisados como lidos antes e depois da série possibilitaram uma reflexão sobre os circuitos de leitura e os tipos de narrativas procuradas pelos leitores quando eles mesmos escolhem os livros e quando a escolha é realizada pela instituição escolar. No caso das escolhas escolares, percebemos uma predominância de títulos de autores brasileiros, valorizando a nossa rica literatura e apresentando a esses alunos escritores nacionais que conquistaram sucesso com suas publicações, em especial Pedro Bandeira. No entanto, quando os próprios alunos realizam a escolha dos títulos que gostariam de ler, a maioria desses livros são obras estrangeiras que conquistaram sucesso principalmente devido a sua adaptação pela indústria cinematográfica.

Algumas das leitoras entrevistadas apresentaram uma trajetória de leitura que poderia ser considerada bem sucedida pelos críticos de literatura. Tendo iniciado a leitura de livros mais extensos com as aventuras de Harry Potter, uma dessas jovens foi, cada vez mais, ampliando seu repertório de leitura e incluiu na sua lista de livros favoritos autores consagrados da literatura, como Saramago, Dostoyevsky e Machado de Assis, para citar alguns dos autores mencionados por essa leitora. Outro aspecto que procuramos investigar em nossa pesquisa foi a leitura dos livros da série em outro idioma. Como os livros da coleção demoravam aproximadamente dois anos para serem publicados, a espera pelos novos títulos gerava uma grande ansiedade em seus leitores, e o lançamento dos livros, mesmo em inglês, causava um alvoroço nas livrarias brasileiras. Nossas entrevistadas não fizeram parte desse grupo, com exceção de Maria Carolina, que acompanhou esse processo. Quando as outras leitoras começaram a se interessar pelos livros, todos os volumes já haviam sido publicados.

Entretanto, uma das leitoras entrevistadas afirmou que leu alguns exemplares em inglês, embora seu objetivo fosse aprimorar a língua estrangeira. Essa espera pelos livros também promoveu calorosos debates, principalmente através da internet, no qual os leitores compartilhavam suas expectativas para o próximo livro e discutiam acontecimentos narrados até então.

A principal intenção desta pesquisa foi analisar a formação do leitor literário entre leitores de Harry Potter, por acreditarmos que essa série influenciou positivamente várias crianças e jovens a descobrirem que a leitura pode ser uma atividade prazerosa e gratificante. Os sujeitos pesquisados demonstraram, através de suas trajetórias de leitura, que os livros da coleção representaram, de certa forma, um grande incentivo para a leitura e para a leitura de outros livros. As duas entrevistadas mais velhas, de 18 e 19 anos, no momento em que foram entrevistadas, afirmaram que foi com Harry Potter que elas se sentiram estimuladas a lerem livros mais extensos. Apesar de apreciarem a leitura antes de lerem a série, os livros representaram um diferencial por serem classificados pelas jovens como um desafio, considerando as leituras que elas realizavam até então, principalmente no caso de Catarina, que começou lendo o sexto livro da série, bem mais volumoso que o primeiro.

Tanto pelos depoimentos das jovens quanto pelas informações coletadas nos questionários, percebemos que a série exerceu um forte impacto na formação de diversos leitores, fato reiterado pelos quatro participantes que responderam que não gostavam de ler antes de lerem Harry Potter e também por ser o livro mais emprestado da biblioteca onde o encontro foi realizado, mostrando que a procura pelos livros da coleção continuou mesmo sem a publicação de novos títulos, mas também impulsionada pelo lançamento dos filmes. As leitoras mais jovens que participaram da pesquisa apresentaram um panorama diferenciado, pois *Harry Potter* não foi o livro mais volumoso que elas leram. Uma das hipóteses que levantamos para esse aspecto é que, com o sucesso de *Harry Potter*, as editoras decidiram investir em manuscritos similares voltados para o público infantojuvenil e houve um *boom* de coleções que traziam em seu enredo narrativas semelhantes.

Percebe-se, desse modo, que Harry Potter teve um importante papel na formação literária dos participantes da pesquisa, que não se contentaram apenas em assistir aos filmes da série e

procuraram nos livros novas maneiras de interagir com os personagens de Rowling e de expandir seus repertórios de leitura.

Um estudo sobre a formação do leitor literário, baseada na série Harry Potter, não conseguiria esgotar todas as suas possibilidades em uma pesquisa de mestrado, pois são diversos os focos que poderiam ter servido como lente de observação para a análise deste trabalho. Entretanto, os resultados que obtivemos através dos instrumentos de pesquisa utilizados mostram alguns caminhos que poderiam ser percorridos com o objetivo de melhor conhecer os leitores da série e seus hábitos de leitura. Um ponto interessante de ser analisado é observar se a coleção continuará a despertar o interesse de crianças e jovens, pois a sua procura ainda está fortemente atrelada ao cinema e ao recente encerramento das aventuras do bruxo, apesar de já estar no mercado há mais de quinze anos e da série ter chegado ao fim. Outra linha de pesquisa poderia investigar os leitores da série com o foco em crianças e adolescentes que acompanharam o lançamento dos livros na época em que eles foram publicados ou também estudar a apropriação desses livros por um público não percebido inicialmente como potencial leitor de Harry Potter, os adultos. Uma análise das práticas de escrita desenvolvidas por essas crianças e jovens também é um interessante caminho que pode ser trilhado, procurando-se conhecer melhor os tipos de narrativa que são produzidas e os fatores que levam esse público a escrever e publicar *fanfictions* na internet.

Como pôde ser observado ao longo deste trabalho, o estudo com leitores de Harry Potter sinalizou importantes tendências nos repertórios de leitura de crianças e jovens. Embora nossa pesquisa tenha demonstrado que as leituras dessas comunidades de leitores são, por vezes, similares e influenciadas por diversos fatores, entre eles, as comunidades de leitores e a indústria cinematográfica, as conclusões dessas leituras não podem ser tomadas como um referencial universal para leitores. O foco de nossa pesquisa foram leitores específicos e suas práticas de leitura literária, não podendo ser estas generalizadas, visto que diferentes contextos representam diferentes maneiras de formação do leitor literário e diferentes modos de relação com a leitura.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. As variadas formas de ler. IN: PAIVA, Aparecida. et al (Org.) *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p. 121-134.

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. IN: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001. p 139 – 155.

ABREU, Marcia. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ADLER, Bill. *Cartas ao Harry Potter: crianças do mundo todo escrevem ao bruxo*. São Paulo: Novo Conceito, 2007.

AGUIAR, Vera Teixeira Leite. O bruxo e os leitores. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa. (Org.) *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 11-22.

ALCÂNTARA, Flávia. Um clássico in versões: representações de infância em textos verbais e imagens de Chapeuzinho Vermelho. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BAKHTIN, M.M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. Unesp: Hucitec, 1990. 2ed.

BANDEIRA, Pedro. Um gol de placa na ficção infantil. *Veja*, n. 1644, 12 abr. 2000.

BLOOM, Harold. BLOMM.Harold. Can 35 million book buyers be wrong? Yes. Disponível em: <http://sch.ci.lexington.ma.us/~abaker/FOV2-00106819/FOV2-0011A8E8/bloom%20copy.pdf> Acessado em: 8 de agosto de 2013

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.

BORELLI, Silvia H. S. *Harry Potter: campo literário e mercado, livro e matrizes culturais*. 2006. 227 f. Tese (livre docência) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BORELLI, Silvia H. S. Harry Potter: conexões midiáticas, produção e circulação, cenários urbanos e juvenis. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2007, Santos. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação - Mercado e Comunicação na Sociedade Digital. São Paulo: INTERCOM, 2007. v. 1.

BORELLI, Silvia H. S. Campo editorial e mercado: a série Harry Potter. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 231-253.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010, 2ª edição.

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CALLIGARIS, Contardo. O segredo de Harry Potter. Folha de São Paulo, SP, 13 jul. 2000 Disponível : <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1307200021.htm> Acesso em 7 de abril 2013.

CANI, Isabelle. *Harry Potter ou o anti-Peter Pan: para acabar com a magia da infância*. São Paulo: Madras, 2008.

CHARTIER, Anne –Marie. Leitura e saber ou a literatura juvenil entre ciência e ficção. In: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). *A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 59-70.

CHARTIER, Anne –Marie. Que leitores queremos formar com a literatura infanto-juvenil? In: PAIVA, Aparecida et al (Org) *Leituras Literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CECCANTINI, João Luís C. T. Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação da leitura. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa. (Org.) *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 23-52.

CECCANTINI, João Luís C. T. Leitores iniciantes e comportamento perene da leitura” In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José C. M.; Rösing, Tania M. K. (Orgs.) *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009. p. 207 – 231.

COELHO, Nelly Novais. *Panorama histórico da Literatura Infantil/ Juvenil: das origens indo-européias ao Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novais. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1997.

COELHO, Nelly Novais. O fenômeno Harry Potter e o nosso tempo em mutação. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa.(Orgs.). *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 53-66.

COLASANTI, Marina. No mundo da magia se come rosbife. Disponível em: www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/rosbife.htm. Acesso em: 01 de julho de 2010

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA VAL, *apud* LIGNANI, Ângela Maria. A recepção crítica de Harry Potter e as estratégias midiáticas de consagração. In: PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. (Org.) *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p .121-130

CULLER, Jonathan. Prolegomena to a theory of Reading. In: Susan R. Suleiman & Inge Crosman (eds), 1980 p.44-46. *Apud* DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina, 2000.

CULLER, Jonathan. *The pursuit of signs. Semiotics, literature, deconstruction*. London: Routledge, 1981. *Apud* DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina, 2000.

CUNHA, Juliana (2009).“Para gostar de ler”. Folha de São Paulo, *Folhateen* (it?), 23 de março de 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2303200912.htm> . Acesso em: 13 maio 2010

DARNTON, Robert. *A questão dos livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina, 2000.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. Literatura, leitura e escola. Uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita. In: PAIVA, Aparecida et al (Org.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

DONNAT, Olivier. Encuestas sobre los comportamientos de lectura. Cuestiones de método.In: LAHIRE, Bernard (org.) *Sociología de la lectura*, del consumo cultural a las formas de la experiencia literaria. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/21729374/795258217/name/Entrevista+em+profundidade.doc>. Acesso em: 26 de junho de 2011

EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). *A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

FISH, Stanley. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1980. *Apud* DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina, 2000.

FREITAS, Maria Teresa de A. Conhecendo novas práticas de leitura e escrita. IN: PAIVA, Aparecida. et al (Org.) *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. P 171-188

GEE, James P. *Social Linguistics and literacies: ideology and discourses*. New York: Falmer, 1990. *Apud* DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade. *A construção escolar de comunidades de leitores: leituras do manual de português*. Coimbra: Almedina, 2000.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: CosacNaify, 2010.

JACOBY, Sissa. Harry Potter: ou isto ou aquilo. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa.(Org.) *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 103-119.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa. A crítica literária e as Instituições de Literatura para Crianças e Jovens. In: *Revista da Faced/*. n. 05. 2001. Salvador: FAGED/ UFBA

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LIGNANI, Ângela Maria. A recepção crítica de Harry Potter e as estratégias midiáticas de consagração. In: PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. (Org.) *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p .121-130

LIGNANI, Ângela Maria. J. K. Rowling: dialogo literário e cultural com Monteiro Lobato e Isabel Allende. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2007.

MACHADO, Ana Maria. O truque mágico do fenômeno. In: *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 217-221 *apud* CECCANTINI, João Luís C. T. *Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação da leitura*. In: RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa. (Org.) *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005. p. 23-52.

MACHADO, Maria Zélia Versiani;. *A literatura e suas apropriações por leitores jovens*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2003.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Modernidade e constituição do campo da literatura infantil e juvenil no Brasil. In: PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. (Org.) *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.p. 83-90.

MALONE, Aubrey. *Harry Potter de A a Z*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001.

MARTINS, Aracy Alves (et al.) Organizadoras. *Livros & Telas*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MENDONÇA, Cátia Toledo. *À sombra da Vaga-lume: análise e recepção da série Vaga-lume*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná, 2007.

OLIVEIRA, Ieda (Org.) *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o educador*. São Paulo: DCL, 2011.

PADRÃO, Márcio. . *Leituras resistentes: fanfiction e internet vs. Cultura de massa*. E-Compós (Brasília), v. 10, p. 15, 2008.

PAIVA, Aparecida. et al (Org.) *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

PAIVA, Aparecida. et al (Org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2004.

PAIVA, Aparecida et al (Org.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

PAIVA, Aparecida. et al (Org.). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

PAIVA, Aparecida. Et al (Org.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência de temáticas. In: PAIVA, Aparecida. Et al (Org.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 35-52.

PAULINO, Graça et al (Org.). *O jogo do livro infantil: textos selecionados para a formação de professores*. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

PAULINO, Graça. *Letramento Literário: por vielas e alamedas*. In: Revista da Faced/. n. 05. 2001. Salvador: FAGED/ UFBA

PAULINO, Graça. A mediação dos divulgadores de livros. In: PAULINO, Graça e COSSON, Rildo. (Org.) *Leitura literária: a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 41-46

PAULINO, Graça. O mercado, o ensino e o tempo: o que se aprende com a literatura que se vende?. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 145-154.

PAULINO, Graça. Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares. In: *Das Leituras ao Letramento Literário*. Belo Horizonte: FAE/UFMG e Pelotas: EDUGUFPEl, 2010.

PELLEGRINI, Tânia (et al.). *Literatura, cinema e televisão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

PINHEIRO, Marta Passos. Reflexões sobre práticas de letramento literário de jovens: o que é permitido ao jovem ler?. In: PAIVA, Aparecida. et al (Org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008, p 111 – 120.

PINHEIRO, Marta Passos. *Letramento Literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação de “comunidade de leitores”*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2006.

RETTENMAIER, Miguel e JACOBY, Sissa (Orgs.) *Além da plataforma nove e meia: pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UFP, 2005.

SANTINI, Juliana (org.) *Literatura, crítica, leitura*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SIBLEY, Brian. *Harry Potter: a magia do cinema*. São Paulo: Panine, 2010.

SMADJA, Isabelle. *Harry Potter: as razões do sucesso*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SOARES, Magda. Escolarização da literatura infantil e juvenil. IN: MARTINS, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2003, p. 17 - 48.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SODRÉ, Muniz. *Best-Seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VIEGAS, Ana Cláudia. Escrita ao rés do chão: quanto vale a literatura do presente? IN: SANTINI, Juliana (org.) *Literatura, crítica, leitura*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 31-48.

VERSUTI, Andrea; SILVA, Daniel David; LIMA, Daniela. *O potencial transmidiático de Harry Potter e suas fanfiction*. In: *Leitura: Teoria e Prática*. São Paulo: Sesi – SP, 2012, p. 2867 - 2878.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *Literatura e escola: anti-lições*. IN: MARTINS, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2003, p. 49 – 58

WALTY, Ivete Lara Camargos. *Leitura literária em tempos de crise*. In: PAIVA, Aparecida. et al (Org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2008, p.189-197.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS CONSULTADOS

<http://sch.ci.lexington.ma.us/~abaker/FOV2-00106819/FOV2-0011A8E8/bloom%20copy.pdf>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1307200021.htm>. Acesso em 7 de abril de 2013.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2303200912.htm> . Acesso em: 13 maio 2010

www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/rosbife.htm. Acesso em 1 de julho de 2010.

<http://xa.yimg.com/kq/groups/21729374/795258217/name/Entrevista+em+profundidade.doc>. Acesso em 26 de junho de 2011.

http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/. Acesso em 23 de janeiro de 2013.

<http://entretenimento.uol.com.br/harry-potter/ultimas-noticias/2007/07/31/livro-de-harry-potter-em-ingles-e-o-mais-vendido-do-pais.jhtm>. Acesso em 16 de janeiro de 2013

<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/15-anos-de-harry-potter-a-magica-de-criar-um-negocio-bilionario/> acesso em 7 de abril de 2013

<http://portaldecinema.com.br/news/2012/05/27/as-100-maiores-bilheterias-de-todos-os-tempos/> acesso em 17 de março de 2013

<http://andersen-award.com/en/index.php?Welcome> 6 de abril de 2013

<http://www.pedrobandeira.com.br/> acesso em 29 de junho de 2013

<http://livrosemserie.com.br/2010/10/13/resenha-a-droga-da-obediencia-de-pedro-bandeira/> Acesso em 29 de junho de 2013.

<http://www.bemparana.com.br/noticia/96080/turma-da-monica-jovem-bate-recorde-de-vendas>
Acesso em 26 de junho de 2013.

<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/09/turma-da-monica-jovem-tera-casamento-de-monica-e-cebolinha.html> Acesso em 26 de junho de 2013.

<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2013/04/02/percy-jackson-e-o-mar-de-monstros-assista-ao-primeiro-trailer-do-filme/> Acesso em 5 de maio de 2013.

<http://www.internationalquidditch.org/> Acesso em 23 de fevereiro de 2013.

http://www.youtube.com/results?search_query=quidditch&oq=quiddic&gs_l=youtube.1.0.0i10i19l6.35051.36235.0.37843.7.7.0.0.0.0.210.762.0j3j1.4.0...0.0...1ac.1.11.youtube.sL6_Uz-ysZE Acesso em 23 de junho de 2013.

<http://fcplataforma.blogspot.com.br/> Acesso em 2 de outubro de 2012

<http://fanfic.potterish.com/> Acesso em 24 de abril de 2013.

<http://criancas.uol.com.br/harrypotter/ulnnot/2007/07/13/ult1833u299.jhtm> Acesso em 2 de fevereiro de 2013

<http://veja.abril.com.br/acervodigital/> acesso em 2 de fevereiro de 2013

LIVROS DE LITERATURA

ALENCAR, José de. *Senhora*. 32.ed. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1996.

ALENCAR, José de. *A viúvinha*. São Paulo: Moderna, 1993.

ASSIS, Machado de. *Helena*. 9.ed. São Paulo: Ática, 1979.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 12.ed. São Paulo: Ática, 1987.

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. 5.ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

AUSTEN, Jane. *Razão e Sensibilidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 32. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BANDEIRA, Pedro. *A droga da obediência*. São Paulo: Moderna, 1984.

BANDEIRA, Pedro. *A droga do amor*. São Paulo: Moderna,

BANDEIRA, Pedro. *Anjo da morte*. São Paulo: Moderna, 1997.

BANDEIRA, Pedro. *A marca de uma lágrima*. 17ª ed. São Paulo: Moderna, 1987.

BANDEIRA, Pedro. *Pântano de sangue*. São Paulo: Moderna, 1988.

BRONTE, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. São Paulo: Lua de Papel, 2009.

CABOT, Meg. *O diário da princesa*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CALDEVILLA, Vinícius. *Protocolo 27: o segredo dos clones*. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Memórias do subsolo*. 4.ed. São Paulo: Ed. 34, 2003.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *O crocodilo e notas de inverso sobre impressões de verão*. 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Os irmãos Karamazov*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia: volume único*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1973

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008

MEYER, Stephenie. *Lua Nova*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008

MEYER, Stephenie. *Eclipse*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009

MEYER, Stephenie. *Amanhecer*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009

NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 12.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

PAOLINI, Christopher. *Eragon: a herança*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2005.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Por parte de pai*. Belo horizonte: RHJ, 1995.

RIORDAN, Rick. *O ladrão de raios*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

RIORDAN, Rick. *O mar de monstros*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

RIORDAN, Rick. *A batalha do labirinto*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SELZNIK, Brian. *A invenção de Hugo Cabret*. São Paulo: Edições SM, 2007.

SNICKET, Lemony. *Mau começo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SNICKET, Lemony. *A sala dos répteis*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SYPRIANO, Lilian. *Dilermano Constantino Albuquerque Raposo, o morador misterioso*. Belo Horizonte: Formato, 1987.

SYPRIANO, Lilian. *Zé Murieta, o homem da capa preta*. Belo Horizonte: Formato, 1987.

SYPRIANO, Lilian. *Mãos ao alto! É um assalto!* Belo Horizonte: Formato, 1990.
TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 1954.

EXEMPLARES DA REVISTA VEJA²⁵

- Revista Veja nº 1733, 9 de janeiro de 2002, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1734, 16 de janeiro de 2002, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1735, 23 de janeiro de 2003, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1833, 17 de dezembro de 2003, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1834, 24 de dezembro de 2003, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1835, 7 de janeiro de 2004, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1836, 14 de janeiro de 2004, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1834, 24 de dezembro de 2003, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1834, 24 de dezembro de 2003, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1856, 2 de junho de 2004, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1857, 9 de junho de 2004, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1931, 16 de novembro de 2005, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 1932, 23 de novembro de 2005, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2016, 11 de julho de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2017, 18 de julho de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2018, 25 de julho de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2019, 1º de agosto de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2020, 8 de agosto de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2021, 15 de agosto de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2030, 17 de outubro de 2007, Mais Vendidos.

²⁵ Disponíveis em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/> Acesso em 2 de fevereiro de 2013.

- Revista Veja nº 2031, 24 de outubro de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2032, 31 de outubro de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2034, 14 de novembro de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2035, 21 de novembro de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2036, 28 de novembro de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2037, 5 de dezembro de 2007, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2120, 8 de julho de 2009, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2121, 15 de julho de 2009, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2122, 22 de julho de 2009, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2191, 17 de novembro de 2010, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2192, 24 de novembro de 2010, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2193, 1º de dezembro de 2010, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2225, 13 de julho de 2011, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2226, 20 de julho de 2011, Mais Vendidos.
- Revista Veja nº 2227, 27 de julho de 2011, Mais Vendidos.

ANEXOS

ANEXO 1 - Meu mundo mágico²⁶

Aprendo muito com filmes. Penso que eles representam bem a vida, não só ela, mas também o mundo que não é tangível as nossas mãos. Também me apego muito a eles, pois alguns, andaram ao meu lado durante toda minha vida.

Minha infância foi marcada por três bruxinhos, que agora cresceram, assim como eu. O sentimento que tenho ao me separar deles é difícil de explicar, mas se parece muito com medo. Não é um medo como ter alguém debaixo da cama ou atrás de você. É o medo de me sentir abandonada, sozinha, como seu estivesse deixando algo para trás. É o medo de esquecer como foi sentir este medo, pois agora, ainda me lembro de tudo, mas daqui alguns anos posso não me lembrar.

Às vezes, me culpo por sentir esta solidão, pois nunca estarei realmente sozinha. É ridículo sofrer por algo que não tem importância, como diria muitas pessoas. Seria muito mais fácil se eu não me importasse, mas me importo e considero algo importante.

Era um prazer enorme poder encontrar meus amigos em Hogwarts, dormir em um dormitório impecável, participar das brincadeiras dos gêmeos Weasley, vasculhar as lembranças de Dumbledore e me aventurar com Harry, Rony e Hermione. Como foi igualmente doloroso estar ao lado de meus amigos durante suas mortes. Era o meu mundo mágico, tão complexo, belo e ao mesmo tempo, aconchegante.

Pode parecer que não, mas aprendi muito com eles. Nunca fui de ter muitos amigos por isso não dava valor. Achava que o que importava era a quantidade e não a qualidade. E de uma forma ingênua, Harry Potter me ensinou que existe muitas pessoas a sua volta e que muitos deles irão te desejar mal, mas que outros te querem bem e com eles é possível vencer todos os obstáculos. Me ensinou que você não é nada sem seus amigos, que você não pode fazer tudo sozinho pois, as pessoas que cruzam o seu caminho podem ser mais fortes do que você. Me ensinou que as pessoas são todas iguais, não importa a cor ou o que seus pais sejam, você deve tratá-las igualmente. Me ensinou que você nunca conhecerá a pessoa por completo mas, isso não te impede de amá-la. Me ensinou que as aparências enganam pois, um bom menino pode se tornar o pior bruxo da história. Me ensinou que se você lutar por algo, você vai conseguir e se esta meta for um amigo, vale apenas se arriscar. Me mostrou que na verdade, tudo que aprendemos na escola valerá apenas alguma hora. Mas principalmente me

²⁶ Texto escrito por uma das participantes da entrevista.

ensinou que a morte é algo comum que vai acontecer com todos um dia. E que ela não é um fim e sim um novo começo.

Por outro lado só tenho a agradecer às pessoas que me proporcionaram esta infância tão mágica que tive. Meu “malão” de Hogwarts está cheio de fotos das minhas aventuras e ensinamentos que adquiri nestes últimos dez anos. Ganhei amigos que levarei para o resto da minha vida, então não tenho o que reclamar, venho apenas tentando me contentar com as lembranças que agora tenho e que serão a única forma de lembrar minha infância e também *o meu mundo mágico*.

ANEXO - 2 QUESTIONÁRIO

Questionário aos sujeitos da pesquisa de mestrado de Luiza Trópia Silva, orientada pela Profa. Dra. Maria Zélia Versiani Machado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais:

(Todas as informações fornecidas neste questionário serão utilizadas apenas para fins da pesquisa. Os pesquisadores comprometem-se em manter o sigilo dos dados e dos nomes dos colaboradores. Os colaboradores devem ficar à vontade para não responderem ao que não considerarem conveniente.)

1- Nome do(a) colaborador(a) (seu nome): _____

2- Telefone para contato: _____

3- Sexo: () Feminino () Masculino

4- Ano de nascimento: _____

5- Cidade e bairro onde reside: _____

6- Cidade natal: _____

7- E-mail: _____

8- Mora atualmente:

- () com a família de criação (pais/avós/tios/irmãos/etc.)
- () com a família constituída (marido/esposa/filhos/etc.)
- () em pensão, república/moradia universitária ou com colega(s) e/ou conhecidos
- () sozinho(a)
- () outra situação: _____

9- Situação da residência atual:

- () residência própria
- () residência alugada
- () residência emprestada
- () outra situação: _____

10- Quantas pessoas moram na sua casa: _____

11- Escolaridade de seu pai (ou da figura paterna responsável por sua criação):

12- Escolaridade de sua mãe (ou da figura materna responsável por sua criação): _____

13- Qual é a ocupação principal de seu pai? _____

14- Qual é a ocupação principal de sua mãe? _____

15- Em que tipo de escola cursou a maior parte de seus estudos no ensino fundamental:

- () Fora do ensino regular (supletivo, EJA, etc.)
- () Em escola pública *Estadual* ou *Municipal* no Brasil
- () Em escola pública *Federal* no Brasil
- () Em escola privada no Brasil
- () No exterior

16- Em que tipo de escola cursou a maior parte de seus estudos no ensino médio?

- () Fora do ensino regular (supletivo, EJA, etc.)
- () Em escola pública *Estadual* ou *Municipal* no Brasil
- () Em escola pública *Federal* no Brasil
- () Em escola privada no Brasil
- () No exterior

LEITURA

17- Como você conheceu os livros do Harry Potter?

- () Indicação do bibliotecário
- () Indicação de um amigo
- () Filme
- () Encontrou na livraria
- () Reportagem em jornais ou revistas

18- Marque abaixo os títulos da série que você já leu:

- () HP e a Pedra Filosofal () HP e a Ordem da Fênix
- () HP e a Câmara secreta () HP e o Príncipe mestiço
- () HP e o Prisioneiro de Azkaban () HP e as Relíquias da Morte
- () HP e o Cálice de fogo

Questionário aos sujeitos da pesquisa de mestrado de Luiza Trópia Silva, orientada pela Profa. Dra. Maria Zélia Versiani Machado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais:

(Todas as informações fornecidas neste questionário serão utilizadas apenas para fins da pesquisa. Os pesquisadores comprometem-se em manter o sigilo dos dados e dos nomes dos colaboradores. Os colaboradores devem ficar à vontade para não responderem ao que não considerarem conveniente.)

1- Nome do(a) colaborador(a) (seu nome): _____

2- Telefone para contato: _____

3- Sexo: () Feminino () Masculino

4- Ano de nascimento: _____

5- Cidade e bairro onde reside: _____

6- Cidade natal: _____

7- Email: _____

8- Mora atualmente:

- () com a família de criação (pais/avós/tios/irmãos/etc.)
- () com a família constituída (marido/esposa/filhos/etc.)
- () em pensão, república/moradia universitária ou com colega(s) e/ou conhecidos
- () sozinho(a)
- () outra situação:

9- Situação da residência atual:

- () residência própria
- () residência alugada
- () residência emprestada
- () outra situação:

10- Quantas pessoas moram na sua casa: _____

11- Escolaridade de seu pai (ou da figura paterna responsável por sua criação):

12- Escolaridade de sua mãe (ou da figura materna responsável por sua criação): _____

13- Qual é a ocupação principal de seu pai? _____

14- Qual é a ocupação principal de sua mãe? _____

15- Em que tipo de escola cursou a maior parte de seus estudos no ensino fundamental:

- () Fora do ensino regular (supletivo, EJA, etc.)
- () Em escola pública *Estadual* ou *Municipal* no Brasil
- () Em escola pública *Federal* no Brasil
- () Em escola privada no Brasil
- () No exterior

16- Em que tipo de escola cursou a maior parte de seus estudos no ensino médio?

- () Fora do ensino regular (supletivo, EJA, etc.)
- () Em escola pública *Estadual* ou *Municipal* no Brasil
- () Em escola pública *Federal* no Brasil
- () Em escola privada no Brasil
- () No exterior

LEITURA

17- Como você conheceu os livros do Harry Potter?

- () Indicação do bibliotecário
- () Indicação de um amigo
- () Filme
- () Encontrou na livraria
- () Reportagem em jornais ou revistas

18- Marque abaixo os títulos da série que você já leu:

- () HP e a Pedra Filosofal () HP e a Ordem da Fênix
- () HP e a Câmara secreta () HP e o Príncipe mestiço
- () HP e o Prisioneiro de Azkaban () HP e as Relíquias da Morte
- () HP e o Cálice de fogo

ANEXO 3 – ROTEIRO DA ENTREVISTA

As perguntas serão feitas de modo a obter dos participantes informações sobre a sua formação de leitor e sobre o percurso literário de cada um. Este roteiro apresenta apenas algumas perguntas norteadoras que serão usadas para se atingir tal objetivo, mas outras questões serão levantadas durante a entrevista de acordo com as respostas dos sujeitos.

Leitura Literária na escola

- 1- Você respondeu no questionário que estudou em uma escola pública/privada. Qual o nome da escola? Onde ela fica?
- 2- Você lê ou leu literatura na escola?
- 3- Por indicação do professor? Nos últimos anos ou nos anos em que estudou que livros foram indicados pelo professor?
- 4- Por indicação de colegas? Que livros foram indicados por colegas?
- 5- Você lê/leu livros por escolha pessoal? Quais os livros lidos por escolha pessoal?
- 6- Você se lembra de algum livro lido na escola ou que fizesse parte de alguma atividade escolar? Por que você se lembra dessa leitura e não de outras?
- 7- Você frequenta ou frequentou a biblioteca da escola? Que livros busca/buscava na biblioteca?

Leituras no ambiente familiar

- 8- Você tem livros em casa?
- 9- Que tipo de livros você tem em casa?
- 10- Seus pais leem? O que eles gostam de ler?
- 11- Seus pais ou alguém da família contavam histórias para você?
- 12- Seus pais liam para você quando era pequeno? O que eles liam?
- 13- Você tem irmãos? Eles gostam de ler? Que tipo de leitura eles fazem?

Leitura em bibliotecas ou outros espaços de leitura, ou ambientes virtuais

- 14- Você frequenta bibliotecas municipais? Quais?
- 15- Há quanto tempo você frequenta essas bibliotecas?
- 16- Você já fez empréstimo de livros de bibliotecas? Quais os títulos emprestados?

- 17- Você vai a livrarias? Quais livrarias você costuma frequentar? Já comprou livros em livrarias? Quais?
- 18- Você já leu algum livro online? Quais os livros que já leu na tela?
- 19- Qual a sua preferência, ler na tela ou ler no livro?

Leitura de Harry Potter

- 20- Como você teve acesso aos livros? Ao primeiro? E ao último?
- 21- Você leu em livro ou na tela?
- 22- Como você ficou conhecendo os livros da série Harry Potter?
- 23- Quantos livros da série você leu? E o que você achou de cada um dos livros?
- 24- Qual é o seu livro favorito? Por quê?
- 25- Você já tinha o hábito de ler livros mais extensos? Cite o nome de alguns deles.
- 26- Você gostava de ler livros antes de conhecer os livros da série Harry Potter?
- 27- Depois de ter lido os livros da série, teve interesse por outros livros? Quais?
- 28- Você leu outros livros publicados pela autora? (*Animais fantásticos e onde habitam, Quadribol através dos séculos, Os contos de Beedle, o Bardo*)
- 29- Como você teve acesso aos livros da série? Alguém te emprestou, comprou? Pegou na biblioteca?
- 30- Você já releu os livros? O que o leva a ler o mesmo livro mais de uma vez?
- 31- Você e seus amigos conversam sobre os livros e trocam informações e opiniões sobre o que leram/estão lendo?
- 32- O que você mais gosta na série Harry Potter?
- 33- Por que você acha que tantas pessoas gostaram de ler esses livros?
- 34- Você gostava de ler antes de ler HP? Como esse livro modificou a sua relação com a leitura?

Os eventos sobre Harry Potter

- 35- Você participa/participou de eventos (encontros) relacionados aos livros da série? Quais?
- 36- O que acontece nesses eventos?

- 37- Você participa de comunidades no Orkut, sites, blogs, etc que discutem os livros? Em caso afirmativo, o que acha dessas comunidades?
- 38- Você assistiu aos filmes? Quantos? O que te agradou mais, o livro ou o filme? Justifique a sua resposta. Você participou de alguma pré-estréia?
- 39- Como você ficou sabendo sobre o evento da BIJU? Você gostou do evento promovido pela biblioteca? O que foi mais interessante na sua opinião? Você teria alguma sugestão para o próximo encontro?
- 40- Você leu os livros em outro idioma? O que te levou a ler os livros em uma outra língua? Você considera que essa leitura foi positiva? Depois você leu o livro em português? Há diferença entre ler no original e ler a tradução? Qual?